

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Área de Concentração – Geografia e Gestão do Território

A EXPANSÃO DAS IGREJAS PENTECOSTAIS EM INDIANÓPOLIS – MG
E AS TRANSFORMAÇÕES DAS PRÁTICAS CULTURAIS E RELIGIOSAS

GILMAR JOSÉ RIBEIRO

Uberlândia – MG
2007

GILMAR JOSÉ RIBEIRO

**A EXPANSÃO DAS IGREJAS PENTECOSTAIS EM INDIANÓPOLIS – MG
E AS TRANSFORMAÇÕES DAS PRÁTICAS CULTURAIS E RELIGIOSAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientador: Prof. Dr. Rosselvelt José Santos

**Uberlândia – MG
2007**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Programa de Pós Graduação em Geografia

GILMAR JOSÉ RIBEIRO

A Expansão das Igrejas Pentecostais Em Indianópolis – MG
E As Transformações das Práticas Culturais e Religiosas

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rosselvelt José Santos (Orientador) - UFU

Prof. Dr. Anselmo Alfredo - UFMG

Prof. Dr. Antônio Ricardo Micheloto - UFU

Data_____/_____/____ de _____

Resultado_____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à memória de meus pais, João Ribeiro de Moura e Maria Alves da Silva; de Meu irmão, João Batista Ribeiro e de meu filho, Ícaro Emílio Borges Ribeiro.

Ao amor de minha filha, Marilu Émile Borges Ribeiro que me serve de inspiração para a vida.

Aos meus familiares, pelo carinho e compreensão.

Aos amigos que me apoiaram nas horas difíceis.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Orientador Rosselvelt José Santos pelo apoio, dedicação e competência com que conduziu este trabalho.

A todos os meus informantes pela contribuição necessária para a realização deste trabalho.

Aos amigos Marlos Alves de Almeida, Sidney Prado Ribeiro, Adairlei Aparecida da Silva Borges, Júlio César de Oliveira, Marcelo Eduardo Borges Pereira, Elias José da Silva Alves e Joana Darc Ribeiro da Silva Fonseca, pelo apoio e colaboração.

Aos professores e colegas do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia pela participação na minha formação acadêmica.

À Universidade Federal de Uberlândia – UFU e ao Instituto de Geografia pela oportunidade de realização do Mestrado.

A Sandra Aparecida Reis, companheira de todas as horas.

Enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para que tudo se realizasse.

RESUMO

Este trabalho visa compreender as tradições e a cultura dos fazendeiros de Indianópolis e do Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais, bem como o processo de modernização e as transformações religiosas do município de Indianópolis. A modernização da economia brasileira, acelerada pelo processo de globalização, provoca uma desestruturação dos sistemas produtivos tradicionais, sobretudo nas áreas de cerrado, o que, por sua vez, causa transformações culturais e religiosas nessas áreas, processo que ocorre, também, no município de Indianópolis, marcado, a partir da década de 1970, por grandes mudanças econômicas e religiosas. Procuramos analisar as práticas culturais e religiosas do passado e suas transformações, diante do progresso capitalista. Estudamos a modernização da agricultura, com a implantação das tecnologias modernas. Analisamos as transformações do município e da cidade de Indianópolis, que originaram mudanças na sua configuração espacial, com uma nova espacialização da fé. Finalmente, discutimos a expansão e a atuação das igrejas pentecostais – Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus –, ocorridas nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, no município de Indianópolis, de início essencialmente católico, observando basicamente a estratégia de organização e a forma de crescimento dessas Igrejas.

Palavras chaves: Cultura, Tradição, Modernização, Religião.

ABSTRACT

The broad objective of this research is to comprehend the traditions, customs and the culture of the farmers of the municipal district of Indianópolis, as well as the region in which it is located; “ The Triângulo Mineiro.” The approach adopted, specifically focused on understanding how the culture and the religious beliefs of the farmers of Indianópolis have changed, due to the process of economic modernization which is occurring in Brazil and in the world. The modernization of the Brazilian economy, which is accelerated by globalization, has dismantled the traditional national productive systems, chiefly in the “Cerrado Biome,” consequently triggering profound cultural and religious transformations in municipal and in the city of Indianópolis, chiefly since the 1970’s. The research basically focused on analyzing how cultural and religious practices have changed over time, as a result of the advance of capitalism, in addition to examining the modernization of agriculture in the region, direct result of the implementation of modern agricultural technologies. Furthermore, the research also analyzed the spatial transformations which occurred in the city of Indianópolis, owing to faith becoming spatial. Finally, it discusses the expansion, performance, organization, and expansion strategy of Indianópolis’ Municipality’s Pentecostal churches – Christian Congregation of Brazil and Assembly of God –, over the last decades of the twentieth century and beginning of the twenty-first century, while taking into account that the municipality of Indianópolis was initially, essentially catholic.

Word key: Culture, Tradition, Modernition, Religion.

LISTA DE FOTOS

Foto 01	Fazenda Amparo e Igreja de Santana.....	25
Foto 02	Vista externa e interna da Fazenda Amparo.....	29
Foto 03	Colheita de Arroz na década de 1950.....	36
Foto 04	Família Rabelo.....	40
Foto 05	Festa de Reis na Fazenda São João na década de 1970.....	43
Foto 06	Capela do Buriti no município de Indianópolis.....	47
Foto 07	Igreja de Santana.....	54
Foto 08	Igreja de Santa Rita.....	54
Foto 09	Festa do Divino e Santana na década de 1940.....	66
Foto 10	Carro de Bois	66
Foto 11	Carro de bois transportando a produção na década de 1950.....	73
Foto 12	Fazenda Registro.....	74
Foto 13	Fazenda Capão do Porcos.....	78
Foto 14	Mutirão de fiar na década de 1930.....	84
Foto 15	Engenho tocado por tração animal.....	88
Foto 16	Fogão a lenha.....	91
Foto 17	Cruzeiro nas fazendas de Indianópolis.....	99
Foto 18	Fazenda Amparo mostrando a parte dos fundos.....	101
Foto 19	Fazenda São João proprietário senhor Odorico.....	103
Foto 20	Festa de maio (Maria) no Ranchão na década de 1970.....	105
Foto 21	Modernização agrícola máquinas e pivô central.....	109
Foto 22	Reserva de Cerrado.....	122
Foto 23	Máquinas utilizadas na modernização da agricultura.....	124
Foto 24	Fazenda Seriema.....	132
Foto 25	Fazenda Mandaguari	134
Foto 26	Fazenda Satã Vitória	135
Foto 27	Fazenda LAP	136
Foto 28	Fazenda União.....	138
Foto 29	Fazenda Santa Felicidade.....	139
Foto 30	Fazenda São João proprietário senhor Sílvio.....	140
Foto 31	Fazenda Dow.....	142

Foto 32	Fazenda Furnas.....	145
Foto 33	Festa de maio (Maria) cerimônia religiosa e leilões.....	151
Foto 34	Igrejas não Católicas mostrando nova espacialização da fé.....	158
Foto 35	Novo conjunto residencial década de 2000.....	171
Foto 36	Nova área de expansão urbana 1990 – 2000.....	172
Foto 37	Área de expansão urbana em direção a BR 365.....	174
Foto 38	Nova área de expansão urbana na periferia da cidade	176
Foto 39	Banco do Brasil.....	177
Foto 40	Primeira oficina mecânica da cidade instalada na década de 1990.....	178
Foto 41	Estação de tratamento de água da COPASA.....	182
Foto 42	Setor de chácaras do lago de Miranda	183
Foto 43	Construção de moradias nas margens dos córregos.....	184
Foto 44	Área de expansão urbana com instalação de empresas a partir de 2000.....	185
Foto 45	Expansão urbana na periferia década de 2000.....	187
Foto 46	Festa de maio (Maria) leilões.....	190
Foto 47	Modernização das festas com shows musicais.....	191
Foto 48	Encontro de Folias.....	194
Foto 49	Festa da Cavalhada.....	197
Foto 50	Festa junina modernizada.....	199
Foto 51	Festa de rodeio Indi-Country.....	200
Foto 52	Igrejas não católicas na periferia da cidade.....	203
Foto 53	Local do Antigo largo da Igreja de Santana.....	206
Foto 54	Templo da Assembléia de Deus e da Congregação Cristã.....	208
Foto 55	Fachada do Templo da Congregação Cristã do Brasil.....	218
Foto 56	Templo da Assembléia de Deus na área rural.....	219
Foto 57	Fachada do Templo da Assembléia de Deus	221
Foto 58	D. M. fundadora da Congregação Cristã do Brasil em Indianópolis	226
Foto 59	R. Cooperador Oficial da Congregação Cristã do Brasil.....	229
Foto 60	E. Pastor da Assembléia de Deus	237
Foto 61	Cerimônia de batismo da Assembléia de Deus.....	240
Foto 62	Grupos musicais da Assembléia de Deus	261
Foto 63	Membros da Congregação Cristã do Brasil	263
Foto 64	Bênção e unção dos cultos da Assembléia de Deus.....	266

Foto 65	Culto de oração da Assembléia de Deus.....	267
Foto 66	Cultos públicos da Assembléia de Deus.....	270
Foto 67	Cerimônia de Santa Ceia da Assembléia de Deus.....	274
Foto 68	Coleta das ofertas nos cultos da Assembléia de Deus.....	278

LISTA DE MAPAS

Mapa 01	Localização do município de Indianópolis.....	16
Mapa 02	Igrejas pentecostais de Indianópolis.....	213

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Filiações religiosas das pentecostais Congregação Cristã e Assembléia de Deus no Brasil no ano de 2000.....	224
-----------	---	-----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Convertidos da Igreja Assembléia de Deus em Indianópolis nas últimas três décadas	237
Gráfico 02	Convertidos da Igreja Congregação Cristã do Brasil em Indianópolis nas últimas três décadas	237

LISTA DE QUADROS

Quadro 01....	Entrevistados por sexo.....	244
Quadro 02....	Nível de escolaridade dos entrevistados.....	245
Quadro 03....	Naturalidade dos entrevistados.....	246
Quadro 04....	Faixa etária dos entrevistados.....	246

LISTA DE SIGLAS

PND.....	Plano Nacional de Desenvolvimento
POLOCENTRO.....	Programa de Desenvolvimento do Cerrado
PRODECER.....	Programa de Cooperação Nipo-brasileiro para o Desenvolvimento do Cerrado
PROALCOOL.....	Programa brasileiro de Álcool
COSUEL.....	Cooperativa dos Suinocultores de Encantado Limitada
COPASA.....	Companhia Mineira de Saneamento
CEMIG.....	Companhia Energética de Minas Gerais
EMATER.....	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural.
CAIND.....	Companhia Agrícola de Indianópolis

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo 1 Fazendeiros e Catolicismo no Cerrado Indianopolense Símbolos, Costumes e Tradições	25
1.1 As Práticas Culturais: Uma abordagem Geográfica	26
1.2 Minas Gerais: Sua História, Sua Gente, Seus Costumes	30
1.3 O Triângulo Mineiro: Suas Relações Culturais e Religiosas.....	45
1.4 A Religiosidade, as Manifestações Culturais e as Práticas Cotidianas da População e dos Fazendeiros, no Cerrado de Indianópolis.....	62
1.5 Os Sistemas de Trabalho no Cerrado Indianopolense	82
1.6 Costumes e Tradições no Cerrado de Indianópolis	95
Capítulo 2 A Agroindústria e o Estranhamento dos Cultos Religiosos	109
2.1 Antecedentes da Modernização Agrícola em Indianópolis.....	110
2.2 Triângulo Mineiro: A Infra-estrutura Necessária.....	114
2.3 Os Programas Desenvolvimentistas e A modernização da Agricultura no Cerrado.....	122
2.4 A Modernização Produtiva Nas Fazendas de Indianópolis	131
2.5 As Mudanças Culturais e Religiosas no Cerrado Indianopolense.....	146
Capítulo 3 A Cidade de Indianópolis e a Espacialização da Fé	158
3.1 O Espaço e a Sociedade.....	159
3.2 A cidade no Contexto da Sociedade Moderna.....	162
3.3 Indianópolis no Contexto da Modernização	168
3.4 A Nova Estrutura da Cidade	174
3.5 Indianópolis e Suas Mudanças.....	179
3.6 Aspectos da Modernização da Cidade.....	182
3.7 A Cidade e o Poder Público	186
3.8 Indianópolis e a Modernização de Seus Eventos Festivos.....	189
3.9 A Nova Espacialização da Fé.....	202
Capítulo 4 As Pentecostais na Formação do Território	208
4.1 A Religião na Apropriação de Espaços e Territórios.....	209
4.2 O Modelo Religioso Pentecostal	212
4.3 A Instalação das Pentecostais em Indianópolis.....	223
4.4 A Estrutura Interna das Igrejas Pentecostais.....	231
4.5 A Vida Religiosa Pentecostal.....	232

4.6 A Conversão.....	234
4.7 Batismo na Águas.....	238
4.8 Os Crentes Pentecostais.....	244
4.9 A Organização Interna das Igrejas Pentecostais.....	256
4.10 Aspectos do Ritual Religioso.....	265
Considerações Finais.....	283
Referências.....	287

INTRODUÇÃO

O Brasil do século XXI é, notadamente, marcado por uma nova configuração espacial, com grandes transformações no seu espaço rural e urbano, advindas de um intenso processo de urbanização e modernização da agricultura e também da sociedade brasileira, ocorrido, sobretudo, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI. Essas transformações, pelas quais passou e vem passando a sociedade brasileira causaram, também, rompimentos, que se desdobraram em metamorfoses importantes com os sistemas tradicionais; o processo de urbanização e modernização agrícola provocou mudanças, não só econômicas, mas também culturais e religiosas.

A agropecuária tradicional determinava os costumes e os modos de vida da população rural brasileira até o início do século XX. Com a implantação da agricultura comercial nas áreas de cerrado, ocorre uma grande modernização agrícola, que, por sua vez, provoca grandes transformações sócio-espaciais em Indianópolis, advindas das transformações das práticas agrícolas, o que resulta também em mudanças econômicas importantes, alterando as relações sociais e de produção. Essa modernização tem como consequência um intenso processo migratório, que traz para a região do Triângulo Mineiro e para o município de Indianópolis um grande número de migrantes trabalhadores e também os novos proprietários de terra.

A adequação da agricultura do cerrado aos parâmetros da economia mundial, imposta pelo sistema capitalista, gera novas relações de trabalho, tendo como consequência a chegada de novas pessoas, que trazem consigo uma nova cultura e também valores éticos, morais e religiosos. A substituição da produção de subsistência pela agricultura comercial resulta também em mudanças nos modos de vida das pessoas.

Indianópolis vivencia essas mudanças, que estão hoje (2006) representadas nas formas modernas das atividades agropecuárias e no conjunto dos novos elementos sociais, econômicos e culturais que, pela imposição da economia capitalista, chegaram e se instalaram no município, configurando novas espacialidades no campo e na cidade.

As transformações da agricultura, assim como a chegada de novas pessoas estabelecem mudanças nos costumes, na maneira de pensar e de agir da população triangulina e também de Indianópolis, rompendo assim com as práticas religiosas tradicionais, promovendo mudanças religiosas importantes.

Dentro do contexto mencionado, este trabalho visa analisar não só as transformações sócio-espaciais advindas do processo de modernização da agricultura, mas, sobretudo, as transformações religiosas que se deram em função dessas mudanças, com a perspectiva de discutir também a expansão das Igrejas pentecostais estabelecidas no município, hoje (2006) marcado pela presença das Igrejas pentecostais Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus.

Até a década de 1970, a população brasileira era basicamente rural, onde as práticas culturais e religiosas eram riquíssimas e permeadas por relações humanas em que o dinheiro não exercia tanta influência. Devido à importância assumida pelo fenômeno religioso, nos últimos anos, e às profundas modificações que vêm ocorrendo nas manifestações religiosas no Brasil, nota-se a existência de uma nova consciência religiosa, imposta por novas necessidades e determinada pela criação de novas Igrejas.

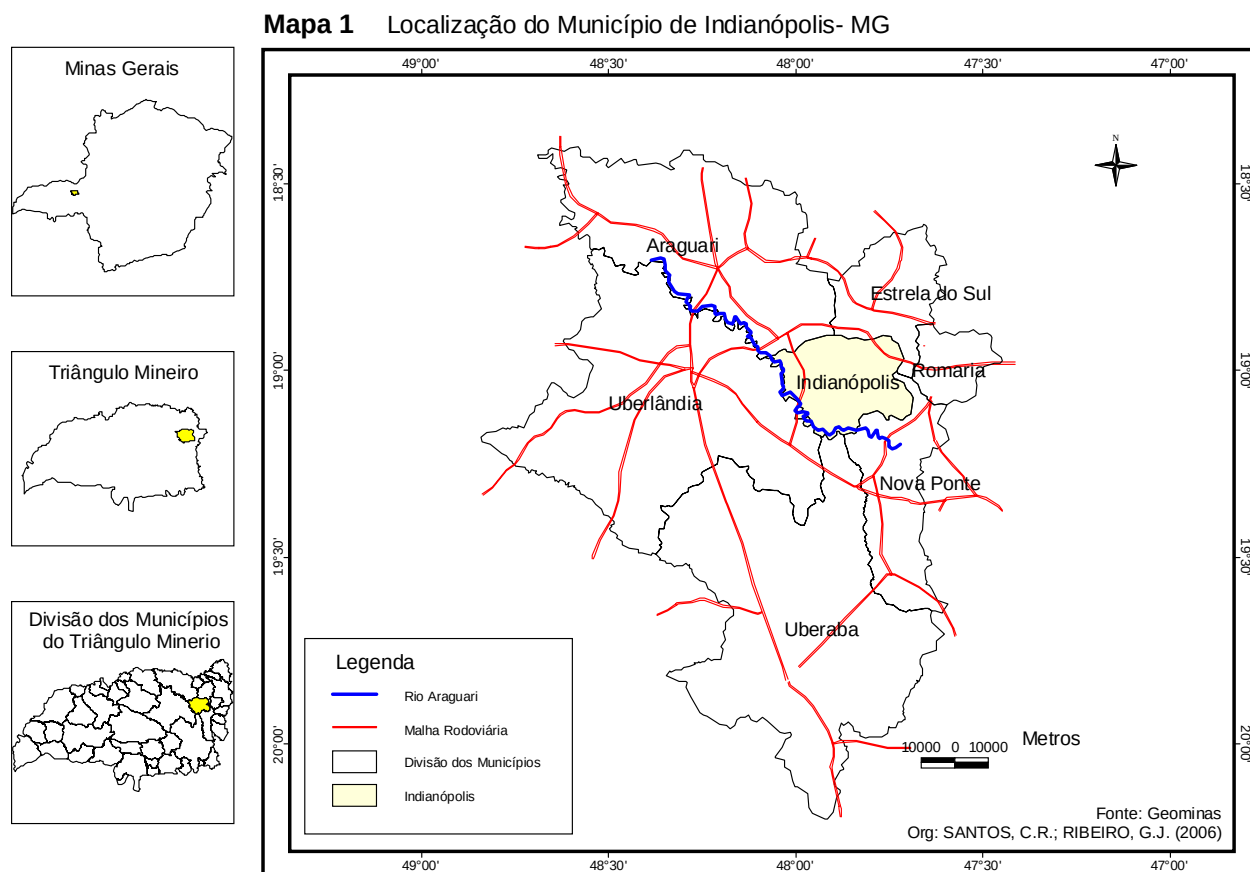
As mudanças religiosas sempre foram discutidas no âmbito das grandes cidades brasileiras, onde, no final do século XX, tornam-se bastante significativas, alterando o quadro religioso do país. Entretanto, esse fenômeno ocorre hoje, também, nas pequenas cidades, contribuindo, assim, com o novo quadro de manifestações religiosas do país.

Foi levando em consideração a importância das mudanças religiosa ocorridas, ultimamente, nas cidades pequenas, que elegemos Indianópolis como centro de nossa investigação

O município de Indianópolis localiza-se na microrregião do Alto Paranaíba, a qual pertence à mesorregião do Triângulo Mineiro, entre as coordenadas 18° 51' 06" e 19° 07' 13" S, e 47° 39' 42" e 48° 06' 09" W, limitando-se com os municípios de Uberlândia, Araguari, Estrela do Sul, Romaria, Nova Ponte e Uberaba, ocupando uma área geográfica de 831 Km².

Localizada na região Leste do Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais, Indianópolis pertence à bacia hidrográfica do Paranaíba e está inserida na região fitogeográfica do Cerrado, cuja paisagem natural predominante apresenta feições bastante distintas: as chapadas de superfícies aplainadas, locadas em costas superiores a 800 m de altitude, e as vertentes do rio Araguari, onde predomina o relevo suave a ondulado. Os cerrados da região, desenvolvidos sobre solos arenosos, são originados da decomposição de litologias da Formação Marília e Adamantina. A maior altitude do município de Indianópolis é de 1003 m, próximo à Lagoa dos Bexiguentos, e a altitude mínima é de 649 m, junto à foz do córrego Amparo. No ponto central da cidade, a altitude é de 800m. O clima do município, a exemplo de toda a região do Triângulo Mineiro, é tipicamente tropical, apresentando duas

estações bem definidas: uma seca, que vai de abril a outubro, e outra chuvosa, que se estende de novembro a março (ver mapa 1).



Atualmente, as principais atividades econômicas do município estão relacionadas à pecuária e à agricultura moderna, com o incremento de modernas técnicas de produção.

A cidade de Indianópolis teve origem na primitiva Aldeia de Santana do Rio das Velhas, fundada por volta de 1750, pelo coronel Antônio Pires de Campos, após expulsar os índios Caiapós da região. Posteriormente, a Aldeia foi confiada aos jesuítas, que foram expulsos logo depois. Em 1840, a Aldeia é elevada a Freguesia, tornando-se distrito de Araguari, em 1882, e permanece nessa condição até 1938, quando é elevada a município e recebe o nome de Indianópolis, em homenagem aos seus primeiros habitantes (BORGES, 2004).

Na região do Triângulo Mineiro, o processo de acumulação capitalista intensifica-se a partir da década de 1970, com investimentos maciços de capital, tanto interno quanto externo, e com a instalação de grandes empresas nacionais e multinacionais, principalmente na cidade de Uberlândia, a qual passa a liderar o desenvolvimento da região, que sofre profundas modificações, o que ocorre também com a cidade de Indianópolis.

A exemplo de todo o Brasil, a religião católica também era a base de formação religiosa das pessoas em Indianópolis, o que fez com que a cidade se transformasse em um local de grandiosas festas religiosas, muitas das quais eram promovidas pelos fazendeiros.

Como a agricultura e a pecuária tradicional eram a base da economia do município, elas eram praticadas e sustentadas pelas relações de companheirismo e ajuda mútua, permeadas pelos compromissos éticos e morais, onde os acordos realizados, normalmente, eram cumpridos, sem maiores burocracias.

As atividades econômicas eram praticadas de forma tradicional, com a utilização de técnicas simples e rudimentares, por uma população basicamente católica. Dessa maneira, o cerrado, no município de Indianópolis, manteve, até o início da sua reocupação e redefinição da sua exploração com a agricultura moderna (década de 1970), seus traços culturais e religiosos, onde os símbolos, os costumes e as tradições eram manifestados por meio da religiosidade de seu povo.

Nesse cenário, os fazendeiros preservavam seus símbolos, como o Cruzeiro, um símbolo da Igreja Católica, que os colonizadores trouxeram para o Brasil e do qual os fazendeiros se apropriam, para demonstrar e praticar a sua religiosidade.

As transformações do Triângulo Mineiro e também as de Indianópolis se intensificaram a partir da década de 1970. A instalação de grandes empresas muda o cenário econômico da região e também das pequenas cidades nas quais as áreas de cerrado passam a ser ocupadas pela agricultura moderna. Nesse novo cenário da economia triangulina, a presença da agroindústria se torna muito forte, em função das novas práticas agrícolas, baseadas na mecanização e no uso de produtos químicos.

As transformações econômicas ocorridas na região do Triângulo Mineiro trazem como consequências importantes as mudanças nas práticas cotidianas e nos hábitos de sua população, o que ocorre também no município de Indianópolis, que por sua vez vai rompendo aos poucos com o sistema cultural e religioso tradicionais.

Essas mudanças provocam um rápido processo de modernização e urbanização da sociedade brasileira, causando um grande processo migratório, com a expulsão das populações rurais para as áreas urbanas, trazendo para o Triângulo Mineiro e para Indianópolis migrantes de diversas regiões do Brasil. A chegada desses novos migrantes provoca mudanças advindas da integração destes com as populações locais, o que, por sua vez, cria novas convivências que, certamente, contribuem para as transformações culturais e religiosas.

Historicamente, a religião Católica sempre foi dominante na vida religiosa da população indianopolense; as práticas cotidianas eram permeadas de religiosidade expressa, quase sempre, nas festas de comemoração aos santos de devoção.

Durante, pelo menos, até a década de 1970, essa religiosidade católica foi mantida com a realização de grandes festas. Indianópolis, que era uma terra até então tradicionalmente de católicos, começa a sofrer mudanças não só econômicas, mas também culturais e religiosas, passando a ser ocupada também por outras igrejas, sobretudo, pelas pentecostais, que conseguem aos poucos se estruturar e crescer, mesmo diante da hegemonia do catolicismo. Nessa perspectiva um dos grandes desafios desse estudo foi compreender como as igrejas pentecostais conseguem penetrar e crescer numa terra de forte tradição católica.

Nesse sentido, torna-se de extrema importância, para esse trabalho, o entendimento das transformações culturais e religiosas ocorridas, tanto no meio rural quanto na área urbana do município, para decifrar os processos pelos quais se deram essas mudanças, as quais, sejam econômicas, culturais ou religiosas, são analisadas por meio das práticas diárias. O nosso objetivo principal é compreender os processos pelos quais as mudanças tornam-se possíveis. Desse modo, acreditamos ser necessário partir do entendimento dos modos de vida em dois momentos históricos, ou seja, antes e depois das transformações sócio-espaciais do cerrado de Indianópolis.

No caso de Indianópolis, procuramos analisar o desenvolvimento da agricultura nas áreas de cerrado e compreender, fundamentalmente, as questões implicadas nas mudanças sócio-espaciais, bem como a velocidade com que elas se manifestaram no município. A princípio, acreditamos que as transformações econômicas foram desestruturando hábitos e costumes antigos adquiridos, vivenciados e experimentados no cotidiano por gerações e gerações.

Portanto, o desenvolvimento da agricultura moderna nas áreas de cerrado não leva apenas ao surgimento da Agroindústria na Região do Triângulo Mineiro. Ela também tem fortes implicações no vivido das pessoas e, principalmente, nas suas práticas sociais. Desse modo, entendemos que as transformações produtivas do cerrado que, neste momento histórico, passa a ser percebido pela forte presença da Agroindústria, contribuíram, de forma determinante, para as mudanças culturais e religiosas do município de Indianópolis.

Desse modo, entendemos que os espaços rural e urbano de Indianópolis não passaram apenas por mudanças significativas na produção. Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, esses espaços passam a receber pessoas de outros lugares e a redefinir seus

valores sociais, morais e éticos. Tendo como conseqüências importantes as mudanças nos aspectos religiosos, marcados pela chegada de novas igrejas na cidade.

A cidade, que fora palco de manifestações religiosas exclusivamente católicas, passa a contar com a presença crescente de outras igrejas, o que muda também o quadro de filiação religiosa do município, causando uma nova espacialização da fé.

Em outros tempos, a Igreja Católica foi e ainda é em muitos lugares – sobretudo nas cidades menores – um lugar público por excelência, onde se vai para ser visto e ver os demais, onde cada um se apresenta e se faz público, onde se vai com a “roupa de domingo” (PIERUCCI & PRANDI, 1996, p. 267).

Este trabalho nasce das indagações e inquietações em relação às transformações ocorridas nos espaços rural e urbano e, sobretudo das práticas culturais e religiosas da população de Indianópolis. Particularmente, a chegada de novas igrejas provocou mudanças significativas nas manifestações religiosas dessa população; o que nos motivou a fazer essa pesquisa.

A compreensão das mudanças das práticas religiosas está relacionada às transformações produtivas, à divisão social do trabalho e à chegada de trabalhadores, empresários e sacerdotes de outras regiões. Isso tudo gera inquietações entre as pessoas e resulta na divisão religiosa com sérias implicações na religiosidade das próprias famílias, principalmente naquelas que eram tradicionalmente de católicos.

Ao escolher esse tema como trabalho, tivemos, também, como objetivo, pesquisar as tradições e os costumes religiosos das pessoas. Portanto, para pensarmos as mudanças pelas quais passou o município de Indianópolis, procuramos nos interar dos sentidos das práticas religiosas. Para isso, buscamos informações com as pessoas que, de algum modo, vivenciaram-nas, tais como fazendeiros, camponeses, operários urbanos e aquelas pessoas que, tinham junto da Igreja católica e comunidade, uma vida religiosa; procuramos, também, observar as estratégias de organização e funcionamento das Igrejas pentecostais que são objeto de nossa investigação para, dessa forma, analisar e decifrar os processos que resultaram em mudanças nas práticas religiosas.

Questionamos, também, o papel da Igreja Católica e de que forma a sua atuação contribuiu, influenciou ou mesmo possibilitou a penetração e o crescimento das Igrejas pentecostais na cidade. Nessa perspectiva, ouvimos tanto os católicos como aqueles que optaram por uma nova filiação religiosa.

Ao refletir sobre o papel da religião, Durkheim afirma que:

A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no seio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos (DURKHEIM, 1989, p. 38).

De acordo com o exposto pelo autor, procuramos analisar a importância do papel da religião e como ela influencia no comportamento das pessoas definindo também condutas sociais.

Nossa pesquisa foi idealizada no ano de 2004, quando iniciamos o trabalho de campo com algumas excursões às velhas fazendas e foi sendo efetivamente realizado a partir de junho de 2005 e se estendeu até agosto de 2006. Nesse período, procuramos colher todas as informações necessárias para ampliarmos as nossas indagações e, paralelamente, fazer análises objetivas da realidade estudada. Durante sua realização, foi possível conhecer pessoas que ainda mantêm hábitos tradicionais da cultura e também pessoas envolvidas com as práticas religiosas católicas e pentecostais.

De acordo com Campos Júnior (1995), o pentecostalismo pode ser compreendido como um desdobramento da “liberdade de interpretação”, postulada por Lutero, no período em que se deu a Reforma. Sua origem está ligada à doutrina de John Wesley. O fundador do metodismo acreditava que o homem devia, após a justificação, dedicar-se à santificação.

Outro fator determinante na escolha do nosso tema de pesquisa, além da nossa inquietação pessoal, foi o desafio de procurar compreender como se deram as transformações de tradições antigas e das práticas religiosas de uma cidade pequena, pertencente à modernidade, que, como tal, se torna palco de mudanças significativas nos aspectos religiosos.

Esses questionamentos nos levaram a buscar entender como ocorreram as mudanças das práticas culturais e religiosas dos fazendeiros e, também, da população como um todo.

Para conhecer em profundidade as práticas religiosas tradicionais e também as novas manifestações de fé, direcionamos a pesquisa para o meio rural, para as igrejas pentecostais e, em parte, para as pessoas que vivem na cidade. Os contatos feitos com os fazendeiros, com pessoas que moram na cidade e com os membros das igrejas pentecostais – Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus – foram fundamentais para fazermos as observações necessárias para a realização deste trabalho.

Desse modo, os procedimentos teóricos e metodológicos foram sendo construídos ao longo de sua realização e nas discussões com o orientador. Portanto, as leituras bibliográficas,

parte delas voltada para a Geografia cultural e religiosa, foram particularmente importantes para nortear tanto o trabalho empírico como a redação da dissertação. No decorrer do trabalho, diante da complexidade percebida na área de estudo, novas abordagens foram sendo incorporadas e enriquecidas, prioritariamente aquelas que consideramos relevantes para a compreensão do tema em questão.

Para a realização deste trabalho, ao nos depararmos com a realidade, percebemos que a aplicação de um questionário seria ineficaz para alcançarmos os nossos objetivos, pois as pessoas ficariam constrangidas em respondê-lo, já que parte dos nossos informantes possuía baixa ou nenhuma escolaridade. Diante desse fato, decidimos que as conversas informais seriam mais proveitosas, pois dariam mais liberdade e possibilitariam maior interação entre pesquisador e pesquisados. Assim, deixando as formalidades de lado, passamos a conversar mais livremente com os sujeitos de nossa pesquisa, o que nos permitiu estabelecer conversas descontraídas e atingir níveis mais profundos de informações.

A pesquisa empírica constituiu-se de diversas visitas ao meio rural em fazendas antigas e também às igrejas pentecostais Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, com um longo acompanhamento de suas atividades, assim como a realização de diálogos com a população urbana e trabalhadores rurais, que se transformaram em longas conversas. Fizemos uma incursão histórica ao passado, que consiste na busca dos pressupostos básicos para a análise da realidade estudada, aliando a produção teórica ao trabalho empírico, valorizando sobretudo os relatos de nossos informantes, com diversas visitas ao campo e muitas observações.

As conversas se deram de forma interativa, onde procuramos, com muita paciência e habilidade, ouvir aquilo que nos era transmitido, já que em geral elas eram bastante longas e, para respeitar às nossas fontes, procuramos transcrevê-las com fidelidade.

Desse modo, gostaríamos de ressaltar que a aparente similaridade existente entre as conversas não significa retornar ao assunto, mas retratá-las de forma pontual, pois foram bastante ilustrativas em nosso trabalho.

Aproveitamos, aqui, para agradecer a todos aqueles que se prontificaram a nos atender e a falar de suas práticas sociais. Em nossos diálogos foi possível, também, ultrapassar a relação pesquisado – pesquisador e estabelecer trocas de idéias e longas conversas, que enriqueceram muito o nosso trabalho e nos permitiram um crescimento pessoal significativo.

Para alcançar nossos objetivos, neste trabalho, realizamos cerca de cento e noventa diálogos com nossos informantes, todos por meio de roteiros que os transformaram em

conversas informais, distribuídas da seguinte maneira: cinquenta fazendeiros, cinquenta membros da igreja Congregação Cristã no Brasil, cinquenta membros da igreja Assembléia de Deus, vinte trabalhadores agrícolas e vinte habitantes da cidade de Indianópolis.

Mesmo partindo de uma amostra qualitativa, para mostrar um padrão de conduta, procuramos alcançar uma amostragem que fosse bastante representativa da realidade por nós investigada, visto que a população de Indianópolis, hoje, é de 5.387 habitantes, conforme Censo Demográfico 2000 IBGE.

Para desenvolver e atingir os objetivos do primeiro capítulo, dialogamos com um grupo de 18 fazendeiros, com idade acima de 70 anos de idade. Essas pessoas foram escolhidas para nos ajudar a conhecer e a compreender quais e como eram os costumes e tradições. Interessados em verificar as principais mudanças ocorridas no espaço de Indianópolis, selecionamos 26 fazendeiros, entre 45 e 70 anos, e 6 fazendeiros abaixo de 45 anos. A seleção por faixa etária se deu por entendermos que é importante partir do conhecimento das experiências vividas, que ficaram na memória dos mais velhos, e compará-las com o que foi vivido pelos mais jovens, para compreendermos melhor as mudanças ocorridas.

Para atender os objetivos do segundo capítulo, dialogamos com 10 grandes proprietários rurais e representantes de companhias agrícolas, tirados entre os 50 já referidos, para conhecermos o nível de modernização do campo. Dialogamos, também, com 20 trabalhadores agrícolas e 10 habitantes de Indianópolis, para entendermos as mudanças ocorridas na cidade. Os informantes, para esse capítulo, foram escolhidos de forma aleatória, sem preocupação com a idade.

Com relação ao terceiro capítulo, para entender as transformações da cidade e a espacialização da fé, dialogamos com 20 habitantes da cidade de Indianópolis. Os informantes desse capítulo também foram escolhidos de forma aleatória.

Para a consecução dos objetivos do quarto capítulo, dialogamos com 50 membros da igreja Congregação Cristã no Brasil e 50 membros da igreja Assembléia de Deus. Essa amostragem foi importante, para compreendermos a atuação e o crescimento das pentecostais; os informantes foram escolhidos sem preocupação com a idade, levando em consideração, sobretudo, a época e o tempo de sua conversão religiosa. A escolha dessa amostra se deu considerando o fato de que a conversão religiosa pode ocorrer em diversas etapas da vida.

As escolhas aleatórias se deram partindo do princípio de que esta é uma forma utilizada para se evitar, ao máximo, as parcialidades e tendenciosidades que podem ocorrer, em uma investigação sem critérios.

Gostaríamos de ressaltar que o número de pessoas contactadas, por capítulo, foi tirado da amostra total dos cento e noventa informantes.

O período do trabalho de campo por nós realizado aconteceu entre julho de 2005 e julho de 2006, com o acompanhamento dos cultos da Congregação Cristã no Brasil, realizados de setembro de 2005 a abril de 2006, e o acompanhamento dos cultos da Assembléia de Deus, de outubro de 2005 a julho de 2006. Ao acompanharmos os cultos, tivemos a preocupação de entender seu estilo, a atuação dos líderes e a forma de proselitismo de ambas as Igrejas.

Tivemos o cuidado também de, durante a realização do trabalho de campo, respeitar as práticas religiosas, bem como os modos de vida das pessoas que estavam sendo por nós analisadas. Dessa maneira, conseguimos obter as informações com riqueza de detalhes necessários para a realização desse trabalho.

De acordo com as necessidades, buscamos outras fontes de pesquisas, que também nos auxiliaram em nosso embasamento teórico, contribuindo, dessa forma, para o desenvolvimento deste trabalho. Estruturamos a nossa pesquisa em quatro capítulos, nos quais tratamos dos temas que consideramos interligados e necessários para o entendimento da temática estudada.

No primeiro capítulo, analisamos as práticas, os costumes e as tradições dos fazendeiros e da população como um todo, ressaltando os aspectos culturais da região do Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais, e do município de Indianópolis, tendo a religião católica como base de análise, já que consideramos de fundamental importância conhecer como eram as práticas do catolicismo em uma época em que a fazenda e o catolicismo rústico dominavam a economia, o corpo e a mente das pessoas.

No segundo capítulo, analisamos o processo de modernização agrícola ocorrido no município de Indianópolis, que se deu com o desenvolvimento da agricultura, nas áreas de cerrado, levando em consideração as mudanças dos aspectos econômicos e a sua relação com as mudanças nas práticas dos cultos religiosos.

No terceiro capítulo, analisamos as mudanças ocorridas na cidade de Indianópolis, destacando o processo de urbanização e as novas configurações sócio-espaciais da cidade, sobretudo a partir da chegada dos migrantes, vindos de outras regiões do país e de outras

idades, bem como as mudanças ocorridas com a chegada e implantação de novas igrejas, não católicas, que causaram uma nova espacialização da fé.

No quarto e último capítulo, analisamos as transformações das práticas religiosas ocorridas com a chegada, a atuação e o crescimento das igrejas pentecostais, particularmente da Congregação Cristã no Brasil e da Assembléia de Deus, já que ambas são as que mais cresceram, nos últimos anos, na cidade de Indianópolis.

Desse modo, o trabalho procurou analisar os modos de vida, a cultura e as práticas religiosas, marcadas, atualmente, pela presença das igrejas pentecostais, particularmente da Congregação Cristã no Brasil e da Assembléia de Deus.

CAPÍTULO 1

FAZENDEIROS E CATOLICISMO NO CERRADO INDIANOPOLENSE SÍMBOLOS, COSTUMES E TRADIÇÕES



Foto 01

Foto superior: Fazenda Amparo, marco arquitetônico na história do município de Indianópolis, ainda mantém suas características originais. Proprietária D. H. - Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto inferior: Igreja de Santana, na década de 1950, com carro de bois, principal meio de transportes da época. Foto do acervo da Sra. Terezinha Alves Borges.

1.1 - As Práticas Culturais: Uma abordagem Geográfica

Para a Geografia, hoje (2006), é importante analisar não somente as especificidades do espaço e da paisagem, uma vez que ela se preocupa também em compreender a forma como os indivíduos e os grupos organizam sua vida no espaço, pois ele está constantemente em transformação, sendo vivido e percebido de maneira diferente por aqueles que o ocupam.

Considerando as especificidades locais, nossa análise do espaço, em Indianópolis, tem como ponto de extrema relevância a compreensão das transformações culturais e religiosas que ocorreram e vêm ocorrendo, principalmente nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, já que o município vem passando por transformações sócio-espaciais importantes.

Segundo Rosendahl e Corrêa (2001, p 66), “o espaço é uma categoria vazia, que não contém qualquer referência à sensibilidade, à percepção, ao sentimento. Na vida real atribuem-se muitos sentidos aos lugares onde se vive e às pequenas e grandes pátrias”. Nesse sentido, entendemos que o processo de produção e reprodução do espaço é definido pelas apropriações, pelos usos e pelos modos de produção nele estabelecidos.

De acordo com a sua cultura, em cada momento histórico a sociedade constrói os seus modos de vida e de produção que, de acordo com o avanço técnico-científico, vai determinando suas mudanças, pois a ação humana implica mudanças. Entretanto, as transformações pelas quais tem passado a sociedade moderna ganham outro ritmo, a partir do desenvolvimento da economia capitalista, e se aceleram com o processo de globalização.

Desse modo, podemos afirmar que as sociedades sempre passaram por transformações, o que implica dizer que as mudanças sempre estiveram em curso, sejam elas econômicas, culturais, sociais, políticas ou religiosas. No caso de Indianópolis, elas resultam de processos que se efetivam com a implantação da agricultura moderna, que aceleram, sobretudo, as mudanças culturais e religiosas. No caso das religiosas, estas tornam-se mais evidentes com a chegada das pentecostais.

As transformações se tornam mais claras e efetivas, inclusive na maneira de pensar da Geografia, particularmente nas últimas décadas do século XX, sobre a qual Rosendahl e Corrêa afirmam que:

A transformação que começa a afetar os estudos culturais conduzidos pelos geógrafos a partir do início da década de 1970 repousa sobre uma mudança completa de atitudes e nasceu da constatação de que as realidades que refletem a organização social no mundo, a vida dos grupos humanos e suas

atividades jamais são puramente materiais. São a expressão de processos cognitivos, de atividades mentais, de trocas de informação e de idéias. As relações dos homens com o meio ambiente e com o espaço têm uma dimensão psicológica e sociopsicológica. Nascem das sensações que as pessoas experimentam e das percepções a elas ligadas. Exprimem-se por meio de práticas e habilidades que não são completamente verbalizadas, mas que resultam de uma atividade mental; estruturam-se pelas preferências, conhecimentos e crenças que são o objeto de discursos e de uma reflexão sistemática (ROSENDAHL E CORRÊA, 2001, p.39).

Portanto, as mudanças são resultantes da relação do homem social com a natureza, que nesse processo está constantemente sendo transformada. De acordo com Santos (1997, p. 15-16), “a natureza está, sempre, sendo redescoberta, desde o fim de sua História Natural e a criação da Natureza social, ao desencantamento do mundo, com a passagem de uma ordem vital a uma ordem racional”.

Dentro do contexto mencionado, compreendemos que o entendimento das sociedades contemporâneas deve passar também pelo entendimento de suas transformações, sobretudo aquelas que se originaram do progresso da ciência, que se desdobrou em uma revolução técnico-científica, fundamental, hoje, para a sociedade moderna. Entretanto, é preciso levar em consideração as resistências, identificando nelas os resíduos de culturas antigas que permanecem, mesmo que de forma transformada, mostrando que as mudanças não são completas e nem ocorrem de maneira unívoca, em todos os lugares.

Segundo Claval (1999, p 13), “as práticas humanas que moldam o espaço, no sentido de utilizá-lo, visam, ao mesmo tempo, a ambiente material e a círculo social: agimos de acordo com aqueles que nos olham, aqueles a quem contaremos o que fazemos ou aqueles que escutaremos falar”. O autor afirma, ainda, que a ação humana implica cultura e a cultura é uma criação coletiva renovada dos homens, moldando assim os indivíduos. Por meio dela os homens organizam e dominam o espaço, permitindo a formação das identidades e a convivência, num mesmo espaço das diferenças (CLAVAL, 1999).

Portanto, a cultura resulta das ações humanas sobre o espaço, em que os grupos sociais e os indivíduos constroem a sua existência. Nessa perspectiva, Rosendahl e Corrêa escrevem sobre a cultura, salientando que:

A cultura resulta da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos. Quando as pessoas parecem pensar e agir similarmente, elas o fazem porque vivem, trabalham e conversam juntas, aprendem dos mesmos companheiros e mestres, tagarelam sobre os mesmos acontecimentos, questões e personalidades, observam ao seu redor, atribuem o mesmo significado aos objetos feitos pelo homem, participam dos mesmos rituais e recordam o mesmo passado. Inversamente, grandes diferenças em

pontos de vista e atividade geralmente refletem a ausência de símbolos e língua comum. Assim, a cultura também está assentada numa base geográfica, pois é provável que só ocorra comunicação regular e compartilhada entre pessoas que ocupam uma área comum (ROSENDAHL E CORRÊA, 2000, p. 114-115).

Nesse sentido, podemos perceber que as culturas são permeadas por diversidades, e desse modo é possível identificar, nos modos de vida de cada povo, aquilo que eles contêm de essência das suas bases culturais, mesmo que hoje (2006) eles tenham passado por transformações significativas.

É levando em consideração essas transformações que faremos uma análise histórica das práticas culturais e religiosas estabelecidas no Triângulo Mineiro, no estado de Minas Gerais e em Indianópolis.

Como será visto a seguir, as relações culturais e religiosas e também as práticas sociais dos fazendeiros e da população foram importantes para o povoamento das diferentes áreas do estado de Minas Gerais, o que, por sua vez, deu origem a uma formação cultural muito rica, que vem sofrendo alterações ao longo dos séculos. Entretanto, devemos entender que as culturas resistem, elas não morrem, ao contrário do que se pensa, porém jamais permanecerão como foram no passado. Naturalmente, diante da evolução tecnológica e científica, elas também sofrem modificações, uma vez que as informações são cada vez mais rápidas e eficientes, acelerando também os processos de mudanças, não só econômicas, mas também culturais.

Outro fator a se considerar é que as inovações técnicas, impostas pelo processo de mudanças, não eliminam os aspectos da cultura. De acordo com Santos (2006), não há como eliminar por completo o passado, nele residem as heranças materiais que ficam em cada lugar como resíduos que se manifestam de várias maneiras. É nessas circunstâncias que as inovações técnicas vão-se adaptando e adquirindo as características da atualidade

Dessa forma, as características peculiares da cultura do estado de Minas Gerais vêm passando por transformações importantes, mas, apesar disso, existem as permanências; elas são recriadas e readaptadas à realidade das populações locais, tanto das áreas urbanas quanto das rurais, que vão tecendo seus arranjos, para resistirem, com aquelas práticas que fizeram parte de suas vidas, à barbárie da cidade moderna e também ao processo de homogeneização, os quais desestruturam e provocam, nas pessoas, a necessidade de uma volta ao passado, para reviver momentos daquilo que fez parte das suas vivências e ficou guardado na memória.

De acordo com Pinto (1990), o sistema social e produtivo do cerrado tornou-se particularmente rico, se levarmos em consideração as técnicas antigas que eram utilizadas

nessa região, como a da queimada, naquilo que Antônio Cândido (2003), em Parceiros do Rio Bonito, chamava de cultura rústica, ou cultura caipira; que apresentava um processo cultural, caracterizado por uma produção de subsistência com pouca sobra, mas que valorizava sobretudo o lazer, com constantes festas, que eram particularmente envolventes. Festas que ocorriam, sempre, no meio rural, juntamente com as atividades religiosas, e serviam também para a realização dos negócios e dos mais diversos acontecimentos sociais.

Neste contexto, o nosso objetivo, neste capítulo, é abordar os costumes, as tradições, a religiosidade e também os modos de vida que caracterizaram a cultura da população do estado de Minas Gerais, da região do Triângulo Mineiro e, particularmente do município de Indianópolis, que determinaram o estilo de vida no cerrado e também contribuíram para reforçar a idéia de “mineiridade”. Temos assim, que não existe uma única mineiridade; elas são várias e são estabelecidas de acordo com as características de cada região do estado.



Foto 02

Fazenda Amparo, mostrando sua imponente arquitetura, uma sala enorme com móveis antigos, local de descanso da sua proprietária, D. H., de oitenta e nove anos de idade; e o monjolo, que hoje não é mais utilizado. Essa fazenda contém alguns elementos, ainda bastante conservados, que fizeram parte da tradição do povo indianopolense.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

1.2 - Minas Gerais: Sua História, Sua Gente, Seus Costumes

Como estamos nos referindo ao processo de formação e transformação cultural do estado de Minas Gerais, tratando sobretudo dos aspectos referentes às tradições e costumes do povo triangulino e indianopolense, consideramos de extrema relevância, para este capítulo, fazer algumas considerações sobre os modos de vida e as práticas culturais do povo mineiro. Gostaríamos de ressaltar que a forma como se deu a ocupação inicial do território brasileiro, promovida pela metrópole portuguesa, foi extremamente importante na definição de sua história. Em Minas Gerais, esse processo de ocupação ocorre em circunstâncias distintas, sobretudo no interior do estado.

De acordo com o contexto mencionado, Dias (1971) afirma que o desenvolvimento do estado de Minas Gerais sempre se deu de maneira fragmentada e, muitas vezes, de forma obscura. Nas regiões mais pobres ou que não tinham riquezas a serem exploradas (como o ouro, por exemplo), apenas a agricultura e a pecuária, o desenvolvimento ocorreu na contramão das áreas mineradoras, constituído basicamente de atividades familiares, voltadas para a sobrevivência, utilizando técnicas muito incipientes.

Desse modo, essa produção de subsistência garantiu ao povo do cerrado Mineiro, bem como do Triângulo e Indianopolense, o conhecimento de técnicas de produção e uma culinária peculiares, uma vez que plantavam produtos como a mandioca e o milho, cujas lavouras eram de fácil operacionalização, uma vez que os instrumentos e as técnicas de produção eram muito incipientes. Esses produtos permitiam a fabricação de alimentos como o pão-de-queijo e o biscoito, feitos da mandioca, o angu e a pamonha, feitos do milho. Produtos como o trigo não eram comuns na região.

Nesse sentido, devemos entender que esses produtos, de fácil cultivo e manuseio, foram de extrema importância para a alimentação da população no cerrado de Indianópolis, pois, segundo relato de alguns moradores mais antigos, eram muito comuns, nas propriedades do município, os moinhos, que produziam o fubá de milho, muito utilizado para fazer o angu, que acompanhava o frango caipira no almoço de domingo; além dos poderosos mingaus e canjicas, que faziam parte da alimentação das mulheres que guardavam resguardo e que, de acordo com a tradição¹, serviam para aumentar e fortalecer o leite das mulheres, facilitando e prolongando a amamentação, por um período maior. Também era muito comum a fabricação do polvilho, feito da mandioca, trabalho que reunia muita gente para ser executado; no final

¹ A tradição deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigente nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição (HOBSBAWM E RANGER, 2002 p. 10).

da jornada, saíam sempre os pães-de-queijo e o mané-pelado quentinhos, alimentos que eram muito apreciados, no município de Indianópolis.

Embora em outro contexto, Antônio Cândido retrata a importância desses alimentos:

A mandioca era, por antonomásia, o mantimento, e o milho, a roça. Mais rudes e fáceis de cultivar que o feijão, admitiam além disso uma série de transformações e empregos que este não comportava. O milho, Verde, Come-se na espiga, assado ou cozido; em pamonhas; em mingaus; bolos, puros (curau) ou confeccionados com outros ingredientes. Seco, come-se como pipoca, quirera e canjica; moído, fornece os dois tipos de fubá, grosso e mimoso, base de quase toda a culinária de forno entre os caipiras, inclusive vários biscoitos, o bolão, bolinhos, broas, numa ubiqüidade só inferior à do trigo; pilado, fornece a farinha e o beiju, não esquecendo o seu papel na alimentação dos animais. Enquanto a mandioca trouxe, mais ou menos sem mudanças, a tecnologia a que se vinculava nas culturas aborígenes – mormente ralo e tipiti – ele deu lugar a importante convergência, que constituiu um complexo material de primeira plana, onde se podem discernir as peneiras, os pilões de mão e de pé, o monjolo, os moinhos d'água, os fornos de barro, as formas de vária espécie etc (CÂNDIDO, 2003, p 69 - 70).

O uso desses alimentos, no cerrado triangulino, era muito semelhante ao exposto por Antônio Cândido. Esses produtos exigiam técnicas tradicionais, que já eram conhecidas e dominadas pela população do cerrado, o que facilitou e intensificou o seu uso na culinária do povo mineiro.

Dessa maneira, conforme já exposto, nas regiões que tinham algum tipo de riqueza a ser explorada, melhores condições climáticas e de relevo, o desenvolvimento foi, de certo modo, mais rápido e com maiores influências na economia da região e das comunidades. Tanto nas regiões mais desenvolvidas como nas regiões que se mantinham estagnadas, em termos de crescimento econômico, de infra-estrutura, como estradas, meios de comunicação e até de modernização das frentes produtivas e das comunidades, os relacionamentos culturais sempre ocorreram tendo por base a religião das comunidades, a vida comunitária com seus conflitos e uma consciência política que resultava das relações sociais. Visivelmente, os poderosos procuravam, por meio da fé e/ou de algum tipo de manifestação cultural, manter um fascínio sobre os segmentos sociais marginalizados.

Até o início do século XX, a economia de Minas Gerais se baseava na produção agrícola, existindo uma importante produção camponesa. Portanto, o campo era o centro das mais ricas manifestações culturais e religiosas, baseando-se nessas manifestações a religião católica, que por sua vez propicia a realização de diversas festas religiosas, transmitidas através das gerações, que permaneceram durante muito tempo arraigadas nas áreas rurais, local onde trabalhava e vivia a maior parte da população do Estado.

Desse modo, tornou-se comum a realização de grandes festas religiosas nas fazendas do Triângulo Mineiro; particularmente, no município de Indianópolis, temos como exemplo a Festa de Santo Reis, do Divino, de São João e outras, que faziam parte do calendário festivo do homem do campo ou roceiro, como era chamado, nessa região. Essas festas eram o momento de as pessoas mostrarem sua fé, mas era também o momento de encontros, de reunião e também de os fazendeiros afirmarem o seu prestígio. Desta forma, faziam parte da cultura do camponês, na qual rezar era um costume corriqueiro, pois sempre rezavam antes de dormir e na hora de levantar, muitos até na hora das refeições. A presença de um padre ou qualquer representante oficial da igreja era muito difícil, no meio rural de Indianópolis, de forma que as festas eram dirigidas até mesmo por pessoas da própria comunidade, o que fortalecia a religiosidade popular e enriquecia a cultura do camponês.

Segundo Dias (1971), Minas Gerais está dividida em 11 regiões culturais. No entanto, sabe-se que é muito difícil delimitar essas áreas, utilizando conhecimentos que consideram as regiões a partir de critérios tradicionalmente utilizados, como regiões políticas, econômicas, físicas naturais, geográficas ou sócio-históricas. Embora essas delimitações sejam puramente didáticas, há que se ressaltar que, na verdade, essas áreas são praticamente indelimitáveis. Além disso, aspectos culturais transcendem as fronteiras políticas do Estado. A incorporação de tantos elementos, vindos de fora, que se juntam aos aqui já estabelecidos, faz de Minas, portanto, uma espécie de celeiro cultural. Com a pretensa cultura mineira, recebendo influências de diferentes povos, o que proporcionou muitos tipos de “mineiridades”, dotando o Estado de manifestações únicas e típicas, e de uma extrema diversidade entre as suas próprias regiões.

No caso do Triângulo Mineiro e de algumas cidades da região, ainda se podem perceber alguns traços dessa suposta “mineiridade”, que de certa forma permanece em algumas localidades, onde hoje (2006) é possível encontrar resíduos da cultura que marcou o passado de sua população, principalmente nas áreas rurais que, certamente, foram as que sofreram os maiores impactos do processo de modernização. Em algumas fazendas do município de Indianópolis, podem-se perceber os traços desse passado, em que o estilo de vida era totalmente diferente dos dias atuais. Alguns dos fazendeiros mais antigos do município ainda costumam receber as pessoas com a tradicional hospitalidade e receptividade do roceiro mineiro. Durante nosso trabalho de campo, foi possível fazer esta constatação, quando da nossa visita à fazenda Buriti, de propriedade do senhor A. A. F.² e de dona M. F.,

² Objetivando preservar a identidade dos informantes, optamos por colocar apenas as letras iniciais dos nomes.

onde nos receberam com toda a “mineiridade” (hospitalidade) possível, tratando-nos como se fôssemos conhecidos íntimos da família. Contaram-nos “causos”, falaram das experiências da vida no campo e também relembaram o passado, falando das dificuldades do trabalho e da criação dos filhos, na fazenda.

Durante uma longa conversa, na qual o senhor A. chamava sempre de boa prosa, foi possível constatar a pureza e a riqueza de uma vida simples. Chegamos na fazenda por volta das dezessete horas e trinta minutos e, quando conseguimos sair, já eram mais de vinte e uma horas, pois, todas as vezes que ensaiávamos uma retirada, o senhor A. e dona M. insistiam para que esperássemos o pão de queijo que ela preparava em uma simples, porém aconchegante cozinha, em um não menos simples, mas imponente fogão a lenha, ao lado do qual conversávamos, uma vez que nos receberam na cozinha. Ao que se percebe, essa era uma das características da hospitalidade do roceiro de antigamente, nessa região, pois recebiam as pessoas na cozinha, como sinal de confiança e apreço. A cozinha era, pois, o local das mais divertidas e longas prosas. Enquanto a conversa prosseguia, dona M. preparava o pão-de-queijo, usando os ovos das galinhas criadas no quintal e o queijo feito por ela com o leite produzido na fazenda. Só depois de comermos os pães de queijo, que aliás estavam deliciosos, foi possível a nossa retirada. Durante nossa conversa, o senhor A. nos falou, lembrando, com saudades, como era a vida na fazenda:

Antigamente a gente levantava bem cedinho, entre cinco ou seis horas da manhã, e ia fazê os serviço da roça, arrancá toco, batê pasto, capiná, prantá com os boi, etc. O dia parece que era mais cumprido porque o serviço era pesado, o tempo demorava mais pá passá, hoje passa digero, o trabalho era muito custoso, era muito pesado. A diversão era mais custosa, mas era mió, tinha muita festa na roça, tinha o mutirão pos home batê o pasto e pás muié fiá o agudão. Dia de domingo a gente jogava muita bola, tinha as festa na capela, o povo rezava mais, parece que tinha mais fé, a gente quase não via o padre na roça mas ele era muito respeitado, quando ele chegava na roça o povo conversava baixinho. Nas fazenda tinha muito agregado e os agregado votava aonde o patrão mandava. Nessa época os fazendero dominava a política e em indianóp a política era um fuá danado. Tudo que a gente prantava no quintal dava, hoje não dá é tudo cheio de bicho, apodrece tudo. Antigamente o fio obedecia os pai, hoje não obedece mais. Estudá era difício, a gente tinha que ir a pé, hoje a condução pega na porta. O namoro era um de lá e outro de cá da porta (A. A. F. Conforme trabalho de campo em 13/10/05).

De acordo com as palavras do senhor A., podemos perceber a riqueza e a simplicidade da vida no campo, onde a religiosidade e as relações pessoais eram valorizadas e as dificuldades estavam sempre presentes, mas as manifestações culturais eram riquíssimas.

Nesse sentido, definir a cultura de um lugar ou de um povo qualquer é algo muito complexo, pois, como sabemos, existem várias definições de cultura. Entretanto, consideramos importante, para esse trabalho, analisar a cultura a partir das manifestações que são únicas e típicas do povo mineiro e, especificamente, indianopolense, por ser esta a nossa área de estudo, incluindo-se aí a religiosidade. Portanto, a cultura expressa nessa área pode ser percebida e apreendida pelos comportamentos, valores, crenças, práticas, costumes; conhecimento das técnicas e dos instrumentos utilizados, bem como das novas possibilidades de vida que se apresentam a todo momento, facilitando a convivência entre as pessoas.

Segundo Claval (1999), a cultura é uma criação humana que, mesmo se dando de forma coletiva, é constantemente renovada, o que capacita os indivíduos a viver em sociedade, por meio da qual podem, também, organizar e dominar o espaço. Dessa forma, ele a define da seguinte maneira:

A cultura é a soma dos comportamentos dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma mesma escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram. Não é, portanto, um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre os povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo (CLAVAl, 1999, p 111).

Nesse sentido, tornou-se de extrema importância, para esse trabalho, a compreensão do processo de formação cultural e religiosa do povo mineiro e, por sua vez, do povo indianopolense, bem como suas práticas cotidianas.

Para compreendermos as manifestações culturais existentes em Minas Gerais, e pela própria impossibilidade de se definirem as regiões culturais do Estado, buscar-se-ão pistas históricas na formação do povo mineiro e na origem das tradições regionais. Segundo Dias (1971), muitos estudiosos afirmam que o caráter regional e cultural do povo mineiro formou-se, claramente, no auge da mineração. Sabe-se, porém, que não existe caráter regional ou mesmo cultural que seja imutável, livre dos processos de mudança. Entretanto, pode-se dizer que alguns fatores contribuíram para manter, até os dias atuais, a presença de uma noção, ainda que frágil, de cultura mineira. Um dos argumentos ressaltados é o fator geográfico em Minas Gerais, que legou aos habitantes da antiga província um isolamento natural, fazendo do mineiro um tipo notadamente retraído e interiorano, avesso aos processos colonizadores das

áreas à beira-mar. Sabe-se, contudo, que os fatores geográficos não podem ser tomados isoladamente e, por si, não determinam, exclusivamente, os fenômenos da cultura.

Desse modo, embora a notoriedade do povo mineiro se dê mais pelos seus aspectos de retração, de introspecção, de sujeito do interior, ficou também notadamente conhecido como acolhedor, hospitaleiro e também pela sua religiosidade e seu jeito pacato, traduzindo assim o “jeito mineiro”; características estas que, no interior de Minas, são atribuídas aos roceiros. Pode-se destacar, porém, que mesmo a mineração sendo um componente econômico importante da economia mineira, as áreas não mineradoras sempre tiveram como base de sustentação econômica a agropecuária, que por sua vez determinava as características desse povo.

Dessa maneira, podemos entender que as atividades agrícolas possibilitaram o desenvolvimento de práticas que promoveram uma vida cultural e religiosa muito rica e intensa no campo, onde eram constantes as festas religiosas, mas também havia muito trabalho pesado na lavoura. Nessa perspectiva, o senhor O. A. de S. fala de como era a vida e o trabalho na fazenda:

A gente levantava antes do sol saí e ia po trabaio que era muito pesado o serviço era rancá toco com o enxadão, ará de boi, capiná e coiê de cutelo, tinha de batê o arroz na banca feita de pau. Nós drumia no cochão de paia, era tudo dificio, mas era bão, nós trabaiaava naquele tempo era na troca de dia de serviço. Tinha muita festa, mas a festa mió era a de Santos Reis. A festa era na casa do festeiro, depois que a folia cantava tinha a janta, com muita fartura de comida, tinha muito doce, tinha tamém a festa de São João que era muito boa, primeiro tinha a reza do terço que era em casa, depois do terço tinha a fogueira e depois a janta e depois levantava o santo. A vida era mais custosa, tinha que trabaiaá muito, o povo não tinha ilusão igual hoje. Naquele tempo as pessoa saia de cavalo pa visitá os cumpade, os vizinho, hoje não tem isso porque as pessoa não tem tempo é ocupada. Antigamente o padre vinha na roça só quando tinha festa, mas o povo rezava muito. Quando morria arguém na estrada punha uma cruz e a famia ia sempre rezá no pé da cruz e punha vela pa quema. Mas depois que começou a prantá a soja eles arranca até os cruzero. Era dificio de estudá porque não tinha escola. A professora era paga pelo fazendeiro (O. A. S. Conforme trabalho de campo em 15/10/05).



Foto 03

Colheita de arroz na década de 1950, feita com o uso de instrumentos rudimentares como o cutelo e a banca de bater o arroz.
Foto acervo do Sr. A. A. R.

O isolamento talvez tenha sido um dos motivos para a manutenção de algumas manifestações religiosas realizadas desde o período colonial. Essas manifestações, segundo Dias (1971), permanecem e resistem até hoje, mesmo com todo o processo de modernização, que oferece uma extrema mobilidade, em função da rapidez dos meios de comunicação e até mesmo da própria Internet.

Sabe-se que esse isolamento fez com que o povo do cerrado desenvolvesse uma forma muito própria de vida, já que, no cerrado, a produção era voltada para os produtos que a terra garantia com abundância, ou seja, a agricultura que era plantada somente nas áreas de cultura, como eram chamados os fundos de vales, enquanto que as áreas de cerrado, propriamente ditas, eram utilizadas para a pecuária. Desse modo, o homem do cerrado desenvolveu todo um conhecimento para lidar com os produtos mais cultivados na região do Triângulo e também no município de Indianópolis, como o arroz, o feijão, o milho e a mandioca. Portanto, em função do isolamento, os produtos nobres, como o trigo, não chegavam por aqui, fato que levou as mulheres camponesas do cerrado a fabricarem o pão-de-queijo, ou o de milho, em vez do pão de trigo. Assim, a culinária mineira teve, nos seus componentes, os produtos que eram produzidos nessa região, facilitando a combinação de determinados alimentos, como a carne de porco com a mandioca, o feijão com a farinha (tutu), enfim, uma variada possibilidade de alimentação.

Contam os habitantes e alguns fazendeiros mais velhos, do município de Indianópolis, que era muito comum a fabricação do polvilho e da farinha de mandioca. Esses serviços, normalmente, eram feitos pelas mulheres. Fabricavam-se também produtos como a pamonha, e para isso, normalmente, contavam com a ajuda dos vizinhos.

Geralmente, reuniam-se mais de dez e, às vezes, até vinte pessoas, nas casas onde seriam feitos esses produtos. Segundo alguns relatos, essas reuniões eram muito animadas e divertidas, tornavam-se motivo de alegria, fabricavam-se aí deliciosas guloseimas. Tinha sempre muita conversa, boa prosa, pois, segundo a tradição dos roceiros, o bom mineiro gosta mesmo é de uma boa prosa. Há que se ressaltar que também existiam as reuniões para as manifestações religiosas, com realização de rezas e festas, onde o povo mostrava sua fé.

Destaca-se também, na história de Minas Gerais, uma forte influência na formação do Brasil, como nação. Estima-se que a colonização e a descoberta do ouro e dos diamantes trouxeram, para as terras mineiras, cerca de meio milhão de pessoas, em uma das maiores migrações registradas na história do país.

Dentro do contexto mencionado, a exploração do ouro na região mudou drasticamente o panorama cultural, social e econômico da antiga província. Contingentes demográficos numerosos e diversificados, vindos de todas as partes da colônia, foram atraídos para as Minas Gerais dando ao país o seu primeiro surto migratório. Não eram mais os portos litorâneos ou os poucos arraiais isolados e usados apenas como pouso que chamavam a atenção do explorador, mas, sim, as riquezas do novo eldorado. Vindos de todas as regiões do país, os exploradores, em busca do ouro, traziam, para as terras mineiras, a atividade produtiva das mais distintas partes da colônia.

No Triângulo Mineiro, ocorreu, em algumas cidades, um curto surto minerador, que se deu já no final do século XIX ou início do século XX. Surto este atrasado, já que teve início quando as minas mais importantes do Estado estavam-se esgotando. Em Indianópolis, esse ciclo ocorreu, mais precisamente, no início, do século XX. Segundo alguns moradores mais antigos, trouxe muita gente de fora para a cidade, em função do garimpo. Conta-se que eram encontradas muitas pedras de diamante, mas todas de pequeno valor; pelo menos, não se tem notícia de se terem encontrado pedras de alto valor no rio das Velhas (hoje rio Araguari), nas margens do qual a cidade está localizada. De acordo com o exposto pelo senhor G. F., que foi garimpeiro, vimos como era o garimpo:

Tinha o garimpo de barranco e o de aparei, no garimpo de barranco tem que descobrir o cascai (*cascalho*) furano com a picareta e o enxadão, quando dava água ela era puxada com uma bomba, era tirado o cascai colocado

numa tacinha chamada carumbé, depois o cascai era lavado, passado pelas peneiras até apura o diamante. No garimpo de aparei (*aparelho*) era feito com mergüiadô (*mergulhador*) que ia no fundo do poço pa fazê o garimpo, era tudo com aparei. Mas a vida de garimpo era só ilusão e esperança de ficá rico e assim o tempo ia passano, era uma vida muito difício. Tinha gente que fazia até promessa pa pegá um diamante grande, mas o dinheiro do garimpo era tudo gastado atoa. Tinha tamém fazendeiro que punha peão pa garimpá, o sistema de garimpo era o de meia praça, quando argüem pegava um diamante, ele era dividido no meio com o forneçedô, era a metade pa cada um. (G. F. Conforme trabalho de campo em 10/03/06).

De acordo com as palavras do senhor G., é possível perceber que a técnica do garimpo era conhecida e praticada nessa região, porém o garimpo não teve grande relevância no município de Indianópolis, pois, além de não produzir grandes riquezas, extinguiu-se rapidamente.

Não é aqui o lugar próprio para debater sobre o significado do período minerador para a economia brasileira, compreendendo que, conforme o exposto, foi uma atividade de extrema importância para a economia mineira. Mas, segundo Prado Júnior (1997), Minas Gerais talvez tenha sido o único estado do país onde a mineração teve alguma importância, já que nos outros estados a presença do ouro foi insignificante. Mesmo assim, em Minas também houve uma grande decadência da mineração. O autor afirma, ainda, que a indústria mineradora não passou de uma aventura de mineradores aventureiros que abandonavam, muito rapidamente, as áreas exploradas, sobretudo aquelas onde havia pouco ouro, para explorar novas áreas. Dessa forma, embora a mineração tenha originado muita riqueza, esta não ficou no Brasil, aqui não sobrou quase nada, a não ser os vestígios da destruição dos recursos naturais, nas áreas mineradoras.

De qualquer maneira, para as nossas considerações, as áreas de mineração, em Minas Gerais, foram ponto de confluência de pessoas provenientes de diferentes partes da colônia e da África, que, atraídos pelas riquezas do novo eldorado, possibilitaram o desenvolvimento de uma cultura marcada pela diversidade e pela constituição do tipo mestiço, tido por alguns, nas devidas proporções, como “verdadeiramente” brasileiro.

Nesse sentido, devemos entender que as culturas são diversas, elas não possuem as mesmas técnicas e nem têm o mesmo domínio dos ambientes onde ocorrem. Elas têm diferenciações que se dão por meio dos simbolismos, dos costumes, das práticas e das representações da vida coletiva. Dessa forma, cada cultura é caracterizada e distinta das outras por aquilo que é, aparentemente, fundamental; afinal, a cultura é um sistema de significações importantes, no âmbito em que ela acontece ou é vivida. Nessa perspectiva, a cultura é uma

manifestação singular, que deve ser compreendida na sua totalidade. Assim, Berger lembra que:

A cultura consiste na totalidade dos produtos do homem. Alguns destes são materiais, outros não. O homem produz instrumentos de toda espécie imaginável, e por meio deles modifica o seu ambiente físico e verga a natureza à sua vontade. O homem produz também a linguagem e, sobre esse fundamento e por meio dele, um imponente edifício de símbolos, que permeiam todos os aspectos de sua vida (BERGER, 1985, p.19).

Dessa maneira, a formação cultural do povo mineiro deve ser entendida considerando, não somente os aspectos econômicos, mas também os fatores humanos, sociais e culturais de sua formação.

Segundo Arruda (1999) houve, inegavelmente, uma importante contribuição dos imigrantes portugueses, que trouxeram todo um conhecimento e uma cultura que enriqueceram a formação do povo brasileiro, já que trouxeram consigo valores tradicionais de festas em louvor a santos, do culto à vida doméstica e do apego ao patriarcalismo, implantando-os em terras mineiras. O conceito da tradicional família mineira estaria ligado a esses aspectos patriarcais e à defesa das mulheres contra aventureiros que se atiravam no solo das Minas. O autor postula, assim, que, graças ao ouro das terras mineiras, ocorreu o milagre da integração brasileira, num evidente contraste com o que se passava no lado hispânico do continente, pulverizado em dezenas de nações.

Em relação à tradicional família mineira, algumas características se mantiveram, praticamente, inalteradas, na região do Triângulo Mineiro, e por sua vez em Indianópolis, até por volta da década de 1970. Comenta-se que as mulheres eram criadas para o casamento; aprendiam, desde cedo, os afazeres domésticos, como cozinhar, costurar, bordar, porque uma boa moça tinha que ser prendada, ou seja, habilidosa para cuidar da casa e da família etc. Rezar em casa e ir sempre à missa era quase que uma obrigação. Esses costumes, certamente, contribuíram para a criação da idéia de “família mineira”, pois as mulheres tinham uma criação muito diferente dos homens; as moças solteiras só podiam sair de casa acompanhadas pelos pais, ou, em raras exceções, acompanhadas do irmão mais velho.



Foto 04

Família R.: tradicional família do município de Indianópolis, na década de 1950.
Foto acervo do Setor de Cultura da Prefeitura Municipal.

A virgindade fazia parte da dignidade da mulher. Uma vez perdida, era até mesmo expulsa de casa, portanto, perdê-la era se condenar aos mais indignos abusos e ofensas. Era muito comum acontecer o casamento de forma obrigatória, por meio de pressão exercida pelo pai da moça, situação que, muitas vezes, acabava na delegacia, o que era chamado de casamento na polícia. Conta-se, por aqui, que os fazendeiros mais abastados de Indianópolis, ao construírem suas casas, colocavam a porta de entrada e saída dos quartos das moças, obrigatoriamente, voltada para o quarto dos pais, de modo que era praticamente impossível saírem sem ser notadas, uma vez que tinham passagem obrigatória por aquele quarto. As moças só iam às festas e aos bailes acompanhadas dos pais. Já os rapazes aprendiam a lida da fazenda, cuidavam da roça, do gado e, desde cedo, eram incentivados pelos próprios pais a freqüentarem as casas de mulheres (prostitutas), pois perder a virgindade era sinal de machismo, mostrava que já eram homens preparados para a vida. Portanto, a tradicional família mineira tinha um padrão machista muito bem definido, que ainda não desapareceu, por completo, de nossa sociedade.

Podemos afirmar que a presença da Igreja Católica também foi importante na formação cultural do estado de Minas. De acordo com Dias (1971), em Minas Gerais o catolicismo assumiu características próprias, fundamentadas nos parâmetros contra-reformistas de muita riqueza e ostentação, mas que pregava a elevação do espírito a Deus. Diversas manifestações culturais existentes, atualmente, nas terras mineiras, surgiram no embate entre a religião e o poder do ouro. As maiores heranças, dessa época, são as riquíssimas igrejas e esculturas, talhadas em ouro e pedras preciosas, dedicadas ao encontro do espírito com o divino e às festas existentes no Estado, que homenageiam os santos padroeiros.

A presença da Igreja Católica no Triângulo Mineiro, assim como na cidade de Indianópolis, não se deu pela construção de igrejas tão ricas e pomposas como aquelas das áreas mineradoras, uma vez que, aqui, a mineração não teve tanto sucesso como em outras regiões do estado, embora algumas tivessem imagens de santos e outros objetos feitos ou banhados a ouro, como é o caso da igreja Santana, de Indianópolis que, segundo os mais velhos, foi roubada no início da década de 1970. A forte presença da Igreja, nessa região, deu-se, principalmente, em função da manifestação de religiosidade da população triangulina, religiosidade esta que, de certa forma, ainda permanece, a exemplo da festa de Romaria. Essa festa é tradicionalmente realizada, todos os anos, do dia seis ao dia quinze de agosto, em homenagem a Nossa Senhora da Abadia, atraindo romeiros que peregrinam até a cidade de Romaria, cumprindo suas promessas religiosas.

Nessa região, sempre houve a realização de grandes festas, já que era a Igreja que as promovia, oferecendo aos fiéis, principalmente do meio rural, a oportunidade de estarem permanentemente exercitando sua fé, e também de terem um lazer, uma vez que as festas eram também o local de diversão da comunidade. No meio rural, as festas eram o verdadeiro exercício da religiosidade popular, já que apenas esporadicamente aparecia um padre; portanto, as cerimônias religiosas eram quase sempre dirigidas por um membro da comunidade, que geralmente era uma senhora muito religiosa. O objetivo era, quase sempre, homenagear o santo padroeiro, mostrando, assim, o espírito cristão, confirmado pelas práticas católicas, na maioria das fazendas dessa região.

Impregnado de elementos riquíssimos, o ritualismo marcava todas as manifestações comunitárias, como se pode verificar, por exemplo, no pagamento de promessas, nas cantigas, danças, músicas, orações, no levantamento de mastro para homenagear os santos padroeiros e nos belos cortejos, com as suas características próprias. Assim, segundo (CAMARGO, 1973, p. 49), “no Catolicismo tradicional, o comportamento social e religioso fundamenta-se nos costumes e é legitimado pela tradição: observa-se pouca consciência quanto à natureza específica dos valores religiosos que inspiram normas e papéis sociais”

No contexto da história de Minas Gerais, é importante entender que a formação do Triângulo Mineiro teve, como um dos pontos de origem, a sua localização geográfica, o caminho obrigatório dos aventureiros entre o Sudeste e o Centro-Oeste do país.

Durante a dura travessia de imigrantes portugueses e/ou de outras regiões do país, pequenos povoados iam sendo formados, nessa região. Os habitantes desses lugarejos procuravam manter, a todo custo, os seus hábitos de origem. Surgiam, dessa forma, os cultos religiosos, tão presentes em todas as partes do Triângulo Mineiro, marcos do espírito cristão e

católico, plantados pelas gerações do século XVIII. Basta percorrer o mapa mineiro, estruturado no período de maior expansão do processo de ocupação do estado de Minas Gerais e do Triângulo Mineiro, para encontrarmos a origem de quase todas as localidades. Os lugarejos sempre são organizados segundo os parâmetros religiosos dos portugueses, envolvendo quase sempre uma capela e demais estruturas necessárias à profissão da fé do povo.

De acordo com Lima Júnior (1978), as igrejas eram locais não só de cultos ou encontros religiosos, mas eram também onde ocorriam os principais fatos da vida civil como registros de nascimento, casamentos e óbitos. O dízimo, arrecadado pelo rei em função do padroado³, proporcionava elevadas rendas, uma vez que cabia ao rei pagar a cômputo, uma espécie de pensão que era concedida aos padres, já que o restante das despesas ficava por conta das irmandades. Nesse sentido, a Igreja Católica era detentora de um grande poder, e a vida em Indianópolis, assim como na maioria dos povoados mineiros, se desenrolava em função dela, uma vez que ela oferecia, não só as vantagens da vida religiosa e a proteção dos santos, mas também realizava, praticamente, todas as festas, conseguindo, com isso, tutelar a sociedade, mantendo os seus interesses e também os dos fazendeiros.

Desse modo, os povoados mineiros, mais do que em qualquer outra parte do Brasil, cresceram dependentes da Igreja. Nesse cenário, naturalmente, os mineiros se apegaram profundamente às práticas religiosas, fundamentadas, basicamente, na proteção dos santos. Como era a Igreja que, geralmente, promovia todos os festejos, oferecendo ao povo o divertimento, que era muito raro, ela passou a ocupar, também, o pouco tempo que sobrava, além das horas de trabalho, principalmente no meio rural.

³ Padroado
na página

blica e o Estado que será tratado, mais detalhadamente,



Foto 05

Festa de Santos Reis na fazenda São João na década de 1970.
Foto acervo do Sr. J. P. da S.

Portanto, as festas faziam parte da tradição do homem rural. Contam os fazendeiros mais antigos, do município de Indianópolis, que a festa mais tradicional era a de Santos Reis, realizada sempre no mês de janeiro, que ocorria em grande parte das fazendas, pois os fazendeiros eram devotos de Santos Reis, que eram os santos que protegiam as boas colheitas. Nessas festas, tinha sempre muita reza, muita comida e também o forró, que durava até o nascer do sol. Eram muito comuns, também, segundo alguns no meio rural de Indianópolis, as festas de São João, São Pedro, Santo Antônio e outros santos.

O senhor O. G. B comenta como era a tradição das festas de Reis nas fazendas:

A festa de Santos Reis era uma tradição das fazenda que tinha todo ano, e o povo ia porque todo mundo gostava e tinha fé. Todo ano a folia saía andano nas fazenda e cantano nas casa durante nove dia, o povo sempre ajudava a folia porque tinha muita fé nos Santos Reis, tinha gente que fazia doação de arroiz, tinha gente que dava capado, tinha uns fazendero que dava até vaca pá ajuda a festa. Por isso é que a festa tinha muita fartura. No dia da festa ficava lotado de gente, e depois que a folia cantava e acabava a parte da religião, era servida a janta, que era a coisa mais farturenta que existia, todo mundo comia à vontade. Porque tinha muita comida e muito doce, quando todo mundo cabava de comê tinha o baile que era muito bão e ia até o dia amanhecê (O. G. B. Conforme trabalho de campo em 19/10/05).

Conta-se que a cidade de Indianópolis já foi palco de grandes festas religiosas, não só no meio rural, como também na própria cidade. Segundo os mais velhos, a cidade nasceu como Aldeia de Santana por já ser habitada pelos índios, nela já existia a Igreja de Santana em sua primeira versão “original”, feita de pau-a-pique e adobe. Segundo a tradição, passada pelos mais velhos, ela teria sido construída pelos índios, versão que não pode ser comprovada.

Muitos dizem que teria sido construída no século XVIII, outros afirmam ser do século XVII, porém, no imaginário da população, principalmente dos mais velhos, ela se tornou um referencial da religiosidade da população local que, segundo alguns, era muito religiosa.

Nesse contexto, o poder público, referendado pelo imaginário popular, acabou transformando-a no cartão postal da cidade, preservando, assim, a imagem de um povo religioso, já que, por aqui, ainda acontecem algumas festas religiosas, até mesmo de caráter popular, como a Folia de Reis, que é realizada todos os anos, a qual será tratada no capítulo 3.

Desse modo, podemos afirmar que algumas festas religiosas ainda permanecem, como resistência e também como manifestação cultural do homem, que procura resgatar sua identidade, a qual, no caso do Triângulo Mineiro, está muito ligada à vida rural.

1.3 O Triângulo Mineiro: Relações Culturais e Religiosas

Na região do Triângulo Mineiro, durante o período colonial, eram freqüentes as expedições destinadas, não só a destruir os núcleos nativos, mas também a escravizar os índios. As expedições foram, na maioria dos casos, o primeiro contato que os povos indígenas tiveram com a sociedade colonial.

No caso de Indianópolis, há que se ressaltar suas peculiaridades, já que foi grande a presença indígena, uma vez que a cidade nasce como aldeia, porém desenvolve características que vão permanecer até por volta da década de 1970. Até esse momento além das igrejas, as fazendas eram os principais centros de convivência social e onde ocorriam as principais atividades econômicas, além de contar com uma forte religiosidade, uma vez que nelas se davam, também, grande parte das festas religiosas, promovidas pelos fazendeiros e prestigiada pela população rural, já que a maior parte da população vivia no campo.

No contexto da história do Triângulo Mineiro é importante frisar que a sua primeira forma de ocupação colonial foram os núcleos de população indígena, em forma de aldeamentos promovidos pelos colonizadores. Neles, os índios eram fixados de forma compulsória, ou cooptados pela catequese, e a partir de então eram tutelados pelo colonizador. No que se refere ao processo de apresamento dos índios, estes eram capturados e presos ao longo dos caminhos, onde se formavam pequenas aglomerações silvícolas, até que a quantidade de indivíduos tornasse vantajoso o transporte para os centros urbanos do Sudeste (BRANDÃO, 1989).

Nesse contexto, a história do Triângulo Mineiro e, particularmente, a de Indianópolis, está diretamente relacionada à presença indígena nessa região, que se deu de forma marcante, por meio dos aldeamentos. Entretanto, a partir da presença dos bandeirantes e do início de sua ocupação sistemática, ocorrem mudanças que irão se desdobrar em transformações sociais, culturais e religiosas importantes, dando ao povo triangulino e indianopolense características peculiares.

Nesse sentido, segundo Lourenço (2002, p.195), “o Triângulo Mineiro teve sua ocupação pioneira iniciada somente a partir dos primeiros anos do século XIX, por imigrantes vindos da região central da capitania - depois província - de Minas Gerais”. O autor afirma que, nesse período, a sociedade brasileira começa a mostrar algumas peculiaridades:

Como de resto no Brasil de então, a sociedade triangulina, desde muito cedo, exibiu os traços de uma ordem social fundamentada no tradicionalismo e na

valorização da fidalguia, na formação de grupos de fazendeiros e/ou industriais, que defendiam ou tinham a escravidão como um valor profundamente arraigado em todas as consciências. Valores típicos das sociedades de ordens do Antigo Regime, eram eles que informavam aqueles homens e mulheres, que criaram fazendas e sítios, nas matas e cerrados do Extremo Oeste Mineiro (LOURENÇO, 2002 p 196).

Dentro do contexto mencionado, pode-se perceber que a sociedade triangulina, historicamente, exhibe as marcas de uma sociedade que, por detrás de um comportamento religioso e cristão inteiramente altruísta, sempre manteve os privilégios e a riqueza de sua classe dominante, fundamentada no conservadorismo, impregnado por preconceitos originados nos latifúndios desta região; muitos deles permanecem ainda até hoje.

Desse modo, podemos afirmar que, em cada região do estado de Minas Gerais, existem características bastante peculiares, advindas do processo de sua formação. Nesse sentido, Lourenço (2002, p. 197) afirma que “a fundação dos arraiais do Extremo Oeste Mineiro, diferentemente dos aldeamentos do Sertão da Farinha Podre⁴ (Triângulo Mineiro) resultou, em todos os casos, de iniciativas das oligarquias rurais, pela formação de patrimônios religiosos”. No caso de Indianópolis, segundo relato de alguns moradores mais antigos, as capelas eram construídas nas próprias terras dos fazendeiros. Já no Extremo-Oeste Mineiro, como afirma o autor, as capelas eram construídas pela comunidade, em terras doadas pelos próprios fazendeiros, em nome de um Santo qualquer; antes de sua primeira atividade religiosa, a benção do vigário era a atividade mais importante. Segundo Murilo Marx (1991), a benção tratava de um reconhecimento, por parte do Estado e, principalmente, da Igreja, para a legitimação e existência de um povoado.

No caso de Indianópolis, segundo relatos de alguns fazendeiros do município, era muito comum construir-se uma capela ou um cruzeiro na fazenda, como sinal de fé e proteção para esta, onde eram também realizados terços e festas. As capelas maiores, dos povoados ou locais próximos, eram construídas com a doação do terreno, geralmente feita por um fazendeiro qualquer, sendo a construção tarefa executada quase sempre pela comunidade, por intermédio de doações; nesses locais realizavam-se, as grandes festas.

⁴ Existem três versões para o nome “Sertão da Farinha podre”. A primeira seria por estar localizado em uma região, na época, de pouca fertilidade de seus solos. A segunda revela o fato de que, como esta região está localizada no sertão mais interiorano, era comum que as primeiras entradas dos paulistas nestas paragens, deixassem alimentos em certos locais para depois recuperá-los, para o sustento das tropas. Como as distâncias eram enormes e os caminhos difíceis, quase sempre, quando as tropas chegavam nestes pontos de abastecimentos encontravam os alimentos, especialmente um dos viveres mais importantes, que era a farinha, apodrecidos. Assim, tornou-se “Sertão da Farinha Podre”. Porém, existe uma terceira explicação para este nome. Tal alcunha pode estar relacionada a uma região portuguesa, próxima a Trás dos Montes, que seria a matriz deste nome, Farinha Podre. No entanto, ainda não se tem uma versão considerada definitiva para tal denominação.

A capela, além das funções religiosas, era ponto de reunião social. Além dos casamentos e batizados, com frequência serviam de cemitério aos membros das famílias. Desse modo, percebe-se que a efervescência religiosa assegurava a possibilidade de continuidade dos contatos entre vivos e mortos.



Foto 06

Capela do Buriti – foi, no passado, palco de tradicionais festas no meio rural do município de Indianópolis.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Embora se tenha originado de um aldeamento⁵, Indianópolis, de acordo com o depoimento de algumas pessoas mais velhas, adquiriu características próprias, algumas delas também comuns nos arraiais de Minas. Além disso, havia um grande número de povoados, espalhados pela área rural, que eram chamados, pela população, de arraiais. Alguns eram muito movimentados, possuindo muitos moradores, onde sempre havia festas que atraíam gente até mesmo da cidade. Em torno desses povoados, a vida cultural era muito rica; eram

⁵ Aldeamento era um núcleo de população indígena instituído pelo colonizador. Os índios eram capturados, presos e sedentarizados, de forma compulsória ou cooptada pela catequese, e a partir de então eram tutelados pelo colonizador, que teve sua primeira aparição no Planalto do Piratininga, de 1553 em diante (BRANDÃO, 1989).

constituídos, geralmente, por uma capela, um armazém, as casas dos moradores e um campo de futebol, que não podia faltar. Segundo alguns, a vida ali era muito prazerosa.

Há que se ressaltar que a definição de arraial, para os moradores mais antigos do município, não segue os mesmos padrões clássicos e científicos encontrados na literatura a respeito desse assunto. Para esses moradores, arraial era apenas um povoado cujas características políticas, religiosas, de disposição das moradias e de número de habitantes eram encontradas nas pequenas cidades e povoados da região. Outro aspecto a ser considerado é que, nesse contexto, cidade e povoado tinham características muito parecidas.

Portanto, nessas localidades, capela era o lugar de realização das festas, onde o povo rezava fervorosamente; após os terços, havia leilões e, em seguida, os bailes, que duravam a noite toda. O senhor É. P. fala, com saudades, desse tempo:

Tinha muito povoado todos era bão, tinha muita gente, muita alegria, tinha muita festa eu já fui em festa no Parmital, na Lage, no São João, no Buriti, a gente divertia muito, ficava nos baile até de madrugada. Nas festa da capela era sem padre, mas quando ele aparecia pá fazê a festa era um respeito só. No domingo de tarde tinha o jogo de bola e nós arreunia pa jogá ca turma de fora, o povão ficava assistino. Tinha tamém o jogo de truque, reunia um povão danado nesses lugá, o povo era mais unido de que hoje, tudo era divertido. O povo fazia até negócio na festa, trocava até dia de serviço (É. P. Conforme trabalho de campo em 14/10/05)

De acordo com as palavras do senhor É., pode-se perceber o quanto esses povoados eram importantes para a população rural, uma vez que neles desenvolvia-se uma vida cultural intensa.

Em Indianópolis, assim como na maioria dos arraiais mineiros, a identidade religiosa era manifestada através dos encontros religiosos, com rezas e festas em louvor aos santos de devoção, o que promovia a união da comunidade, que participava sempre fervorosamente, intensificando assim o grau de cooperação e reciprocidade e também as relações sociais mais íntimas, como batizados e casamentos.

De acordo com o contexto, Lourenço (2002), afirma que o bairro, além de ser o elemento de união da comunidade, era também o elo de ligação entre esta e o Estado. Neles eram realizadas as mais variadas atividades, como festas, missas, casamentos, batizados etc. O autor propõe, assim, que “Nos batizados, estabelecia-se o parentesco ritual ou compadrio; nos casamentos, o parentesco consanguíneo. Com esses rituais, o grupo da vizinhança ia criando uma consciência de si próprio, reforçando a identidade do bairro” (LOURENÇO, 2002, p. 197).

De acordo com alguns relatos, a capela fazia parte do traçado geográfico do município de Indianópolis, pois estava presente em grande parte das fazendas e povoados, já que era local de encontros da população, que promovia ali a realização das rezas e festas de louvor e agradecimento aos santos de devoção, possibilitando, assim, a união da comunidade e aprofundando as relações de amizade. Dessa forma, as relações de compadrio eram comuns e tiveram grande relevância na composição social do município, uma vez que representavam um elo de ligação muito forte entre as pessoas. A fé religiosa comum possibilitava a ampliação das relações de amizade e companheirismo, uma vez que o compadre era aquele em quem se podia confiar e com quem se podia contar, nas horas difíceis. Era, praticamente, uma pessoa da família, e essas relações, certamente, garantiam a união da comunidade.

Nesse sentido, as relações de compadrio eram sempre bem vindas, sendo quase sempre garantidas pelas famílias numerosas, onde o número de filhos, geralmente, nunca era inferior a cinco; o que não faltava eram os motivos para se conquistarem novos compadres.

O senhor J. D. conta como eram as relações de compadrio e de amizade:

O povo tinha muito cumpade porque todo mundo tinha muito fio e cada fio tinha que tê um padrim de batizado, mas tinha tamém otos tipo de padrim, tinha o padrim de crisma, tinha o padrim de batismo na fogueira de São João, tinha padrim de casamento os afiado tomava bença de todos e todos era cumpade do mesmo jeito. Assim ia aumentano as amizade. Eu tive um cumpade que era um home muito bão, era um cumpade dos mió, não tinha home igual pá sirvi os amigo tudo cocê percisava ele dispunha na hora (J. D. Conforme trabalho de campo, em 15/10/05).

Neste depoimento do senhor J. D., observa-se que as relações de amizade eram fundamentais para o fortalecimento das comunidades rurais.

Outro aspecto importante a ser considerado, sobre a vida no campo, era o caráter social cumprido pela vida religiosa, já que os encontros religiosos funcionavam, para o homem rural, também como elo de ligação, com os amigos e com a comunidade, e serviam para reforçar os laços de amizade, pois aí se estabelecia, também, um alto grau de reciprocidade.

Portanto, a vida no campo sempre teve o seu ritmo próprio a sua dinâmica de trabalho e de produção, criando, com isso, características que são peculiares ao homem do campo, na maneira de agir, de trabalhar, de conversar e de tratar as pessoas, onde a simplicidade esteve sempre presente. Desse modo, eram valores pautados por uma grande religiosidade.

Nessa perspectiva, o senhor A. J. da S. fala, com orgulho, como era vivida a vida na fazenda e exercida a fé religiosa:

A gente levantava bem cedo e ia trabaiaí, fazia todo tipo de sirviço era tudo mais trabaioso, mas o povo tinha mais fé rezava mais do que hoje, sempre tinha terço em casa e nas capela, tinha terço no cruzeiro todo meis. A gente rezava na hora de dormí, rezava na hora de levantá, na quaresma, a gente rezava e respeitava as proibição, no natal sempre tinha muita reza. Missa nós só tinha quando o padre vinha, mas o povo tinha mais religião. O povo era mais amigo, era mais unido, ajudava os amigo e os vizim que precisava, o povo fazia mutirão era tudo na base da amizade, o povo ia nas casa dos vizim e dos amigo, trabaiaava muito mais tinha tempo pa cunversá. As muié tomava conta da casa e os home cuidava da roça, quando tinha festa na capela o povo todo arreunia, era um tempo de mais dificurdade, mais era um tempo bão (A. J. S. Conforme trabalho de campo em 14/10/05).

As palavras do senhor A. retratam bem um tempo em que os valores eram outros, sendo as práticas religiosas muito fortes e as relações pessoais valorizadas.

Como a população do município de Indianópolis vivia, predominantemente, no meio rural, até por volta da década de 1970, sua área urbana era muito pequena e não possuía sequer as infra-estruturas minimamente necessárias para a vida dos que ali moravam. Nesse sentido, a vida na cidade não diferia muito daquela vivida pela população do campo.

Desta forma, Borges (2004), afirma que Indianópolis tinha as mesmas características de um arraial, com acessos difíceis e poucas casas, desenvolvendo-se aí características políticas e religiosas, presentes nos arraiais de Minas, que se mantiveram até o momento de sua emancipação. O que, de acordo com a opinião dos moradores mais velhos, permaneceu por muito tempo, prolongando-se, praticamente, até por volta da década de 1970, quando esses aspectos começam a ser modificados.

De acordo com relatos de alguns dos moradores mais antigos do município de Indianópolis, a cidade era marcada por uma vida pacata e muito companheirismo da comunidade, que se ajudava sempre que era necessário. Embora existissem também atritos e contradições sociais, a religiosidade era a sua característica mais forte, o que garantia a realização de constantes festas, muitas das quais se tornaram tradicionais; algumas permanecem até hoje, apesar das transformações.

Em Indianópolis, assim como na maioria dos povoados mineiros, as relações de vizinhança eram muito fortes, permeadas por algumas características, até certo ponto semelhantes àquelas retratadas por Antônio Cândido em *Parceiros do Rio Bonito*, nas quais, segundo o autor, “As relações de vizinhança constituem, entre a família e o povoado, uma estrutura intermediária que define o universo imediato da vida caipira, e em função da qual se configuram as suas relações sociais básicas” (CÂNDIDO, 2003, p. 77.).

O vizinho, segundo os mais velhos, era aquele que estava sempre próximo, ouvia até os gemidos de dor, nos casos de doença, conhecia a vida, as dificuldades. Esses vizinhos conversavam, constantemente, uns com os outros, e por isso um estava sempre disposto a ajudar o outro.

Desse modo, a cidade de Indianópolis, bem como os povoados de sua área rural, eram locais em que as relações de vizinhança definiam os costumes, principalmente o da reciprocidade na execução das tarefas, com permanentes trocas de favores, assim como o das relações de compadrio, estabelecendo-se aí uma vida praticamente familiar.

É muito comentado, entre os moradores mais antigos do município de Indianópolis, que alguns povoados, como o povoado de Palmital, de São João, de Onças, de Lage, de Posses e do Itambé, tinham muitos moradores e grande parte deles eram parentes. Dizem até que aqueles que não eram parentes eram compadres, portanto, eram comunidades muito unidas, onde as pessoas estavam sempre dispostas a ajudar, quando era preciso. Nesses locais, segundo contam, a vida era bem simples e o povo era muito religioso. As festas das capelas, nesses povoados, eram constantes e muito freqüentadas, não só pelo povo das fazendas, mas também pela população da própria cidade. Embora houvesse muito trabalho na lavoura, o tempo da festa e do divertimento era sempre reservado, intercalando-se, assim, festa e trabalho.

O senhor D. G. dos S. fala das festas e de como era a vida na fazenda:

Na roça tinha sempre muito trabaio e o sirviço era pesado, quando tinha festa o povo tudo ia, a festa era comentada a semana inteira, o povo era religioso, era mais devoto. O maió divertimento era quando tinha a festa, porque a gente rezava, mas tinha sempre o baile que era a maió diversão, nas festa sempre tinha muita comida, muito doce. Vinha muita gente de todo lugá mas por essas banda aqui morava muita gente. Nas festa o povo tudo ajudava. Quando era festa de Santos Reis cada um dava um trenzim, um capado, uma galinha, os que podia mais dava até vaca (D. G. S. Conforme trabalho de campo em 16/10/05).

Pelo depoimento do senhor D., podemos notar que a solidariedade era uma prática comum e que a festa era o momento maior, realizada sempre em devoção a algum santo.

Essa realidade, embora diferente daquela estudada por Lourenço (2002), tem características até certo ponto parecidas, principalmente em relação aos encontros. Para o referido autor, “o deslocamento dominical para os arraiais era feito, preferencialmente, pelos homens. Nas grandes festas, contudo, tinha caráter familiar. As festas eram ocasiões em que as famílias, junto com escravos e agregados, permaneciam por mais tempo no arraial” (Lourenço, op.cit., p 203).

No município de Indianópolis, de acordo com alguns relatos, o movimento nas missas e festas se constituía, geralmente, com a presença da família, pois eram momentos também do divertimento; para os homens havia, além do baile, o jogo de truco e de futebol, sem falar dos negócios que eram realizados, como a venda e troca de animais, a troca de dias de serviço e os acordos para a realização do mutirão.

A realidade investigada por nós guarda alguma semelhança com aquela tratada por Lourenço (2002), onde ele afirma que:

Além dos deveres religiosos, os domingos serviam para a prática do comércio. As festas religiosas eram ocasiões privilegiadas para a mercancia. Dezenas de pessoas acorriam aos arraiais e geralmente, na praça da capela ou matriz, montavam-se as feiras. O calendário religioso misturava-se ao comercial, e os fazendeiros e sitiantes tinham, assim, a ocasião para vender seu excedente e fazer negócios. Compravam dos comerciantes estabelecidos nas vendas os gêneros destinados às fazendas e sítios, que não eram produzidos pela economia local, como tecidos finos, ferragens e, principalmente, o sal (Lourenço, op. cit., p. 205).

Alguns dos moradores mais antigos do município de Indianópolis, que viveram próximos desses povoados, conhecidos pela população local como arraiais, contam que a vida era muito prazerosa e que os armazéns dessas localidades, assim como os da própria cidade, eram chamados de vendas, e forneciam tudo que era consumido nas fazendas, desde chapéu a querosene e sal, sendo estas as mercadorias mais consumidas. Desse modo, tais locais eram muito movimentados, pois atraíam o povo da região onde ficavam situados. Nos dias de maior movimento, havia, sempre, muitos cavalos, que ficavam amarrados por todos os lados, nas cercas, nos postes etc. Pois quase todos iam a cavalo, que era o principal meio de transporte. Normalmente, o jogo de futebol era a principal diversão.

Nesse sentido, os povoados mineiros sempre foram locais muito atrativos para as populações rurais, onde as relações sociais eram intensas.

O senhor A. P. de R. fala, com saudosismo, da vida no meio rural:

No dia de domingo a gente levantava cedo, tirava o leite e depois do armoço a gente ia lá pa venda fazê hora e prusiá depois tinha o jogo de bola que era muito bão. Dia de festa o movimento era muito maió, porque o povo ia pa rezá. O ritmo da vida na roça era diferente, o dia era mais demorado, nas fazenda tinha muito agregado era um tempo mais gostoso, num tinha luxo, o povo num tinha muita ilusão, mas a fartura era grande. O povo tinha muita fé, rezava muito terço e fazia muita novena, tinha muita festa na roça era uma vida sacrificada mais a gente achava bão (A. P. R. Conforme trabalho de campo em 17/10/05).

As palavras do senhor A. mostram como a vida era simples e vivida com grande religiosidade, onde as pessoas viviam intensamente a festa.

Com relação aos locais de construção das capelas em Indianópolis, estes possuíam certa semelhança com aqueles que são tratados por Murilo Marques, em que, segundo o autor, as capelas deveriam ser erigidas em sítios altos, "[...] em lugares decentes, desviado de lugares sujos, livres dos lados de outras edificações, afastadas das demais como candeia posta sobre castiçal, que alumeia todos" (MURILO MARX, 1991, p. 22-23).

Segundo o senhor G., as capelas do município de Indianópolis eram construídas, geralmente, nos lugares mais altos, o que pode ser comprovado visitando-se aquelas que ainda existem. Usavam-se candeias para a iluminação, feitas com pavio de algodão, usando-se o azeite, que as sustentavam acesas, durante o tempo necessário. Embora a maioria dos velórios na zona rural fosse feita na casa do morto, houve casos de serem feitos também nas capelas.

No que diz respeito à importância das capelas, naquele momento histórico, Lourenço (2002, p. 211) afirma que “Todos os terreiros das capelas construídas nessa época tinham dois lados paralelos bem maiores do que os outros dois, formando um retângulo. Isso ocorria porque, em frente ou atrás da igreja, localizava-se o cemitério, reforçando ainda mais o caráter de “campo santo” do adro”. Comenta-se muito, entre os moradores mais antigos da cidade de Indianópolis, que na Igreja de Santana havia um adro fechado, que servia de cemitério para os padres e as famílias mais abastadas. Durante as reformas e restaurações pelas quais a igreja passou, foram encontrados restos de ossos humanos o que, para muitos, confirmaria tal fato. O largo da Igreja possuía forma retangular, que foi modificada em função do crescimento da cidade. Segundo alguns relatos, existia, nessa igreja, imagens de santos e objetos de ouro, que teriam sido roubados. Esses detalhes reforçam a importância da representação do sagrado perante a vida não religiosa, pois morar perto da igreja, ou nela ser enterrado, significava estar mais próximo de Deus, além de mostrar o seu prestígio, na hierarquia social.



Foto 07

Foto à esquerda: Igreja de Santana. Data não identificada.

Acervo do Setor de Cultura da Prefeitura Municipal.

Foto à direita: Igreja de Santana.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

No início dos arraiais e vilas oitocentistas⁶, era comum o terreiro da capela se transformar na praça da matriz. Com isso, as famílias mais abastadas e de maior status construía suas casas em torno da praça, voltada sempre para a igreja. Essa era uma forma de mostrar poder e prestígio social e de estar mais próximo do sagrado (LOURENÇO, 2002).

Já em Indianópolis, a construção da praça e das casas das famílias mais distintas não ocorreu próximo à Igreja de Santana, mas sim em torno da Igreja de Santa Rita, construída mais tarde, que acabou se tornando o centro da cidade, principalmente após a sua constituição como município. A partir de então, este passou a ser o local onde ocorriam e ocorrem, até hoje, as principais festas da cidade.



Foto 08

Foto à esquerda: Igreja de Santa Rita em Construção. Data não identificada.

Acervo do Setor de Cultura da Prefeitura Municipal.

Foto à direita: Igreja de Santa Rita.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

A sociedade indianopolense também era marcada por diferenças sociais que eram claramente perceptíveis nas ocasiões mais importantes, como festas e casamentos, aproximando-se da situação descrita por Lourenço (2002, p., 212), nas quais, segundo esse autor, “os sinais de distinção começavam pelas roupas, quando das missas, casamentos e batizados”. Nesse contexto, há que se ressaltar a profunda desigualdade econômica, embora esta se apresentasse de forma dissimulada na vida diária. Por isso mesmo, havia uma necessidade de se mostrar essa distinção nas ocasiões mais importantes; desse modo, segundo Lourenço, “Mesmo se, no cotidiano, a vestimenta dos homens de prestígio pouco diferisse da

⁶ Termo utilizado para definir a história do Triângulo Mineiro que trata do processo de ocupação dessa região, ocorrido durante o século XVIII.

dos roceiros, naquelas ocasiões os notáveis usavam seus melhores trajes, com seus galeões, espadas, divisas e esporas de prata” (LOURENÇO, 2002, p. 212).

Dentro do contexto mencionado, Saint Hilaire descreveu um fazendeiro goiano chegando a Bonfim, para uma festa religiosa:

Segundo costume adotado pelas pessoas ricas, eles vieram acompanhados por um moleque também a cavalo, o qual trazia ao pescoço um grande copo de prata preso a uma corrente do mesmo metal. As esporas dos homens eram de prata e o canhão de suas botas orlado com aros desse metal. Placas de prata enfeitavam as rédeas dos cavalos, e, finalmente, vê-se um facão com cabo de prata metido no cano de suas botas. Essa exibição de riqueza é comum e, na maioria das vezes, as pessoas que ostentam todo esse luxo quando viaja, a cavalo, ou vão fazer visitas, não têm em casa um único móvel (1975 a, p. 102).

De acordo com o exposto pode-se perceber que, nesse momento histórico, a ostentação da riqueza era um fator extremamente necessário, particularmente nas situações mais importantes, como reuniões sociais e/ou festas religiosas, quando mostrar o poder econômico significava a conquista de prestígio e de status social.

Nesse contexto, segundo o senhor A. P. dos S, as festas religiosas, em Indianópolis, eram sempre ocasião para os rapazes e moças se apresentarem bem vestidos. Muitos dos rapazes que trabalhavam na lavoura, quando chegava a ocasião das melhores festas, como a própria festa de maio (de Maria), dirigiam-se para a cidade de Araguari, para mandar fazer seus ternos nos melhores alfaiates. Para as moças, quando as roupas não eram feitas pelas próprias mães, procuravam-se as melhores costureiras.

Desse modo, Schwarcz (2002) afirma que o Brasil é, historicamente, marcado por uma forte tradição católica. Legitimada como a maior instituição religiosa brasileira, a Igreja Católica sempre exerceu grande influência na vida do país. Manteve, ao longo dos tempos, um forte vínculo com o Estado, seja na estruturação arquitetônica do país, como no gerenciamento do poder, da economia, muitas vezes coniventes com as decisões do poder econômico e político dos portugueses e, mais tarde, com as autoridades brasileiras.

Desde o período colonial, a Igreja Católica era uma instituição submetida ao Estado, pelo regime do padroado. Isto significava, por exemplo, que nenhuma ordem do Papa poderia vigorar no Brasil, sem que fosse aprovada pelo Imperador.

O cristianismo, na Península Ibérica, funcionava como autêntica cristandade, na qual interesses políticos, sociais e econômicos se fundiam com o objetivo especificamente religioso.

Padroado, como a expressão sugere, trata-se de uma proteção, “Tutela” ou “apadrinhamento”. Basicamente, temos aqui uma concessão dos Papas a monarcas considerados “mui Católicos” e profundamente comprometidos com os interesses da Igreja. São investidos de “poderes pontifícios” para administrar, nos seus respectivos territórios, a instituição eclesiástica, promovendo e sustentando as “obras religiosas”. Estabelece-se, assim, um solene compromisso entre o Estado, na pessoa do Rei, e a Santa Sé, tendo em vista a propagação da fé cristã e a consolidação da Igreja.

Em virtude do padroado, criava-se, na realidade, uma total dependência em relação à Coroa. Pelo juramento de fidelidade, todos os eclesiásticos submetiam-se, oficialmente, à autoridade “sagrada”, o Rei. Muitas vezes, o clero tinha de recorrer à corte para ordenar mais padres para as dioceses.

O regime do padroado criou, no Brasil, uma cultura de favores por parte dos “grandes”, em detrimento da luta pelos legítimos direitos dos indivíduos e grupos sociais. Efetivamente, na cristandade colonial, toda a sociedade era estruturada na base de “privilégios” e “compadrio”. No caso do Brasil, o padroado serviu também para que políticos locais, “senhores”, “coronéis” impusessem seus domínios sobre as comunidades católicas, sobretudo àquelas onde não havia padres, para defender seus interesses. Eles indicavam, então, o representante da comunidade que deveria ser o líder religioso, perpetuando, dessa forma, o seu poder.

Segundo alguns relatos no município de Indianópolis, os fazendeiros gozavam, além do prestígio religioso, de muito prestígio político, uma vez que os agregados seguiam sempre seus interesses, votando quase sempre nos candidatos indicados por eles, por meio do chamado “voto de cabresto”. Como já salientamos, as fazendas eram cheias de agregados, e a relação destes com os fazendeiros assegurava e reforçava a existência dessa hierarquia social, em que vários destes últimos se tornaram chefes políticos locais, até mesmo exercendo cargos políticos, como prefeitos e vereadores.

Embora o rompimento da ligação entre Estado e Igreja tenha-se dado ainda no século XIX, não se pode afirmar que ele tenha ocorrido na vida prática, de forma homogênea, em todo o Brasil, uma vez que esse espírito católico ficou arraigado, durante muitos anos, na vida prática e civil dos mineiros. Não foram poucos os coronéis ou fazendeiros que usaram desse expediente para se manterem no poder. Para isso era necessário, apenas, se dizer cristão, temente a Deus e católico, acima de qualquer suspeita. No caso de Minas Gerais e de Indianópolis, até a década de 1980, a religião católica ainda era ensinada, oficialmente, nas escolas públicas. Desse modo, as festas católicas, em Indianópolis, sempre tiveram influências

do poder público e os atos do poder público sempre foram influenciados pela atuação dos católicos.

No que se refere às relações entre o Estado e a Igreja, Cotrim (1987) afirma que tais relações, no Brasil, foram marcadas por momentos difíceis e conflitantes, particularmente na década de 1870. Desde o período colonial, o catolicismo se manteve como a religião oficial do país e o Imperador, por meio de um privilégio concedido pelo Papa, era considerado o protetor da Igreja Católica. Nesse cenário, a Igreja Católica atuava, principalmente, nos pequenos lugarejos, de forma a legitimar o poder público, o qual, nessas localidades, era quase sempre ligado aos interesses dos fazendeiros, que, dessa forma, se perpetuavam no poder. Em Indianópolis, segundo relatos de alguns dos moradores mais antigos da cidade, era muito comum os fazendeiros usarem o poder econômico e o prestígio religioso para se tornarem líderes políticos locais, situação que permaneceu por muito tempo e que ainda se repete, considerando, é claro, os parâmetros da atual realidade, uma vez que os fazendeiros ainda são bastante prestigiados, já que conseguiram eleger o atual prefeito da cidade, que também é fazendeiro.

Nesse contexto, segundo Cotrim (2000), no Brasil, o rompimento entre o Estado e a Igreja se deu no período do Governo Provisório, em 1890, o que tornou a Igreja uma entidade exclusivamente religiosa. No caso de Indianópolis, a separação entre o Estado e a Igreja não impediu que os interesses do poder público continuassem ligados aos interesses religiosos, uma vez que hoje (2006) essa situação ainda ocorre, embora de forma bastante dissimulada, mas que pode ser percebida nos principais acontecimentos políticos, sociais e religiosos do município.

Desse modo, há que se ressaltar a importância do papel desempenhado pela Igreja Católica na sociedade brasileira, já que ela sempre se destacou, não só na vida religiosa, mas também nos atos civis da nação brasileira. Nesta perspectiva, todas as discussões existentes, hoje, sempre têm, como ponto de partida, a postura da Igreja no contexto global da sociedade brasileira, pois, como já foi exposto, desde os tempos coloniais, o catolicismo brasileiro traz a marca das devoções tradicionais dos portugueses. A influência da Igreja, por meio da atuação dos jesuítas, foi preponderante na estruturação do país, durante o chamado ciclo do ouro, em todas as festas civis e políticas. Situação que se perpetuou ao longo dos séculos.

Vale assinalar, como afirma Schwarcz (2002), que a divisão das classes sociais permeava as manifestações do catolicismo colonial, uma vez que não existiam limites entre o público e o privado. Dessa forma, o poder econômico sempre determinava as orientações,

fossem elas políticas, econômicas ou sociais, o que afastava o povo do poder público, perpetuando as péssimas condições de vida da população.

As manifestações religiosas eram concentradas e se davam segundo o próprio poder social e econômico. Muitas destas manifestações (folias de Reis ou do Divino, comemorações juninas, nos pastoris e bumba-meu-boi) tinham conotações profanas, eram relacionadas aos pobres, às comunidades formadas por ex-escravos, índios e parte dos brasileiros que sempre viveram marginalizados.

Por outro lado, algumas festas tinham um caráter de representação mais nobre, o que, no caso de Indianópolis, ocorria durante a realização da festa de maio, que era o momento da comunidade local mostrar seu “*status*”. A escolha dos festeiros se dava respeitando certos critérios que tornou essa escolha bastante elitizada, uma vez que ser festeiro era sinal de prestígio social e, por isso mesmo, a festa acabava ficando concentrada nas mãos das famílias mais poderosas.

Embora sempre tenha existido, no Brasil, um forte elitismo dentro do catolicismo oficial, as práticas do catolicismo popular não desapareceram por completo. O catolicismo do devocionário popular permanece até hoje. Em muitas regiões do Brasil, ainda é praticado, não com conotações culturais, como muitos acreditam, mas como demonstrações da própria religiosidade do povo, que continua resistindo por meio de novos arranjos, que são traçados a cada momento histórico, como forma de o povo exercer a sua fé, driblando as imposições do catolicismo oficial. No caso de Indianópolis esta situação pode ser constatada na festa de Santos Reis, que ocorre todos os anos por meio do encontro de folias, e, embora recriada e readaptada, continua resistindo, assunto este que será tratado no capítulo 3.

Como na história do país, os poderes econômicos, políticos e religiosos tiveram quase sempre os mesmos interesses, dificilmente se colocava em prática o discurso religioso em defesa das classes menos favorecidas, que ficavam quase sempre privadas dos direitos de cidadania, gerando grandes injustiças sociais. Desse modo, as decisões beneficiavam sempre a classe dominante, alijando as classes baixas até mesmo do processo cultural (TEIXEIRA, 1993).

Apesar dessa situação contraditória, há que se ressaltar que o catolicismo popular ou tradicional sempre esteve presente em muitas regiões do país, expressando-se nas folias de Reis ou do Divino, nas celebrações do antigo poder de São Sebastião, nas festas dos santos padroeiros e em diversas outras festas de caráter religioso, apropriadas e comemoradas pelo povo, de forma peculiar.

Em muitas regiões do Triângulo Mineiro, viam-se grandes festas dedicadas a determinados santos. Geralmente, os fazendeiros reuniam os seus agregados, peões e pequenos proprietários, realizando grandes festas. As festas eram sempre iniciadas com alguma manifestação religiosa (terços, missas, procissões, folias de reis, cantorias de músicas religiosas), muitas delas desenvolvidas por senhoras da própria localidade, uma vez que as visitas dos padres eram raras. Depois vinha a segunda parte dos encontros, era sempre a parte mais esperada, pois era regada com uma grande quantidade de bebidas, de comidas e muita dança.

Nas capelas do município de Indianópolis, segundo alguns fazendeiros mais antigos, antes de a cidade passar a ter um padre residente, o padre só visitava as capelas da zona rural uma vez por ano. Dessa forma, quando ele chegava, era sempre muito respeitado. As pessoas falavam baixo, quando se dirigiam a ele era com muito respeito. Tinha gente que pedia a bênção do padre, pois ele era uma figura identificada com o sagrado. O padre que atendia ao município vinha da cidade de Romaria e era necessário buscá-lo, tarefa que ficava sempre para uma comitiva de três ou quatro cavaleiros, que se dirigiam até Romaria para trazê-lo até a capela. Em função dessa ausência de padre, as cerimônias religiosas das festas eram sempre feitas pela própria comunidade e geralmente ficavam a cargo das mulheres, pois eram melhores para rezar do que os homens e sabiam enfeitar os santos e as capelas, mas a fé todos manifestavam, nas rezas e nas promessas aos santos, não esquecendo do divertimento que acompanhava as festas.

Em muitas localidades, as festas dedicadas aos santos duravam semanas inteiras. Estas tinham também as conotações econômicas; ali, eram desenvolvidos leilões de prendas, doadas pelas próprias pessoas das localidades. Os trabalhos eram voluntários, desenvolvidos pela própria comunidade. Os bens arrecadados eram revertidos para a Igreja e/ou alguma obra de caridade.

Para alguns moradores do município de Indianópolis, as festas mais tradicionais e de maior movimento eram as de Maio, a de Santos Reis, e a do Divino, porém outras festas também eram comuns, como a de São João, Santo Antônio, São Pedro, São Sebastião etc. As festas eram sempre motivo para muita comida, muita bebida e também muita reza. A festa de Santos Reis era sempre muito movimentada, atraía sempre muita gente e, depois da comida, vinham os grandiosos bailes ou forrós, como eram chamados por aqui.

Em muitas regiões do Triângulo Mineiro, em determinadas épocas especiais do ano – período do plantio ou da colheita, ou mesmo durante algum acontecimento importante, a manutenção das lavouras (capina), a marcação do gado etc – eram desenvolvidos os mutirões,

os quais mesclavam acontecimentos religiosos com atividades desenvolvidas pela comunidade.

Como se percebe, as comunidades procuravam mesclar atividades religiosas com outros fins, interesses políticos, econômicos, por exemplo. Se, de um lado, toda a comunidade participava, por outro, ficava claro que as festas tinham conotações de poder, o que fortalecia cada vez mais os fazendeiros, os grandes proprietários de terras.

Muitos segmentos da Igreja, até hoje, não aceitam essas manifestações religiosas, considerando-as como exteriorização vazia da fé, expressão da ignorância do povo ou obra de perversão e maldade. A todo custo, estes segmentos da Igreja Católica procuram manter a moderação, o recato, o espírito elitista, tão ao gosto da sociedade burguesa.

De certa forma, em muitas regiões do Triângulo Mineiro, principalmente nas regiões rurais, predomina ainda o catolicismo popular, agora influenciado pelos meios de comunicação, como o rádio e a televisão, ou pelo crescimento do protestantismo.

No caso de Indianópolis, a manifestação do catolicismo popular ainda continua presente, por meio da Festa de Santos Reis, que foi muito tradicional nas fazendas do município e, hoje, ocorre, em grande estilo, na cidade, uma vez que, segundo seus organizadores, vem crescendo a cada ano. Porém, não podemos deixar de ressaltar, aqui, que essa festa, assim como outras, passou por transformações e readaptações, que têm garantido seu sucesso. É bom frisar que, com as modificações ocorridas no campo, a partir da década de 1970, houve um esvaziamento da área rural com a saída de grande parte da sua população, o que provocou também um esvaziamento dessa festa, que foi retomada a partir da última década do século XX, sendo recriada e restabelecida a partir de então. Mas esse assunto, como já observamos, será tratado posteriormente.

1.4. A Religiosidade, as Manifestações Culturais e as Práticas Cotidianas da População e dos Fazendeiros, no Cerrado de Indianópolis

A história do município de Indianópolis está relacionada à grande presença indígena na região do Triângulo Mineiro, ocorrida por meio dos aldeamentos, porém há que se ressaltar que foi a partir da passagem dos bandeirantes nessa região, particularmente naquele município, que ela se constitui verdadeiramente como núcleo urbano. Entretanto, sua emancipação só ocorre no início do século XX, quando começa o processo de mudanças, que vai-se intensificar a partir da década de 1970, com a chegada da agricultura moderna nas áreas de Cerrado.

Porém, para se entender melhor a história do município, é preciso analisá-la no contexto da história do Triângulo Mineiro, que teve a ocupação dos cerrados marcada pela forte presença dos latifúndios, o que facilitou a sua condição de isolamento, devido às grandes distâncias entre suas cidades. Dessa maneira, a passagem dos bandeirantes, nessa região, contribuiu significativamente para o desenvolvimento de um sistema produtivo específico, caracterizado por um modo de vida adaptado ao ambiente dos cerrados (BACELAR, 2003).

Nesse contexto, o cerradeiro triangulino e, particularmente, o indianopolense, foi aos poucos dominando e criando novas técnicas de produção, para garantir a subsistência da família, criando também hábitos alimentares peculiares ao ambiente do cerrado, garantidos pela presença de uma variada possibilidade de alimentação, devido à enorme quantidade e variedade de frutos, raízes e animais.

Nessa perspectiva, há que se ressaltar, como afirma Bacelar (op. cit, p. 69), que “a atual região do Triângulo mineiro recebeu os primeiros contatos exploratórios somente a partir do início do século XVII, por meio dos bandeirantes paulistas”. Nesse sentido, pode-se afirmar que a presença dos bandeirantes paulistas foi de fundamental importância para o desbravamento e a ocupação dessa região.

Desse modo, começam os primeiros contatos entre bandeirantes e sertanistas, que tinham como objetivo a procura de índios para cativo e também descobrir minas de ouro, o que provoca o surgimento do “primeiro núcleo de raça branca de Minas”, a aldeia de Santana do Rio das Velhas (atual Indianópolis), fato este ocorrido na primeira década do século XVII, por meio da catequização indígena, iniciada pelos jesuítas (BACELAR, 2003).

Começa, a partir daí, a história do município de Indianópolis que, além de caminho dos bandeirantes, passa a ser considerado o berço do Triângulo Mineiro, o que foi totalmente

incorporado para a formulação da história oficial do município, produzida pelo poder público, o que pode ser facilmente observado por aqueles que se dirigem à cidade, pois assim que deixam a rodovia BR 365 e fazem o contorno do trevo de acesso à cidade, defrontam-se com uma enorme placa com letras bem destacadas e visíveis: “seja bem vindo ao berço do Triângulo Mineiro”.

É na perspectiva de retratar a história de sua gente que faremos uma análise da sua cultura, das suas tradições e dos seus modos de vida, levando em consideração a religiosidade, sobretudo as práticas dos fazendeiros e da população como um todo, que se mantiveram praticamente inalteradas até por volta da década de 1970, quando então se intensifica o processo de mudanças e desestruturação desse quadro, até então pouco ou quase nada alterado, assunto que trataremos no capítulo 2. Por ora, deter-nos-emos em retratar as nuances do contexto referido.

É necessário entender que as terras predominantes no município de Indianópolis sempre foram os cerrados, o que facilitava o desenvolvimento da pecuária. Por outro lado, as terras apropriadas para a agricultura eram os fundos de vale, chamadas pela população local e pelos fazendeiros de terras de cultura, também abundantes no município, uma vez que este se localiza no vale do rio Araguari, até então conhecido como Rio das Velhas, do qual está situado a menos de dois quilômetros.

Nas conversas estabelecidas com os produtores e fazendeiros, eles foram unânimes em afirmar que o cerrado não era utilizado para a agricultura porque era improdutivo, ou no máximo conseguia produzir alguma coisa somente no primeiro plantio. Daí em diante não produzia mais nada, razão pela qual era utilizado apenas para a criação de gado, que era feita de forma extensiva, sem o uso de técnicas sofisticadas; portanto, de forma econômica, sem grandes gastos, na qual a alimentação do gado estava garantida pelo menos no período das chuvas. O capim gordura, abundante nas terras do município, era suficiente para manter uma boa alimentação para o gado, tendo como resultado uma produção leiteira considerada suficiente para a época, já que era uma atividade econômica barata e satisfatória para garantir o sustento da família, uma vez que a produção era essencialmente de subsistência.

Nesse sentido, o paradigma de produção leiteira do estado de Minas Gerais seria confirmado pelas práticas da pecuária no cerrado, terra predominante no município de Indianópolis. Dessa forma, a pecuária do cerrado se junta à agricultura dos fundos de vale para ditar a forma de ocupação e de produção, nas fazendas e sítios ou pequenas propriedades do município, onde se desenvolvem a cultura e os modos de vida do homem do campo.

Assim, a forma de produção agrícola de Indianópolis se dá com o uso de técnicas inadequadas, como a da queimada que, mesmo sendo barata, acabava por diminuir a fertilidade do solo, mas que fazia parte de um estilo de vida determinado pelas imposições da natureza, no qual a possibilidade de produzir determinava o valor da terra. Por isso, a grande valorização das terras de cultura (fundos de vales) se dava em detrimento das áreas de cerrado, que eram até então consideradas improdutivas, tanto é que segundo vários fazendeiros o cerrado não tinha valor algum. Era comum trocar um alqueire de cultura por três ou, às vezes, até cinco de cerrado. Dessa forma criou-se, nessa região, um mito de que as terras do cerrado eram ruins para a prática da agricultura, pois eram improdutivas. “O Mito de terras improdutivas” se mantém até por volta da década de 1970, quando esse estigma começa a ser rompido.

O senhor M. J. B. descreve como era o tratamento dado ao cerrado:

Antigamente ninguém prantava no cerrado porque ele não dava nada, não tinha adubo e nem maquinário, o chapadão, não tinha valor, só servia pá criá o gado durante uns dois méis. O povo sabia que o cerrado era uma terra fraca por isso ele não tinha valor. Criou valor só depois que chegou as companhia, foi de poucos anos pra cá. Antigamente todo mundo vendia a terra de cerrado baratinho, e depois que as companhia prantou usano o adubo o cerrado vale um dinheirão (M. J. B. Conforme trabalho de campo em 13/10/05).

É necessário ressaltar a existência do mito para entender o estilo de vida do meio rural em que o camponês estabelece seus modos de vida, seus costumes, suas tradições em função daquilo que produz e da forma como produz. No caso de Indianópolis, a pecuária e a agricultura moldaram a maneira de viver do homem rural, que se adaptou ao ambiente do cerrado, criando estilo próprio na culinária, no linguajar, nas roupas, no andar, nas bebidas o que, ao longo do tempo, foi passando por adaptações. Ainda hoje, é comum, principalmente entre os fazendeiros e produtores mais tradicionais do município, comer o frango caipira com quiabo ou guariroba e outras comidas e doces que foram sendo recriadas ou reinventadas no cerrado mineiro.

É importante observar que as potencialidades iniciais da agropecuária no Triângulo Mineiro favoreciam o desenvolvimento de uma forte religiosidade, aqui estabelecida a partir das raízes cristãs trazidas pelos portugueses que, além das pequeninas imagens dos santos de sua devoção, trouxeram um fervor religioso profundo, uma tocante e singela piedade, que, infelizmente, nem sempre se aliava a idéia moral, na vida prática.

Obviamente, desde o início, os interesses dos exploradores se chocavam com a tradição moral e religiosa trazidas de Portugal. Além disso, havia o embate do homem branco com as diversas etnias aqui encontradas e trazidas. No caso de Indianópolis, a presença indígena era muito forte, o que possibilitou inclusive os aldeamentos, promovidos pelos jesuítas. Dessa forma, no Brasil, tudo era permitido, todos os crimes, todos os abusos eram tolerados, desde que os interesses da Igreja, assim como os donativos aos santos, não fossem atingidos.

A concepção religiosa nem sempre correspondia à idéia de moral. Nesse contexto, ergueram-se, rapidamente, em todo o território mineiro, igrejas resultantes do fervor religioso trazido pelos portugueses.

Os costumes e as práticas religiosas, no município de Indianópolis davam-se na medida em que ocorriam as práticas agrícolas. Desse modo, a produção tinha um calendário bem definido, com o trabalho ocorrendo o ano todo, já que, segundo relato de alguns produtores, a preparação da terra acontecia, normalmente, entre os meses de julho e setembro e a colheita, entre abril e junho. Assim, as festas eram intercaladas com as atividades produtivas, sendo também motivo para fazer os pedidos e os agradecimentos e, normalmente, dedicadas a algum santo, tendo como objetivo principal agradecer a produção. Por isso, elas eram cheias de fartura, com muita comida, doces e bebidas.

Dessa forma, o calendário festivo era também muito bem definido, começando com a festa de Santos Reis, que normalmente era no mês de janeiro; a festa de São Sebastião, no mês de abril; a festa da Virgem Maria, no mês de maio, a de São João, no mês de junho, a do Divino e Santana, no mês de julho; e a festa de Romaria, no mês de agosto.

Essas eram as principais festas que faziam parte do calendário festivo do município de Indianópolis, sendo que a festa da Virgem Maria, a de São Sebastião e a do Divino e Santana eram realizadas na cidade, com a presença maciça dos produtores, dos fazendeiros e das populações rurais, que se deslocavam para acompanhá-las. Contam os fazendeiros que era muito comum construírem-se barracas nos quintais, geralmente cedidos por parentes ou amigos, onde ficavam durante os dias de festa, pois vinha muita gente da roça. Como não tinham casa para ficar, hospedavam-se nessas barracas, particularmente durante a festa de Maria ou festa de Maio, como era chamada, e que, de acordo com os relatos, era muito parecida com a festa de Romaria, pois vinha gente de longe para assisti-la e as barraquinhas dos vendedores ambulantes tomavam conta da cidade. Da mesma forma agiam durante a festa conjunta do Divino e Senhora Santana, muito parecida com a festa de maio, sendo também prestigiada por gente que vinha de longe.



Foto 09

Festa do Divino e Santana, da década de 1940, até então a mais tradicional da cidade.
Foto acervo do Sr. M. A. da S.

Segundo alguns fazendeiros, essas festas eram momentos muito esperados. Os deslocamentos das famílias eram feitos em carro de boi. As barracas, para o abrigo das famílias, eram feitas de lona, com madeiras que eram cortadas e trazidas do mato; a água não era problema, pois a cidade era cortada por regos d'água, então abundantes na cidade.

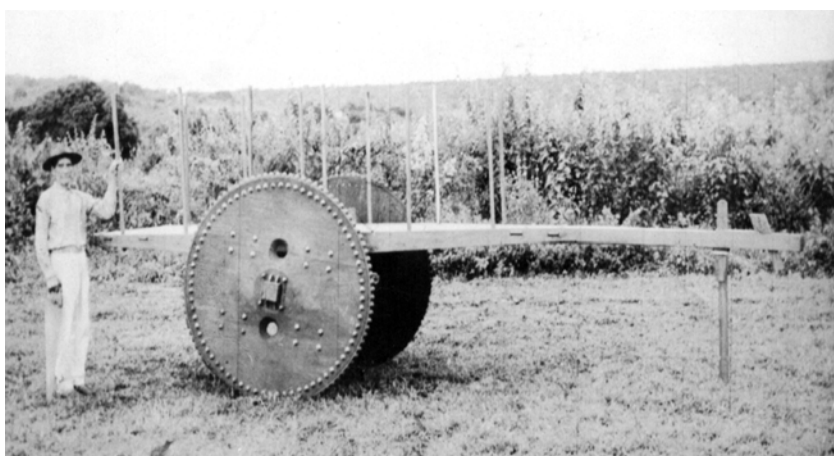


Foto 10

Carro de Bois meio de transporte muito utilizado no município de Indianópolis até o final da década de 1960.
Foto acervo do Setor de Cultura da Prefeitura Municipal.

Outra festa que também fazia parte do calendário festivo dos fazendeiros e da população, de forma geral, era a festa de Romaria, na época, Água Suja, para onde grande parte deles se dirigia todos os anos, costume que é mantido por alguns, até hoje. O transporte para a cidade de Romaria era feito em carro de boi. Muitos iam em comitiva, com vários carros saindo juntos; o ponto de parada era no Santa Fé, uma fazenda utilizada como local de pouso e descanso onde, segundo alguns, juntavam-se até trinta ou quarenta carros de boi. Ali, as pessoas conversavam, contavam “causos”, cantavam e tocavam sanfona, até de madrugada.

Era muito divertido e prazeroso. No dia seguinte, davam continuidade à viagem até Romaria. A saída de Indianópolis para essa festa dava-se, normalmente, entre o dia seis e onze de agosto.

O senhor D. B. descreve como era participar das festas:

A melhor festa que tinha na região era a de Romaria , nós ia todo ano de carro de boi, mais nós preparava os trem de comê um mês antes da festa, fazia muita quitanda, muitos doce. Tordava o carro de boi com couro e apertava bastante que era para ele cantá e ai ele saía cantano, a gente saía de madrugada, e passava a noite no santa fé contava causo tocava sanfona e cabava de chegá no outro dia. A gente saía no dia nove de Agosto e só vortava no dia dezesseis. Já chegava tirava a torda e rezava pá agradecê e pedia pá senhora da Abadia pá vorta no ano que vem (D, B. Conforme trabalho de campo em 15/10/05).

Portanto, tiravam alguns dias para se dedicarem à festa. Da mesma forma que na festa de Romaria, também durante a festa de Maio e a do Divino e Santana, ficavam alguns dias na cidade de Indianópolis, para vivenciá-las, sem contar com as festas que eram realizadas na área rural, como a Festa de Reis e a de São João, que tinham o seu momento reservado na vida do homem rural.

Desse modo, podemos perceber que a festa fazia parte da tradição do povo, que guardava na memória os momentos ali vividos, marcados pela simplicidade, pelo contato direto com a natureza, onde as pessoas disponibilizavam seu tempo para vivenciar a sua religiosidade, a qual era, também, um elo de ligação entre elas, que se concretizava com a realização da festa. Nesse sentido, considerando a importância da festa como ato de realização e comemoração humana, Brandão (2001, p. 17), afirma que “a festa quer lembrar; ela quer ser a memória do que os homens teimam em esquecer – e não devem – fora dela. Séria e necessária, a festa apenas quer brincar com o sentido e o sentimento. E não existe nada mais gratuito e urgentemente humano do que exatamente isto”.

De acordo com o contexto mencionado, pode-se perceber que a festa, além de tradição, era uma forma de estreitamento das relações sociais, fortalecendo também os laços comunitários. Nessa perspectiva, Brandão aborda o sentimento que a festa provoca no homem:

Possivelmente mais humana do que o próprio trabalho, a festa não quer mais do que essa contida gramática de exageros com que os homens possam tocar as dimensões mais ocultas de sua própria difícil realidade. Generoso espelho do ser mais denso do homem, eis que a festa o revela, de tão fantasiado, posto a nu como nunca (BRANDÃO, 2001 p 16-17).

Nesse sentido, a festa, além de ser uma ligação entre o homem e o sagrado, representava, naquele momento histórico, mais do que um rompimento com a rotina, reencontros, exteriorizando sentimentos e revivendo lembranças. Desse modo, a festa sempre foi alegria e comemoração, além do encontro com o santo de devoção.

Sevcenko (2002, p.82) afirma que “[...] Originadas das devoções aos santos, as festas pontuavam os momentos em que as graças recebidas seriam contempladas e as promessas, cumpridas, marcando ocasiões de relações intergrupais, promovendo, dessa forma, o fortalecimento e a união da comunidade”. Como a festa se repetia todos os anos, de acordo com o calendário festivo, tornou-se um ritual que unia e fortalecia os laços entre as pessoas. Por isso mesmo, era muito comum a festa fazer parte dos costumes e das tradições das populações rurais.

Certamente, as festas que eram realizadas no município de Indianópolis cumpriam uma função social, fazendo com que as pessoas estivessem sempre se reunindo e se preparando para elas, pois, além de ser o momento de relaxamento e fuga do trabalho, era a representação do mundo religioso, que aproxima as pessoas do sagrado.

O senhor J. J. N. descreve como era a religiosidade e a participação nas festas:

Perto da nossa casa tinha um cruzeiro que tá lá até hoje, era usado po povo rezá quando fartava a chuva e sempre rezava terço o povo rezava muito e tinha muita fé, naquele tempo tinha muita festa e o povo gostava de rezá de participá, na capela do buriti o padre vinha só uma veis por ano, a gente tinha que ir de cavalo. Tinha também as festa de Santos Reis e de São João e também quando tinha casamento na roça era uma festa das mió, toda festa de Reis tinha muita comida muito doce, muita fartura. A festa de Maio nós sempre ia, na festa de Romaria todos vizim ia, o povo sempre gostava de festa, mas as festa era tudo boa, hoje mudô muito (J.J.N. Conforme trabalho de campo em 14/10/05)

Conforme o exposto, observa-se que as festas que faziam parte do calendário festivo de Indianópolis, embora tivessem um caráter rural, com grande participação do homem do campo, não eram todas realizadas propriamente na área rural, pois algumas aconteciam na cidade, além da festa de Romaria, que ocorria na cidade de Romaria, mas que sempre fez parte desse calendário. Desse modo, era necessário, muitas vezes, o deslocamento, sendo preciso também deixar de lado as tarefas diárias, para acompanhar a festa. Isso significa que também procuravam levar as tarefas de tal forma que, na época da festa, elas pudessem ser aliviadas.

Dessa forma, as festas mais tradicionais, realizadas no campo, davam-se em decorrência de uma prática antiga, oriunda de tradições e costumes importantes do passado,

como a própria Festa de Santos Reis e a festa de São João que, segundo alguns fazendeiros mais velhos, tinham características parecidas, como o oferecimento de comida e a realização do baile. A religiosidade e a fé garantiam a participação e a união das comunidades rurais, o que é reforçado pelos depoimentos que afirmam que todos gostavam de ajudar e que existia mais união.

Nesse contexto, as festas rurais do município de Indianópolis acabavam criando autonomia para a própria comunidade, que sempre se unia para fazer a festa, uma vez que as cerimônias religiosas geralmente eram realizadas pelos fiéis, que cuidavam da reza e dos cantos, já que normalmente não se contava com a presença do padre. Eram os próprios devotos os encarregados de dirigir toda a cerimônia religiosa e montar toda a estrutura necessária para a concretização da festa, reforçando, assim, o seu caráter popular.

No meio rural, os grupos exerciam sua religiosidade relacionada sempre a um santo de devoção, fazendo com que o relacionamento com o santo fosse mantido por um profundo respeito e com certa intimidade. Dessa forma, estavam sempre presentes, por toda a casa, e com eles as pessoas podiam conversar, mantendo uma intimidade física com os símbolos e elementos do sagrado (SEVCENKO, 2002.).

Nascida no sertão da Farinha Podre, Indianópolis se constitui a partir da agropecuária. Dessa forma, a prática da agricultura e das festas, certamente, foram transmitidas através de gerações, o que explicaria, em parte, os hábitos, os costumes, e as tradições culturais de sua população.

Os habitantes das áreas rurais do município de Indianópolis sempre tiveram sua história de vida ligada à terra, especialmente à agricultura, sendo, portanto, descendentes de camponeses e fazendeiros que se dedicavam à agricultura e à pecuária. Os encontros dessas populações sempre se deram por meio do trabalho comum e também das festas que concretizavam a sua união. Os encontros religiosos, nesse sentido, reforçavam as crenças comuns, revigorando sua fé. A fé comum e a necessidade de pedir ou agradecer as graças sempre prevaleceram, daí a realização das festas.

As festas, nessa região, sempre foram importantes como forma de encontro e de solidificação da união das populações rurais, que se dava no trabalho comum de preparativos para a festa. Daí a importância da participação da comunidade na organização e na preparação dos festejos.

Dona A. C. de R. narra como era a vida e as festas na fazenda:

De noite não tinha luz a gente usava a lamparina e tinha que saí matano os barbeiro. Todo dia meu pai rezava um terço com os fios, nós era sete irmão cada dia um rezava um mistério, quem ficava sem rezá num dia rezava no oto. O nosso divertimento era o dia de festa ou de levantá santo, São João e S. Pedro, nós rezava e depois tinha a janta e o doce po povo. Como não tinha padre era os vizim que ajudava a fazê a festa e também rezá arreunia todos vizim, o povo tinha fé e muita amizade. As muié trabaiva muito, socava arroiz no monjolo, tirava a casca do café também no monjolo, fazia farinha de mandioca, ralava a mandioca com as mão, punha no sol pá secá e depois torrava no forno do fogão de lenha. As roupa nós esfregava era com o sabuco do milho. Na porta da nossa fazenda tinha um cruzeiro que meu pai falava que era pá protegê a fazenda (A.C.R. Conforme trabalho de campo em 19/11/05).

É importante ressaltar que as festas, principalmente as mais importantes, eram sempre realizadas pela comunidade, onde as pessoas doavam seu trabalho, que era feito de forma coletiva, numa espécie de mutirão, no qual o trabalho pesado era feito pelos homens. Contam os mais velhos que era muito comum ter que preparar o local da festa, o que era feito, normalmente, utilizando madeira, folha de babaçu, bambus e capim. Todo o trabalho era realizado com o uso de instrumentos manuais, como o machado para o corte da madeira, o facão e a foice para o corte das folhas de babaçu, do capim e do bambu. Para o transporte utilizava-se o carro de boi. Esse trabalho, além de pesado, era demorado, estendendo-se, muitas vezes, por vários dias e as pessoas tinham prazer de ajudar, sem contar, que era muito comum os mais devotos fazerem votos para prestar ajuda. Quando se tratava de preparar comida, como na festa de Santos Reis, matavam-se vaca, porco e galinha, fazia-se muita quitanda, muito doce, enfim, muita comida. O trabalho coletivo e a ajuda da comunidade eram garantia do sucesso dessas festas.

Nesse sentido, podemos perceber que o trabalho coletivo era praticamente uma cultura nas fazendas e povoados do município de Indianópolis, por isso mesmo as festas eram muito esperadas e comentadas. Essa cultura do trabalho coletivo foi muito usada no cerrado mineiro por meio dos mutirões que foram, em larga medida, utilizados em Indianópolis, dos quais falaremos, oportunamente.

Tendo como base de suas atividades econômicas a agropecuária, principalmente para a sobrevivência, a população indianopolense vivia, em sua maioria, no campo e nos pequenos povoados que, segundo relatos de pessoas mais velhas, tinham mais gente do que dentro da própria cidade; isso mostra que a população rural, até por volta da década de 1970, era bem expressiva.

As atividades da agropecuária eram praticadas de forma simples e rudimentar, logo, trabalhosa e demorada, exigindo grande esforço físico e ajuda familiar. Desta forma, o

crescimento da família era sempre bem vindo, tornando-se, muitas vezes, até mesmo motivo para festa. Conta-se que os filhos nasciam com o trabalho das parteiras, que exerciam as funções médicas. Nesse tempo só existia parto normal e ocorria, muitas vezes, da criança ou a própria mãe morrer durante o trabalho de parto. A chegada de um novo filho também mobilizava toda a família, era a oportunidade de celebrar o desdobramento do grupo familiar. Quando terminava o parto e a notícia do sexo chegava, afirmando que era filho “homem”, os pais comemoravam soltando fogos de artifícios e, muitos, até bebendo com os amigos, para comemorar. As mulheres não eram tão bem recebidas, pois, além de não representar força de trabalho, exigiam mais zelo na sua criação, e o machismo estava impregnado na cabeça dos homens.

Sendo a agropecuária a base da sobrevivência do homem rural, o campo era o cenário da produção, desenvolvendo-se, aí, uma importante produção camponesa. No campo, a vida cultural era também muito rica, com encontros noturnos para longas conversas, a realização do mutirão para o trabalho na lavoura, o qual acabava se transformando em longas festas que terminavam, muitas vezes, com a realização de um baile festivo. As festas religiosas, nas quais se encontravam para rezar e também conversar, o encontro nas missas de domingo, o jogo de futebol, que geralmente era marcado nos locais das festas, o jogo de truco, o leite que era tirado e tomado quentinho no curral, os longos e divertidos bailes, que eram locais de encontro, e também paquera, os encontros para matar o porco e preparar sua carne, que geralmente eram distribuídas com quem ajudava e com os vizinhos, ato que garantia o suprimento alimentar de carne praticamente o ano inteiro, uma vez que essas gentilezas eram uma espécie de troca que ocorria, regularmente, entre eles. As reuniões femininas para fazer o polvilho, de onde saíam deliciosos pães-de-queijo e o “mané-pelado”, que eram muito apreciados, enfim, um universo muito amplo de atividades e manifestações de solidariedade, que geralmente eram muito prazerosas e se baseavam no princípio da reciprocidade. A obra de Antônio Cândido (2003) retrata uma realidade do interior paulista, embora em um contexto bastante específico, a ajuda mútua se dava com certa semelhança ao que ocorria em Indianópolis.

Em *Parceiros do Rio Bonito*, Antônio Cândido fala de como se dava a questão da reciprocidade entre os caipiras, o que também pode ser observado no município de Indianópolis, já que essa reciprocidade ocorria, até certo ponto, de forma semelhante à da região retratada pelo autor:

A necessidade de ajuda, imposta pela técnica agrícola e a sua retribuição automática, determinava a formação duma rede ampla de relações, ligando uns aos outros os habitantes do grupo de vizinhança e contribuindo para a sua unidade estrutural e funcional. Este carácter por assim dizer inevitável da solidariedade aparece talvez ainda mais claramente nas formas espontâneas de auxílio vicinal coletivo (CÂNDIDO, 2003, p.89).

As trocas de gentileza, além de se transformarem em gestos de solidariedade, garantiam o cumprimento de determinadas tarefas que eram praticamente impossíveis de serem cumpridas apenas pela família. Estabeleciam-se, também as trocas de produtos que supriam as necessidades de alimentação familiar.

Nesse contexto, o senhor J. A. F. descreve como eram os costumes e como se davam as relações que eram baseadas na amizade e na solidariedade:

Antigamente a gente vivia era na base da amizade, trabaiava era na breganha de dia de serviço, podia ajudá os amigo que não atrapaiava, quando fazia um mutirão aparecia mais de cem home pá trabaiá, hoje é tudo apertado. De primeiro quando a gente matava um capado repartia com os vizim, mas quando o vizim matava a gente também ganhava. O povo num tinha ilusão, mas sobrava tempo pá conversá, porque quando coía munia a casa de mantimento. As coisa que a gente comia tinha tudo na roça, a gente não comprava quase nada, tinha o arroiz, a galinha, o capado, quase toda fazenda tinha um engenho pá fazê as rapadura. O povo era mais religioso, rezava muito terço fazia muita festa. Quando tinha mandioca as muié arreunia pá fazê o porvio, o capado quando nós matava era sapecado nas paia de bananeira, tudo era mais custoso, mas a gente achava bão (J.A.F. Conforme trabalho de campo em 11/10/05).

Porém, nesse cenário, onde a sobrevivência era a questão mais imediata, as relações pessoais ultrapassavam os limites das relações trabalhistas, onde grande parte dos pequenos produtores, sitiantes e trabalhadores que não possuíam terras utilizavam o sistema de parceria, produzindo em terras cedidas pelos maiores fazendeiros. Esse sistema funcionava, muitas vezes, com o fazendeiro fornecendo, além das terras, os animais e os instrumentos usados na produção, como os bois, o arado manual, a carpideira etc. O acerto, geralmente, era feito no final e, normalmente, não envolvia o uso de dinheiro, uma vez que era feito com parte da produção, após serem descontadas as despesas. Terminada a colheita e realizado o acerto, era tirado aquilo que era previsto para o gasto do ano inteiro e somente o restante era vendido, muitas vezes, para o próprio fazendeiro, ou então na cidade de Araguari, para a qual o transporte era feito de carro de boi.



Foto 11

Carro de bois transportando a produção da lavoura para a cidade, na década de 1950.
Foto acervo do Sr. A. A. R.

As parcerias foram bastante utilizadas entre os fazendeiros e os trabalhadores que não tinham terras em Indianópolis e, durante muito tempo, foram a base da produção no município, possuindo certa semelhança com a realidade do interior paulista estudada por Cândido (2003). Segundo esse autor, o sistema de parceria era uma alternativa utilizada pelos grandes e médios proprietários, uma vez que a terra não era suficiente para suprir as suas necessidades, sendo utilizada, também, pelos pequenos produtores e trabalhadores, que garantiam, com esse sistema, a sobrevivência da família.

Baseado nessas relações de trabalho, que criavam laços entre parceiros e fazendeiros, o sistema de parceria, em Indianópolis, supria as necessidades da produção, já que o dinheiro era muito escasso. Dessa forma, era uma relação bem vista e desejada, tanto por parceiros quanto por fazendeiros, e o senhor D. F. de O. relata como se davam essas relações:

Na minha fazenda, tinha muito meeiro, principalmente na época do meu sogro, tinha mais de setenta famílias que moravam aqui, depois que eu peguei a fazenda já diminuiu. Aqui eu preparava a terra e entregava também o veneno (aldrim), e o sujeito tocava a lavoura e pagava a meia, só o feijão que era trinta por cento, eu anotava tudo numa caderneta e depois no final acertava com os produtor. Era um relacionamento de amigo produtor e fazendeiro era unidos. Os meeiros eram pobres, mas não tinha miséria. Tinha o arroz, o feijão, a galinha, tinha muita fartura. Era uma vida bem controladinha, eles tinham seus cavalos, tudo que produziam no quintal era deles. Tudo acabou virando nosso compadre. Outra coisa que era diferente era a fé do povo que era mais religioso, os pais ensinavam os filhos a rezar, isso unia mais a família. Na minha casa a minha mãe ensinava a gente rezar, antes de dormir a gente tinha de rezar e na hora de levantar a gente também rezava, quando faltava chuva, a gente rezava no pé do cruzeiro (D.F.O. Conforme trabalho de campo em 22/02/06).

De acordo com as palavras do senhor D F., podemos constatar que havia algo além de simples relações trabalhistas entre parceiros e fazendeiro, que garantia o suprimento das necessidades de ambos em relação à produção, e também criava vínculos de amizade e companheirismo traduzidos, muitas vezes, nas relações de compadrio.



Foto 12

Vista externa e interna da Fazenda Registro Local, onde foram vividas intensas relações de parceria, chegando a contar com mais de setenta famílias de moradores. Ainda conserva sua arrojada arquitetura; mostrando seu proprietário D. F.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2006.

Realizados os acertos após a colheita, muitos tinham necessidade de vender a sobra para apurar algum dinheiro; como o transporte era o carro de boi e a comercialização era feita em outras cidades, surgiu um tipo de comércio muito específico. Conta-se que existiam comerciantes, donos de armazéns especializados nesse negócio de transportar e vender a produção, como o senhor Urias, que fazia o transporte da produção de Indianópolis para a cidade de Araguari, trazendo, de lá, mercadorias que eram usadas pelos produtores, como o sal, o querosene e o pano de bater arroz.

Os negócios eram feitos baseados nas palavras de cada um; o que era combinado normalmente era cumprido. As pessoas eram sinceras e honestas. As compras nas cidades eram mínimas. Comprava-se apenas o necessário, uma vez que existia a figura do mascate (vendedor ambulante), que trazia as mercadorias pouco comuns na cidade de Indianópolis e, normalmente, tinham uma regularidade de fornecimento, pois passavam constantemente, indo

de casa em casa mostrar as mercadorias aos clientes. Quase não existia luxo, porém tinha-se muita fartura, que era o grande orgulho das pessoas. Conta-se que era comum, em épocas como a de Natal, alguns fazendeiros mais abastados oferecerem comida para toda a população da cidade. Segundo os mais velhos, a vida era mais simples, porque o povo não tinha ilusão, era uma vida boa, o povo não tinha preocupação, trabalhava só para se alimentar. A grande maioria dos contactados culpa a televisão pelas mudanças ocorridas.

As relações entre as pessoas eram fundamentadas nas relações de confiança; bastava a palavra para a garantia dos negócios realizados, pois existia um costume muito importante, o da “Credibilidade”, que assegurava a continuidade dessas relações.

O senhor J. A. P. descreve como era a relação entre as pessoas nesse tempo:

O povo antigamente era mais de confiança era mais honesto cumpria os trato, tinha um povo muito religioso. Nas capela tinha muita festa. O povo era mais unido, a gente saia pá passιά nas casa dos vizim, dos amigos, todo mundo tratava as pessoa bem. Nas fazenda tinha muito agregado e era tudo amigo dos fazendeiro. O tempo andava mais de vagá o dia era mais cumprido, porque a gente vivia no serviço, mais o povo tinha tempo pá passιά pá conversá, o povo conhecia mió uns os otos, tinha mais amizade. Hoje o povo só vai na casa dos otos na hora que precisa, conversa só por precisão. O povo antigo tinha mais fé, nas festas tinha muita união, muita conversa, até o divertimento era mió, o jogo de bola, o jogo de truque, tudo a gente achava mió (J.A.P. Conforme trabalho de campo em 11/10/05).

De acordo com as palavras do senhor J. A., podemos perceber que os costumes eram diferentes, marcados pela união entre as pessoas.

A produção no município de Indianópolis, como já afirmamos, era feita utilizando técnicas rudimentares, como a da queimada, a qual, mesmo diminuindo a fertilidade do solo, representava economia de trabalho. Nos roçados, utilizavam-se as ferramentas manuais, como a enxada, enxadões, foices, cutelo, machado, plantadeiras (matraca) e o arado de tração animal. Dessa forma, o processo de produção era vagaroso, por sinal, muito demorado, tendo como resultado quase que somente o necessário para a sobrevivência. Isto possibilitava às pessoas um modo específico de vida e de manifestações que eram próprios desse tempo.

O senhor J. O. de S. F., descreve, com orgulho, esse tempo:

A vida era apertada mas sobrava tempo pá passιά e conversá. O peão trabaiava o dia inteiro de sol a sol pá ganhá quinhentos réis ou um litro de banha, ou meia quarta de arroz. O arroz era socado no pilão, a comida era feita no fogão de lenha pá ir na cidade era aquela dificurdade, não tinha carro. Nós não prantava no cerrado porque ele era fraco, não tinha adubo, nós só prantava na cultura, o cerrado não tinha valor. Os fazendeiro mexia

era com o arroz, o feijão, com o milho e com o leite. As fazenda tinha agregado e eles tinha roça era um farturão, todo mundo criava galinha e porco no quintal. O povo tinha mais religião, mais fé, reunia sempre pá rezá terço, na minha casa ainda reza terço até hoje. A gente arava a terra com o arado puxado pelos boi, quando chegava setembro já tinha que prepará a terra pá prantá, quando a saracura preta passava voano pá riba e pra baixo nós já sabia que ia chuvê, a cachoeira urrava bem alto. A gente levantava bem cedinho, antes do sol nasce, o trabaio era pesado, o dia passava bem devagarinho. Nós prantava a meia com o dono da terra. Nós trocava dia de serviço com os outros, as veis também tinha o mutirão e quando acabava o serviço, tinha a festa onde reunia todo mundo pá dançá e conversá. A gente prantava também o agudão pá fazê a roupa e a cana pá fazê a rapadura e o açúcar (J.O.S.F. Conforme trabalho de campo em 08/10/05).

As palavras do senhor J. O. mostram como eram as características da vida naquele tempo, onde o ritmo era determinado pela lentidão no preparo da terra, que era feito com os animais, os quais determinavam, também, a velocidade do trabalho. Podemos perceber como a natureza tinha uma importância fundamental no modo de vida em que o trabalho tinha seu valor reconhecido e recompensado quase sempre na festa.

Esse tempo, apesar das contradições sociais e da exploração do trabalhador pelos fazendeiros, era marcado pelas imposições da natureza e pela lentidão de um trabalho que era muito pesado, mas também prazeroso para o camponês de Indianópolis, onde predominava a simplicidade que é descrita, de forma bastante elucidativa, por Guimarães Rosa (1984), onde o autor mostra um retrato desse tempo, com seus personagens sertanejos, que viviam “devagarinho”, como Miguilim:

O pai estava à capinando, um sol batia na enxada, relumiava. Pai estava suado, gostava de ver Miguilim chegando com a comida do almoço. Tudo estava direitim, direito. Pai não ralhava. Se sentava no toco, para principiar a comer. Miguilim sentava perto, no capim. Gostava do pai, gostava até pelo barulhinho d’ele comendo o de comer. Pai comia e não conversava. Miguilim olhava. A roça era um lugarzinho descansado, bonito, cercado com uma cerquinha de varas, móde os bichos que estragam. Mas muitas borboletas voavam. A fincada na cerca tinha uma caveira inteira a gente poder andar devagarinho, miudinho sem ter que se preocupar com coisa alguma (ROSA, 1984. p 69).

Esse tempo era determinado pelo ciclo da natureza e o homem era dono do seu próprio tempo, podia respeitar o ritmo imposto por ela.

O senhor J. B. de R. nos conta que a vida era bem diferente dos dias de hoje, e mesmo com todas as dificuldades, era mais prazerosa. Não tinha luz elétrica, era tudo na base da lamparina. Levantava-se bem cedo, por volta de quatro e meia da madrugada, e ia-se cuidar das coisas da fazenda. Iniciava-se tirando o leite, do qual se fazia o queijo e o doce de leite,

depois ia-se preparar a terra para o plantio, começando por pegar os animais e prepará-los para o trabalho. Primeiro preparava-se o cavalo, que era arreado, em seguida os bois eram cangados, e logo começava a labuta. Arava-se até o horário do almoço, então descansava-se os bois. O almoço era às nove horas da manhã, de meio dia a uma hora era o horário do lanche, às duas e meia ou três da tarde servia-se o jantar, depois quando chegava em casa, por volta das oito horas da noite, tinha um lanche.

O preparo da terra consistia em arrancar as árvores com o enxadão e arrastá-las com os bois, depois colocar fogo; em seguida, arava-se a terra, passando a picadeira, e depois nivelava. Tudo era feito trabalhando com os bois e, quando a terra estava preparada, era só esperar a chuva; e se ela demorasse, ia todo mundo para o cruzeiro, rezar. Geralmente, os vizinhos se reuniam para fazer a reza. A colheita era guardada dentro de casa, depois de tirar o que se gastaria durante o ano vendia-se o resto, que era chamado de sobra.

As roupas eram compradas uma vez por ano. Comprava-se uma peça de americano, da qual se fazia roupa para toda a família. As outras compras eram ferramentas, como a foice, a enxada, o machado, o enxadão, e também o querosene para acender as lamparinas e o sal para tratar do gado.

Na fazenda, tinha a festa de Santos Reis, que era sempre cheia de fartura, com muita comida, muito doce. Era a festa mais tradicional das fazendas e, depois da festa, tinha o baile que, geralmente, durava a noite toda.

O movimento da cidade de Indianópolis era o vaivém no centro. Como não tinha a praça, rapazes e moças ficavam passeando e ouvindo as músicas que eram tocadas em um alto-falante que ficava amarrado em um poste de madeira. Isso só podia durar até as onze horas da noite.

O tempo parecia mais lento e todos tinham tempo para ir à casa do vizinho, as pessoas eram muito religiosas; na igreja as mulheres rezavam de véu, elas ficavam de um lado e os homens do outro, as pessoas tinham mais fé. O namoro, quando era em casa, os rapazes tinham que ficar do lado de fora da porta e a moça do lado de dentro, sempre com alguém por perto. Quando morria alguém, tinha o luto que era respeitado, o caixão era feito na fazenda mesmo e era carregado no bangüê (J.B.R, Conforme trabalho de campo em 12/10/05).

Portanto, a vida na fazenda obedecia a um ritmo bem próprio, em que a produção era feita para a subsistência e, de certa forma, gerava também uma produção que era feita de maneira artesanal, e que tinha outros significados e valores que afirmavam e reforçavam o modo de vida daquele momento histórico.



Foto 13

Fazenda Capão dos Porcos – ainda conserva sua arquitetura original, com uma enorme bica d’água na porta da cozinha, o porão, onde são guardados instrumentos e materiais de lidar com os animais e o paiol, ainda bastante conservado. Nessa fazenda a vida tinha um ritmo lento. Proprietário. D. de M. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

A criação do gado era feita de maneira extensiva e bem simples; o seu transporte de uma localidade para outra era feito por tropas de boiadeiros, que iam a cavalo, tocando o gado pelos caminhos. Isto podia durar vários dias; suas paradas para dormir e descansar eram os momentos em que contavam “causos” e cantavam músicas à beira das fogueiras, que eram acesas nos pontos de parada, o que tornava as noites menos longas e mais alegres e fazia com que aliviasse um pouco a saudade dos familiares que ficavam em casa; trocavam prosa durante longas horas, falando de suas aventuras.

O senhor. M P. B. descreve as superstições e como era a maneira de lidar com o gado:

O povo acreditava muito no mau oiado, que era chamado de oi gordo, quem tinha o oi ruim não podia oiá pás pranta e nem pás criação que elas morria, o povo falava também que tinha feitiço quando o capeta possuía uma pessoa. Quando a mulher ganhava nenê, no sétimo dia tinha que ficá trancado sem recebê visita e nem claridade, isso era chamado de mal de sete dias. O gado

a gente cuidava diferente de hoje, a gente só dava o sal não tinha caminhão pá transporta e nem as coisa moderna de tratá das vaca. As vaca era criada sorta no pasto natural, não existia nenhum cuidado com o gado, não tinha que dá remédio. O transporte era feito de cavalo por uma comitiva que ia tocano a boiada, a saída era sempre de madrugada, o gado era levado pá otas fazenda ou pos frigorífico da região, principalmente o frigorífico Alteza de Araguari, nós pegava o gado no pasto e punha uma pessoa na guia para ele não dispersá, era distribuído em lote de cem cabeça, a gente pegava a matula, quando caía a tarde nós colocava o gado no pouso, a gente dormia nas capa do baxeiro de colocá no cavalo, fazia a janta depois ia contá causo , a gente estendia a roupa no paiol, no outro dia vestia a mesma roupa, quando chovia encostava o gado cobria o corpo com a capa até a chuva passá, se ela demorasse muito, nós seguia a viagem. O gado atravessava o rio nadano até chegá do oto lado, assim a gente chegava no frigorífico ou na fazenda desejada. A comitiva ia tocano o gado, geralmente era formada de cinco ou seis home, todos os fazendeiros levava o gado assim, porque não tinha oto jeito, quando alguma vaca perdia do resto o que era chamado arribada, pá pegá essa vaca de vorta ficava sempre um da comitiva pá trais (M.P.B. Conforme trabalho de campo em 17/10/05).

As palavras do senhor M. mostram um estilo de vida do passado, caracterizado por superstições e também pela ausência de meios de transportes para o gado e de comodidades que hoje existem para o trabalho nas áreas rurais, pois as técnicas aplicadas ainda eram muito incipientes.

Vivia-se um tempo de muita fé, com festas dedicadas aos santos de devoção como Santos Reis, São João, etc. Mas também um tempo de muita superstição, em que os benzedores tinham uma presença muito forte na vida da fazenda. Benzia-se contra tudo, desde mordida de cobra até as doenças mais comuns. As atividades no campo eram todas muito rústicas, uma vez que as condições técnicas eram muito incipientes e limitadas, com instrumentos de trabalho e técnicas de produção inadequados.

Esses tempos, vividos pelos homens até a década de 1970, são chamados de tempos lentos, quando, para o homem do campo de Indianópolis, os compromissos éticos e morais ainda não eram determinados somente pelas imposições econômicas. Respeitavam os ciclos da natureza e, por meio de suas observações, adquiriam conhecimento e sabedoria, trazidos pela experiência de vida e pelas trocas proporcionadas por uma vida simples, de tradições culturais e práticas sociais que eram muito originais desse tempo. Portanto, pode se afirmar que “o seu cotidiano estava marcado por uma temporalidade própria, na qual se combinavam dois níveis de regularidade: o ciclo da natureza, com a sucessão de estações do ano, e o ciclo das comemorações de seu catolicismo singular, com um calendário definido” (SEVCENKO, 2002, p. 81).

Nesse processo, as relações sócio-culturais implicam práticas sociais marcadas por um calendário que vai “pontuando o dia-a-dia e extrapolando as ocasiões especiais da sociabilidade local. Os ritos religiosos comunitários, geralmente, davam-se com maior intensidade nos períodos de vacância do ano agrícola, ao final das colheitas, nos períodos de estio” (SEVCENKO, 2002, p. 81). No caso de Indianópolis, davam-se, preferencialmente, no mês de dezembro e início de janeiro, com as festividades do ciclo natalino e com a festa de Reis; entre abril e maio, por ocasião da festa de São Sebastião e da Virgem Maria; entre junho e julho, com a festa de São João e São Pedro; e em agosto, com a festa de Romaria.

De acordo com o exposto até aqui, fica claro que a vida no campo era bastante trabalhosa e sacrificante; entretanto, era também muito festiva, pois as atividades produtivas estavam relacionadas aos santos protetores e a festa quase sempre era um momento de celebrar a alegria e agradecer.

O senhor C. G dos S. descreve as dificuldades do trabalho e também das festas:

Antigamente nós levantava bem cedinho, cinco hora da manhã nós já tava de pé pá ir po serviço e ia logo tirá o leite, depois ia mexê com a lavoura, arava e gradiava com os boi, rançava os toco com enxadão, o trabaio era difícil, era tudo nos braço não tinha máquina. As muié tecia a roupa, a coberta e limpava o arroiz no pilão. Tudo era mais custoso mas o povo tinha mais fé, rezava mais que hoje, fazia muita festa pos santos nas festa das capela sempre ia muita gente, o povo era mais unido, acreditava mais na religião, o povo tinha tempo pá rezá e pá ir nas festas (C.G.S. Conforme trabalho de campo em 15/10/05).

De acordo com as palavras do senhor C., podemos perceber que a realização do trabalho se dava sempre com a perspectiva da festa, onde o tempo da natureza era muito respeitado, por isso as pessoas tinham o seu tempo para viver a festa.

Como o conhecimento da natureza era uma questão de sobrevivência, era muito comum, em Indianópolis, o homem do campo saber quando podia jogar a semente no chão, pois tinha a certeza de que a chuva ia chegar. Os animais, os pássaros, seus cantos e comportamento diferenciados mostravam quando ia chover ou quando o sol ia ser forte e castigar as plantações. Suas doenças eram curadas com chás caseiros, feitos com ervas tiradas do mato, já que conheciam perfeitamente as plantas que eram boas para remédio e quais as doenças que elas podiam curar. Pois tinham tempo para observar a natureza, inclusive quando estavam trabalhando, uma vez que trabalhavam diretamente com ela.

Era uma vida muito próxima da natureza, que exigia o seu conhecimento, e as pessoas tinham que se adaptar a ela. Faziam isso observando o seu comportamento.

Dona E. A. de S. descreve como era a relação com as plantas:

As terra boa pá prantá era na curtura, mas no cerrado tinha muita fruta boa, a gabiroba na época dela todo mundo saía pos meio do mato pá catá gabiroba, no tempo das fruta tinha pitanga, cajuzim do mato, araçá, o jatuba, a mangava, a guapeva, tinha muita fruta mais quase ninguém comia, elas apodrecia no chão o gado gostava de comê algumas. As raiz que o povo usava era o barbatimão, a fava de sicupira que é muito boa pá cura a garganta, as pranta de fazê chá tinha no quintal, a erva cidreira, o mentrasto, o hortelã, o sabugueiro, a arfavaca, o povo antigo conhecia as pranta porque bebia era o chá, remédio quase num tinha (E.A.S. Conforme trabalho de campo em 10/10/05).

Nesse processo deve-se entender que o contato direto com a natureza possibilitava o seu conhecimento e a sua dinâmica de funcionamento, pois todos, desde muito cedo, conviviam constantemente com ela.

1.5 - Os Sistemas de Trabalho no Cerrado Indianopolense

Utilizava-se muito, por essa região, o sistema de trabalho por troca de dias de serviço que, segundo os mais velhos, foi o sistema de trabalho predominantemente usado no município de Indianópolis, pois o dinheiro quase não era usado. Por esse sistema, o produtor era capaz de suprir a necessidade de mão-de-obra, já que a troca do dia de serviço garantia a regularidade de trabalho necessário na sua lavoura sem ter que dispor de dinheiro, já que este era bastante raro.

Trabalhar para alguém, sem receber dinheiro em troca do serviço, era uma prática comum no município de Indianópolis. Significava a garantia de receber em trabalho quando estava precisando, pois a troca era previamente combinada. A solidariedade estava sempre presente, principalmente entre os amigos e os vizinhos, o que na maioria das vezes assegurava a quantidade de trabalho necessária para tornar viável a produção. Nesse sentido, as formas de trabalho solidário, como o próprio mutirão, eram, além de uma prestação de serviço, uma gentileza, uma solidariedade mediada pela reciprocidade, que se dava por intermédio da ajuda àqueles que estavam precisando, muitas vezes com o serviço atrasado. Essas eram prestações de serviço que não envolviam relações de trocas econômicas.

Os fazendeiros mais velhos contam que era muito comum, no município de Indianópolis, encontrar as roças cheias de homens trabalhando e, ao final do dia, ninguém recebia dinheiro algum pelo trabalho prestado, uma vez que esse trabalho se dava por troca de dias e muitas vezes pelo mutirão, que era uma prática muito comum entre os produtores. Falava-se da realização de enormes mutirões, que contavam sempre com dezenas de pessoas participando, já que era um costume tradicional e todos gostavam. Tinham mesmo o prazer de ajudar, pois após o mutirão vinham as festas, com os tradicionais bailes, que eram muito divertidos e, geralmente, duravam até o dia amanhecer.

O mutirão em Indianópolis era uma espécie de ajuda que se dava aos amigos que estavam precisando, caracterizando as relações de reciprocidade, também tratados por Antônio Cândido, em *Parceiros do Rio Bonito*, onde o autor define como eram os mutirões realizados pelos caipiras do interior paulista:

Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos

chamados eventuais dos que o auxiliaram. Este chamado não falta, porque é praticamente impossível a um lavrador, que só dispõe de mão-de-obra doméstica, dar conta do ano agrícola sem cooperação vicinal (CÂNDIDO, 2003, p.88).

De acordo com a definição de Antônio Cândido, podemos perceber que o mutirão, que foi uma forma de trabalho muito utilizado pelos produtores no município de Indianópolis, tinha características parecidas com o exposto pelo autor, conforme depreendemos da descrição de Dona M. R. B., sobre a vida na fazenda e de como eram os mutirões:

O mutirão reunia um punhado de gente logo cedo de manhã e o trabalho durava o dia todo a comida era por conta do dono do serviço, era usado geralmente pá socorrê quem tava apertado de serviço, quando o milho tava secano passano da hora de colhê, também pá colhê o arroz quando a colheita tava atrasada e era também uma razão de reunir para fazer a festa que era realizada sempre de noite depois do trabalho do mutirão. Durante o trabalho o povo ficava cantano e trabalhono, e tinha sempre uma cabacinha, o povo era muito unido e sabia quando alguém tava precisano. O mutirão era sempre organizado pelo dono da roça quando tava apertado e o povo gostava de ajudá porque era muito unido e de noite tinha a festa, o baile e os que era mais religioso sempre rezava um terço antes de começar o baile.que era puxado pelos homens (M.R.B. Conforme trabalho de campo em 02/12/05).

Segundo dona M., o mutirão se dava também em forma de surpresa e daí ele recebia outro nome, era chamado de "traição", que ela define da seguinte maneira:

A traição era uma surpresa que o povo fazia pá um amigo que sabia que tava precisano, reunia aquela turma de gente e chegava na casa cantano, tocano violão, sanfona e pandeiro, os verso tinha que rimá o que eles cantava na casa do meu pai era assim: ó senhor Militão escuta o que eu vou falar, tamo chegano na sua casa com a intenção de pagodiá. Então levantava todo mundo da casa e cantava até de madrugada. Quando amahecia o dia ia todo mundo trabalhá, o dono da casa perguntava pos organizadô da traição quantos companheiro ia ter no serviço pá podê prepará a comida que era sempre uma obrigação do dono da casa. Antes de começá o serviço na roça durante o mutirão e a traição principalmente quando era pá batê pasto tinha que rezá e pedir proteção pá Deus e o senhor São Bento e era feito pelo dono da terra (M.R.B. Conforme trabalho de campo em 02/12/05).

Segundo dona M., havia também o mutirão das mulheres, que era chamado mutirão de fiandeiras, onde elas se reuniam e combinavam o dia e a casa onde seria realizado e, no dia combinado, reuniam-se ali de cinquenta a cem fiandeiras; a reunião se tornava uma verdadeira festa, com todas cantando. O trabalho era dividido entre as escaroçadeiras, que faziam as pastas e punham no jacá, daí para frente ficava por conta das fiandeiras, que faziam a linha

para tecer. O trabalho durava o dia todo e, à noite, tinha o baile, que era o divertimento e também a razão de ficarem juntos.

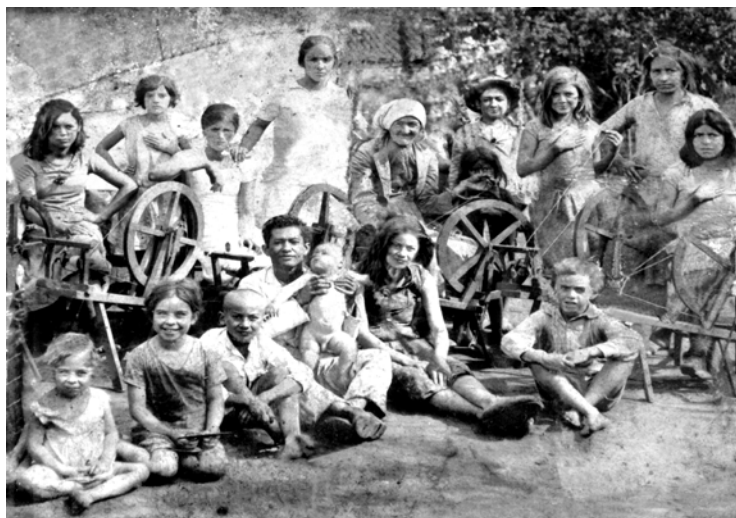


Foto 14

Mutirão de fiar. Década de 1930.

Foto acervo do Setor de Cultura da Prefeitura Municipal.

De acordo com o relato de dona M., outro costume que era muito comum na região do Palmital, povoado próximo de onde morava, era de saírem depois do almoço de domingo e irem para casa de um dos seus parentes, onde, por volta de três horas da tarde, começava-se o baile, que durava até lá pelas dez da noite. Nesse tempo, segundo ela, ninguém tinha salário e todos comiam na casa de todos. Os amigos eram muito importantes, era como se fossem da família, e o que mais tinha, era a fartura.

Quando chegava na casa de alguém, os donos da casa já iam logo fazer alguma coisa para comer. Nessa época tudo era feito em casa, ninguém comprava nada. Tudo era muito simples, as pessoas dormiam em colchões de palha estendidos no chão e ninguém tinha preguiça de arrumar. Para dona M., a melhor hora do dia era quando, depois do trabalho, chegava o seu tio G. e todos iam para a cozinha ouvir as suas histórias, pois ele era um grande contador de histórias.

As visitas mais íntimas eram recebidas na cozinha para conversar, era costume das visitas, quando vinham de pouso, lavarem apenas os pés antes de dormir, somente as pessoas de casa tomavam banho. A comida era muito farta, pois sempre matavam porcos e galinhas, além de terem sempre, em casa, os alimentos guardados, como o arroz e o feijão. Dona M. descreve como se dava a preparação da alimentação:

Para a comida sempre era matado o capado, a carne era colocada na lata que era guardada na banha e o resto da carne era salgada e colocada no arame, que geralmente era na cozinha, era colocada uma bica de bambu para a

manteiga que caia cair dentro de uma vasilha a gente comia as coisa que tinha no quintal, a mandioca, a laranja, a banana. A laranja era sempre chupada na hora da comida, porque não tinha refrigerante. Ninguém comprava nada, do milho fazia a pamonha, o mingau, o angu, e também comia ele cozido. O fubá era feito no monjolo ou no moinho, faziam também a farinha que depois era colocada de molho, depois punha socá depois era coada e levada para o fogo para se tornar a farinha, que era sempre muito boa (M.R.B.Conforme trabalho de campo em 02/12/05).

Desse modo, pode-se notar, pelas palavras de dona M., que os hábitos da alimentação eram simples, mas existia sempre muita fartura, porque quase tudo era produzido na própria fazenda. Outro aspecto importante a ser observado, segundo dona M., é que a roupa também era simples, feita, normalmente, de algodão. As mulheres aprendiam a bordar, a costurar, pois tinham que fazer o seu próprio enxoval para o casamento, que normalmente era constituído de doze cobertas de algodão, lençóis também de algodão, travesseiros de paina e colchão feito de algodão, no tear manual, que era preenchido com palhas que tinham de ser remexidas todos os dias, para ficar macio.

Nesse contexto, não poderiam faltar os hábitos religiosos, que, segundo dona M., eram muito fortes, pois a fé era grande. Rezava-se todos os dias na hora de dormir e de levantar e tinha que se pedir a bênção para os pais. Na época da quaresma, todos tinham que jejuar, não se comia carne nas quartas e sextas-feiras da quaresma e nem se podia varrer a casa e pentear o cabelo, na sexta-feira santa. No sábado de aleluia, era dia de matar o capado, pois a quaresma inteira havia passado, sem se matar nenhum.

No processo de produção rural, incluía-se também a produção dos tecidos e roupas, que eram feitos todos na própria fazenda. Dona I., que foi tecedeira durante muitos anos, narra como se dava esse processo. Ela conta que, normalmente, o algodão era plantado na fazenda e todo o trabalho, desde sua colheita até a fabricação das roupas e outros utensílios, era feito pelas mulheres. Depois da colheita, elas tinham que catar o cisco, descaroçar o algodão, que era feito no descaroçador manual, depois o algodão era batido no bodoque, feito de vara verde cortada no mato e amarrado com um cordão; batia-se o algodão, para que ele ficasse aberto e soltinho e, acima de tudo, macio; em seguida ele era cardado e fazia-se, então, as pastas, que eram colocadas no jacá. As carreiras eram colocadas ao contrário, para não se embaraçarem. Depois de tudo isso, o algodão era fiado na roda, que era tocada com os pés. Para iniciar esse processo, era necessário ter um fio já pronto. Então emendava-se o fio na pasta e ela ia sendo engolida e se transformando em fio e enchendo a canela; o novelo era então iniciado, sendo enrolado com as mãos. Depois de formado o novelo, formava-se então a cambuia, de aproximadamente cinqüenta novelos.

Quando ia tingir, o serviço era feito na dobadeira, uma espécie de cruzeta feita de madeira que tinha quatro esteios pequenos, um em cada canto, que era girado com o dedo. O novelo ia então rodando e se desenrolando; formava-se aí a meada, que era retirada da dobadeira já pronta para ser tingida, daí então começava-se o processo de tingimento. A tinta era o anil, misturado com o urucum, ou a tinta guarani. Fervia-se a água, mergulhava-se a meada e deixava-se ferver, para tingir. Depois dela tingida, era colocada novamente na dobadeira, para fazer o novelo de novo, só que agora já colorido; ele era, então, trespassado, para fazer a colcha. O fiado branco era urdido na urdideira, que era uma espécie de grade que girava, para fazer a colcha. Era amarrada uma “tabinha” na urdideira e, uma vez urdida, tirava-se da urdideira e espichava no “liso”, que fazia o modelo da colcha.

Para fazer a roupa, passava-se no “liso”, especificamente no pente fino, sendo em seguida amarrado pelas pisadeiras, que era onde se definia o jeito do tecido que ia sendo formado, ficando então pronto para ser costurado (I. M. Conforme trabalho de campo em 14/10/05).

Nesse tempo, a água para beber, durante o trabalho na lavoura, era tirada fresca, da mina, guardada na cabaça, que a conservava sempre fria e com um gosto natural, sem perigo de contaminação por poluição e agrotóxicos, já que as nascentes eram preservadas, pois a agricultura era de subsistência, praticada somente nos fundos de vale, e não se usavam produtos químicos. Como a água era abundante no município de Indianópolis, tinha-se mina d’água por todo lado. Contam os moradores mais velhos da cidade que a água para beber nas casas era buscada nas latas e guardada em potes de barro, naturalmente sem ser filtrada, mas tinha sempre um sabor muito bom, pois eram águas, segundo as afirmações, puras. Nas minas, lavavam-se também as roupas, principalmente as de passeio, por isso era muito comum ficarem cheias de mulheres, durante o dia, lavando suas roupas. Como essas atividades eram constantes, a maioria das mulheres adquiria muita habilidade para carregar uma lata de roupa, ou de água ou, então, uma bacia na cabeça, sem nada para segurá-la, e outras, em cada uma das mãos.

Os eventos sociais mais importantes, como casamentos, batizados, colheitas eram motivos para fazer festa. Eram, também, momentos de descobrir as novidades, fazer negócios; por isso, principalmente, rapazes e moças, nessas ocasiões, vestiam as melhores roupas. O principal meio de transporte era o carro de boi, que transportava as mercadorias de um lugar para outro de forma bem lenta e demorada e levava também as famílias para as festas e eventos sociais.

Dona M. C B. descreve como se davam as relações sociais e os encontros nas festas e casamentos, bem como eram os costumes e as roupas que se usavam, naquele tempo:

A diversão preferida do povo eram os bailes nos fins de semana os rapazes iam de terno e as moças usavam vestidos muito chiques. As roupas eram compradas em Araguari. Geralmente os namoros eram bem curtos, pois logo acontecia o casamento. Em todos os casamentos faziam-se grandes festas com muita comida e bebida, as roupas para as mulheres eram os vestidos. As mulheres não podiam mostrar os joelhos, os vestidos de casamento eram muito chiques, tinha que ter véu e grinalda, todos deveriam ser de cor branca. A maioria dos rapazes usavam terno e gravata para ir aos casamentos, às festas e aos bailes e também para namorar, as mulheres não usavam calça, as festas eram geralmente um desfile de moda (M.C.B. Conforme trabalho de campo em 25/01/06).

De acordo com as palavras de Dona M., podemos perceber a importância das festas e eventos sociais, que eram sempre muito especiais, sendo esperados por todos e, de certa forma, eram também o momento de mostrar o poder e o prestígio na sociedade, de mostrar o “*status*” social. Essa sociedade era marcada também pelas imposições sociais, na qual principalmente as mulheres tinham que seguir regras sociais bastante rígidas, na forma de se comportar, no jeito de vestir, tendo também que se casar geralmente muito jovens, o que não significa que para os homens, mesmo em uma sociedade machista, também não houvesse a necessidade de obedecer a determinados princípios sociais.

Era muito comum, na maneira de se comportar do homem rural, no município de Indianópolis, o jeito caipira de roceiro, como eram chamados nessa região, portanto, o jeito de comer, de falar, de andar e de se comportar, sempre de maneira acanhada e retraída, ganhou espaço inclusive na literatura, que define o mineiro como sendo um tipo específico de personagem, resumida em sua mineiridade.

Dessa forma, o falar caipira que define o mineiro, por aqui, sempre esteve presente nas palavras fortes que o caracterizam, sendo as mais conhecidas os: “uais”, “sô”, “trem”, “bão”, “digerô”, “nóis”, “né”, etc. Algumas delas permanecem até hoje, sendo faladas principalmente pelos mais velhos, que ainda vivem de maneira simples e fazem questão de se afirmarem como tal, fato esse que pôde ser constatado por nós, durante nossas visitas e conversas realizadas em várias propriedades, momento em que registramos muito dessas palavras, constantemente presentes em nossas conversas, que vários deles chamam de prosa.



Foto 15

Engenho tocado por tração animal onde o senhor D. ainda produz, de forma tradicional, deliciosas rapaduras.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Desse modo, podemos observar que, apesar das transformações ocorridas a partir da década de 1970, algumas coisas ainda permanecem, além do vocabulário, a exemplo do senhor D. R. A. que, com o seu falar caipira, continua cultivando a cana-de-açúcar e produzindo seu melado e sua rapadura de maneira tradicional, como fazia antigamente, com todo o trabalho sendo feito manualmente, com o uso de animal (cavalo) para fazer funcionar o engenho, que ele mantém em sua propriedade, onde leva uma vida muito simples. Segundo ele, raramente vai à cidade; sua produção é vendida para pessoas da cidade que a buscam na porta, pois, segundo ele, sua rapadura é muito apreciada. A sua vida, ele define da seguinte maneira:

Hoje, além do engenho que ainda é tocado pelo animal, a gente mexe com umas lavourinha do jeito antigo. Os fios já pranta café, mexe com maquinário e tecnologia, joga veneno nas pranta faiz irrigação se não num vai pá lado nenhum. Eu ainda faço muita fartura, compro quase nada, mas num dá dinheiro, nas precisão eu vou na cidade, mas eu num gosto, aqui tem os lugá deu trabaiá e passiá, hoje eu rezo só em casa, mas de vez enquanto eu vou na missa, ainda tenho muita devoção (D.R.A. Conforme trabalho de campo em 15/10/05).

Outra atividade que tivemos a oportunidade de observar foi a aração feita pela tração animal, com o arado puxado pelos bois, na fazenda Santo Inácio, onde o senhor C. M. de O. ainda faz alguns serviços mais raros, como a plantação de capim, o transporte de madeira e a

aração de terras muito inclinadas, onde não tem jeito de passar o trator, pois segundo ele a plantação das lavouras, hoje, tornou-se inviável economicamente, com o uso dos bois, já que é um serviço demorado. Por isso mesmo, atualmente ele ara menos, mas ainda faz alguns serviços na fazenda e para os vizinhos. Ele explica como é a experiência de arar com os bois, uma atividade de que ele gosta muito:

Hoje a gente ainda trabaia com os boi porque ninguém tem mais boi, todo mundo usa o trator, por isso a gente ara nas terra inclinada e puxa madeira também pos vizinho. Hoje um dia de serviço com os boi vale uma hora do serviço com o trator. No serviço com os boi gasta dois companheiro, um pá toca os boi e outro pá trabaia com o arado, o meu companheiro é o N., ele entende muito do serviço de boi, ele conhece os boi e eles obedece o que ele fala, o serviço com os boi fica mió do que o serviço do trator que na virada pisuinha a terra (C.M O. Conforme trabalho de campo em 08/12/05).

Nesse sentido, de acordo com o já exposto, podemos perceber que alguns costumes eram muito fortes, entre eles o hábito de fumar, que também era bem característico na região do Triângulo Mineiro, onde, em muitas propriedades, o fumo também era cultivado, fato que, certamente, reforçava a permanência desse hábito, que no município de Indianópolis assumiu características próprias, pois, por aqui, também o fumo foi cultivado. Assim, o homem do campo fumava mesmo era o cigarro de palha, feito com fumo de rolo, que era comprado nos armazéns da cidade e enrolado na palha seca tirada do milho, cuja plantação, no município de Indianópolis, era abundante. O cigarro de palha era enrolado com os dedos, fato que fez com que os roceiros desenvolvessem uma grande habilidade na sua confecção, que era sempre muito rápida e imediata.

Conta-se que os fumantes andavam com o bolso, chamado por eles de gibeira, cheio de palhas devidamente preparadas, tendo as duas pontas aparadas para a confecção do cigarro. O fumo também era carregado na gibeira, que tinha sempre um canivete bem amolado, para picar o fumo e preparar a palha. O cigarro servia, segundo alguns, para saciar o vício de fumar, mas também para espantar os mosquitos. Além disso, tinha também funções medicinais, servindo inclusive para curar os umbigos dos recém-nascidos, assim como as mordidas de cobras.

A comida era feita nas originais panelas de ferro, geralmente de cor preta, que eram, nessa região, sempre lavadas, após o seu uso, utilizando-se a areia, pois a palha de aço não

existia. Cozinhava-se no fogão a lenha, feito de tijolo ou adobe, chamado de fornalha, que possuía também chaminé, por onde soltava grande quantidade de fumaça, originada pela lenha, que era o combustível utilizado; era constituído também de chapas de ferro, mantidas sempre quentes, podendo ser usado em qualquer eventualidade, mas normalmente utilizado para fazer, sobretudo, a galinha caipira, acompanhada, quase sempre, do tutu e do quiabo e também do tradicional feijão com arroz soltinho, que tinha sempre uma rapa moreninha, muito apreciada. Utilizava-se a banha de porco para fazer a comida. Comia-se também o melado com mandioca ou farinha da própria mandioca, sendo ele por aqui facilmente encontrado e adquirido, pois grande parte das fazendas eram dotadas de engenhos, que o produziam com abundância. Na alimentação dos roceiros, era muito comum o uso de algumas caças que substituíam a carne, principalmente a de vaca. Conta-se que era costume, entre eles, saírem para caçar durante a noite, quando conseguiam melhores resultados. Os animais mais caçados, no município de Indianópolis, eram: a capivara, que era facilmente encontrada na beira d'água, a paca, os inhambus, as codornas, os veados, os tatus e muitos outros, abundantes na região.

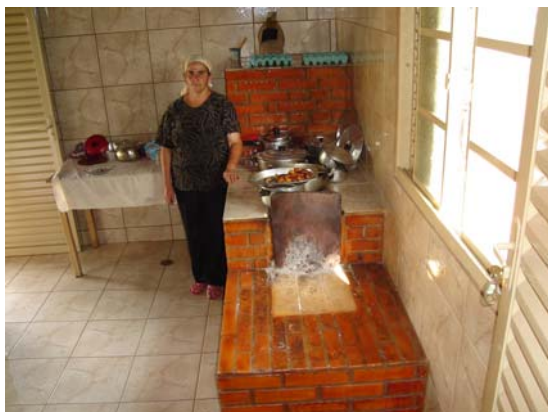


Foto 16

Fogão a lenha usado para fazer o frango caipira; ainda é encontrado em diversas propriedades do município de Indianópolis.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

O senhor D. R. A. recorda, com saudades, como era a vida na fazenda e o trabalho no engenho:

Na idade deu muleque aqui nós mexia com engenho, nós cortava a cana durante uns três dia, fazia um depósito e depois ia moer essa cana no engenho tocado pelo animal. Depois nós fazia o açúcar, a rapadura e a pinga. Nós fazia era o açúcar de forma e a rapadura, depois que acabava a lida com a cana ia pá roça, tinha tempo que encavalava a roça com a lida do engenho. Na roça a gente tinha muita religião, os pai ensinava a rezá todo dia, quando fartava a chuva a gente rezava no pé da cruz. Tinha festa de Santos Reis pá todo lado, a gente ia e achava muito bão (D.R.A. Conforme trabalho de campo em 15/10/05).

A banha, além de ser utilizada para fazer a comida, era usada também para conservar a carne, que era guardada na lata, recebendo por isso o nome de carne de lata, que era sempre requentada na hora de comer, pois não havia geladeira. Segundo vários depoimentos, a carne

de lata durava até três meses, mantendo o seu sabor original, e dizem que era sempre muito gostosa.

O senhor M. de S. B. explica como eram os hábitos alimentares:

A comida de antigamente era mais gostosa ela era feita no fogão de lenha e usava era a banha de porco, tinha muita fartura, porque todo mundo criava o seu franguim e o seu porquim, também todos prantava o feijão, o arroz, a mandioca. O frango a gente comia era com o angu, o leite a gente bebia e fazia o queijo, todo mundo tinha fartura e o sabor da comida era diferente, era mais gostosa, a comida era forte a gente comia e demorava senti fome ela sustentava mais. A carne era guardada na lata e durava muito tempo, a comida tinha sustança (M.S.B. Conforme trabalho de campo em 17/10/05).

O jeito de fazer a comida, usando o fogão a lenha, e os alimentos produzidos no campo, juntamente com os ingredientes, como a banha, é que davam a ela um sabor original, deixando-a mais gostosa.

O fogão a lenha ainda permanece como tradição ou saudosismo em várias fazendas. Em algumas das propriedades visitadas por nós, encontramos a sua presença, embora na maioria delas não seja utilizado sistematicamente. É comum usá-lo nos finais de semana ou quando chega alguma visita importante, para fazer o frango caipira, que ainda é muito comum no município de Indianópolis e também o feijão com arroz que, segundo dizem, tem um sabor especial

A fartura era o cartão de visitas da família; oferecer comida aos visitantes era o primeiro sinal de boa educação e gentileza, mostrando que a visita era sempre bem vinda, pois além de fortalecer os laços de amizade, era também a garantia de boa prosa.

Como a agricultura era a base da alimentação da população de Indianópolis, os produtos mais cultivados no município eram o arroz, o feijão, o milho e a mandioca. As casas da maioria da população do campo eram feitas de “pau a pique” ou adobe, com o chão batido, e com as janelas e portas feitas de madeira, possuindo “tramelas” que eram pouco usadas, pois as casas ficavam quase sempre abertas. Outro tipo de moradia, muito usado por essas populações, eram os ranchos cobertos com folhas de coqueiro “baguaçu” (babaçu). À noite, utilizavam as lamparinas, pois não tinham energia elétrica; dessa forma, o querosene nunca podia faltar; o leite era tirado no curral, onde era bebido puro e quentinho, sem nenhum tipo de alteração saído direto da vaca, na hora. Como o sal era a base da alimentação do gado, ele também não podia faltar, pois era a garantia do leite de qualidade.

Para o sucesso da roça, que era a atividade mais comum, era preciso muito conhecimento e habilidade, que eram adquiridos com a prática, ao longo do tempo. Mesmo as

técnicas sendo rudimentares, a boa produção dependia, em grande parte, do tipo de manejo; por isso, a sabedoria do roceiro era fundamental para o sucesso da lavoura.

Nesse contexto, o senhor V. T. B., que sempre trabalhou com a agricultura, descreve como ela era praticada, nesse tempo:

O preparo da roça começava cedo, a gente levantava de madrugada cinco hora da manhã, o primeiro serviço era rancá os toco, depois de tudo distocado, quando tava preparado era só esperá a chuva pá começa a prantação, o arroiz do brejo era o mió pá prantá, ele era mais apurado o serviço era um furano o buraco com a enxada na frente e os cumpanheiro vinha jogano a semente e tapano com os pé, discalço, o cuidado com a lavoura começava com a primera capina onde era necessário disareá o arroiz, pá tirá o mato e fazê o arroiz ficá forte, porque vinha o sol e o arroiz engrossava o pé, então em um simples pé nascia um punhado de pé, isso era chamado de prefiá, era esse arroiz que rendia porque o cacho ficava grande. Era preciso de umas treis capina pá roça ficá boa, quando o arrois tava bão vinha a coiêta. A coiêta nós fazia era trocano dia de serviço, o arroiz nós cortava de cutelo, depois nós carregava po terreiro e depois ia batê ele na banca que era colocada em riba de um lona. A gente pegava um punhado amarrava em feixe e depois batia, depois tinha um munhadô que tirava a muinha com um gancho feito de gaio de pau, depois ele era ensacado colocado no carro de boi, tirava o do gasto e o resto era vendido (V.T.B.Conforme trabalho de campo em 02/12/05).

O depoimento do senhor V. mostra que o trabalho de preparar e cultivar a lavoura era uma atividade muito trabalhosa e bem simples, pois os instrumentos eram manuais, o que dificultava muito o trabalho; porém exigia muito conhecimento e paciência de quem o realizava, pois era muito demorado.

No processo de preparar a produção, muitos obstáculos tinham que ser vencidos com o trabalho manual. A primeira dificuldade se dava no processo de preparo da terra, já que, desde a derrubada da mata até o plantio, eram utilizados instrumentos muito limitados e também a força de tração animal, mas para isso eram necessários também, muita habilidade e conhecimento por parte de quem lidava com essas tarefas.

O senhor J. P. da S., que trabalhou muitos anos na lavoura usando a tração animal, descreve como se dava a lida de preparação da terra e do cultivo com o uso dos animais, para a execução do trabalho:

O primeiro trabaio era o de arrancar as árvores com o enxadão, para arrancar a árvore a gente amarrava uma corrente com seis boi cangado que puxava a árvore para fora do lugá onde ia ser prantado, fazia as coivara e depois queimava, depois vinha a aração que era feita com os boi, no arado de mão que era amarrado nos boi, eles ia e vortava pra lá e pra cá o dia inteiro, o arado tinha uma trava que era parecida com uma embrenhagem de carro,

quando chegava no fim da linha tinha que distravá com o pé e virava de vorta, travava de novo e ia até no fim da linha, tinha que travá e distravá toda vez que chegava no fim da linha, quando chegava no fim do dia o caboco tava morto de cansado. Parava pá discansá só na hora do armoço que era as nove hora, tinha que discangá os boi pra eles discansá, depois que os boi discansava cangava os bicho e começava tudo traveis, ia até começá escurecê gastava duas pessoa pá arar, um no cabo do arado e ota puxano os boi, os boi tinha que ser ensinado cada um tinha seu nome, os nosso era o seguinte: a guia era Carinhoso e Rochedo, a junta do meio era Laporte e Marcante, o pé do arado era Estudante e Palanque. O tocadô de boi tinha que chamá pelo nome dos boi o dia inteiro, pá sabê como fazê o trabaio por exemplo, o nosso nóis fazia era assim: fasta Rochedo, vem Carinhoso, na ota beirada fasta Carinhoso e vem Rochedo. Quanto mais os boi era bão mais rendia o serviço. Era um trabaio demorado, ará chão demorava treis méis, prantá era mais rápido demorava só uns quinze dia. Era um serviço que era bão, de fazê, era prazeroso, a gente sentia alegria de trabaiaí, já levantava cedo satisfeito e trabaiaava o dia inteiro alegre e a companheirada também era boa. A prantação também era feita de animal, quando a terra tava preparada pegava a prantadeira e o cavalo e ia prantá, gastava dois, um no cabo da prantadeira e ota puxano o cavalo, depois tinha que cuidá da lavoura capiná, carpida tinha que carpida umas quatro veis e capiná umas treis veis pá lavoura ficá boa. A gente trabaiaava era trocano o dia, ninguém pagava com dinheiro. Depois duns quatro meis vinha a coiêta que era feita com o cutelo, tudo era feito de turma, era uma coisa muito boa (J. P. S. Conforme trabalho de campo em 14/12/05).

Nesse tipo de sociedade, onde predominavam as técnicas rudimentares e o trabalho árduo na lavoura, a vida era pautada pela simplicidade, estabelecendo valores sociais rígidos e sólidos, marca de uma sociedade caracterizada pela honestidade e honradez, que garantiam o cumprimento dos acordos realizados sem maiores formalidades, uma vez que era dispensado o uso de documentos para garantia de qualquer negócio. Segundo o senhor J. C., o povo era mais honesto, mais sincero, quando tratava alguma coisa podia esperar que o trato era cumprido.

1.6 - Costumes e Tradições no Cerrado Indianopolense

A vida simples era pautada por valores como a sinceridade e a honestidade o que, de certa forma, garantia as relações de confiança concretizadas entre as pessoas, no cumprimento dos acordos realizados. É muito comentado, entre os moradores mais antigos, que tanto na área urbana da cidade de Indianópolis, quanto no meio rural, era muito comum as pessoas saírem e deixarem suas casas abertas, ausentando-se por certo tempo, às vezes, o dia todo, e quando chegavam de volta, encontravam-nas do mesmo jeito, pois ninguém tinha coragem de mexer em alguma coisa sem a presença dos donos.

Como as pessoas viviam de acordo com a natureza, sabiam entendê-la; naturalmente, conheciam o comportamento de grande parte dos animais, como por exemplo, o canto dos pássaros; conheciam, também, os frutos do mato, as raízes que eram boas para remédio, conheciam os sintomas de formação da chuva e também da estiagem. A concordância com a natureza se dava por uma vida simples, que exigia muito trabalho duro no campo. Por sua vez, os valores éticos e morais eram fundamentados na dignidade. As relações com os vizinhos eram marcadas pela confiança, pois normalmente se conheciam bem, conversavam bastante, pois tinham tempo para isso.

O tempo de trabalho na roça era determinado pelo nascer e pelo pôr-do-sol. De acordo com os depoimentos dos fazendeiros, o dia começava bem cedo, a posição do sol é que indicava a hora do almoço, que normalmente se dava por volta de nove horas da manhã; indicava também a hora do lanche, que era por volta de meio dia, a hora do jantar, que era por volta das duas ou três horas da tarde, e também a hora do descanso. Os finais de semana, normalmente, eram guardados para o descanso, os jogos, os passeios e namoros e, fundamentalmente, para as práticas religiosas como missas, festas e casamentos.

O senhor J. B. da S. descreve como era trabalhar no serviço pesado, sem o uso do relógio:

A gente levantava cedinho pá trabaiá, o relógio era o sol saíno e o sol entrano, o serviço era de sol a sol, o principal era mexê com a terra, distocar com o enxadão, com o machado e com a enxada, dispois vinha a capina que era feita com a enxada e a coiêta que era feita com o cutelo, o serviço era pesado, por isso a gente comia cedo, tinha que comê muito pá agüenta o serviço, as nove hora almoçava, meio dia lanchava e duas hora jantava. Chegá em casa era só de noite e aí a gente comia de novo, antes de deitá. A hora de comê parece que já era marcada sem tê relógio, tava na barriga. A mistura a gente prantava no quintal. Quando argüem ficava doente tinha que tratá com o chá ou com o benzedô. O povo não tinha aperto porque tinha o

mutirão, tudo era na base da amizade, não era preciso de dinheiro (J.B.S. Conforme trabalho de campo em 13/10/05).

De acordo com as palavras do senhor J. B., podemos observar como era a experiência de uma vida simples, em que o relógio não tinha grande relevância e nem determinava o comportamento das pessoas. O tempo era vivido lentamente; marcava-se o tempo baseado no movimento do sol.

À mulher cabia a rotina da vida doméstica, que tomava todo o seu tempo, cuidando da comida e da casa. Quando não estavam trabalhando, estavam conversando com as vizinhas ou comadres ou observando o que se passava ao seu redor.

As mulheres solteiras tinham que obedecer aos pais e, quando se casavam, coisa que faziam muito cedo, eram, a partir de então, obrigadas a obedecer ao marido. As solteiras não podiam sair de casa sozinhas, só acompanhadas pelos pais ou alguém de confiança que, geralmente, era o irmão mais velho. Aprendiam desde cedo as tarefas domésticas, tendo que aprender também a costurar e bordar, pois eram encarregadas de preparar o seu enxoval, já que se casavam muito novas, porque os pais tinham medo da filha ficar falada. A cozinha, a costura e outras habilidades domésticas eram pré-requisitos para a formação das moças.

Era no âmbito do convívio familiar que se aprendiam as tarefas domésticas e recebiam toda a educação. Desde cedo, as meninas eram incentivadas a explorar os estojos de costura, aprendendo várias atividades tais como bordados, tricô e crochê. Aprender, individualmente, possibilitava o exercício da criatividade dando aos objetos produzidos uma marca pessoal cheia de singularidade. Nesse contexto, a habilidade doméstica era amplamente incentivada com o uso intenso de linhas, tesouras e agulhas; um dos principais objetivos era preparar as moças, tanto na cidade como no campo, para o casamento. Costurar e bordar era mais do que uma necessidade, era mesmo um pré-requisito para se conseguir um bom casamento, pois as filhas eram criadas para o casamento, que era uma preocupação constante dos pais (SEVCENKO, 2002).

Dona M. F. P. descreve como era a vida da mulher, no tempo em que ela se casava bem cedo e trabalhava duplamente:

Eu levantava de madrugada e ia ajudar o marido a tratar das criação, cozinhar para a família e para os companheiros (peões) que trabalhavam na roça, costurava as roupas de toda a família, bordava, tecia no tear e ainda cuidava da casa. As mulheres trabalhavam muito, tinham que ajudar o marido ou o pai, hoje elas ficam só passeando e ainda reclamam. Só que o povo era muito religioso e as mulheres rezavam muito e tinha uma vantagem, era muito mais fácil criar os filhos (M.F.P. Conforme trabalho de campo em 20/10/05).

As palavras de Dona M. F. mostram como a mulher ajudava a família e trabalhava em serviços pesados, além de trabalhar no serviço doméstico, portanto, a mulher já tinha uma jornada dupla de trabalho, muito longa, e era considerada a base da família. Por isso trabalhava em casa e na roça, fazia tudo que fosse preciso.

Nesse universo onde ela, além de executar as tarefas domésticas, era considerada o centro da família e a responsável pela religiosidade, dona T. A. B. fala como era a vida da mulher:

Nesse tempo a gente levantava muito cedo, cuidava dos serviços da casa e depois costurava e tecia, muitas mulheres trabalhavam também na lavoura. O casamento era muito cedo, casava muito nova. Nessa época o povo tinha mais religião e a mulher cuidava da reza, em casa ensinava os filhos a rezar, o povo tinha muita fé, o padre rezava em latim ninguém entendia nada, mas rezava mesmo assim, fazia promessa, era um povo mais alegre, mais atencioso. Ninguém tinha pressa com nada, não tinha correria, o povo trabalhava mais alegre hoje trabalha porque é obrigado (T.A.B. Conforme trabalho de campo em 18/10/05)

Ouvia-se, no rádio a pilha, já que não havia energia elétrica, a música caipira, que falava dos sentimentos e da pureza da vida no campo. Nesse tempo, as crianças sabiam lidar com os animais, conheciam os bichos e as frutas do mato. Era muito comum, em todo o município de Indianópolis, construir paióis, que ainda existem até hoje em algumas propriedades, para guardar o milho que era utilizado para engordar o porco, tratar das galinhas etc. Nesse tempo, segundo depoimento de vários produtores, os dias pareciam mais longos, as horas demoravam mais para passar, as pessoas eram mais calmas, tinham mais tempo para observar a natureza, olhar para o céu e ver as estrelas, admirar a beleza da lua, observar se ia chover ou fazer sol, enfim, tinham mais tempo para tudo, principalmente para conversar.

O senhor A. F. N. relembra com saudades desse tempo:

A gente levantava naquele tempo era cedo, antes do sol saí o trabalho era pesado, todo mundo trabalhava na roça cuidando do arroz, do milho e do feijão, preparava a terra com o arado de boi. Quando o cavalo e o burro saía pulando nós sabíamos que ia chover, o milho de pranta já estava preparado no paiol, era só discascar e pô a semente na terra, um companheiro vinha covando com a enxada e outro jogava o milho e tapava com os pés. Nesse tempo as pessoas tinham muita devoção em Deus. Rezava muito, quando fartava chuva o povo juntava pé rezando no pé da cruz pé chuva chegava. A prantação era feita só na curtiça, o cerrado era só pé pô o gado. Tinha três tipos de terra: o campo, o chapadão e a curtiça que era a terra boa. Nos lugares que era cerrado num morava quase ninguém, era só nas cabeceiras d'água que tinha muito rancho e muita gente morando. Naquele tempo a gente comprava

só o sal e o querosene o resto nós prantava, a gente passava as veis um ano sem ver o dinheiro, as hora nós baseava pela artura do sol, o trabaio era difício, nós gastava deiz dia pá ará um arquero de chão, as doença era tratada com chá, as muié era mió do que os médico de hoje. De noite a gente encontrava com as pessoa pá conversá, principarmente quando a lua tava cheia, a vida era mais simpre, era mais sussegada, as pessoa era mais alegre e naquela época existia uma coisa que hoje não existe mais a “honestidade”, hoje é a ilusão que acaba com a vida do povo (A.F.N. Conforme trabalho de campo em 17/10/05).

As palavras do senhor A. retratam um tempo em que o trabalho duro no campo, quase sempre muito demorado, criava laços entre as pessoas, era um tempo marcado pelos encontros para conversar e rezar, que faziam parte da vida cotidiana. Nas conversas com os fazendeiros, eles contam que era muito comum, nas fazendas do município de Indianópolis, a presença de um cruzeiro, que representava a sua religiosidade e fé.

O cruzeiro é um símbolo da Igreja Católica, chegando ao Brasil juntamente com os colonizadores que, ao chegarem aqui, o colocam sobre o território brasileiro. Desse modo ele passa a significar o sinal de fé em Cristo, sinal de evangelização, trazida pelos primeiros missionários da companhia de Jesus, sinal de catequização constante. A partir de então passa a ser utilizado para demarcar a fé católica nas comunidades brasileiras dos mais distantes e longínquos lugares. Os senhores proprietários de engenhos e também os fazendeiros passaram a utilizá-lo em suas capelas, mostrando o sinal de sua fé e devoção, onde a terra estaria protegida; muitas vezes ele foi utilizado para afastar o mal e abençoar os lugares assombrados. É utilizado também nos cemitérios e nos locais onde morrem pessoas, como sinal de proteção dos mortos, garantindo, assim, a sua entrada no reino de Deus.



Foto 17

Cruzeiros localizados em várias fazendas do município de Indianópolis: Símbolo de fé dos Católicos, muito usado nas fazendas do município e hoje ainda pode ser encontrado em algumas delas.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Dona D. A. descreve como era o uso do cruzeiro:

Por aqui, quase toda fazenda tinha um cruzeiro, quando fartava chuva todo mundo ia rezá nos pé da cruiz. Quando nóis era menina minha mão punha a gente pá carregá pedra pá pô no pé da cruiz, pá chuvê. Muita gente achava que tinha que jogá água, tinha gente que achava que tinha de acendê fogo ao redó do cruzeiro. Mas antigamente quando ficava sem chuvê o povo fazia penitência e ia rezano e levano uma vazia de água e também flor depois rezava um terço no pé da cruiz, jogava a água e punha as flor. Teve um ano que ficou sem chuvê, muito seco e meu pai fez um voto se chovesse ele ia fazê um cruzeiro e a chuva caiu, ele fez o cruzeiro e todo méis o povo arreunia pá rezá. Isso durou até quando meu pai morreu (D.A. Conforme trabalho de campo em 14/10/05).

A religiosidade da população camponesa durava o ano todo, invocando seus santos em todos os momentos, para agradecer ou para pedir uma ajuda qualquer. Mas o momento maior era o momento da festa, ocasião que se tornava muito especial para a exteriorização de sua fé. Dessa maneira, os encontros religiosos reforçavam a fé comum e os laços de solidariedade,

criando ocasiões para o lazer e a integração da comunidade rural. O sucesso obtido, o lucro e a boa safra não representavam apenas a ação do trabalho da comunidade, mas, sobretudo, a ajuda divina, que vem através dos santos e que justifica a realização de suas festas.

A alegria da festa sempre ajudou a população rural não só a suportar o trabalho, mas também a reafirmar os laços de solidariedade e a reforçar o seu catolicismo, sempre presente, desde o semear até o colher, desde o pedir até o agradecer.

O senhor W. A. de S. conta como era a vida e a religiosidade na fazenda:

Antigamente todo fazendeiro tinha no mínimo cinco agregados na fazenda, tinha muita fartura de tudo, de produção, de animais, de mão –de –obra, não tinha conforto mas era bão. Todo fazendeiro tinha oito ou dez boi bão e um punhado de cavalo para o trabalho da fazenda, a gente só comprava o querosene e o sal, o resto tinha tudo na fazenda. O povo tinha muita fé bem mais que hoje, tinha terço e novena direto na capela, o padre só aparecia uma vez por ano, mas o povo rezava e respeitava a religião, o domingo era guardado para o descanso e para a reza, o dia santo também era muito guardado, também o povo gostava muito de festa e tinha tempo para ir nas festa, ninguém trabalhava dia de domingo e dia santo, toda fazenda tinha um cruzeiro que era para rezar por falta de chuva. Na política tinha os fazenderão que era forte, tinha o voto de cabresto e os agregado votava onde eles mandava. Todo mundo criava galinha, porco, ninguém comprava o leite, até os agregado tinha vaca. A família era mais unida e os filhos respeitava o pai (W.A.S. Conforme trabalho de campo em 10/10/05).

De acordo com as palavras do senhor W., podemos notar que a vida seguia um ritual de respeito aos princípios religiosos, mas também ao trabalho.

De certa forma, os encontros para as festas e rezas eram também um elo de ligação entre as populações rurais. Todos colaboravam para a realização das festas, que aconteciam sempre em um ambiente praticamente familiar, onde estavam presentes os vizinhos e os amigos. Enfim, a festa era o momento de realização e alegria das comunidades rurais. Essas festas, realizadas nas fazendas e povoados, mostravam a presença forte da Igreja Católica, criando, assim, diversas manifestações culturais e de fé, que uniam muito as populações rurais. A vida no campo era cheia de atividades, tanto de trabalho quanto religiosas, que uniam sua população e proporcionavam uma vida rica de manifestações culturais e religiosas.

Nessas localidades do município de Indianópolis, em que o padre aparecia muito pouco, a religiosidade sempre foi marcada pela participação efetiva da comunidade nas festividades. Assim, a festa era também uma forma de divertimento, já que a população não tinha alternativa de lazer.

A religiosidade que envolvia as pessoas, levando-as a festejar, era também a base de uma vida dura no campo, onde o trabalho era sempre muito difícil, lento e demorado, pois era

executado manualmente. Dessa forma, garantia a subsistência da família e a continuidade da fé.



Foto 18

Fazenda Amparo mostrando a parte dos fundos e no seu interior objetos antigos, como as rodas de fiar, que estão bastante conservadas, e o porão que era utilizado para fabricar o queijo.

Autor Gilmar José Ribeiro 2005.

Dona H. A. de S. descreve sua experiência de vida na fazenda:

Setembro era o mês de preparar a terra, tudo era feito com os boi, de noite nós usava a lamparina que era na base de querosene, jogava truco e contava “causos”. Antigamente não tinha conforto, mas tinha muita fartura, todo mundo tinha a sua lavourinha o tempo era diferente, o arroz a gente limpava no pilão, a alimentação era diferente, a gente usava era a banha de porco, todos tinham a sua galinha, o quiabo, a abobra, na cidade a gente só comprava o querosene e o sal. O povo era mais alegre e despreocupado, tinha mais fé e rezava mais, tinha muito terço tinha muita fé, tinha muita festa de São Sebastião e Santos Reis, sempre com muita comida e muito doce. Antigamente tinha mais gente na roça, nas beira do corgo, a vida era mais sussegada, parece que o tempo era diferente, passava mais devagar. Hoje a vida é diferente, mas eu só vou na cidade uma vez por mês, hoje o povo é tudo apavorado (H.A.S. Conforme trabalho de campo em 10/10/05).

Como já vimos, a prática da agricultura era feita de acordo com os ciclos da natureza, e permeada pela influência das forças divinas. Havia, ao lado das práticas agrícolas, um forte exercício da religiosidade que estava presente em, praticamente, todas as famílias, tanto do meio rural, quanto do meio urbano. A vida no campo era marcada pelas dificuldades. Produzir era muito difícil e as dificuldades só eram superadas com muito trabalho, que começava com a derrubada das matas e se desenrolava durante todo o processo até a realização das colheitas.

Para o senhor A. A. P., a derrubada da mata era completada realizando a queimada. Em seguida vinha o preparo da terra, com o uso de tração animal e a manutenção por meio das capinas, feitas com a enxada.

As limitações impostas pela escuridão eram enfrentadas com o uso das lamparinas, as relações de trabalho não envolviam o uso de dinheiro, pois existia a produção em parceria e a realização constante dos mutirões.

Nesse universo de dificuldades, rezar era praticamente uma obrigação diária. O mundo religioso era cheio de manifestações e o poder divino era sempre conclamado para a superação dos obstáculos. Quando o ciclo da natureza se alterava causando, por exemplo, o atraso das chuvas, a única solução era rezar, quase sempre nos pés da cruz. O contato com o mundo dos mortos se dava nas rezas para as almas, que se intensificavam durante o período da quaresma. A vida prática era marcada, muitas vezes, pelas superstições e orações traduzidas, quase sempre, nas festas, aos santos de devoção. A vida se desencadeava em função dos interesses dos fazendeiros, que tinham forte ascendência sobre seus agregados, mantendo assim seus interesses políticos e econômicos (A. A. P. Conforme trabalho de campo em 18/10/05).

Nesse contexto, as práticas diferiam muito pouco, de uma propriedade para outra, já que as condições técnicas eram praticamente as mesmas para todos. Desta maneira, o senhor E. afirma que a vida era cheia de dificuldades. Começava logo cedo, desde a hora de tirar o leite, durante todo o trabalho pesado na lavoura, até a hora do descanso. Todas as atividades eram trabalhosas, porém, a vida era muito simples e ele comenta da seguinte maneira:

Levantava cedo tirava o leite e ia trabaíá na roça ará o chão com o arado de bico puxado pelos boi, a minha mãe dizia pá começa no mês de julho e não em agosto que era pá não tê disgosto. Depois que prantava vinha a primeira carpidação depois a desquilinação, a segunda carpidação e depois era Deus que tomava conta até na coiêta. A diversão era o jogo de bola dia de domingo e as festa na capela, o povo era muito animado. As sede da fazenda era construída nos fundo, nas cultura pá aproveitá as queda d'água que fazia funcioná o monjolo e o moinho, os vizinho levava o milho pá troca no fubá. A comida não podia tê nada diferente que o povo falava que fazia mal, o que era mais difícil era o dinheiro que quase não tinha, mas uma coisa era melhor o povo era mais alegre e mais religioso rezava muito mais que hoje (E.J.P. Conforme trabalho de campo em 20/10/05).

A originalidade desse tempo de trabalho duro no campo era marcada pelas conversas noturnas e também pelos encontros para rezar. Conta-se que era muito comum, no município de Indianópolis, as pessoas se visitarem e baterem longos papos, como também ir na casa do

vizinho ou do amigo ajudar a rezar um terço ou a levantar um santo. Tanto as visitas quanto as rezas eram acompanhadas por muita comida e bebida.

O senhor O. P recorda, com saudosismo, desse tempo:

O trabalho na lavoura era tudo manual, por isso era muito difícil, de noite não tinha energia, a gente usava a lamparina, mas o povo era mais amigo fazia visita e ficava conversano até tarde, era costume sair de cavalo para visitar os parente, os amigos. O povo também era mais companheiro, quando ia trabalhar cada um queria fazer mais do que o outro. O trabalho era pago com banha, açúcar e também com arroz. Tinha sempre os terço nas fazenda e as festas de Santos reis, nessas festas tinha muita fartura. Ninguém plantava no cerrado porque não existia o adubo e ele não dava nada. Nesse tempo o povo rezava muito e fazia muita promessa. A comida era melhor, era mais natural, a banana era colhida no quintal, as frutas não tinha bichos e não existia inseticida (O.P. Conforme trabalho de campo em 21/11/05).



Foto 19

Fazenda São João – Cenário das relações de trabalho e da religiosidade dos tempos antigos, ainda guarda as marcas do passado no seu estilo tradicional. Proprietário Sr. O. P.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005

Sendo a atividade agrícola a base da economia do município de Indianópolis, acabou favorecendo o desenvolvimento de um universo muito amplo de atividades culturais, no meio rural. Porém, a vida na cidade também era vivida em função das atividades rurais; cidade e campo tinham costumes muito semelhantes. Nesse aspecto, o senhor M. A. da S. afirma que os moradores da cidade trabalhavam com a agricultura; era muito comum ver grupos de homens saindo de manhã, bem cedo, para se dirigirem às lavouras, saindo a cavalo ou a pé, já que muitas lavouras ficavam bem próximas da cidade. Desse modo, durante o dia, a cidade

ficava praticamente ocupada pelas mulheres e crianças, enquanto os homens se encontravam na lavoura.

O senhor M. A. da S. narra como era a vida em Indianópolis nessa época:

Aqui o povo era mais unido e mais amigo, trocava favor, juntava várias famílias pra fazer almoço, pamonha, quitanda. O povo não fazia conta das coisa, era muito farturento, quando chegava alguém numa casa, era aquele agrado, era muita fartura. Tinha também muita sinceridade, o povo tinha mais tempo pra conversar era um compadismo só, dia de domingo todo mundo ia pra casa do compadre para conversar. O tempo demorava mais pra passar por causa da tranqüilidade do povo e da fartura (M.A.S. Conforme trabalho de campo em 18/11/05).

De acordo com as palavras do senhor M., podemos observar que a vida na cidade de Indianópolis tinha os mesmos parâmetros da vida no campo, com seu estilo simples e pacato.

No panorama geral da vida no município de Indianópolis, há de se ressaltar a importância das atividades rurais. É importante entender que cidade e campo não determinavam um modelo de vida muito diferente entre os moradores de ambos, uma vez que exerciam as mesmas atividades, pois os moradores da cidade, assim como os do campo, viviam essencialmente da agricultura e da pecuária. A vida cultural na cidade e no campo era muito parecida.

O senhor G. D. é profundo conhecedor dessa história e conta que a cidade era pequenininha, parecia um arraial e não tinha nada, suas ruas eram verdadeiros becos, os animais eram criados soltos nas ruas e as moradias eram os ranchos cobertos de capim e, quando eram rebocados, usava-se o estrume de vaca misturado com cinza, que era amassado com os pés, para fazer o reboco. O povo trabalhava com a lavoura e a cidade só tinha um armazém, que vendia secos e molhados; o trabalho na lavoura era todo executado de forma manual.

O senhor G. D. descreve como eram as festas e a vida na cidade, nessa época:

Nessa época a festa boa que tinha na cidade era a de junho que era do Divino e Santana vinha gente da roça de carro de boi e ficava nas barracas construídas nos quintais, era um farturão danado, precisava vê, tinha leilão com prendas que eram arrematadas principalmente pelos homens. Nessa época a gente rezava todo dia na hora de deitar e na hora de levantar. Tinha benzedô bão, a gente, antigamente não tinha remédio e a doença era tratada com raiz. Nessa época prantava lavoura até quase dentro da cidade, ninguém conhecia um trator. Mas a vida era mió (G.D. Conforme trabalho de campo em 25/01/06).

Entre os costumes mais comuns estava o da festa, e uma delas foi-se tornando tradicional na cidade: a festa da Virgem Maria (ou festa de Maio, como é chamada), que, segundo dona M. C., teria sido criada na década de 1930, pelo seu pai, o senhor Enéas Alves Pinto, e aos poucos foi sendo incorporada pelas populações rurais, que sempre vinham para a cidade para ficar em barracas, durante o período da festa. O que é muito específico desta festa e diferente de todas as que conhecemos, é que, desde o início, ela contava com trinta “novenas”, começando sempre no primeiro dia do mês de maio, indo até o seu final. A parte religiosa dessa festa sempre atraiu muita gente, e a igreja ficava, como ainda fica, lotada de pessoas. Suas novenas eram compostas de terços e cantos das crianças, que se vestiam de branco e faziam a coroação da santa nos finais de semana e no dia da festa. A coroação era, e ainda é, o ponto alto da cerimônia religiosa.

Essa festa sempre contou com uma parte social, composta de leilões, com prendas que eram doadas e arrematadas pelos fiéis, e a realização de bailes no ranchão, construído de capim e madeira pela comunidade, que doava o seu trabalho. Nesse processo, a festa foi crescendo e tornou-se uma tradição, que consegue se manter até hoje, embora de forma bastante transformada, da qual trataremos no capítulo 3 (M. C. Conforme trabalho de campo em 17/10/05).



Foto 20

Foto superior: Festa de Maria baile no ranchão, na década de 1970.

Foto inferior: Festa de Maria Coroação da Santa, feita pelas crianças, na década de 1970.

Foto acervo da Sr. M. C.

O senhor A. P. descreve como era a tradição da festa de Maio:

A festa de Maio sempre teve trinta novenas com leilões, onde as melhores prendas eram os tabuleiros, que o povo gostava de arrematar. Vinha gente de

longe e da roça, de carro de boi, para assistir a festa. A parte mais esperada pelos rapazes e moças eram os bailes no ranchão que, no começo, era feito de pano de bater arroz e depois passou a ser feito de capim. Os rapazes e as moças iam muito bem vestidos compravam as roupas em Araguari, a Igreja tava sempre cheia, principalmente no fim de semana, quando tinha a coroação da Santa, feita pelas crianças e moças (A.P. Conforme trabalho de campo em 25/01/06).

De acordo com o depoimento do senhor A., pode-se observar que a festa de maio era uma tradição muito forte da população do município, pois a população rural participava maciçamente dela. A vida social era intensamente ligada às festas; dessa forma, todas elas tinham um caráter religioso. Dentro desse universo, não podemos esquecer de falar da morte, que era um acontecimento considerado de extrema importância, já que nele era medido o prestígio do morto; durante a cerimônia fúnebre, quanto maior o número de pessoas presentes, maior era o prestígio do defunto.

A morte tinha um tratamento que misturava princípios religiosos com certas superstições, que cercavam a cerimônia fúnebre. A preparação do morto começava pelo banho, que era considerado uma necessidade de higiene, mas também como um princípio de purificação da alma. Em seguida, dava-se a preparação das roupas, que muitas vezes era até mesmo costurada ao lado do corpo que, segundo dona M. C. ficava estendido em uma mesa.

A fabricação do caixão, geralmente, se dava durante a noite, o que trazia um ar de profunda tristeza, já que nas fazendas eram preparados na própria residência do defunto. Na cidade, eram feitos nas oficinas dos marceneiros. Os caixões eram quase sempre de cor roxa ou, raramente, preto. A tristeza maior se dava sempre na hora do enterro, quando muitos ficavam em volta do caixão, onde choravam e pronunciavam palavras de exaltação ao morto.

Comenta-se que era muito comum servir comida durante o velório, geralmente, um jantar para os presentes. Era normal também, entre os presentes, beber uma cachaça, e o velório era sempre local de muitas conversas. Uma vez enterrado o defunto, seguia-se o período de luto, que era marcado pelo uso de roupas pretas. No caso das viúvas, durava cerca de um ano. Já para os viúvos esse período era menor, sendo que o luto para os homens, depois de certo tempo, dispensava a obrigatoriedade de usar a roupa toda preta; bastava uma pequena faixa de pano preto colada ao bolso da camisa. Durante o velório, rezavam-se terços e, nos enterros, o corpo era carregado em cortejo pelas ruas, devendo passar pela igreja onde, na maioria das vezes, celebrava-se uma missa.

Para Alencastro (1997), a morte era um acontecimento social importante, no qual se reuniam, além dos familiares, os religiosos e até mesmo pessoas desconhecidas. A proximidade da morte era percebida sempre quando o padre era chamado para dar a extrema

unção ao doente, já que era praticamente o atestado de óbito e a garantia de estar abençoado, pois os padres eram considerados verdadeiros agentes da salvação. Outro aspecto importante é que ter uma cova dentro da igreja era também uma forma de os mortos manterem contato com os vivos, lembrando-lhes que rezassem pelas almas dos que se foram.

Dona P. S. de Á. descreve como era o tratamento dado aos mortos:

De noite a gente lumiava com as candeia que a gente enchia de azeite e fazia o pavio de agudão e punha fogo naquilo pá lumiá o velório. Quando morria arguém tinha que passá a noite inteira fazeno quarto po difunto, rezava terço a noite inteirinha e cantava também. A família do morto tinha que dá comida po povo que ia no velório, juntava muita gente pa passá a noite no velório. Para o enterro carregava o difunto no bangüê que era feito com quatro pau cruzado e ia quatro home carregano cada um pegava numa ponta, quando cansava ia breganhano e oto pegava até descansá. Todo morto tinha a missa de sétimo dia que era celebrada pa alma, os morto tinha mais respeito, o povo ficava triste. A família tinha que usá roupa preta, quando num tinha era preciso tingi, cozinhava a casca de capitão moiava a roupa passava no barro e deixava secá, depois lavava o barro e passava de novo na casca de capitão até ficá preto, não discorava de jeito nenhum. O luto era seis mêis pos fios e pas viúva era mais de seis mêis. De veis enquanto a gente tinha que ir no cemitério vizitá e mandá celebrá missa (P.S.A. Conforme trabalho de campo em 10/01/06).

De acordo com as palavras de dona P., podemos observar que a morte era um acontecimento cercado de muito respeito, que tinha um caráter profundamente religioso, envolvendo a participação de familiares, amigos e até mesmo desconhecidos.

Temos em vista, enfim, que a história consiste também em releituras do passado e apenas a elas temos acesso. Dessa forma, na elaboração deste trabalho de pesquisa, procuramos, neste capítulo, agregar os elementos que contribuíram para a formação do povo mineiro, relacionando os diversos aspectos – religiosos, sociais, políticos, geográficos e econômicos (cujas determinações têm seus limites) – com as manifestações culturais. Sabemos que essas manifestações são tratadas, muitas vezes, como algo folclórico, distante, passado ou gasto, muitas vezes, sem importância. Nesse sentido, procuramos abordar a religiosidade, as tradições, os modos de vida do passado e também as práticas da população e dos fazendeiros do estado de Minas Gerais, do Triângulo Mineiro, bem como do município de Indianópolis, com o intuito de retratar sua relevância no contexto sócio-cultural, como algo que valoriza e dá sentido às manifestações populares já vividas. Muitas delas ajudaram a construir a noção de cultura mineira e algumas permanecem, ainda hoje, em algumas localidades, embora tenham passado por modificações importantes.

Os espaços vividos em Minas Gerais, na Região do Triângulo Mineiro e, particularmente, em Indianópolis, já foram diferentes, marcados por características próprias da vida de um período, onde as relações humanas eram mais valorizadas, os sentimentos eram mais respeitados, o ser humano era mais ligado ao que fazia, e se sentia mais gente, com isso. Eram mais irmãos através das relações de vizinhança e amizade, mais felizes com o seu trabalho, e eram, acima de tudo, mais realizados com suas relações familiares e comunitárias. Com isso não se quer afirmar que não existiam problemas e conflitos dentro da família e nos espaços comunitários, mas era um tempo em que as pessoas se doavam mais em suas relações, pois o individualismo não estava tão presente, dava-se de outra forma, ou seja, pelo contato pessoal. O se interessar pelo outro fazia parte da vida cotidiana das pessoas.

Era um tempo marcado também pela presença da fé e da devoção, da vida baseada na religiosidade. Portanto, existia um estilo de vida marcado pelo costume da cooperação entre os amigos e vizinhos. Entretanto, como vimos, existiam conflitos, mais ou menos complexos. Desse tempo, existem alguns resíduos, pois as mudanças vieram com a implantação das atividades capitalistas e se intensificaram com o processo de globalização que, nessa região do Triângulo Mineiro e, particularmente, no município de Indianópolis, se aceleraram a partir da década de 1970, desestruturando a religiosidade, os modos de vida e de produção, transformando radicalmente o uso, os costumes e as práticas do cerrado. São essas mudanças que serão abordadas no capítulo 2.

CAPÍTULO 2

A AGROINDÚSTRIA E O ESTRANHAMENTO DOS CULTOS RELIGIOSOS



Foto 21

Aspectos da modernização da agricultura, com o uso intenso de máquinas, e a presença da agroindústria no município de Indianópolis:

Foto superior: Pivô central na fazenda Lap autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto inferior: pulverização de soja na fazenda São João Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

2.1 - Antecedentes da Modernização Agrícola em Indianópolis

Compreender o processo de modernização da agricultura em Indianópolis requer analisá-la na perspectiva, de entender o que nela ocorre, dentro de uma totalidade ampla e complexa. Nessa perspectiva, deve-se entender que a realidade local não se desvincula do seu próprio processo histórico-econômico de formação, assim como das mudanças sócio-espaciais e da sua inserção no sistema capitalista de produção, intensificada a partir do processo de modernização da agricultura.

A realidade sócio-econômica e espacial de Indianópolis e do Triângulo Mineiro, que foi dominada, durante vários anos, pela presença da agropecuária tradicional, é hoje (2006) marcada pela influência da agricultura moderna, com forte mecanização e uso de produtos químicos, com o predomínio das monoculturas, como a do café. Compreendê-la significa retornar às condições sócio-econômicas e culturais que possibilitaram a formação dessa nova espacialidade. De acordo com Santos (1997, p. 49), “a sociedade só pode ser definida através do espaço, já que o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história – mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade”.

Desse modo, entendemos que os principais fatores que indicam as condições para a implantação da modernização da agricultura, em Indianópolis, podem ser encontrados no início do século XX, particularmente na década de 1970, com grande expansão nas décadas de 1980 e 1990. Hoje, com altíssimos índices de produção e produtividade, essa agricultura modernizada pode ser classificada entre as melhores do Brasil.

Entretanto, há que se ressaltar que as transformações da agricultura se desdobraram também em processo de transformações culturais e religiosas que se aceleram a partir da modernização implantada na agricultura. Isto significa dizer, também, que essas transformações sempre estiveram em curso, porém passam a ter maior visibilidade, uma vez que se aceleram com as transformações impostas pela modernização agrícola.

De acordo com Ianni (1996), o período posterior à Revolução de 1930 foi marcado pelo surgimento de uma sociedade de modelo burguês na qual a política, a economia, os valores sociais e culturais tinham características burguesas de uma sociedade urbana dividida em classes, que impunham seus interesses sobre a economia rural, ou seja, primária exportadora.

A criação das condições para o desenvolvimento da economia capitalista se deu ainda no governo Vargas, com um Estado “forte”, que passou a intervir e criar novos rumos para a

economia brasileira, o que se estendeu até a década de 70 do século XX, passando pelo Governo JK, pelos governos militares, até o final da década de 1970.

Esta década foi crucial para o processo de modernização da agricultura brasileira, nas áreas de cerrado, com a implantação dos programas governamentais, que atingem, destacadamente, a região do Triângulo Mineiro. Com isso, a modernização agrícola se acelera em Indianópolis a partir da década de 1980, quando os produtos de exportação passam a ser produzidos em larga escala.

O processo de modernização agrícola é induzido pelo sistema capitalista, que beneficia o grande capital, com a adoção de tecnologias agrícolas que alcançam grande parte dos países do terceiro mundo também chamados de países periféricos. Portanto, não ocorre de forma isolada do processo de acumulação mundial.

A chamada “Revolução Verde”, que serviu de parâmetro para o projeto de modernização agrícola, apresentava uma imagem humanitária, que na realidade ocultava vantajosos interesses econômicos, relacionados à expansão e ao fortalecimento das grandes corporações, que estavam se tornando uma realidade mundial e que caminhavam, a passos largos, para o processo de transnacionalização (BRUM, 1987).

No mundo todo, as empresas caminhavam nesta direção. Não acompanhar a rapidez das transformações seria sinônimo de atraso, uma vez que a economia mundial expandia-se de forma extraordinária, no século XX. É bem verdade que esta expansão ocorreu de forma muito desigual, afetando muitos países; no caso do Brasil, trazendo impactos significativos na vida das pessoas

De acordo com o contexto, segundo Graziano da Silva (1982), o projeto modernizante promove, sobretudo, o desenvolvimento de um grande projeto de “industrialização da agricultura brasileira”, com a agricultura se transformando em um setor subordinado pelo capital monopolista.

O crescente interesse na modernização agrícola fez com que o Estado se tornasse o grande subsidiador do crédito agrícola, que além de se concentrar nas mãos dos grandes, concentra-se também, de forma desigual, entre as regiões brasileiras, ficando o maior percentual para as regiões Sul e Sudeste, até então as mais desenvolvidas do país. Nesse processo, a região do Triângulo Mineiro foi uma das grandes beneficiadas pelos programas implementados pelo Governo Federal.

Entendemos que a maneira pela qual se deu a modernização da agricultura, no cerrado, com um intenso processo de mecanização das lavouras, acabou gerando um modelo de desenvolvimento urbanizador, com grandes mudanças nas estruturas sócio-econômicas, já que

houve também transferência de renda do campo para a cidade, gerando aumento de consumo dos bens e serviços urbanos. Desse modo, a modernização da produção provocou mudanças econômicas que passaram a se expressar espacialmente, não só no campo, com a sua modernização, mas sobretudo na cidade, que por sua vez também se modificou para atender as demandas da produção modernizada no campo.

A partir da década de 1960, o Brasil inicia a intensificação de um processo de abertura da economia nacional ao capital externo. A partir de então, prioriza-se a expansão da modernização das fronteiras agrícolas, procurando adequar sua produção, basicamente, ao mercado internacional. Nesse contexto, o cerrado tornou-se o principal alvo dessa modernização da agricultura e da implantação da alta tecnologia necessária para atender as exigências desse mercado. Esse novo modelo fundamentava-se no advento da “Revolução Verde”, que teve início após a Segunda Guerra Mundial, ocorrida entre (1939 e 1945), principalmente nos países da Europa e nos Estados Unidos. Esse sistema produtivo foi estruturado tendo como base o uso intenso de máquinas e insumos, tais como fertilizantes e inseticidas. O grande objetivo era o aumento da produtividade na agricultura, viabilizando, assim, o uso de técnicas modernas de correção dos solos e o uso de produtos químicos, inclusive para o controle das pragas, assegurados, a partir de então, por uma intensa mecanização.

De acordo com Pinto (1990), até a década de 1970, os cerrados eram tratados com menosprezo, já que existia um mito⁷ de que não serviam para a agricultura; por isso, tinha pouca utilidade. Suportavam poucas cabeças de gado, sobretudo na seca. O valor dos campos era somente como reserva de pastagem natural, após a queimada, onde se colocava o gado a partir de setembro, no auge do esgotamento das reservas proteicas do rebanho. Com a chegada dos produtos químicos e de correção do solo, esse panorama começa a ser alterado.

Nesse contexto, a partir da década de 1970, começa o surgimento dos grandes programas governamentais para o desenvolvimento das áreas de cerrado, o que por sua vez gerou importantes transformações, que levaram às suas atuais configurações. Nesse sentido, o nosso objetivo, neste capítulo, é analisar as transformações ocorridas no cerrado do Triângulo Mineiro e particularmente de Indianópolis, que desestruturaram as práticas agrícolas, culturais e religiosas, predominantes até então.

Para o entendimento das atuais configurações das áreas de cerrado da região em estudo, é importante compreender os antecedentes históricos que despertaram os interesses

⁷ O mito de que o cerrado era improdutivo foi criado em um dado contexto histórico, em que a falta de condições técnicas lhe dava sustentação.

por tal região e criaram as possibilidades para a sua ocupação, já que, segundo Pessôa (1988), o cerrado começa a despertar interesses econômicos nos outros países, a partir do final do século XIX, quando as pesquisas sobre o cerrado começam a atrair os estrangeiros que visitavam o Brasil. Entretanto, as razões economicamente plausíveis para sua exploração surgiram, sobretudo, na década de 1970, quando os estudos avançaram no sentido de possibilitar a correção dos solos e concretizar a produção na região.

No caso de Indianópolis, o aproveitamento das áreas de cerrado, para a agricultura moderna, se dá de forma mais efetiva a partir da década de 1980, quando começam a chegar, juntamente com os novos proprietários de terras vindos de fora e com as empresas rurais, as novas tecnologias, fundamentadas no uso de máquinas e produtos químicos. Dentro do contexto mencionado, segundo Bacelar (2003), os investimentos que proporcionaram mudanças na agricultura das áreas de cerrado no Brasil ocorreram, de forma mais efetiva, no final dos anos 1960; para sermos mais exatos, a partir do ano de 1969, quando o governo brasileiro lança o programa de erradicação dos cafezais do Sul, principalmente do Paraná. Começam, a partir de então, os primeiros planos para o cerrado.

2.2 - Triângulo Mineiro: A Infra-estrutura Necessária

O Triângulo Mineiro tem sua história ligada à expansão dos cafezais paulistas, já que, com a extensão da estrada de ferro à região do Triângulo Mineiro, seria garantido o fornecimento de gêneros alimentícios do Brasil Central ao estado de São Paulo, proporcionando a resolução do problema da escassez de alimentos, indispensáveis à reprodução da força de trabalho dos cafezais paulistas. Assim, com o objetivo de promover o seu desenvolvimento e a sua integração, a economia nacional promove, principalmente a partir da segunda metade do século XX, a estruturação da rede de transporte e de energia.

De acordo com Pinto (1990), até meados da década de 1950, a região do cerrado, particularmente o Triângulo Mineiro, se encontrava, até certo ponto, bastante isolada das áreas economicamente mais desenvolvidas do país. Esse processo de isolamento se dava, basicamente, por não haver vias de transportes. Isso só começa a mudar a partir da implantação de Brasília que, por sua vez, provocou mudanças significativas no cerrado, fazendo com que cidades antigas se transformassem em pólos de desenvolvimento. A autora afirma, ainda, que a ocupação do cerrado deu-se de forma desordenada em função da tecnologia agrícola implantada nas monoculturas, que visa apenas ao lucro, não tendo nenhum tipo de preocupação com a conservação dos ecossistemas naturais do cerrado.

O isolamento inicial do Triângulo Mineiro se refletiu, de forma intensa, no município de Indianópolis, o que permitiu a preservação da religiosidade, das tradições, dos costumes e dos modos de vida, que, por sua vez, incorporavam práticas agrícolas tradicionais, em que as relações de trabalho não envolviam o uso de dinheiro, já que eram feitas na base das trocas de dias de serviço e do mutirão; bem como um sistema religioso no qual as festas eram permeadas pela fartura e garantidas pelo envolvimento da comunidade, situação que perdurou mesmo após a sua emancipação, ocorrida em dezessete de dezembro de 1938. Segundo os moradores mais antigos, em realidade essas características prolongaram-se pelo menos até a década de 1970, uma vez que possuía ligação precária com as cidades mais importantes da região, ligando-se, diretamente, apenas com a cidade de Araguari, por uma estrada de terra, na qual já se fazia o transporte de passageiros, em uma jardineira, desde a década de 1950. Já a sua ligação Uberlândia e Uberaba se dava através de uma balsa, instalada no rio das Velhas (hoje rio Araguari), dificultando, sobremaneira, o intercâmbio com aquelas cidades, razão pela qual o “progresso” e a “modernização” chegaram um pouco atrasados, em relação a elas.

O contato com a cidade de Uberlândia só começa a ocorrer, com maior frequência, a partir da década de 1960, quando passam a acontecer corridas feitas por um caminhão, duas

vezes por semana, que transportava, além de pessoas, animais, como porcos, galinhas, etc. e outros produtos como queijo, ovos, arroz e feijão. Segundo o senhor M., o caminhão saía pela manhã, levando esses produtos, que eram vendidos em Uberlândia, e retornava à tarde, trazendo produtos comprados nessa cidade, como o açúcar, o sal e a farinha de trigo. As dificuldades de transportes só foram superadas a partir da década de 1970, quando Uberlândia assume posição estratégica, com o rodoviarismo e a construção da BR 365⁸ e da BR 452⁹, o que facilitou a comunicação com Uberlândia e com as demais cidades da região, uma vez que Indianópolis não contou com a presença da ferrovia.

Além de fatores importantes, tais como servir de ponto de passagem, conseguir grande acumulação de capital, o fator posição geográfica foi crucial na integração da economia regional à de São Paulo. O Triângulo Mineiro, em relação ao Brasil Central (Mato Grosso e Goiás) e ao estado de São Paulo, localiza-se equidistantemente desses estados, estando situado a meio caminho de uma das principais rotas mercantis da época. Desse modo, há que se ressaltar a importância da chegada da ferrovia ao Triângulo, que se deu por meio da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, na década de 1880. Com a construção da estrada de ferro e a conseqüente melhoria nas condições de transporte, foi possível que ocorresse a espacialização produtiva de diversas regiões, proporcionando a complementaridade entre as estruturas produtivas (BRANDÃO, 1989).

No caso de Indianópolis, a expansão ferroviária, que alcançou as cidades de Uberlândia e Araguari, não a beneficiou diretamente, pois a sua condição de isolamento só melhorou após a construção das rodovias, portanto a partir da década de 1970, quando começa a mudar a forma de pensar e de viver da população, principalmente com a chegada das novas tecnologias.

Com a chegada dos tratores e das máquinas agrícolas, algumas situações comuns na cidade vão desaparecendo, como, por exemplo, o fato de ela ficar ocupada durante o dia somente pelas mulheres, enquanto os homens saíam para trabalhar na lavoura, já que, a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, o “progresso” era facilmente perceptível, com a chegada da tecnologia. O carro de boi e o cavalo vão saindo de cena,

⁸ A BR 365 tem início em Montes Claros MG, estendendo-se até a divisa de Minas com Goiás, tendo acesso a Indianópolis a 17 Km. Localizando-se na parte norte da cidade, passando por Uberlândia, faz a ligação do Triângulo Mineiro com o restante do país, por meio da sua conexão com outras rodovias.

⁹ A BR 452 tem seu início em Rio Verde GO, indo até Araxá MG, passando por Uberlândia. É também um importante pólo de ligação do Triângulo Mineiro com o restante do estado e do Brasil, uma vez que também faz conexão com outras rodovias. Seu acesso a Indianópolis encontra-se a 12 Km, localizando-se na parte sul da cidade.

cedendo espaço para a caminhonete, a colheitadeira e o caminhão. Novos hábitos e costumes aparecem, os modos de vida vão sendo influenciados pela chegada da televisão, que acontece no ano de 1970.

A ferrovia penetrou pelo território triangulino pela estação de Jaguará. Aproveitando a ponte já existente desde 1890, o governo concedeu à Companhia Mogiana o direito de prolongamento até a cidade de Catalão, Goiás. Estava implantada a ferrovia na Região do Triângulo Mineiro, ligando-a ao centro econômico da época. Tal infra-estrutura acaba por redefinir o seu papel na divisão inter-regional do trabalho.

A Região do Triângulo Mineiro tornava-se, então, uma importadora de produtos primários goianos e exportadora, para São Paulo, desses mesmos produtos, ao mesmo tempo em que também se constituía numa grande importadora de produtos industrializados paulistas e exportadora desses produtos para Goiás e Mato Grosso.

Os rendimentos alcançados pela intermediação comercial inter-regional foram paulatinamente canalizados na implantação e ou melhoria da infra-estrutura urbana, o que, segundo Brandão (1989), constituiu-se numa importante fase de transição, pois foi dessa maneira que o capital comercial consolidou as bases para o “grande salto” da diversificação, ocorrida décadas mais tarde.

A presença de uma rede de transportes e comunicações “moderna” no território triangulino modificou substancialmente as expectativas de aproveitamento das potencialidades da Região Central do Brasil. Esta vasta área se viu diante da possibilidade de produção de mercadorias para os mercados do litoral, em troca de imigração e de produtos manufaturados. Dessa maneira, as principais cidades do Triângulo Mineiro, como Uberlândia, posicionaram-se diante do progresso engendrado pelo café, habilitadas a cumprir o papel significativo que lhes caberia, na nova fase do capitalismo brasileiro.

Dessa forma, a “opção rodoviária” foi importante, por permitir a expansão comercial por toda a região do Triângulo Mineiro. Assim, o rodoviarismo acabou consolidando a região do Triângulo no cenário do capitalismo nacional.

Nesse contexto, o rodoviarismo teve fundamental importância nessa nova fase do capitalismo na região, pois permitiu a expansão comercial em todo o Triângulo e parte de Goiás e Mato Grosso.

Nesse processo, Uberlândia assume posição estratégica no desenvolvimento do Triângulo Mineiro e a sua elite política, com muita competência, cria condições para assegurar o seu progresso. Já Indianópolis, segundo alguns moradores mais antigos, teria sido prejudicada por decisões dos políticos locais, que não queriam o seu desenvolvimento, pois a

BR 365 já estava com o seu traçado pronto para passar a menos de um quilômetro da cidade, o que traria o progresso, mas a elite política local, liderada por um dos fazendeiros, que era o prefeito da cidade, juntamente com outros que não queriam perder poder político, nem parte de suas terras, com a construção da rodovia, trabalharam politicamente, junto a deputados, conseguindo impedir a obra e, assim, a rodovia foi afastada para dezesseis quilômetros de distância da cidade, o que, segundo os moradores mais antigos, prejudicou e atrasou o seu desenvolvimento.

Por outro lado, os programas governamentais para o desenvolvimento do cerrado facilitaram a sua ocupação, na região. A partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, chegam as companhias agrícolas e os novos proprietários, vindos principalmente do Sul e de São Paulo, transformando o cenário sócio-econômico do município. Chegava o progresso tão temido pelos fazendeiros, trazendo também a mão-de-obra dos migrantes, principalmente dos nordestinos. O que mudaria, não só a paisagem das fazendas e da cidade, mas também a maneira de agir e de pensar dos fazendeiros e da população; como um todo.

Com o fim da crise de 1940/50 nos transportes, uma nova fase do capitalismo, na região, iniciou-se. Até então, a região do Triângulo Mineiro caracterizou-se como uma região agropecuária.

A construção da capital federal, na região central do país, fez parte do projeto geopolítico do Brasil de então, e proporcionou à Região do Triângulo Mineiro o fortalecimento de sua importância geo-estratégica, consolidando a região como entroncamento de importantes estradas federais, bem como possibilitando que ela servisse de fomento a atividades de apoio à construção de Brasília e desempenhando sua característica intermediadora com o Centro-Oeste.

Desse modo, a construção de Brasília significou a implantação de infra-estrutura pesada na região. Em 1957, é instalado, em Uberlândia, um novo sistema de telecomunicações; são construídas usinas hidrelétricas e importantes rodovias, infra-estrutura que garantiu, à região, função privilegiada na reestruturação da divisão inter-regional do trabalho.

Mesmo com a construção de Brasília, ocorrida na década de 1950, que cria condições para o desenvolvimento do Triângulo, Indianópolis não conseguiu impulsionar o seu desenvolvimento, pois ainda continuava isolada, por falta de vias de transporte, permanecendo com suas características antigas, até por volta da década de 1960. Até esse momento o progresso foi muito lento, quase imperceptível, mantendo suas festas, suas formas

de trabalho como o mutirão, seus modos de vida e a religiosidade que conviviam, até então, de forma harmoniosa, com o progresso.

O período iniciado com o governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), considerado de “industrialização pesada”, caracterizou-se pelo forte reforço da concentração industrial em São Paulo, levando este Estado a comandar os determinantes da acumulação de capital, em nível nacional.

Com o início do governo militar em 1964, novas perspectivas surgem para a Região do Triângulo Mineiro, que conseguiu se sobrepôr como espaço privilegiado na reprodução do sistema capitalista, uma vez que a região conseguiu, a partir desse período, acumular grande capital, inserindo-se na estratégia territorial e nas idéias geopolíticas dos militares, que consideravam a região central do Brasil um “centro energético vital”, que precisava ser controlado (SOUZA, 1991).

As transformações sócio-econômicas, de ordem geral, colocaram as classes dominantes da Região do Triângulo Mineiro, principalmente aquelas de suas duas maiores cidades, diante das tarefas de desenvolver a infra-estrutura, para dar continuidade à reprodução do capital, e capacitar o capital privado a responder às necessidades da crescente demanda regional.

Na década de 1970 acontece, em função do “choque do petróleo” e do “milagre brasileiro”, uma reordenação da política econômica, quando o Estado passa à execução de políticas nacionais, ligadas aos interesses da indústria e da agricultura. Entretanto, algumas modificações seriam necessárias para adequar a agricultura do cerrado ao processo industrial. Nessa perspectiva, Brandão afirma que:

Profundas transformações seriam exigidas na base infra – estrutural para que lograsse sucesso a incorporação e o ajuste dos cerrados aos ditames do desenvolvimento industrial. Neste sentido, apoiar-se-iam: a utilização intensiva de corretivos do solo, a eletrificação rural, o reflorestamento, a mecanização, a construção de um sistema de transporte e armazenagem, o desenvolvimento da extensão rural e a adequação fundiária (BRANDÃO, 1989, p. 147).

Nesse sentido, o Triângulo Mineiro é inserido no I PND (1972-1974) e no II PND (1975-1979), e dentre as ações significativas destacam-se os Programas de Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), que proporcionaram uma intensa modernização agrícola na cultura de grãos, numa região de tradição pecuária extensiva.

Os incentivos governamentais que favoreceram as pesquisas, com grande participação dos órgãos públicos, inclusive das universidades, possibilitou, nos cerrados, o “milagre” da

fertilidade. Antes a produção era, praticamente, um privilégio das áreas de fertilidade natural, matas e vales de rios; a partir das pesquisas, passou a ser realidade também nos conjuntos dos cerrados. Essas áreas, caracterizadas por elevada acidez e pobreza de nutrientes, puderam ser exploradas, com a correção dos solos e o uso de adubos e fertilizantes (GUIMARÃES & AFFONSO, 1993).

No caso de Indianópolis, as áreas de cerrado que eram utilizadas para a criação extensiva de gado mantiveram-se praticamente inalteradas até a década de 1970, já que até esse momento os proprietários de terras locais viviam na perspectiva do mito de que o cerrado era improdutivo. As grandes transformações dessas áreas só começam a partir dos primeiros projetos das companhias agrícolas, que chegam no município e conseguem altos índices de produtividade usando tecnologias modernas como máquinas e insumos, despertando, a partir de então, o interesse dos proprietários locais pelo cerrado.

Na verdade, o que dá o pontapé inicial para o aproveitamento do cerrado nessa região é a política econômica dos militares e os incentivos governamentais, oferecidos a partir da década de 1970, que contribuíram, de forma significativa, para que ele alcançasse a capitalização produtiva. A grande necessidade de produtos exportáveis fez com que o cerrado passasse a ser considerado o grande “celeiro do mundo” (BACELAR, 2003).

A implantação, com sucesso, do PRODECER, na cidade de Iraí de Minas, por intermédio do cooperativismo, inicialmente com a cooperativa COSUEL, atraiu investimentos, modernizando a agricultura na região. O sucesso da agricultura, no cerrado, acabou valorizando as terras no município de Indianópolis, que passou a atrair investimentos, com a entrada das companhias agrícolas e também dos sulistas, paulistas e até mesmo de alguns estrangeiros, que adquiriram terras no município. A modernização, trazida pelos novos proprietários, passou a exercer uma certa pressão sobre os fazendeiros e pequenos proprietários locais, que foram forçados a acompanhar esse processo. Os que não conseguiram tiveram que vender suas terras. A partir de então, o processo de mudanças se acelera, desarticulando as comunidades rurais e, por sua vez, os modos de vida e a religiosidade, até então predominantes.

Nesta perspectiva, Pinto (1990) afirma que, na década de 1970, os antigos moradores das áreas de cerrado passaram a ter contato, de forma brutal, com novas modalidades de plantações, como os desconhecidos capins braquiárias e tobiatã, que vinham competir, de forma absolutamente desigual, até certo ponto desonesta, com os tradicionais “capim gordura”, “Jaraguá”, etc. Viam também nascer e crescer, rapidamente, do outro lado de suas

cercas, como que por milagre, os primeiros campos de soja, de arroz e de milho, antes somente cultivados nas “terras de cultura”.

Os moradores das áreas de cerrado do município de Indianópolis aproveitavam o cerrado apenas para criação do gado, que servia para a subsistência da família, do qual tiravam o leite para fazer os tradicionais queijos e doces, uma vez que o uso da carne de vaca não era sistemático. Nesse sistema de subsistência, os capins nativos dessa região eram considerados satisfatórios para a criação bovina, já que esta era uma atividade desenvolvida pela família, não oferecendo, portanto, grandes gastos. Porém, com o processo de modernização agrícola, essa situação também passa por transformações, sobretudo a partir da chegada da agroindústria nessa região.

Desse modo, segundo Brandão (1989), o desenvolvimento industrial da região se deu privilegiando o setor da agroindústria, com a implantação de diversas indústrias ligadas ao setor agrícola, o que contribuiu significativamente para estruturar o Triângulo Mineiro como uma região armazenadora, processadora e redistribuidora de produtos agroindustriais. Nesse processo, ocorrem mudanças estruturais significativas no setor produtivo, impulsionando a agroindústria. A agricultura é obrigada, então, a se dinamizar, para atender as necessidades do setor, transformando-se técnica, política e socialmente, assumindo um dinamismo notável, a partir da segunda metade da década de 1970.

A modernização agrícola promove a estruturação da região do Triângulo Mineiro, trazendo benefícios, não só para Uberlândia, mas também para as outras cidades da região. No caso de Indianópolis, algumas mudanças importantes ocorrem a partir da década de 1970. A construção das rodovias facilitou a comunicação com o restante do país. Em seguida, ocorreram outras mudanças, como a chegada da energia elétrica, o que, por sua vez, impulsionou as transformações do município, acelerando o processo de mecanização da agricultura, fatores que provocaram grandes mudanças no campo e também na cidade.

Nesse cenário, Uberlândia assume, de forma clara, um papel central no processo de industrialização do Triângulo Mineiro, sobressaindo-se com maior crescimento o ramo da agroindústria. No comércio atacadista, foram criados, já na década de 1950, os dois grupos atacadistas que se tornaram os maiores, não só no Brasil, mas também na América Latina (Martins e Alô Brasil). O crescimento comercial beneficia, de forma clara, a agropecuária, o que, por sua vez, intensifica a industrialização. Dessa forma, Uberlândia passa a liderar o processo de desenvolvimento no Triângulo Mineiro, com a instalação de grandes empresas multinacionais do setor agropecuário, que aproveitam a sua infra-estrutura para se instalar na cidade (BACELAR, 2003).

No processo de estruturação do desenvolvimento da região do Triângulo Mineiro, Uberlândia assume posição hegemônica, sobretudo por causa da articulação de sua classe dominante que, aliada à classe política, consegue, com muita competência, alocar recursos para equipar a cidade e desbancar suas maiores concorrentes, tornando-se pólo de desenvolvimento regional. Segundo alguns dos moradores mais antigos de Indianópolis, a proximidade com a cidade de Uberlândia teria prejudicado o seu desenvolvimento, já que esta passou a atrair, não só os maiores investimentos, mas também a população de toda a região.

Nesse contexto, há que se ressaltar as peculiaridades dessa região, sobretudo na maneira como conseguiu acumular capital, deixando as frágeis bases de sustentação econômica vigentes até então e elevando-se a uma categoria de espaço territorializado, ou seja, formação e/ou adequação do território às práticas ou mobilizações políticas de grupos ou atores sociais (grupos dominantes/Estado), presentes no Triângulo Mineiro (CASTRO apud ROCHA, 1997).

2.3 – Os Programas Desenvolvimentistas e a Modernização da Agricultura no Cerrado

De acordo com o exposto, a ocupação das áreas de cerrado intensificou-se a partir da década de 1970, possibilitada pelos incentivos governamentais oferecidos pelo Governo Federal, com o intuito de implantar um sistema agrícola moderno, que por sua vez se tornaria altamente mecanizado, baseando-se no uso de produtos químicos, como adubos, inseticidas etc. Esse processo acelerou o surgimento de problemas, como o da erosão e outros, que levaram à desestruturação do solo. Além disso, as áreas de cerrado passaram a sofrer um violento processo de destruição.



Foto 22

Reserva de cerrado que tem sofrido intenso processo de destruição, em função das práticas agrícolas modernas, no município de Indianópolis.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Esse projeto modernizante ocorre obedecendo à dinâmica do sistema capitalista, em que a apropriação do espaço se dá pela propriedade da terra, que é tratada como mercadoria; porém, é preciso entender que esse espaço é social e humano, logo histórico, portanto, produto da ação humana. Nesse contexto, segundo Pintaui apud Pessoa (1988), o espaço é permeado pelas relações do homem com a natureza e, ao mesmo tempo, por relações sociais, culturais, políticas e econômicas. Dessa forma, ele permite diversos tipos de “apropriações”, tornando-se, portanto, condição essencial para a reprodução social.

Esse modo de ocupação dos cerrados triangulinos, por sua vez, desestruturaram o sistema produtivo dos pequenos agricultores, baseado na produção de subsistência,

estabelecido até então. Começa, a partir daí, um processo de expulsão do homem do campo; dessa maneira, os sistemas agrícolas tradicionais vão cedendo espaço para as novas culturas e sementes que não eram adaptadas ao cerrado.

De acordo com Pinto (1990), a ação do Estado se torna uma poderosa ameaça para os costumes e as crenças antigas, desestruturando a vida dos antigos homens do sertão. Do ciclo agrário, dos sistemas de festas e de religiosidade tradicionais, onde se levava a vida de acordo com os ciclos da natureza, por isso mesmo condicionada, em parte, aos caprichos climáticos, hoje não resta quase nada, para mostrar aos mais jovens o rico universo de regras, de crenças, de cultura material e de técnicas das antigas populações do cerrado.

Dentro do contexto mencionado, o papel desempenhado pelo Estado foi de fundamental importância para as transformações ocorridas nas áreas de cerrado do Triângulo Mineiro e, particularmente, no município de Indianópolis, já que os programas governamentais causaram impactos inesperados às populações que viviam nessas áreas, os quais Pinto (op. cit) define, da seguinte maneira:

Muitas vezes, de forma abrupta, a ação ordenadora do poder central, através de seus representantes-delegados, provocou a dissolução das estruturas que fundamentavam uma visão de mundo própria, e onde as grandes transformações havidas na agricultura e na indústria, no País, repercutiam neste sertão de forma tênue, mais como noticiário de jornais do que propriamente como premência a novo compasso de vida, e muito menos como uma inevitabilidade inscrita nos destinos da região (PINTO, op. cit., p.164).

No município de Indianópolis, a agricultura tradicionalmente praticada, como a do arroz, feijão e mandioca, que usava técnicas tradicionais, vai cedendo lugar para os novos produtos introduzidos, como a soja e o café.

O processo de modernização e tecnificação da agricultura, nas áreas de cerrado, passaram a receber incentivos do governo federal, o que provoca a desestruturação das práticas antigas, que vão perdendo espaço para o crescimento de monoculturas.

Nesse sentido, o crédito barato e concentrado se transformou em um dos principais fatores de desarticulação das relações não-capitalistas de produção, uma vez que o acesso ao dinheiro era privilégio dos grandes proprietários, que conseguiam ampliar sua produção e o seu patrimônio. Isso os liberava, então, de compromissos com a parceria, por exemplo, que era uma das alternativas para não deixar a terra sem produzir, uma vez que, além de socializar os custos de sua utilização produtiva, permitia a sobrevivência dos pequenos e dos que não tinham terra (SALIM, 1986).



Foto 23

Máquinas: componentes do intenso processo de mecanização da agricultura no cerrado indianopolense. Fazenda Santa Vitória. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

A modernização da agricultura, no município de Indianópolis, intensifica-se, principalmente, a partir da segunda metade da década de 1970, com a chegada de algumas companhias agrícolas. Uma das pioneiras foi a CAIND, grupo paulista que chega com um projeto para plantação de cana-de-açúcar, com o objetivo de produzir álcool, em função dos incentivos governamentais, com o PRO-ÁLCOOL. Segundo o seu ex-gerente, senhor I., durante o processo burocrático para o início das atividades, o governo fechou o incentivo. Então, o grupo iniciou o plantio do café, adquirindo enormes áreas de cerrado. Assim, as velhas formas de trabalho, como o trabalho familiar, as parcerias e os mutirões vão sendo substituídas pelas novas relações trabalhistas, assumindo as características do trabalho industrial, com mão-de-obra assalariada.

De acordo com o contexto mencionado, Pessoa define o processo de industrialização da agricultura escrevendo que:

A industrialização crescente da agricultura em todo o mundo indicava um crescimento maior do trabalho assalariado do que do trabalho familiar, à medida em que iam sendo abandonadas as relações de trabalho pré-capitalistas ou não-capitalistas, tais como as formas mais atrasadas de parceria, e iam sendo substituídas pelas relações de trabalho capitalistas (PESSOA, 1988, p. 86).

Pelo exposto, podemos observar que essas transformações ocorreram, de forma muito rápida, no Triângulo Mineiro e, particularmente, no município de Indianópolis.

Para viabilizar a execução desses projetos governamentais, as transformações propostas submeteram a agricultura à indústria, fazendo com que ela se tornasse cada vez mais dependente daquelas relacionadas às atividades agrícolas. Assim, as políticas implementadas pelo governo, nas áreas de cerrado, praticamente destruíram a agricultura de subsistência. Portanto, os conhecimentos adquiridos, na tradição herdada dos mais velhos, vão-se perdendo, com o tempo, e desestruturando também o sistema religioso, bem como os mitos e símbolos que faziam parte da cultura do cerradeiro. Com isso vai-se perdendo, também, a diversidade genética de espécies de plantas nativas, tradicionalmente cultivadas no cerrado.

No caso de Indianópolis, as culturas do arroz, do feijão, do milho e da mandioca, que usavam técnicas centenares, advindas de heranças transmitidas pelos mais velhos, tais como a da queimada, a do uso de tração animal para o preparo da terra e a execução do plantio, a da colheita feita com o uso do cutelo, na qual o arroz era batido na banca, vão sendo substituídas, inicialmente, pelo cultivo da soja e do café. Evidentemente, nesse processo, as práticas culturais e religiosas também sofrem mudanças, uma vez que as populações detentoras de tais práticas são expulsas do campo, que assume as características da modernização. Nesse novo cenário, os encontros religiosos, que eram realizados para fazer os pedidos e os agradecimentos, tornam-se desnecessários, uma vez que, com a chegada do pivô central, não é mais preciso rezar para pedir a chuva. Com o uso das tecnologias modernas, a produção e a produtividade aumentam, tornando sem eficácia os agradecimentos pelas boas safras.

Segundo Pinto (1990), a chegada da agricultura moderna de exportação inicia um período de desestruturação não só dos recursos naturais mas, também, de quase dois séculos de preservação de uma cultura riquíssima, vivida pelo camponês – um processo produtivo e um sistema de valores – que aqui foram preservados, até certo ponto, em função do isolamento do resto do país e pelos rigores da natureza, e que são completamente alterados, com a chegada do moderno.

No processo de modernização da agricultura, o cerrado passou por um intenso processo de transformações, o qual Pinto define:

Dentre as regiões brasileiras, o cerrado foi aquela que, nos últimos anos, submeteu-se a transformações as mais radicais nas técnicas produtivas e no próprio modo de vida, secularmente característicos desta parte do País. Refiro-me a uma modalidade específica de processo produtivo, a um sistema de festa, a uma linguagem e a costumes que existiram aqui durante exatamente dois séculos e meio de história de ocupação da região, que

bruscamente desmoronou-se diante de uma modernidade tecnológica maciça (PINTO, 1990, p. 163).

Portanto, de acordo com as palavras de Pinto, podemos perceber que, com a modernização agrícola, o cerrado perde muito da sua cultura original, das tradições das festas, que ocorriam principalmente no meio rural.

No caso de Indianópolis, eram muito comuns os mutirões e as trocas de dia de serviço. As práticas agrícolas estavam relacionadas aos ciclos da natureza, os quais eram marcados por um calendário festivo e religioso muito bem definido. Dessa forma, quando faltavam ou atrasavam as chuvas, o comportamento natural era rezar ao pé da cruz e fazer os pedidos aos santos de devoção, para que a chuva viesse logo. Segundo grande parte dos nossos informantes, normalmente a chuva chegava, após essas orações.

Nesse contexto, as políticas implantadas pelo governo destroem as formas de subsistência dos agricultores do cerrado, em que o agricultor, com sua sabedoria, detinha o conhecimento que possibilitava a produção, sem o uso das tecnologias modernas, o que garantia a existência de uma vida comunitária até mesmo nos trabalhos rurais, uma vez que as atividades eram desenvolvidas em comunhão com a natureza.

Desse modo, a vida comunitária se desarticula, provocando também uma desestruturação do sistema religioso, até então baseado na fé comum, que garantia a realização das rezas e festas em homenagem aos santos de devoção, que, na maioria das vezes, eram realizadas para agradecer o sucesso do trabalho na lavoura e as boas colheitas.

No município de Indianópolis, essas festas eram muito movimentadas e regadas sempre por muita fartura, sendo realizadas o ano todo. Com a chegada das tecnologias, elas vão se esvaziando, já que ocorre também uma mudança fundiária, com aumento da concentração da terra, e também nas relações de produção, que passam a ser regidas pelas regras capitalistas, onde o uso do dinheiro substitui os trabalhos comunitários, que eram garantidos pelas relações de amizade e pelo companheirismo, os quais eram marcados pela reciprocidade.

O senhor A. F. descreve a vida na fazenda e as principais mudanças que ocorreram com a modernização:

Eu tenho muita saudade do tempo antigo, porque a gente trabalhava muito mais o povo gostava de trabaiá quando um vizim tava precisano todo mundo ajudava, hoje o povo tá é com safadeza ninguém qué sabê de trabaiá qué ganhá sem fazê nada. Tudo começou quando foi chegano as máquina, o progresso e o povo foi mudano da roça, a roça foi ficano vazia e aí as festa

também foi acabano porque ninguém queria mais ajudá na Igreja, o povo foi perdeno a religião e foi ficano desoneto e hoje, todo mundo qué vivê é na cidade, na roça hoje num tem quase ninguém é as máquina que faiz todo o serviço (A.F.N. Conforme trabalho de campo em 14/10/05).

De acordo com o depoimento do senhor A., podemos constatar que o processo de modernização da agricultura provoca um esvaziamento do campo e também uma mudança nos costumes. Outro aspecto importante a ser considerado é que, com o processo de modernização da agricultura, houve também mudanças nas relações trabalhistas e o bom e velho agricultor, que era detentor e transmissor dos conhecimentos, inclusive religioso, vai sendo substituído pelos migrantes, os novos proprietários vindos em sua grande maioria do Sul, os paranaenses, ou os trabalhadores vindos do Nordeste, os cearenses, que chegam para trabalhar na agricultura e passam a morar na cidade e não no campo. As alterações na agricultura provocam também mudanças nas práticas culturais e religiosas, causando o desaparecimento ou a recriação e renovação das festas até então existentes.

Desse modo, procuramos abordar as mudanças religiosas, bem como os problemas sócio-culturais e ambientais causados pela implantação dos projetos governamentais de modernização da agricultura no cerrado. Neste estudo, esperamos compreender melhor os impactos, inclusive os culturais e religiosos, causados pela implementação de tais programas. Nesse sentido, houve a preocupação de retratar os programas desenvolvimentistas do cerrado, levando em consideração as problemáticas da modernização por eles causada, envolvendo, sobretudo, os aspectos religiosos.

Dentro do contexto mencionado, podemos verificar que, a partir de 1960, o Brasil intensificou um processo de abertura de sua economia ao capital externo. Desse modo, priorizou-se a expansão da modernização agrícola, com o objetivo de adequar a produção ao mercado internacional. Nesse sentido, o cerrado tornou-se alvo desse projeto de modernização agrícola e tecnológica, necessário para se adaptar aos interesses do mercado desejado.

De acordo com Salim (1986), o processo de modernização deveria garantir recursos financeiros a todos os agricultores, para possibilitar a aquisição das novas tecnologias e dos insumos modernos. No entanto, na maioria das vezes, esses recursos não chegam aos agricultores pequenos e descapitalizados. Origina-se daí o caráter seletivo e excludente, que elimina os menores e privilegia os maiores, gerando uma profunda desigualdade.

O projeto de modernização da agricultura no cerrado visava, entre outras coisas, à ampliação de mercado e à melhoria no desempenho da economia, que estava em crise, no início da década de 1970. Tais fatores acabaram possibilitando o surgimento e o

desenvolvimento dos programas criados pelo governo para o desenvolvimento dessas áreas. Entre eles podemos destacar o programa Nipo-Brasileiro para o desenvolvimento do Cerrado, então denominado PRODECER, que tinha como principal objetivo produzir cereais para o mercado mundial. Para isso, previa a ocupação das áreas de cerrado e tinha como estratégia a criação de unidades agrícolas, com sólido suporte empresarial, ao lado de fazendas de pequeno e médio porte, fundamentados no sistema de operação cooperativista.

Esse modelo agrícola, devido às características do cerrado e de acordo com as condições impostas pelo projeto modernizador, acabou gerando uma dependência dos produtos industriais, como, por exemplo, o uso de adubação química.

Segundo Pessôa (1988), esses programas governamentais são inteiramente injustos, por beneficiarem apenas os grandes proprietários, gerando um tremendo desconforto social, com enormes desigualdades no campo, aumentando, também, a luta pela terra. A autora afirma, ainda, que a modernização agrícola altera, de forma intensa, a configuração espacial até então existente, uma vez que a agropecuária tradicional utilizava os fundos de vale para plantar, enquanto o gado era criado solto, de forma extensiva. Com a modernização, esses sistemas são substituídos pelas monoculturas, que atraem o comércio de produtos agrícolas e também trabalhadores assalariados, transformando, portanto, as relações de trabalho e as características da vida no meio rural.

Em Indianópolis, não foram poucos os fazendeiros e pequenos proprietários que, até o final da década de 1970, praticamente entregaram suas terras para as companhias agrícolas ou novos proprietários, vindos principalmente do Sul ou de São Paulo, que as adquiriam a um preço insignificante, pois aqueles fazendeiros ainda acreditavam no “mito” de que as terras do cerrado eram improdutivas, fato que os levava a trocar uma quantidade maior de terra de cerrado por quantidade menor de áreas de cultura ou a vendê-la a preço muito baixo. No caso dos fazendeiros, muitos venderam suas terras para comprar outras melhores no estado de Goiás. Já os pequenos não tinham alternativas, uma vez que não conseguiam produzir e nem mesmo manter a propriedade da terra.

A chegada dos migrantes sulistas, paulistas e até estrangeiros, bem como das companhias agrícolas, provocou uma grande transformação da paisagem do cerrado. Os pequenos proprietários, sitiantes e meeiros vão desaparecendo, já que as terras vão sendo adquiridas por esses novos proprietários. Dessa forma, os ranchos, que eram muito comuns nas áreas rurais, também desaparecem, e os cruzeiros e capelas vão cedendo espaço para a soja e o café, restando hoje poucos exemplares, que dividem o espaço com as lavouras. Durante nosso trabalho de campo, das cinquenta propriedades visitadas por nós, conseguimos

contar cerca de dezoito cruzeiros ainda espalhados entre elas, o que mostra que a religiosidade era realmente muito forte.

Hoje, a presença do cruzeiro, nessas propriedades, não tem o mesmo significado de antes; o simbolismo da fé e da religiosidade ganhou outra representação, já que não são mais relacionados às práticas religiosas, uma vez que não passam de figuras decorativas. Muitos são mantidos em homenagem a algum parente, normalmente os pais ou os avós que já morreram ou, simplesmente, como símbolo de uma tradição que não existe mais. Em relação aos ranchos, não conseguimos encontrar nenhum, enquanto registramos a existência de meia dúzia de capelas, sendo que parte delas não é mais utilizada. Nesse novo meio rural, registramos também a presença de uma igreja evangélica, fato impensável no passado, pelo menos até a década de 1970, pois o catolicismo era predominante.

De acordo com o contexto, além de provocar mudanças das paisagens rurais, as imposições desse modelo de desenvolvimento econômico trouxeram outras consequências imediatas, tais como o aumento da concentração das terras e do êxodo rural, a expropriação do trabalhador e uma grande devastação da natureza, assim como a substituição da mão-de-obra do trabalhador pela máquina e a utilização intensiva dos produtos industriais na agricultura (PESSÔA, 1998).

Criado para promover a ocupação do cerrado, o POLOCENTRO desempenhou um papel fundamental nesse processo e foi responsável pelas mudanças na estrutura agrária dessas áreas. Foi criado dentro do II PND – Plano Nacional de Desenvolvimento (1974), que definiu as diretrizes para o setor agrícola, implementando um sistema de créditos visando a um aumento da produção e da produtividade. A partir de então, passou-se a estimular a especialização da produção, fundamentada no desenvolvimento tecnológico e científico. Desse modo, o governo tornou-se o principal agente na implementação desse projeto.

Tendo suas estratégias definidas pelo II PND, o POLOCENTRO incorporou importantes áreas de cerrado ao setor produtivo. Dessa maneira, em um curto prazo de implantação do programa, alcançou-se uma produtividade nas áreas do cerrado superior à média nacional, confirmando, assim, as expectativas governamentais em relação ao aproveitamento do cerrado para o desenvolvimento da produção, com o uso de tecnologias modernas, por intermédio dos planos de desenvolvimento.

Entretanto, os sistemas de manejos primitivos, que asseguravam o conhecimento de técnicas antigas, utilizadas para garantir o plantio de subsistência do camponês, foram substituídos pelos sistemas de manejos capitalistas, provocando, assim, profundas transformações sociais, econômicas, culturais e religiosas, nas áreas ocupadas.

O programa assinado entre o Brasil e o Japão, no ano de 1976, PRODECER, tinha como objetivo principal, do lado brasileiro, estimular a expansão da fronteira agrícola, utilizando as tecnologias modernas, com a perspectiva de aumentar a produção e a produtividade agrícola. Já os japoneses tinham, como principal interesse, aumentar a oferta de grãos, principalmente a soja, com o objetivo de controlar os preços no mercado internacional.

Para a execução desse projeto, ficou claro, desde o início, que era necessária a estruturação do setor de transportes, para que houvesse uma fácil escoação da produção agrícola esperada, e também a expansão da rede elétrica até as áreas do projeto, garantindo, assim, uma infra-estrutura mínima para o sucesso do programa.

Nessa perspectiva, segundo Harvey (2005), “uma das características importantes do modelo capitalista de produção é proporcionar a produção de formas baratas e rápidas de comunicação e transportes, para que se possam alcançar os mercados mundiais e vender cada vez mais e em grandes quantidades”. Nesse processo, o Estado brasileiro priorizou, em um determinado momento, os investimentos em infra-estrutura de transportes, com o objetivo de colocar a produção do cerrado no mercado mundial.

2.4-A Modernização Produtiva Nas Fazendas de Indianópolis

Uma vez criada a infra-estrutura e as condições necessárias para a produção no cerrado, Indianópolis passa a receber altos investimentos no campo, com as fazendas se adequando ao processo de modernização. Os novos proprietários, vindos de fora, lideram as inovações tecnológicas, o que muda a maneira de pensar e agir dos fazendeiros autóctones, que passam a seguir os mesmos parâmetros.

A fazenda Agropecuária Seriema LTDA é um exemplo ilustrativo desse processo. Foi adquirida por um casal de suíços, o senhor H. e dona G., no início do desbravamento do cerrado, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Segundo a sua gerente responsável, engenheira agrônoma R. M. C., o início das operações da fazenda deu-se com o plantio de grãos, como a soja e o milho, com o uso intenso das tecnologias disponíveis. Hoje, cultiva-se a lavoura de soja e de milho integrada com a pecuária de corte e leiteira, usando o processo de inseminação artificial, suplementação alimentar etc. A pastagem é tratada como lavoura, fazendo-se a correção de solo, adubagem, ou seja, todo o processo necessário para aumentar a produtividade, já que a produção é voltada para o mercado externo.

De acordo com a gerente, a fazenda é administrada como empresa, seguindo a legislação trabalhista vigente; operando com apenas dez funcionários efetivos, consegue altos índices de produtividade. O sucesso da fazenda está relacionado à presença da agroindústria, que fornece todo o suporte necessário, por meio de seus representantes comerciais, os quais estão sempre presentes no escritório da fazenda, que é dotada de toda tecnologia necessária. A área ocupada pela fazenda já foi palco de animais como onças, lobos, seriemas etc. Também a religiosidade já esteve presente, com festas na Capela dos Onças e do Morro Alto, assim como terços para levantar os santos de devoção, festa de Reis etc. Nesse cenário, hoje, não existe espaço nem momento para as práticas religiosas, ninguém reza para pedir a chuva ou agradecer pela boa safra. Esse espaço é o da modernidade, onde os ritos e os símbolos são marcados pela presença da tecnologia, traduzida quase sempre pela alta produtividade. Dos funcionários que contactamos, todos se declararam católicos e disseram que não freqüentam a igreja com regularidade. Poucos freqüentam ou participam de festas religiosas; a grande ocupação fica por conta do trabalho.



Foto 24

Fazenda Seriema:

Foto superior escritório da fazenda local, onde se tomam as decisões e se faz a negociação da produção. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

As outras fotos mostram a unidade de ordenhamento da fazenda, que trabalha com a agropecuária mecanizada. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

De acordo com o exposto, a engenheira R. descreve as atividades da fazenda:

A tecnologia possibilitou o melhoramento da produção. Hoje, a indústria cobra melhor rendimento, até mesmo o teor de proteína, a preferência é pelo animal jovem. Hoje, conseguimos fazer o abate com dois anos, visando o mercado externo. Na agricultura alcançamos altos índices de produtividade com o milho e com a soja, também usando a tecnologia com correção e adubação do solo e sementes melhoradas. Os produtos utilizados na fazenda são adquiridos das multinacionais, como herbicidas e inseticidas comprados direto da fábrica. O sistema de plantio utilizado é a rotação de culturas os recursos investidos são gerados na própria fazenda (R.M.C. Conforme trabalho de campo em 01/11/05).

As palavras da engenheira R. nos levam a perceber que a produção no município está totalmente modernizada, atendendo aos parâmetros da economia globalizada. Os limites da natureza foram superados, a produção não é mais baseada nos princípios da religiosidade.

Seguindo os caminhos da modernização, podemos falar um pouco da fazenda Mandaguari, de propriedade do holandês L. J. M. A., que produz com tecnologia de ponta. Segundo o administrador da fazenda, o senhor E. D., a fazenda encontra-se a 920m de altitude e produz bem os produtos adaptados em altas altitudes. O local é o ideal para tais produtos, como a cebola, a batata, o sorgo, o feijão, o alho etc. Produz também a soja e o milho, usa o

plantio direto e também o convencional, com rotação de culturas. Com exceção da batata e da cebola, que são colhidas manualmente, onde trabalham mais de duzentas pessoas na época da colheita, as outras culturas são totalmente mecanizadas.

Durante nossa visita à fazenda, foi possível observar um grande número de máquinas, caminhões e pessoas trabalhando, o que dá a ela uma movimentação diferenciada, em relação às fazendas que anteriormente se localizavam na área que hoje ela ocupa. Encontramos também a presença de alguns pivôs. A modernidade é facilmente perceptível, e os olhos de um observador desatento jamais notarão que se encontra em uma fazenda, uma vez que a sua arquitetura e o ambiente de funcionamento estão longe de lembrar o modelo e o estilo de vida da fazenda tradicional, guardado na memória das pessoas.

Nesse rural da modernidade, o senhor E. conta como se dá a produção e o funcionamento da fazenda:

O processo começa com uma análise do solo, posteriormente é feita a sua correção e em seguida a adubagem, depois entram as máquinas como a grade, o subsolador, o arado, a rotativa e a plantadeira. Na área de plantio direto faz-se a dessecação depois vem com as plantadeiras e depois é só herbicida e a água que fica por conta do pivô. A fazenda conta com toda assistência técnica, tem engenheiro agrônomo e técnico agrícola que fazem treinamento constantemente para atualizar seus conhecimentos e melhorar a capacidade de produção. Aqui não se faz nada sem o uso de tecnologia, a fazenda é toda informatizada. A compra dos produtos necessários é feita na própria fazenda que conta com a assistência dos representantes comerciais, o transporte da colheita é terceirizado. A fazenda conta com vinte funcionários efetivos regidos pela legislação trabalhista vigente, além disso contrata a mão-de-obra de acordo com as necessidade (E.D.E. Conforme trabalho de campo em 01/11/05).

De acordo com as palavras do senhor E., podemos perceber o nível da modernização empregada na produção, porém a presença do sagrado passa despercebida perante o poder mostrado pela tecnologia.



Foto 25

Fazenda Mandaguari:

Foto à esquerda sistema de produção com pivô central. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto à direita sede de armazenamento da fazenda. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Dos funcionários contactados por nós, todos se disseram católicos, mas nenhum reza ou vai à igreja com regularidade, pois ocupam todo o tempo com o trabalho. Nesse sentido, podemos afirmar que a modernização rompeu com a religiosidade do passado, uma vez que, em função das novas atividades, as pessoas já não se preocupam com a religião. O local possui antena parabólica, telefone celular, computador, etc. Conta com área de lazer e um campo de futebol iluminado, possibilita a existência do lazer e de uma vida secular, sem a presença do sagrado.

O processo de modernização das fazendas do município de Indianópolis pode ser evidenciado pelo grau de tecnologia aplicada e a importância dos produtos cultivados. Estes são, na sua grande maioria, liderados pela soja ou pelo café. No caso da fazenda Santa Vitória, de propriedade do paulista R. de C., não é diferente. Segundo o gerente, A. de P., no começo plantava-se a soja pelo plantio convencional, e a fazenda não tinha armazém. Hoje, produz também milho e feijão, é feito o plantio direto e a fazenda conta com dois silos com um secador, cinco pivôs centrais e uma balança eletrônica. A correção de solo é feita anualmente através de um laboratório de Ribeirão Preto.

A fazenda é toda informatizada, contando com Internet, estação meteorológica, e os pivôs são monitorados pela Universidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, via Internet, com dados climáticos e a temperatura do armazenamento controlada diariamente. Segundo o senhor A., hoje (2006), é impossível não acompanhar a tecnologia, devido à competitividade, uma vez que utiliza-se menos mão-de-obra e aumenta-se a produtividade, gerando mais economia e maiores lucros. A fazenda conta com apenas vinte e sete funcionários efetivos,

que são regidos pela legislação trabalhista atual. Para a moradia destes, existe uma colônia de casas junto à sede, dotada de toda a infra-estrutura necessária.

Os produtos utilizados, como adubos, inseticidas, herbicidas, são negociados com a agroindústria, comprando-se direto da fábrica. A fazenda funciona vinte e quatro horas por dia, como uma empresa; a colheita é armazenada na própria fazenda, sendo vendida quando atinge preço satisfatório (A.P.B. Conforme trabalho de campo em 01/11/05).

Nesse cenário da modernidade, não conseguimos detectar características da religiosidade de outrora. Dos funcionários por nós contactados, todos se disseram católicos, porém nenhum freqüenta a igreja com regularidade e aqueles que afirmaram participar de festas religiosas, fazem-no por causa da diversão.



Foto 26

Fazenda Santa-Vitória:

Foto superior – unidade com silagem e balança eletrônica. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto do centro – área de produção com estação meteorológica. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto inferior – área de produção com máquinas que são utilizadas nos trabalhos da fazenda.

Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

No processo de adequação dessas fazendas ao projeto de modernização da agricultura, novas técnicas de produção e novos produtos foram sendo incorporados ao cerrado do município. Alguns desses produtos jamais foram imaginados no cerrado indianopolense. Para constatar essa realidade, basta visitar a fazenda LAP, de propriedade do senhor N. S. R. que, segundo seu gerente administrador, M J. de R., hoje, trabalha com atividades diversificadas,

produzindo soja, milho, café e a seringueira, que é produzida em alta escala. A fazenda é mecanizada, com máquinas de última geração, inclusive colheitadeira de café e pivô central, alcançando uma alta média de produtividade; conta com um campo de pouso para aviões, já que o seu proprietário mora em São Paulo e a visita constantemente.



Foto 27

Fazenda LAP:

Foto superior – escritório da fazenda. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto do centro – produção de seringueira. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto inferior – produção de café irrigado com pivô central. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

De acordo com o exposto, o senhor M. explica como é realizada a produção:

A fazenda é mecanizada, sendo que a seringueira exige apenas a correção do solo, a adubagem e duas pulverizações anuais; o restante é feito com mão-de-obra manual, inclusive a colheita, conseguindo uma média de onze quilos por árvore, durante o ano todo o processo é feito sob a orientação de um engenheiro agrônomo. O restante da produção é mecanizada. O café, além de ser colhido por máquinas, recebe um processo de secamento especial. A fazenda possui onze funcionários efetivos e consegue uma boa média de produtividade. A fazenda é dirigida como uma empresa e tem a preocupação de atender as exigências do mercado, melhorando cada vez mais a qualidade (M.J.R. Conforme trabalho de campo em 02/11/05).

As palavras do senhor M. mostram que o nível de tecnologia aplicada na produção é alto, diferentemente da produção antiga, que exigia muita mão-de-obra e levava ao uso das parcerias e dos mutirões. A tecnologia exige pouca mão de obra e contribui para a

desestruturação dos modos de vida, da cultura e das práticas religiosas, que eram comuns por aqui.

Seguindo o roteiro do processo de modernização, que é por essência desagregador das comunidades rurais e destruidor dos modos de vida e das práticas tradicionais dos agricultores, uma vez que causa a expulsão do homem do campo, chegamos à fazenda União, de propriedade do paulista M. S. Segundo o seu gerente administrador, senhor I. V. de R., inicialmente tinha como projeto a plantação de cana-de-açúcar para a produção de álcool, na época do PROALCOOL. Com a sua desestruturação, deu início ao plantio do café. Hoje produz cereais, café e seringueira; a produção é feita seguindo os padrões da agricultura moderna, que o senhor I. explica como ocorre:

A produção é feita com a mecanização, somente a seringueira se faz com mão-de-obra manual. Aqui nós temos todas as máquinas: plantadeiras, pivô central, adubadeira, aplicador de calcário, de herbicida, pulverizador, colhedeiras etc. a produção é feita com acompanhamento técnico de um engenheiro agrônomo. Conseguimos boas médias de produtividade. Sem a agroindústria, hoje, seria impossível produzir. Compramos os produtos direto da fábrica, os funcionários fazem treinamento constantemente para acompanhar a modernização e melhorar a produção (I.V.R. Conforme trabalho de campo em 02/11/05).

De acordo com o que foi exposto pelo senhor I., pode-se considerar que a modernização ocorre de forma muito rápida e intensa, entretanto é importante ressaltar que a região na qual se localiza essa fazenda já foi palco de uma vida cultural e religiosa riquíssima, pois fica próxima do Itambé e dos Onças, onde eram constantes as rezas no pé da cruz, as festas de São João e Santos Reis e também movimentados bailes e mutirões.

**Foto 28**

Fazenda União:

Foto superior – área de produção de seringueira. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto do centro – área preparada para plantio. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto inferior – área de plantio direto. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Nesse rural surgido da modernidade, encontramos, ao lado da fazenda União, a fazenda Santa Felicidade, de propriedade do paulista J. J. F., que, segundo o seu gerente administrativo, o senhor L. O. R., segue os mesmos padrões de produção, produzindo, basicamente, o café, o milho e a seringueira, cuja área plantada está sendo ampliada, com árvores em formação. A produção, com exceção da seringueira, que usa mão-de-obra manual, é toda mecanizada com irrigação feita por pivô central e acompanhamento técnico de um agrônomo. A grande preocupação é com a melhoria da qualidade, para atender ao mercado consumidor (L.O.R. Conforme trabalho de campo em 02/11/05).



Foto 29

Fazenda Santa Felicidade:

Foto superior – escritório da fazenda. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto do centro – seringueira em formação. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto inferior – área de plantio de café irrigado com pivô central. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

O processo de modernização agrícola no cerrado indianopolense se deu com sucesso, o que por sua vez atraiu gente de várias regiões do país, como o senhor O. M., que é paranaense. Ele conta que chegou, na década de 1980, atraído pelas terras planas e pelo clima, que eram propícios para a produção de café. Quando veio visitar a região e viu as lavouras, decidiu que era o lugar adequado para os seus planos. Hoje, trabalha com o café de forma mecanizada, com o processo de irrigação por pivô central. Somente a colheita ainda não é totalmente mecanizada, uma parte é feita com mão-de-obra manual. Segundo ele, a integração na comunidade local foi fácil, uma vez que é católico; aos poucos, foi fazendo amigos, e hoje participa das festas religiosas, principalmente da festa de Maio (Maria), que acha muito divertida (O.M. Conforme trabalho de campo em 21/11/05).

A partir do processo de modernização da agricultura, é possível constatar a desestruturação dos sistemas culturais e religiosos que existiam no passado, porém podemos observar que existe também um processo de renovação, tanto dos aspectos culturais, quanto religiosos, uma vez que grande parte dos migrantes vão-se integrando às práticas da comunidade local.

Outro aspecto importante a ser observado é que as características da produção mudaram bastante, pois a região, que era originariamente de pecuária extensiva, com a agricultura de subsistência, cujas principais culturas eram o arroz, o feijão e o milho, hoje cultiva produtos variados, como a própria banana, que é cultivada na fazenda São João, de propriedade do

senhor S. P. de R.. Ele explica que, para produzir a banana, também é necessário o uso das tecnologias, pois é preciso fazer a adubação correta e a análise foliar; usa também os produtos da agroindústria, tais como adubos, defensivos, inseticidas etc. Produz também a soja e o milho, com os procedimentos e as tecnologias atuais.

Nesse sentido, o senhor S. descreve a vida na fazenda e também as principais mudanças que têm ocorrido nesse espaço:

A vida na fazenda era marcada por muita dificuldade não tinha energia elétrica o serviço era todo manual, fazia muitos mutirões mas era uma vida boa, divertida, a gente nadava nos córregos tinha muita reza. Hoje mudou tudo a gente faz é o plantio direto tudo é feito pelas máquinas. A vida para os pequenos ficou difícil, não existe mais a agricultura de subsistência acabaram os meeiros e os parceiros, a convivência hoje é complicada as relações de amizade ficaram para trás. Hoje a mão-de-obra é toda de carteira assinada, o ritmo da vida hoje é muito corrido a gente tem hora pré-estabelecida pra tudo, não tem tempo de conversar como antigamente, acabou o sossego não tem mais diferença de viver no campo ou na cidade, na roça hoje tem de tudo, tem energia, telefone, televisão etc. as pessoas hoje pensam igual tanto na cidade como no campo. Tem o banco para financiar a produção e todo mundo usa a tecnologia (S.P.R. Conforme trabalho de campo em 14/10/06).



Foto 30

Fazenda São João:

Foto superior – plantio de soja com mecanização. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Fotos do centro e inferior – cultivo de banana mecanizado. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

No auge do processo de modernização agrícola do município, chegam também as empresas rurais ligadas ao ramo da agroindústria. Podemos citar, como exemplo, a Dow AgroSciences que, segundo o seu gerente, o engenheiro agrônomo R. B. P., tem como

principal objetivo a pesquisa para o melhoramento de sementes. É considerada uma das principais empresas no fornecimento de produtos agrícolas, com sistema de manejo integrado do controle de plantas daninhas, insetos e doenças; é hoje uma das empresas líderes em pesquisa e desenvolvimento, dispondo de conhecimento avançado em biotecnologia, engenharia genética e criação de plantas melhoradas. Com matriz em Indianópolis, Indiana EUA, a Dow está presente em mais de 140 países, e iniciou sua participação no mercado brasileiro de sementes em 1998. Hoje, é uma das mais importantes nos segmentos de híbridos de milho, sorgo e girassol.

O senhor R. descreve as atividades da Dow, no cerrado de Indianópolis:

Essa área foi escolhida por ser o cerrado alto, possuindo acima de oitocentos metros de altitude. Durante o verão tem alta umidade, chuva abundante e alta temperatura, inclusive a noturna; portanto representa área de altas produtividades. Temos aqui uma área de mais de cem hectares só para pesquisa contamos com toda tecnologia necessária para as atividades da fazenda, temos toda a estrutura para a pesquisa e nesta unidade são quatorze funcionários. Contamos com assistência da USP. Alguns projetos são irrigados e outros não, investimos em novas tecnologias e milho transgênico (R.B.P. Conforme trabalho de campo em 18/10/05).

De acordo com as palavras do senhor R., podemos constatar que o cerrado de Indianópolis está globalizado, o que justifica a nova maneira de pensar e de agir da população rural, principalmente no que diz respeito aos aspectos religiosos. Dos funcionários contactados por nós, cinco se disseram católicos com pouca frequência à igreja, um se disse pertencente à, Testemunha, de Jeová e frequenta a igreja todos os dias.



Foto 31

Fazenda Dow:

Foto superior esquerda – unidade de produção de sementes. Autor: arquivo da empresa, 2004.

Foto superior direita – unidade de pesquisa. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

Foto inferior esquerda – área de trabalho dos técnicos em pesquisa. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005

Foto inferior direita – escritório da fazenda. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

A modernização atingiu também os fazendeiros tradicionais do município, uma vez que foram, praticamente, obrigados pelas circunstâncias a aderirem a esse modelo agrícola moderno. Assim, do mais jovem ao mais velho, a maioria procurou se adequar ao processo de modernização da agricultura, o que, por sua vez, contribuiu para a desarticulação, de forma acentuada, das tradições existentes até então, como a troca de dias de serviços, o mutirão e as festas religiosas. O senhor R. A da S. P., que é de uma família tradicional de fazendeiros, conta como era e o que mudou na vida da fazenda:

Eu ainda me lembro quando eu era moleque, na época do meu pai fazia o serviço da lavoura era com os bois, colhia de cutelo, tinha a tradição do terço levantar São João, São Pedro, Santo Antônio, a família era muito religiosa. Hoje tá tudo dentro da modernidade, tem a tecnologia, na roça tem energia, tem televisão, carro pra ir na cidade a qualquer hora, máquinas para fazer a plantação, o trator, a colhedeira, hoje a gente faz a irrigação, hoje é fácil viver no campo mas a vida é mais corrida. Hoje o cerrado é produtivo, tem o adubo,

o calcário, a fungicida, o herbicida, tem assistência técnica. Hoje não é possível produzir sem a agroindústria. Hoje, até o capim tem que ser plantado que nem a lavoura, senão, não dá nada (R.A.S.P. Conforme trabalho de campo em 19/10/05).

Portanto, a modernização da agricultura rompeu com hábitos e costumes tradicionais, trazendo novas relações de trabalho e também novos hábitos impostos pela tecnologia, que suprimiu o tempo que era, anteriormente, dedicado às conversas e à religiosidade.

A modernização trouxe novas perspectivas para as áreas de cerrado, pois as novas tecnologias possibilitaram melhorar a produção e aumentar a produtividade. Porém, não se pode negar que trouxe aspectos negativos, eliminando uma cultura historicamente construída, com o jeito do cerradeiro de vestir, de andar, de falar, de comer e de tratar as pessoas, traduzido pela população como cultura caipira.

O senhor A. A. F., o mais jovem dos fazendeiros contactados por nós e que está inserido nesse modo de produção moderno, descreve a vida na fazenda e as mudanças que ocorreram com a modernização:

Eu peguei uns tempo antigo de plantar para a subsistência levantava cedo e tratava dos porco e das galinha depois ia capinã, nesse tempo arava a terra era com os boi. Em outubro a gente plantava o milho, em fevereiro tinha que dobrá ele pra fazer limpa de terra e plantar o feijão que era chamado de feijão do tempo. Os pais eram muito religiosos, rezava terço levantava santo, a gente foi crescendo e foi acabano tudo isso. Hoje eu planto soja, milho, café, crio gado mais é tudo com tecnologia fazendo a correção do solo, o plantio direto, usando o adubo a inseticida etc. Hoje a gente faz a irrigação tem as máquinas pra plantar e pra colher. Hoje na fazenda tem energia, televisão, telefone, viver no campo é mais fácil, tem praticamente tudo que tem na cidade, a ocupação é constante a gente não tem tempo pra nada é mesma coisa da cidade. Hoje a gente não tem tempo de ficar preocupando com rezar (A.A.F. Conforme trabalho de campo em 17/10/05).

Por esse depoimento, podemos perceber que as mudanças impostas pelo processo de modernização provocaram transformações também na maneira de pensar e nas práticas religiosas das populações rurais.

Na perspectiva da modernização, o senhor I. J. F., que viveu práticas antigas na fazenda e hoje está integrado à modernidade, traça um paralelo do antigo com o moderno:

No tempo que eu era menino até os brinquedo da roça era diferente, na lavoura a gente prantava era com os boi a coiêta era feita de cutelo de noite todo dia tinha que rezá com a mãe, quando não chovia a gente fazia procissão até nos pé da cruz punha pedra e rezava pra chuvê, a Semana Santa a gente guardava ela era muito respeitada o povo tinha mais fé e rezava mais. Hoje tudo é na base da tecnologia, até previsão do tempo a

gente tem, tem irrigação tudo isso ajudou para o povo parar de rezar . Hoje a média de leite dos gado é alta a gente tem a pastagem mecanizada com adubação e tudo mais, hoje a gente planta no plantio direto, um boi a gente matava com cinco anos, hoje mata com dois, o progresso ta muito intenso e a cada dia aumenta mais. A vida hoje é muito mais fácil, tem divertimento pra todo lado. A religião mudou porque o padre faz a obrigação dele reza a missa e só mas o tratamento não é igual das outras igrejas, elas dedica mais principalmente pras pessoa que tão precisano, vai nas casa dá uma assistência melhor, a tecnologia mudou a maneira de pensar do povo, o que segura mais o povo hoje é a televisão, o povo não tem tempo pra rezar porque tem muita coisa pra fazer e ai vai largando a reza de lado (I.J.F. Conforme trabalho de campo em 27/10/05).

Por esse depoimento, podemos perceber a dimensão das mudanças que ocorreram no cerrado indianopolense, em função da modernização agrícola.

As atividades do campo deixaram de ser pura e simplesmente a agricultura, pois surgiram novas funções, muitas delas ligadas ao ramo da agroindústria, como a avicultura que é hoje uma realidade muito forte na área rural do município, o que pôde ser constatado durante nossas visitas ao campo, uma vez que observamos um número muito grande de granjas, espalhadas por toda a área rural, mostrando uma presença muito forte dessa atividade.

O senhor L. J. P., que é produtor rural e trabalha com a avicultura, descreve aspectos práticos desta atividade:

A granja hoje é um bom negócio, eu uso iluminação e ventilação automática, o sistema é integrado com a Sadia de Uberlândia, a produção é para a exportação hoje conseguimos abater num prazo entre vinte e oito e trinta dias, uma das vantagens é que gasta pouca mão-de-obra e eu ainda consigo mexer com outras coisas, pois também planto café. A vida hoje na roça é mais fácil porque tem tudo que tem na cidade aqui a gente tem energia elétrica, antena parabólica, computador, telefone celular etc. hoje se a gente não usar a tecnologia a gente fica pra trás, porque hoje tem que ter qualidade no que produz para atender o mercado (L.J.P. Conforme trabalho de campo em 14/10/05).

Nesse sentido, somos levados a entender que a modernização agrícola ocorre de forma intensa nas áreas de cerrado, com o objetivo de atender a determinados interesses. Desse modo, ela se torna seletiva e excludente, aprofundando as contradições no campo, uma vez que destrói formas antigas de sobrevivência e modos de vida tradicionais. Porém, a realidade é que o cerrado indianopolense está modernizado e grande parte do que nele se produz é exportado. Indianópolis não é mais aquela terra da simplicidade, do frango caipira com quiabo ou aquela do mutirão e das tradicionais festas religiosas, ela é a da modernidade; está globalizada.



Foto 32

Fazenda Furnas: Granja de produção de frangos com tecnologia moderna. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2005.

2.5 - As Mudanças Culturais e Religiosas No Cerrado Indianopolense

No município de Indianópolis, a religião foi a base da formação das pessoas, e, no passado, ela teve uma influência muito forte na maneira de agir e pensar dessa comunidade. A religiosidade não é tão marcante como antes, assim como não existe apenas uma fé comum. Mas ela ainda continua reunindo as pessoas, principalmente durante as festas mais importantes, que permaneceram e ainda continuam sendo realizadas, todos os anos.

Desse modo, pode-se entender que a religião continua desempenhando papel importante na sociedade indianopolense; entretanto, há que se ressaltar que mudanças significativas ocorreram nas práticas religiosas, pois, hoje, em Indianópolis, parte da população já não se define como religiosa, nem tampouco como católica. Outro aspecto a ser considerado é que, normalmente, os filhos e netos freqüentam menos a Igreja do que os pais e os avós freqüentavam, antigamente.

No passado, a religião era o núcleo de referência e de convivência. Foi ela que impregnou todas as manifestações da vida social e comunitária. As festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social, sobretudo nas regiões rurais. O sagrado e o profano andavam unidos e juntos. As procissões e festas religiosas quebravam a monotonia e a rotina diária, sendo muitas vezes uma das poucas oportunidades para o povo se distrair e divertir (WERNET, 1987).

Nesse contexto, o senhor M. P. B. relembra, com saudades, como eram as festas religiosas na capela das Posses, região onde morou por mais de quarenta anos:

De primeiro, o povo era religioso, sempre ia na capela quando tinha missa e quando tinha festa, nós os rapaiz ia mesmo era por causa da diversão porque na roça não tinha nada, não tinha lugar de ir, então todo mundo custava esperá o fim de semana pá ir rezá e quando tinha baile aí é que era bão, todo mundo comentava a semana inteira, ficava animado porque era muito divertido, a gente ia na igreja e nas festa era pá paquerá as moça, a religião era uma discursa, mais que o povo tinha mais fé isso tinha e as festa era bem animada (M.P.B. Conforme trabalho de campo em 15/05/06).

Pelas palavras do senhor M., pode-se perceber que as reuniões religiosas, como missas e festas, serviam também como momentos de diversão.

De acordo com o contexto mencionado, podemos perceber que ocorreram transformações religiosas no cerrado indianopolense, mas mesmo assim a religião não desapareceu, ela persiste, sendo renovada e recriada nesse espaço da modernidade. Daí a possibilidade de pensar o paradoxo dos contrários: fé e racionalidade, tradição e novos

valores, individualismo e solidariedade, tão comum e inerente ao homem, sujeito histórico das relações capitalistas.

Antigamente, as festas que eram realizadas no município eram também uma forma de aglutinação das populações rurais. Com o processo que acelerou a ocupação do cerrado, as heranças dos tempos antigos foram passando por transformações e, ao longo do tempo, algumas festas foram perdendo fôlego, deixaram de ser realizadas, como é o caso da festa de Santos Reis e da de São João. Por outro lado, não desapareceram por completo, foram acompanhando as mudanças, sendo muitas vezes recriadas ou readaptadas até se transformarem no que são hoje. No caso da festa de Reis, ela continua sendo realizada, mas adquiriu novas características, ganhou outra roupagem, com componentes que fazem parte da modernidade, sendo conhecida como encontro de folias e, ao contrário de antes, não ocorre mais no espaço rural e sim na cidade, que mesmo passando por um processo de modernização, possibilita a continuidade da festa.

A preparação das festas, como a de Reis, era normalmente cercada de muito trabalho e começava-se bem cedo, uma vez que era necessário matar o porco, a vaca e o frango, fazer os doces e as quitandas, tudo com fartura, para não faltar comida e bebida. A comida era toda feita no fogão a lenha, portanto as tarefas exigiam esforço físico, logo, cercadas por muito trabalho. Era a fé que determinava a sua realização.

O papel desempenhado pela Igreja, no município de Indianópolis, estabelecia uma certa cumplicidade entre os fiéis e ela, já que a Igreja cumpria, além das funções religiosas, uma função social e, segundo os moradores mais antigos, o padre tinha um papel muito importante na comunidade, pois cumpria os compromissos religiosos, como missas e festas, e também ajudava as pessoas, visitava os doentes, envolvia-se com as questões da comunidade, dava assistência espiritual aos fiéis. A Igreja fornecia uma assistência permanente às necessidades da comunidade religiosa, tanto na cidade como no meio rural, já que cumpria com suas obrigações espirituais.

Porém, com a modernização, a Igreja também mudou suas ações perante a comunidade. Dona M. R. da S. comenta como era e o que mudou na atuação da Igreja:

Antigamente na capela onde eu moro as missa e as festa era cheia de gente, o povo era religioso tinha muita fé quando tinha festa todo mundo ajudava, o padre era respeitado e ele ia todo mês fazê a missa e quando tinha festa ele ia também, só que o padre não cobrava nada ele ia era por causa da fé da religião que era sincera, depois que as companhia foi chegado, o povo foi perdeno a fé e parou de ir na Igreja porque o padre passou a cobrar pá rezá a missa ele exige um salário e cobra também pá fazê a festa, hoje é tudo

interesse a Igreja qué sabê é de dinheiro, foi por isso que o povo parou de ir na Igreja e hoje não tem mais a missa e nem a festa, o povo tá desacreditado (M.R.S. Conforme trabalho de campo em 08/05/06)

De acordo com as palavras de dona M., pode-se perceber que a Igreja deixou de preencher as necessidades religiosas da comunidade, deixando um vácuo espiritual a ser explorado.

As transformações que ocorreram nessa região, em função de sua modernização, iniciada no governo militar, como, por exemplo, a saída das populações do campo, também ocorrida em Indianópolis, foram criando dificuldades para a realização dos encontros religiosos. Segundo o senhor A., a partir de então as festas foram sendo esvaziadas e, por sua vez, as capelas foram sendo abandonadas. Hoje (2006), existem poucas festas no meio rural do município, pois as maiores e mais importantes são realizadas na cidade e não são mais integradoras como antes. Existem outros interesses, que tornam as festas um evento de relativa importância, já que existem outras alternativas de lazer e também religiosas

Nesse contexto, segundo o senhor A., a fé do povo foi diminuindo e hoje muita gente nem vai à Igreja e a maioria das pessoas, quando vai às festas, é somente por causa da diversão e não por causa da religião (A. F. Conforme trabalho de campo em 22/04/06).

O papel desempenhado pela religião, no município de Indianópolis, já não é o mesmo de antes, uma vez que ocorreram transformações advindas da modernização e a cidade está globalizada, integrada aos grandes centros do país e do mundo. A população que exerce as atividades agrícolas é formada também por migrantes vindos de outras regiões do país, principalmente do Nordeste e do Sul; os laços de amizade e companheirismo de antes também mudaram, assim como as relações de compadrio. A convivência é estabelecida em função das modernas relações de trabalho.

Desse modo, as festas estão passando por transformações, pois o meio rural também está modernizado; aquelas que ainda existem estão sendo renovadas. O que se percebe é que tem ocorrido uma certa integração dessa nova população, que vai aos poucos incorporando os costumes locais, assim como trazendo costumes novos, que vão sendo absorvidos pelas festas.

Nesse sentido, as festas foram criando estilo próprio, uma vez que grande parte das populações que formavam as comunidades rurais se deslocaram para as áreas urbanas do país, o que provocou rupturas nos laços familiares e de amizade, rompendo também com o tradicional companheirismo.

Dessa forma, a religiosidade também foi se transformando, os encontros religiosos ganharam outro significado, mas a festa não desapareceu; algumas permaneceram, foram

recriadas. Aquelas que ainda continuam são freqüentadas por muita gente que se encontra morando fora ou até mesmo no exterior, vivendo dessa maneira uma vida pautada pelas relações econômicas capitalistas de um mundo globalizado, o que talvez contribua para explicar as mudanças religiosas

Nas áreas de cerrado do município de Indianópolis, onde hoje é cultivada a agricultura ou a pecuária, usam-se as tecnologias modernas, contando inclusive com a assistência técnica que é oferecida por empresas particulares, que vendem seus produtos aos fazendeiros e produtores de maneira geral, garantindo-lhes um acompanhamento permanente, ou até mesmo a própria EMATER. Os grandes proprietários, assim como as empresas rurais, contam com profissionais da área, com formação específica. Pode-se verificar o uso cada vez mais intenso de defensivos agrícolas e a escolha adequada de sementes; os laços de solidariedade e reciprocidade hoje se dão de outra forma, são regidos pelos princípios da modernidade, pois os interesses estão atrelados às regras da economia capitalista moderna.

A criação de ocasiões para o lazer e a vida recreativa hoje (2006), no município, também está em outro nível; pois possui energia elétrica, televisão, antena parabólica, telefone celular, Internet etc. Sem contar a proximidade de cidades como Uberlândia e Araguari, que possibilitam a complementação da vida estudantil, cultural e de lazer para muitos. Enfim, as possibilidades e as facilidades oferecidas pela modernidade estão presentes; logo, Indianópolis vê o mundo e se integra a ele de maneira muito rápida. Evidentemente, o uso das tecnologias modernas e as possibilidades de empréstimos bancários, inclusive aqueles oferecidos pelos programas governamentais, intensificaram a produção e melhoraram a produtividade, garantindo com isso maiores lucros, o que mudou de forma significativa as paisagens e a cultura do cerrado, alterando também os aspectos da religiosidade, em que os mitos e símbolos religiosos foram sofrendo alterações. Dessa forma, o tempo dedicado às rezas e festas, ou seja, à religião, também diminuiu. Hoje, o município é exemplo na produção de grãos, como a soja e o café, e vários outros produtos agropecuários; na avicultura, produzindo frangos e perus; e na produção de gado leiteiro e de corte. Grande parte desses produtos é exportada, alcançando não só o mercado consumidor brasileiro, mas também o mundial.

Desse modo, a modernização da agricultura cria um mundo tecnológico que determina um novo modo de vida no meio rural, que Santos retrata da seguinte maneira:

Esse mundo da técnica invasora é também o mundo do capital tecnológico invasor que busca, e consegue, contagiar as diversas tarefas rurais. É assim

que se expande no campo o domínio desse capital hegemônico com as suas exigências de racionalidade, impondo novos usos e novas definições do tempo social. Juntos, as novas técnicas e o novo capital, deixam de ser, como no passado, exclusivamente de um domínio particular de atividade e se espalham por todo corpo social, tornando-se os verdadeiros regedores do tempo social (SANTOS, 2006, p. 305).

De acordo com as palavras de Santos, podemos observar que as novas tecnologias que invadiram o meio rural foram também responsáveis pela desestruturação de práticas antigas, pois, na medida em que se apropriam do tempo social, determinam também novas práticas sociais, uma vez que o homem perde a autonomia no uso de seu tempo.

Portanto, as atividades econômicas, tanto as rurais quanto as urbanas, tornaram-se mais complexas do que as anteriores, passando também a tomar muito mais tempo das pessoas. Por isso mesmo, hoje quase não se dedicam à religião, a não ser em momentos bem específicos.

Outro fator importante é que as pessoas foram se distanciando do processo de envolvimento e organização das atividades religiosas, como o da festa. Por outro lado, as atividades econômicas, pautadas pelo progresso e pela tecnologia, exigem mais tempo de dedicação das pessoas. Com isso, os encontros religiosos, que no passado serviam para reforçar as crenças comuns, hoje são mais raros, pois as pessoas têm muito menos tempo disponível para se dedicar a eles. Hoje, assiste-se mais televisão, conversa-se menos, trabalha-se mais, reza-se menos, diverte-se mais e dedica-se menos tempo aos momentos religiosos.

Nesse sentido, as festas hoje (2006), principalmente no espaço rural, contam muito com a presença dos que moram fora, dependem daqueles que não estão constantemente presentes para continuar existindo, uma vez que o espaço rural está mais vazio, tem menos moradores do que antigamente. Em relação às festas na cidade, elas também são marcadas pela presença dos que estão fora, pois muitos voltam para assisti-las, principalmente a festa de Maio (Maria), que ainda mantém parte das tradições, como a realização de movimentados e divertidos leilões, atraindo também os moradores do campo, o que dá uma movimentação diferenciada à cidade.



Foto 33

Festa de Maio (Maria):

Foto superior – cerimônia religiosa da festa. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2006.

Foto do centro – prendas doadas pelos fieis para o leilão que é tradição na festa. Autor: Gilmar José Ribeiro, 2006.

Foto inferior – cerimônia de coroação da santa. Autor : Gilmar José Ribeiro, 2006.

Uma das conseqüências da modernização da agricultura, que intensificou o uso do cerrado, na região do Triângulo e também em Indianópolis, foi a expulsão das populações rurais para as áreas urbanas, principalmente para as maiores cidades. Por outro lado, com a utilização das tecnologias, o campo também se modernizou e o estilo de vida rural se tornou mais semelhante ao urbano. Desse modo, as características e padrões da vida moderna exigem que, mesmo no campo, as pessoas, principalmente mais jovens, sejam obrigadas a trabalhar e estudar, o que altera as relações entre pais e filhos, surgindo também novos compromissos a serem cumpridos. Nessas circunstâncias, o tempo é pouco utilizado para as práticas religiosas, pois as tarefas diárias vão incorporando as características da vida moderna.

Os compromissos sociais também exercem uma certa pressão na vida do indivíduo moderno, rural ou urbano, que, a cada dia, se torna realmente mais “indivíduo”, criando assim um novo modelo cultural, passando a existir também certas dificuldades de relacionamento social. Os receios de problemas na vida em comunidade afastam as pessoas e desestruturam as relações baseadas na reciprocidade e na ajuda mútua, afetando também a vida religiosa, o que, por sua vez, altera as formas de pensar e os próprios rituais religiosos.

Nesse espaço da modernidade, as promessas são pouco comuns nos dias de hoje; são raras as oportunidades nas quais as pessoas se comprometem a cumprir uma promessa; nesse cenário, as novas gerações vão sendo envolvidas por novos tipos de relações familiares e religiosas.

Hoje (2006) não existe uma unidade religiosa, já que nesse espaço da modernidade a dinâmica social acompanha o tempo, o conflito entre o passado e o presente mostra que as forças da modernização se estendem para todo o mundo, inclusive Indianópolis, gerando contradições entre o antigo e o moderno, hoje transformado pelas relações capitalistas de um mundo globalizado que desestrutura e desintegra as comunidades, pois nem mesmo a própria família se encontra com regularidade. Portanto, diante dessas mudanças que se intensificaram com a ocupação acelerada do cerrado, a religião já não cumpre a função social de antes.

As festas já não acontecem, como antes, somente em função da religiosidade da população. Ela está ligada à realização do espetáculo, está modernizada, precisa dos fogos de artifício, do show musical etc. Já não unifica a comunidade, pois é oferecida como produto, tornou-se mercadoria.

Portanto, o processo de modernização rompe a originalidade da vida caracterizada pela simplicidade, pela religiosidade, pela união da comunidade, estabelecidas no campo, e impõe os desafios da vida moderna, onde falta tempo para tudo e o ser humano se torna cada vez mais indivíduo. O campo também se tornou o lócus das relações capitalistas.

As relações capitalistas estabelecidas no campo brasileiro (área rural) aprofundaram as mudanças no campo, com a expulsão das populações rurais, e foram tomando as dimensões que possuem hoje, haja vista que o Brasil se tornou um país mais urbanizado, com um intenso processo de urbanização ocorrido, principalmente, a partir da década de 1970. Essa situação é também refletida no município de Indianópolis, como espaço da modernidade, uma vez que perdeu parte significativa de sua população, já que, de acordo como o censo demográfico de 1960, a população era de 4.627 habitantes, passando na década seguinte, 1970, para 3.891 habitantes, diminuindo ainda mais na década de 1980, atingindo então o patamar de 3.670 habitantes, voltando a se recuperar somente na década seguinte, 1991, quando alcança uma população de 4.861 habitantes, atingindo, no censo de 2000, a marca de 5.387 habitantes (Fonte IBGE Censo Demográfico).

A chegada da energia elétrica foi um aspecto que mudou radicalmente a vida no campo, uma vez que determinou o abandono de algumas práticas anteriores, como, por exemplo, o costume de dormir cedo, o uso da lamparina e do lampião, etc. que eram os únicos meios para lidar com a escuridão.

Por outro lado, promoveu a integração de novos elementos, que foram sendo incorporados pelas populações rurais e urbanas, interrompeu hábitos tradicionais e mudou alguns costumes, já que chegou a televisão, o telefone celular e outros aparelhos, como o ferro de passar, o chuveiro elétrico, o computador e muitos outros que determinaram um estilo de

vida moderno, equiparando cidade e campo, uma vez que incorporou o uso das novas tecnologias.

A energia possibilitou dinamizar a vida, sobretudo, a noturna, tanto na cidade como no campo, pois as pessoas passaram a dormir mais tarde e a fazer alguns tipos de trabalhos que, anteriormente, só poderiam ser feitos durante a luz do dia. A eletricidade trouxe a possibilidade do contato e da convivência mais direta com quase todas as representações da modernidade que são oferecidas pela vida moderna.

Nesse sentido, a vida, principalmente no campo, deixou de ser regida somente pelas práticas religiosas; com a modernização, apareceram outras possibilidades, que facilitaram viver uma vida secular, voltada também para as coisas do mundo. Da mesma forma que o chamado “progresso” provocou a modernização do campo, também expulsou suas populações, mas provocou também a aproximação entre cidade e campo, trazendo a cidade para mais próximo do campo e vice-versa. O automóvel, que chegou para substituir o boi e o cavalo, muito utilizados como meio de transportes, que demoravam muito para fazer o deslocamento até as cidades mais próximas, diminuiu esse tempo e encurtou as distâncias, provocando um modo de vida moderno.

A chegada das novas tecnologias e o aperfeiçoamento das formas de comunicação diminuíram as diferenças entre cidade e campo, uma vez que ambos estão globalizados e o capitalismo se apropria do tempo das pessoas no mesmo nível, tanto na cidade quanto no campo. Isso, por sua vez, provocou a desintegração da família tradicional, calcada na presença diária dos pais e dos irmãos, em que a religiosidade era um costume que se aprendia desde cedo, para outro modelo de família, com os pais separados e irmãos também vivendo separados. Esse estilo de vida moderno, segundo os mais velhos, dificultou a criação da família e também desestruturou a vida religiosa, já que nem mesmo a própria família vive junta, portanto as pessoas não têm tempo e sequer necessidade de rezar.

Dentro do contexto mencionado, podemos perceber que o rural da modernidade, no município de Indianópolis, não é mais o rural do passado, mas é o que Silva apud Santos e Ramires (2004) define como o “novo rural”, o qual só pode ser entendido como um continuum do urbano, já que a organização espacial e econômica das cidades, hoje (2006), não está relacionada apenas com as atividades industriais, assim como o campo não está relacionado apenas a agricultura e a pecuária. Santos e Ramires (2004) afirmam que, cada vez mais, cidade e campo se aproximam, se confundem e se integram uma vez que desempenham atividades que atualmente ocorrem em ambos os espaços.

Não há dúvidas de que essas mudanças se aprofundaram, com o processo de globalização, que altera a produção agrícola na sua base técnica, causando, a partir de então, uma série de transformações socioculturais e econômicas, advindas de tais acontecimentos. Nesse contexto, Milton Santos escreve sobre as mudanças causadas pelo processo de globalização:

Com a globalização, a especialização agrícola baseada na ciência e na técnica inclui o campo modernizado em uma lógica competitiva que acelera a entrada da racionalidade em todos os aspectos da atividade produtiva, desde a reorganização do território aos modelos de intercâmbio e invade até mesmo as relações interpessoais. A participação no mundo da competitividade leva ao aprofundamento das novas relações técnicas e das novas relações capitalistas. Estas são a base da ampliação do modelo de cooperação e, portanto, da divisão social e territorial do trabalho, e este alargamento dos contextos conduz a um novo aprofundamento do contexto, levando, também, as áreas correspondentes a um processo de racionalização cada vez mais intenso e com tendência a se instalar em todos os aspectos da vida (SANTOS, 2006, p. 304).

De acordo com as palavras de Santos, podemos constatar que a modernização, ocorrida no cerrado indianopolense e do Triângulo Mineiro, advém da lógica imposta pelo processo de globalização, que se acelera, nessa região, a partir da década de 1970.

Nesse universo da modernidade, a educação familiar não é mais pautada somente pelos princípios religiosos, já que nem mesmo os mais velhos dedicam seu tempo, exclusivamente, para as práticas religiosas, enquanto os mais jovens se encantam com os produtos da modernidade, tais como a televisão, o computador, a Internet etc., vivendo uma vida secular, mediada pelo consumismo imediato, portanto tendo menos contato com o mundo sagrado. Porém, esse novo espaço da modernidade, rural ou urbano, não elimina a possibilidade de existência da vida religiosa e nem tampouco da realização das festas, já que algumas delas continuam acontecendo, principalmente na cidade.

Entretanto, há que se ressaltar que algumas festas continuam, principalmente na cidade, e elas, de certa forma, promovem a integração dos migrantes, principalmente dos sulistas, que já participam; alguns até ajudam na sua organização e em seu funcionamento, estão presentes nas atividades da igreja, já se envolvem com a comunidade.

Hoje, as paisagens das fazendas do município estão transformadas pelas atividades agrícolas modernas, uma vez que as áreas de cerrado foram sendo devastadas, principalmente para o cultivo de produtos de alto valor comercial. Os produtos mais cultivados são comercializados diretamente da própria fazenda. O transporte, hoje, é feito por caminhões

modernos, sendo que grande parte da mão-de-obra utilizada nas lavouras é feita por migrantes vindos, principalmente, do Ceará. Portanto, os laços afetivos e o companheirismo, que existiam entre os fazendeiros e os agregados, não existem mais, por isso mesmo não há o envolvimento de todos com o processo de preparação das festas. Isso talvez ajude a explicar por que as festas no meio rural foram desaparecendo e hoje restam poucas que ainda são realizadas.

O simbolismo e a religiosidade de outrora se transformaram. As capelas e os cruzeiros cederam lugar para as plantações. Assim, os mitos do cerrado foram sendo rompidos, suas terras se tornaram produtivas e incorporaram os aspectos e as práticas da modernidade.

A abundância de água, que existia no município, hoje (2006) está comprometida, com o processo de irrigação que é utilizado em grande parte das propriedades. Algumas delas sendo constituídas, inclusive, de Pivô Central. Nesse cenário, a religiosidade foi perdendo espaço, a fé foi diminuindo, pois com a chegada do pivô deixa de ser necessário rezar aos pés da cruz para pedir que a chuva caía. As pessoas passam a pensar menos em rezar, já que os medos são rompidos, por conta da chegada da tecnologia que aumenta, de forma significativa, a produção e a produtividade. Dessa forma, os mitos do cerrado vão perdendo o simbolismo de antes.

No processo de apropriação do cerrado para as atividades capitalistas, onde se produzem mercadorias para serem vendidas no mercado, obedecendo às suas regras, hábitos e costumes tradicionais foram-se perdendo, assim como a arquitetura das fazendas, que tinham o curral construído sempre ao lado da casa, a qual contava sempre com cômodos amplos e aconchegantes e um grande número de janelas e portas; bem como os instrumentos utilizados para a produção, tais como monjolos e moinhos, tocados pela energia hidráulica, já que a água era abundante. E perdeu-se também a grande hospitalidade que ali existia, a fé e a religiosidade, que eram as marcas daquele tempo.

Nesse sentido, as atividades capitalistas, estabelecidas no campo, alteram completamente as características do meio rural, criando um novo rural, voltado para atender as exigências do mercado, que pode ser traduzido pelas palavras de Milton Santos:

Cria-se, praticamente, um mundo rural sem mistério, onde cada gesto e cada resultado deve ser previsto de modo a assegurar a maior produtividade e a maior rentabilidade possível. Plantas e animais já não são herdados das gerações anteriores, mas são criaturas da biotecnologia; as técnicas a serviço da produção, da armazenagem, do transporte, da transformação dos produtos e da sua distribuição, respondem ao modelo mundial e são calcadas em objetivos pragmáticos, tanto mais provavelmente alcançados, quanto mais

claro for o cálculo na sua escolha e na sua implantação. É desse modo que se produzem nexos estranhos à sociedade local, e, mesmo, nacional e que passam a ter um papel determinante, apresentando-se tanto como causa, quanto como consequência da inovação técnica e da inovação organizacional (SANTOS, 2006. 304-305).

Desse modo, a vida no campo, que fora outrora marcada pela sua simplicidade e originalidade, transformou-se numa vida caracterizada pela opressão da modernidade tecnológica, que estabelece novos costumes e novos modos de vida.

Pelo que se pode perceber, o município de Indianópolis está marcado pelas transformações impostas pela chegada da modernidade capitalista, em função da qual grande parte das populações rurais, como sitiantes, pequenos produtores e trabalhadores foram sendo expulsos para a cidade, principalmente para as maiores, como Uberlândia. Portanto, interessa-nos perceber que essas transformações, ocorridas nesse espaço, desalojaram práticas agrícolas e religiosas, tradicionais.

A modernização econômica, imposta pelo sistema capitalista, não impede futuras crises na economia brasileira. Nesse sentido, segundo Brandão (1989), mesmo a forte crise econômica da década de 1980 não paralisou o processo de expansão e modernização da agricultura dessa região, que continuou de forma acelerada. Porém, o que se percebe é que houve um grande retrocesso das culturas tradicionais e uma rápida expansão das culturas exportáveis, o que, por outro lado, aprofunda as contradições originadas por tal processo de modernização.

Vale lembrar que, no município de Indianópolis, os filhos dos fazendeiros e das pessoas que hoje vivem no meio rural levam uma vida muito diferente daquela de seus pais e avós, caracterizada pela modernidade, cheia de compromissos sociais, com a escola, com o trabalho, com o lazer, freqüentam shows musicais, boates, etc. Portanto, esse espaço é por excelência o espaço da modernidade, que de algum modo ofusca as práticas e conhecimentos religiosos, já que, ao contrário dos pais e avós, os filhos quase não rezam, raramente vão à Igreja, têm pouco contato com o mundo sagrado.

Desse modo, não se pode hoje falar do município de Indianópolis como um espaço onde as características ainda são rurais, como no passado, como espaço absolutamente diferente das áreas urbanas das grandes cidades, com características de vida mansa e tempos lentos.

Portanto, esse espaço da modernidade não pode e não deve ser percebido separadamente das transformações religiosas, uma vez que elas foram acompanhando as outras transformações, e, hoje, o espaço rural, assim como a cidade pequena, não são mais

apenas o lócus da festa, da religiosidade vivida nos tempos passados, e nem tampouco local de atraso e de falta de informações; ao contrário, Indianópolis tanto nas áreas rurais quanto no espaço urbano, está modernizada.

A religiosidade não acabou, as festas não desapareceram – foram transformadas, adquiriram novas características, assumiram outras proporções. Aquelas que continuam estão mais para o mundo do espetáculo do que para o religioso, a exemplo da festa de Maio (Maria), que hoje (2006) conta com shows pirotécnicos e musicais, com o comércio ambulante e outras representações da modernidade, que estão marcadas no imaginário de grande parte da população como sendo a representação da festa que é oferecida como produto, e, nesse sentido, transcende as representações do mundo religioso; portanto, é a festa da modernidade, no cerrado de Indianópolis.

As relações com a natureza, no município e na região, estão modificadas, com enormes áreas ocupadas por produtos que antes não eram conhecidos pelo cerradeiro, alguns até para exportação. Hoje (2006), é muito raro tomar o leite no curral tirado direto da vaca, comer o frango caipira criado no quintal, o porco criado no chiqueiro, enfim, viver, como no passado, a vida calma dos tempos lentos, em que a religiosidade possibilitava a união da comunidade e a realização das grandes festas.

Nesse sentido, podemos afirmar que os aspectos religiosos acompanharam as mudanças, uma vez que as relações de produção e de trabalho hoje também assumiram as características da urbanização, pois estão relacionadas diretamente com a indústria, com o comércio, com o mercado mundial, com a bolsa de valores, etc. Enfim, as relações interpessoais já não são determinadas pelas práticas religiosas, como antes. Nesse processo de mudanças, algumas permanências se concretizam, mesmo com as transformações e a modernização das próprias festas.

Desse modo, podemos observar que as mudanças do município de Indianópolis e das práticas religiosas de sua população são reais e facilmente perceptíveis, assim como a nova configuração dos espaços religiosos. As suas transformações, bem como a de suas festas e a nova espacialização da fé serão abordadas no capítulo 3.

CAPITULO 3

A CIDADE DE INDIANÓPOLIS MODERNIZAÇÃO DOS EVENTOS E A ESPACIALIZAÇÃO DA FÉ



Foto 34

Igrejas não Católicas, mostrando uma nova espacialização da fé, na cidade de Indianópolis
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

3.1 - O Espaço e a Sociedade

Para se compreender as especificidades de uma cidade, é preciso pensar os seus espaços como um todo, incluindo-se aí o município, ou seja o espaço rural e o urbano; é preciso pensar o espaço geográfico, e a maneira como esses espaços se articulam, levando em consideração suas determinações históricas e sociais na atualidade, uma vez que a cidade é produto de uma construção coletiva permanente e, acima de tudo, contraditória, pois as diferenças sociais e espaciais aparecem em relevo.

A sociedade, seja ela rural ou urbana, é marcada por contradições e disputas onde se estabelecem relações políticas e de poder, sendo a cidade o locus onde aparece, de forma mais clara, o seu caráter heterogêneo, fruto das disputas capitalistas, marcadas pelas diferenças sociais e pelos interesses conflitantes, mas o espaço, seja ele rural ou urbano, não pode ser analisado apenas pelo seu caráter econômico, pois é nele que as pessoas estabelecem os seus modos de vida, vivenciam a sua cultura, constroem a sua história de vida pessoal.

Nesse sentido, é importante que o espaço geográfico seja pensado como resultado das relações sociais de um determinado momento histórico, de uma determinada sociedade. É nessa perspectiva que Carlos e Rossini escrevem que:

O espaço como produto social é processo de produção concreto, nascido do trabalho, que por seu lado nada mais é do que a resposta do homem a uma série de necessidades a que ele deve satisfazer para sobreviver. Portanto, a gênese do espaço geográfico é a existência humana, condição essencial para que o homem possa “fazer história”, produzir e transformar seu próprio espaço. É a ação humana consciente que transforma o meio natural em espaço (CARLOS E ROSSINI, 1983, p. 7-9).

Desse modo, é preciso pensar o espaço como um espaço humanizado, uma vez que é produzido e apropriado pela sociedade. Portanto, o espaço geográfico é produto da ação social, uma vez que, além de habitá-lo, a sociedade também dele se apropria. Dessa maneira, há que se ressaltar que, em cada momento histórico, há uma produção social específica, relativa ao desenvolvimento das forças produtivas e, conseqüentemente, uma produção espacial determinada.

De acordo com Castells (2000, p. 181-182), “o espaço é um produto material em relação com outros elementos materiais – entre outros os homens, que entram também em relações sociais determinadas, que dão ao espaço uma forma, uma função, uma significação social”. Desse modo, torna-se de extrema importância conhecer o processo histórico de

transformação do município de Indianópolis para melhor compreender a sua nova configuração espacial.

Dentro do contexto mencionado, pode-se perceber que a modernização da agricultura promove um processo de reorganização sócio-espacial em duas direções, ou seja, o campo se reestruturou como local da produção mecanizada e as cidades foram se equipando, no sentido de atuar como suporte para a concretização desse processo.

De acordo com Souza e Santos (1986, p. 17) “O espaço construído, como resultado das diferentes forças sociais que determinam a evolução de uma sociedade em cada momento histórico, constitui o campo de evidência por excelência das práticas culturais”. Neste contexto, entendemos que o espaço do município e, sobretudo, da cidade de Indianópolis, somente pode ser explicado considerando-se suas particularidades históricas precedentes e também as recentes, ocorridas a partir da década de 1970, como as transformações econômicas, sociais e culturais, desenvolvidas com a implantação da modernização agrícola e econômica.

O município de Indianópolis vem sendo modificado, ao longo do tempo, tendo como principal objetivo se adequar ao processo de modernização. Entendemos também que as mudanças na organização econômica e social levam ao desenvolvimento de “novas” relações e a uma “nova” organização do espaço. Desse modo, o nosso objetivo, neste capítulo, é no sentido de analisar as especificidades espaciais, criadas pela modernização agrícola, e as mudanças que ocorreram no município, que passa a conviver com uma nova espacialização da fé, determinada por mudanças sócio-econômicas e religiosas significativas.

Entendemos, assim, que essas mudanças, embora sejam analisadas em um determinado recorte histórico-espacial, não são privilégios da sociedade indianopolense, uma vez que elas sempre estiveram em curso, sendo aceleradas a partir do processo de modernização da agricultura, que se desdobrou, também, em modificações importantes nas práticas religiosas da população do município.

A “modernidade” chega em Indianópolis com a transformação agrícola, determinando um novo impulso econômico do município, o que, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, possibilitou dinamizar a fluidez de informações, mercadorias, serviços e capital investido na modernização da agricultura, contribuindo por sua vez para acelerar as transformações culturais e religiosas.

Entretanto, consideramos importante ressaltar que a vida rural, que era predominante no Brasil até a década de 1970, apresentava uma concepção religiosa e mágica do mundo, que só se transforma na medida em que ocorre um intenso processo de urbanização, que amplia os

contatos com o mundo e que, por sua vez, provoca uma desorganização dos sistemas tradicionais, levando os indivíduos a redefinirem os seus papéis sociais e os seus valores.

A urbanização e a globalização, seguramente, estão entre os fenômenos mais importantes para a sociedade moderna, uma vez que esses processos, atualmente, ultrapassam os limites da cidade, atingindo também o meio rural. O campo também está se urbanizando e assumindo, portanto, as características do modo de vida urbano.

O desenvolvimento pelo qual o Brasil passou, a partir da década de 1970, criou a necessidade da estruturação dos meios de transportes e comunicação e, aos poucos, o país foi ganhando uma nova configuração territorial, uma vez que houve mudanças profundas no processo produtivo, no qual as relações de trabalho antigas foram substituídas pelas novas relações capitalistas de trabalho.

De acordo com Schwarcz (2002), a partir de meados da década de 1960, os brasileiros começam a conviver com um processo de modernização da agricultura que ocorre de forma violenta e selvagem, uma vez que o pequeno proprietário, o posseiro e o parceiro não mais seriam vítimas, somente, dos contratempos da natureza, nem os trabalhadores das oscilações da exportação dos produtos agrícolas. A partir de então, milhões de homens, mulheres e crianças seriam expulsos do campo, com o processo de modernização da agricultura baseado no pacote tecnológico, com o uso de máquinas, insumos e crédito seletivo e excludente, que favorecia apenas os grandes.

Hoje, é facilmente perceptível que a modernização da sociedade capitalista se dá na contramão das sociedades tradicionais, considerando os sistemas tradicionais como velhos, ultrapassados, algo que não deve ser valorizado, enquanto a modernização simboliza o novo, o moderno, o atual, com forte presença dos produtos industrializados e da alta tecnologia empregada na produção.

O modelo técnico-científico foi a base do processo de modernização brasileira, o que, por sua vez, causou a desestruturação das organizações anteriormente existentes. No caso do cerrado triangulino e também indianopolense, sistemas antigos de festas, de trabalho e de tradições cederam lugar a um novo arranjo espacial.

De acordo com Bacelar (2003), o desenvolvimento econômico do Triângulo Mineiro ocorre atraindo grandes investimentos, não só de capital interno, mas também externo, o que leva à instalação de grandes empresas multinacionais em suas principais cidades, como Uberlândia, o que provoca uma reestruturação na sua rede urbana, por meio de uma refuncionalização mais atualizada, que redefine o papel das cidades da região.

3.2 - A Cidade No Contexto da Sociedade Moderna

De acordo com o contexto mencionado, devemos entender que o processo de urbanização e modernização das cidades, ocorrido a partir das últimas décadas do século XX, tem causado transformações significativas na vida do homem urbano, mudando seu comportamento social, econômico e, sobretudo, religioso.

Nesse sentido, consideramos que o entendimento da cidade passa também pela compreensão da produção de seu espaço urbano e da dimensão humana da sociedade urbana. De acordo com o contexto, pode-se perceber que a cidade capitalista apresenta, em seu interior, as contradições inerentes ao modo de produção capitalista.

O sistema capitalista gera contradições profundas, que se manifestam de forma mais clara na cidade, onde elas estão inseridas no cotidiano das pessoas que, em suas relações humanas, criam hábitos, estabelecem convivências e definem modos de vida; incluindo nesse cotidiano o homem, com toda sua complexidade, em diferentes momentos, seja no trabalho, no lazer, ou nos momentos mais íntimos (DAMIANI, 1997).

Hoje (2006), essas contradições se apresentam de forma mais visível também no campo e nas pequenas cidades, que estão adquirindo cada vez mais as características da urbanização, uma vez que as relações de trabalho e os modos de vida também estão se modernizando e passando por transformações cada vez mais rápidas, em função das facilidades de comunicação.

A cidade moderna é permeada por relações cada vez mais complexas e, na sua ampla diversidade, que envolve também os aspectos sócio-culturais, possibilita a individualidade, mas também o encontro com o “outro”, gerando as convivências, as trocas de informações e as identidades (ROSENDAHL E CORRÊA, 2005).

A complexidade da vida moderna faz com que, no espaço urbano, as relações sociais se tornem cada vez mais complexas, gerando novas possibilidades de vida, que se ampliam cada vez mais, com o avanço tecnológico e científico, e que, ao mesmo tempo, limita a possibilidade de conquista daqueles que não têm acesso aos bens produzidos por esse avanço.

Desse modo, mesmo, com todas as suas contradições, a cidade pressupõe movimento, cor, cheiro, barulho; e, por mais difícil que seja defini-la, pode-se perceber a sua importância, uma vez que ela sempre desempenhou e continua a desempenhar um papel fundamental na vida e nas transformações do espaço e das sociedades (BEAUJEU-GARNIER, 1997).

No caso do Triângulo Mineiro e, particularmente, de Indianópolis, as transformações do espaço urbano estão relacionadas com as transformações ocorridas no campo, advindas da

aceleração do processo de globalização que, por sua vez, acelera o processo de mudanças que passa a alterar, de forma cada vez mais rápida, as características dos modos de vida até então predominantes.

Segundo Castells (1983), a globalização levou a um intenso processo de urbanização, que atingiu todas as áreas do planeta e se torna cada vez mais intenso, devendo ser entendido como produção social das formas espaciais, na perspectiva de apreender as relações entre o espaço construído e as transformações estruturais de uma sociedade. A modernização agrícola das áreas de cerrado, da forma como foi implementada, tornou-se um fator decisivo sobre o processo de urbanização, uma vez que causou a expulsão dos trabalhadores do campo para a cidade, para onde se transferiram, também, grande parte dos proprietários de terra, que se transformaram em empresários rurais, já que as fazendas são tratadas, atualmente, como empresas.

Portanto, a modernização agrícola influenciou não só o processo de urbanização nas cidades, mas também foi responsável pelo processo de urbanização do campo, já que forçou a criação de meios para viabilizar a produção moderna, que provocou o surgimento de novas demandas no campo, exigindo a presença de máquinas, profissionais e insumos, dentre outros.

Dessa maneira, as cidades, principalmente as pequenas, chamadas por Milton Santos de cidades locais, tiveram que se reestruturar para se adaptar à nova realidade econômica mundial. No caso do Brasil e, particularmente, de Indianópolis, as novas demandas do campo passaram a exigir a criação de infra-estrutura e demais elementos, necessários para atender a produção agrícola. Nessa perspectiva, por possuírem atividades relacionadas ao meio rural modernizado e estarem em uma “região agrícola”, as cidades locais ou pequenas se transformaram em cidades do campo e também econômicas (SANTOS, 1994).

Com a modernização do campo e o surgimento de novas estruturas produtivas, mudaram-se os conceitos de cidade, uma vez que elas eram, anteriormente, analisadas somente em função do número de habitantes, e atualmente a cidade moderna é definida, também, por outros fatores que no passado eram insignificantes, mas que hoje são importantes para uma análise mais criteriosa da sua importância e do seu papel na rede urbana à qual pertence.

Nesse sentido, segundo Santos (1979), as cidades, para serem consideradas como cidades locais, precisam apenas, e tão somente, ter a presença de um aparelho comercial, administrativo e bancário. O autor afirma, ainda, que a cidade não deve ser pensada apenas pelo número de seus habitantes, pois os aspectos demográficos, por si, não definem a

importância nem tampouco o papel de uma cidade. É preciso considerá-la em toda sua amplitude.

Um aspecto bastante relevante em relação ao papel da cidade moderna é que, atualmente, não só as cidades grandes, mas também as pequenas, estão inseridas no processo de produção da economia capitalista, com o predomínio de relações de trabalho modernas que estão presentes, atualmente, também no campo, que foi-se modernizando e adquirindo as características da indústria. Dessa maneira, as relações de trabalho não capitalistas foram cedendo lugar para as relações capitalistas modernas de trabalho, tanto na cidade, seja ela grande ou pequena, quanto no campo.

A cidade é, hoje, um espaço extremamente importante, onde se desenvolvem as relações entre os homens, sejam elas sociais, políticas, econômicas ou culturais. Nesse sentido, podemos perceber que as diversas situações que ocorrem na cidade são também reproduzidas no campo, uma vez que este, hoje, é também parte do sistema capitalista industrial, que reproduz as relações de produção e de trabalho, onde se utilizam a ciência e a tecnologia, reproduzindo também as relações sociais e culturais do espaço urbano.

Nessa perspectiva, Milton Santos define o papel da ciência e da técnica na sociedade atual, escrevendo que:

A fase atual da história da humanidade, marcada pelo que se denomina de revolução científico-técnica, é freqüentemente chamada de período técnico-científico. Em fases anteriores, as atividades humanas dependeram da técnica e da ciência. Recentemente porém, trata-se de interdependência da ciência e da técnica em todos os aspectos da vida social, situação que se verifica em todas as partes do mundo em todos os países. O próprio espaço geográfico pode ser chamado de meio técnico científico (SANTOS, 1997, p. 71).

De acordo com a definição de Santos, podemos perceber que, diante do atual nível de tecnologia empregada na produção, tanto rural quanto urbana, fica cada vez mais difícil definir os limites entre cidade e campo.

O espaço urbano e o rural estão inter-relacionados e a expansão da técnica ocorre em ambos, só que no campo ela ocorre de forma mais rápida, uma vez que existem mais facilidades no processo de substituição das técnicas antigas.

Nesse sentido, reestruturar uma cidade, mesmo que seja pequena, exige grandes investimentos, uma vez que construir um viaduto, uma nova avenida ou até mesmo destruir alguma obra já acabada fica mais caro do que fazer investimentos no campo, financiando a sua produção. Pois as mudanças no campo são mais fáceis, encontram menos obstáculos, por

isso mesmo não requerem investimentos tão altos quanto os que são aplicados na reestruturação da cidade (SANTOS 1993).

De acordo com o exposto, percebe-se que as mudanças ocorridas nas pequenas cidades estão diretamente relacionadas às transformações do campo, uma vez que este passa, constantemente, por mudanças, que são cada vez mais rápidas, devido ao alto nível da tecnologia empregada. No município de Indianópolis, pode-se perceber, claramente, que, com a chegada da tecnologia, incorporada à produção, a cidade tornou-se também espaço de consumo, inserindo-se no contexto da globalização, tanto em nível de consumo como de produção, no seu espaço rural e urbano, o que modificou completamente a sua estrutura de funcionamento.

Há de se ressaltar que o número de população das chamadas cidades locais ou pequenas, hoje, é irrelevante, uma vez que elas são marcadas por uma intensa relação com o mundo, em função dos meios modernos de informação, comunicação e também pela mobilidade populacional. Hoje, Indianópolis é um espaço ocupado por diversos estrangeiros, integrados ao sistema produtivo do município.

De acordo com Singer (1998), não se pode compreender a economia de uma cidade fora do contexto de sua existência, uma vez que suas funções especializadas e a rede à qual pertence são fatores decisivos para determinar o seu tamanho, o vigor de sua economia e também as perspectivas para o seu desenvolvimento

Nesse contexto, é possível tentar compreender o crescimento e as transformações de Indianópolis, relacionando-os ao desenvolvimento da rede urbana do Triângulo Mineiro, liderada por Uberlândia, que se intensifica, a partir da década de 1970, com o rodoviarismo, que possibilitou o intercâmbio comercial e a ampliação das relações econômicas e sociais do Triângulo Mineiro e de Indianópolis com o restante do país.

Oliveira e Soares definem a importância do novo papel da cidade pequena na rede urbana, considerando que:

No período atual, globalizado, a pequena cidade passa a ter um novo papel para si na rede urbana; através de uma relação do local com o global, ou seja, mediatizada pelo desenvolvimento tecnológico esta passa a receber os diversos produtos materiais e imateriais (serviços, consumo, informação) da cidade moderna; inserindo características do circuito superior em conteúdo e forma (OLIVEIRA E SOARES, 2000, p.10).

De acordo com o exposto, podemos observar que as cidades pequenas também estão inseridas no processo de desenvolvimento imposto pela globalização. Para entender a

dinâmica do desenvolvimento do Brasil, é preciso lembrar que o poder político sempre esteve nas mãos de pequenos grupos, que usam esse poder para satisfazer aos seus próprios interesses e se perpetuarem no poder. Não foram poucas as vezes em que a força foi utilizada, para que pudessem atingir seus objetivos.

Normalmente, nas pequenas cidades do país, esse poder é privilégio de poucas famílias que, quase sempre, são detentoras de grandes propriedades de terras. Em Indianópolis, essa realidade não é muito diferente, uma vez que os fazendeiros, direta ou indiretamente, sempre exerceram influência no poder político e, muitas vezes, de forma dissimulada, conseguem impor seus interesses e historicamente controlam o poder local. Durante muitos anos, conseguiram, com manobras e ações políticas, evitar o crescimento e desenvolvimento do município, mas a chegada de novos grupos, que implementaram a modernização agrícola, com o uso de novas tecnologias, promoveu um importante crescimento econômico e demográfico, o que os obrigou a se modernizarem, para continuar controlando o poder.

Com o processo de abertura da economia brasileira ao capital internacional, durante o governo Juscelino Kubstchek (1956-1961), ocorreram mudanças na estruturação da rede urbana do país. As cidades pequenas e médias, que exerciam funções locais, passaram a ser mais dinâmicas, causando um importante processo de expansão urbana.

O desenvolvimento dos meios de comunicação facilitou o contato entre as cidades, o que mudou a forma de relacionamento entre elas. As pequenas passaram a ter maiores contatos com as maiores, o que fez com que elas se tornassem consumidoras dos produtos e mercadorias que antes eram encontrados somente nas cidades maiores, enquanto continuaram ligadas às atividades do campo.

Dessa forma, as cidades pequenas passaram a desenvolver as novas funções ligadas ao campo, pois este passou a depender dos produtos agrícolas vindos da cidade, o que, por sua vez, causou, nelas, uma reestruturação, no sentido de atender as novas demandas do campo.

Segundo Harvey (1980), uma cidade se define, também, pelo seu desenvolvimento econômico, advindo do aumento dos fixos e fluxos, não só de mercadorias, mas também de pessoas, assim como da sua própria localização. No caso de Indianópolis, o cultivo da agricultura, nas áreas de cerrado, juntamente com a construção das rodovias na região, são fatores que possibilitaram o seu desenvolvimento, que se deu com o aumento do fluxo de pessoas e de mercadorias.

Com a chegada de novas pessoas, que vêm dos mais distantes e diferentes lugares, Indianópolis adquire novas características, não só econômicas, mas também políticas, sociais,

culturais e religiosas, transformando totalmente a paisagem até então predominante. Nesse universo, marcado por novos conteúdos, o município desenvolve novas funções, principalmente aquelas ligadas à agricultura moderna.

Na perspectiva de entender o significado da cidade, Soares (1995) afirma que a cidade é complexa, tem cheiro e conteúdos diversos, funções econômicas variadas, tem uma história própria. Nela, acontecem os mais diversos tipos de relações interpessoais e sociais, as práticas políticas são constantes, as manifestações religiosas permanentes, as identidades são formadas, ela é um espaço de memória e cheia de simbolismos.

O crescimento da cidade de Indianópolis provocou mudanças nos hábitos e costumes da população, incorporando novos valores e criando novas territorialidades. A territorialidade não deve ser entendida somente a partir da compreensão de determinado sistema territorial, uma vez que ela é também resultado dos costumes, dos comportamentos, dos modos de vida de uma comunidade, pois ela é também permeada de relações políticas.

Nesse sentido, podemos compreender que o território é, também, um espaço de exercício da cidadania. Nele, as relações políticas e religiosas são estabelecidas cotidianamente; ele é o locus onde se concretizam as relações sociais, as relações de vizinhança e solidariedade, as relações de poder, é também onde as contradições se apresentam de forma mais clara. É nele que as desigualdades sociais podem ser mais facilmente percebidas (KOGA, 2003).

3.3 - Indianópolis no contexto da modernização

A vida em Indianópolis, assim como nos pequenos lugarejos, que até a década de 1970 eram muito comuns, no Brasil, tinha características muito simples, próprias daquele tempo, no qual a base da economia era a agricultura e a pecuária tradicionais, marcadas pelas relações de trabalho não capitalistas, e que França retrata da seguinte maneira:

As lojas do vilarejo, em que se compravam enxadas, pratos, tecidos, até sapatos e remédio, dependiam dos trabalhadores do campo. As grandes festas do lugar não tinham brilho se os camponeses ficassem na roça. E mesmo aquele movimento incomum de tropeiros [...] ficava na dependência dos consumidores da gleba. Isto porque o vilarejo de características intensamente rurais existia em função do campo (FRANÇA, 1995, p. 230).

De acordo com o exposto, percebe-se que essas características também fizeram parte da vida do passado em Indianópolis. Segundo depoimento de alguns moradores mais velhos, a loja do senhor Urias vendia praticamente tudo que era necessário para a vida do campo, e as festas da cidade eram marcadas pela presença da população que vinha do meio rural

A modernização do município de Indianópolis processou-se na medida em que houve uma aceleração na modernização da agricultura, que provocou uma certa especialização econômica do município. Pois, no contexto da divisão territorial do trabalho, esse município integra-se ao Brasil e ao mundo comunicando-se por meio dos mecanismos modernos de negócios, comprando produtos relacionados à agropecuária, bem como vendendo a sua produção.

Com a especialização produtiva, houve uma diminuição na diversificação das atividades, o que acabou se tornando um fator de concentração de renda, já que apenas as grandes propriedades e os grandes empreendimentos foram beneficiados. Desse modo, não houve investimento suficiente em outras atividades, que pudesse dinamizar a economia, o que concentrou grande parte da mão-de-obra no setor primário. Portanto, as transformações da cidade estão diretamente ligadas ao desenvolvimento das atividades do campo, que promoveram também mudanças na cidade, onde, a partir de então, estabelecem-se novas relações econômicas, sociais, políticas, culturais e religiosas.

A modernização do campo, aliada às facilidades de comunicação, juntamente com a chegada da TV, rompe com hábitos e costumes que eram tradicionais e ao mesmo tempo rígidos, até a década de 1970, mudando as características sócio-culturais da cidade, o que ocorre também com os costumes religiosos, que vão sofrendo transformações.

Desse modo, a ocupação da mão-de-obra, mesmo com o predomínio das culturas altamente mecanizadas, tem uma maior concentração nas atividades do meio rural. Assim, o processo de urbanização, que ocorreu a partir da década de 1970, e se intensificou nas décadas seguintes, trazendo os migrantes, exerce uma certa pressão, no sentido de requerer uma infraestrutura básica, como moradia, e uma gama de outros serviços, para suprir as necessidades da vida urbana.

A cidade cresceu demograficamente, expandiu sua área urbana, mudaram os costumes sociais, as relações de reciprocidade já não existiam como antes, os bailes também deixaram de ser realizados, as festas se modernizaram e perderam o simbolismo religioso de antes.

A partir da década 1970, as cidades da região do Triângulo Mineiro passaram por um intenso processo de transformações, à medida que a região foi-se integrando aos grandes centros econômicos do país. Dentro da nova divisão territorial do trabalho, as cidades do Triângulo Mineiro passaram a ter um papel de destaque, principalmente as maiores, como Uberlândia, devido à intensificação dos fluxos econômicos e de pessoas, que ocorreu também nas cidades menores, principalmente a partir dos planos desenvolvimentistas, implantados pelo governo federal, para o desenvolvimento da agricultura, nas áreas de cerrado. Essas transformações sócio-econômicas provocaram um rápido desenvolvimento das cidades pequenas da região e é nesse contexto que ocorrem as principais mudanças, na cidade de Indianópolis.

As transformações econômicas do município estão diretamente relacionadas às transformações ocorridas no mundo rural, no qual as atividades produtivas dominantes, até o início do século XX, eram a agropecuária tradicional, com a criação extensiva do gado leiteiro e o cultivo do arroz, do feijão e do milho. Atualmente, a produção é bastante dinamizada, sendo os produtos muito variados, com o predomínio da agricultura moderna liderada pela produção de café, de soja, de milho e de tomate e também a pecuária, ambas integradas à agroindústria. A cidade está integrada à rede urbana do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, estando submetida a cidades, maiores, principalmente Uberlândia e Araguari.

A ocupação das terras do município se deu em função do desenvolvimento da agricultura nas áreas de cerrado, o que, por sua vez, causou um intenso processo de transformação e modernização das atividades agropecuárias e também um aumento na concentração da terra, já que grande parte foi adquirida pelas companhias agrícolas, ou grandes proprietários vindos de fora, o que, de certa forma, se refletiu também na área urbana do município.

O crescente processo de industrialização do país, liderado por São Paulo, juntamente com a construção de Brasília foram fatores decisivos para a integração da Região do Triângulo Mineiro à economia nacional. Nesse contexto, Uberlândia assume, a partir de então, uma posição estratégica no desenvolvimento da região do Triângulo, que se intensifica com a construção das rodovias que ligaram Uberlândia ao restante do país.

Indianópolis, por sua vez, aderiu a esse processo de desenvolvimento em função de fatores importantes, tais como o desenvolvimento da agricultura nas áreas de cerrado e a forte presença da agroindústria, assim como a facilidade de comunicação que passou a existir. O processo de desenvolvimento se intensifica, principalmente, a partir da construção das rodovias, que, na década de 1980, aceleraram os fluxos e fixos econômicos e também de pessoas, trazendo migrantes de outras regiões do país; a expansão da produção da soja e do café acelerou o processo de urbanização da região e, conseqüentemente, o crescimento do setor de serviços e de comércio.

As transformações econômicas e sociais, ocorridas na região do Triângulo Mineiro, a partir da década de 1970, intensificam-se em Indianópolis, no final da década de 1980 e no decorrer das décadas de 1990-2000, estruturando uma nova organização espacial urbana, com a expansão do fluxo de migrantes de origem rural, vindos de outras regiões do país, mais especificamente do Nordeste e do Sul.

Em função dessas transformações econômicas, iniciadas na década de 1970, Indianópolis tornou-se um centro expulsor de sua população, principalmente as de origem rural, e um centro de atração para os migrantes de outras regiões, que, em sua maioria, vinham para trabalhar no campo, mas passaram a morar na cidade. A partir de então, ocorre uma verdadeira transformação sócio-econômica no município, com a modernização, principalmente, dos fazendeiros. A agricultura tradicional, baseada nas parcerias e nas relações de trabalho não capitalistas, foi aos poucos sendo substituída pela agricultura capitalista moderna, que provocou a expulsão da mão-de-obra do campo e o surgimento das empresas rurais.

A chegada dos novos produtores, vindos também do Sul e de São Paulo, teve reflexos nas mudanças da paisagem, tanto rural quanto urbana, uma vez que a cidade passou a ser o local de moradia, principalmente, da mão-de-obra dos migrantes e de uma pequena parcela desses novos produtores, pois a maioria deles fixou residência em suas propriedades rurais. Conseqüentemente, ocorreu uma expansão urbana, com a construção de novas moradias e conjuntos residenciais, quase sempre na periferia da cidade.

**Foto 35**

Novo conjunto residencial, construído na década de 2000, composto basicamente por migrantes.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

A economia, que era até então baseada na agricultura de subsistência e na pecuária leiteira, tornou-se uma economia mais diversificada e dinâmica, com uma agricultura que passou a ser comercial e de exportação e o surgimento de outras atividades, ligadas ao ramo do comércio e de serviços.

Nesse novo cenário econômico, melhoram, a partir de então, as atividades comerciais, em função da elevação do poder aquisitivo da população, ampliado com a chegada dos migrantes, o que possibilita o surgimento de novas atividades em substituição às velhas formas de comércio, como as vendas, muito comuns nas cidades pequenas.

Dessa forma, a partir da década de 1990, a cidade cresce, ampliando o seu tamanho, e vê o surgimento de novos problemas, tais como falta de moradia, atendimento à saúde e outros mais. Por outro lado, ocorre uma valorização dos terrenos na cidade e o crescimento de sua periferia.



Foto 36

Nova área de expansão urbana a partir do final da década de 1990 e início de 2000
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

A expansão da cidade ocorre em função do processo migratório de pessoas vindas de outras regiões, por causa do desenvolvimento econômico do município, liderado pelas lavouras de café que, na época, ocupavam uma grande quantidade de mão-de-obra.

Indianópolis desenvolveu-se por conta da modernização das atividades agropecuárias, que provocaram o aumento da área plantada, dando um salto enorme no aumento da produção e na melhoria da produtividade, que está entre as melhores do país, com o uso de tecnologia de ponta.

Em relação ao desenvolvimento das atividades agrícolas do município, assim como o seu nível em relação ao país, o senhor S., engenheiro agrônomo técnico da EMATER local, acrescenta que:

Hoje o município tem uma produção bastante diversificada, a produtividade média dos principais produtos agrícolas está acima da média do país, a horticultura também tem uma ótima média de produtividade. O atual estágio da produção do município se deve a alguns fatores importantes o primeiro é que os produtores estão bem consciente e faz um bom preparo da terra com análise do solo e as correções necessárias depois vem o uso de cultivares com maior potencial genético e também adubos e fungicidas, além disso o nível da mecanização usada no município é altíssimo tudo isso melhora a produção e a produtividade. O grande problema hoje da agricultura é que os preços estão debilitados em função da queda das exportações e baixa dos preços internamente isso atrapalha a produção no município (S.C.M. Conforme trabalho de campo em 30/06/06).

De acordo com as palavras do senhor S., pode-se perceber a evolução da produção agrícola do município, que passou por um intenso processo de modernização. As

transformações advindas dessa modernização agrícola provocaram alteração nos hábitos e costumes da população. O crescimento da área urbana, em decorrência da abertura de novas áreas residenciais, deu-se em direção à periferia da cidade, sendo ocupada pelas classes sociais mais baixas. A expansão da área urbana causou alteração no valor do terreno, o que não deixa de provocar uma relativa desagregação espacial, uma vez que essa periferia passa a ser ocupada pelos migrantes, que chegam, em sua maioria, para trabalhar nas atividades agrícolas, mas que passam a residir na cidade.

Desse modo, o espaço urbano ganha uma nova configuração, com o surgimento de novas casas, lojas, supermercados e outros tipos de atividades comerciais e também de novas igrejas.

3.4 - A Nova Estrutura da Cidade

É notório que a sociedade brasileira, a partir da década de 1950, passa por um intenso processo de urbanização, que atinge, primeiramente, as regiões mais desenvolvidas do país, como o Sul e o Sudeste.

O governo JK(1956-1961) assume uma posição desenvolvimentista, priorizando a industrialização do país, no qual as indústrias se concentram em São Paulo, ao passo que o rodoviarismo, implementado pelo governo militar, privilegia a região do Triângulo Mineiro, que assume as características da urbanização em função das indústrias que chegam na região e passam a ser lideradas pela cidade de Uberlândia.

Nesse contexto, o município de Indianópolis, situado na região, passa também por um processo de transformação na sua área urbana, que ocorre somente a partir da década de 1970, assumindo um moderado crescimento, que combinava as velhas e as novas formas de trabalho e de vida. Essas transformações intensificam-se, no final da década de 1980, e tornam-se mais aceleradas na década de 1990, desencadeando uma expansão urbana da cidade, que passou a atrair imigrantes, vindos principalmente do Nordeste e do Sul, causando um aumento da sua população urbana.



Foto 37

Área de expansão urbana em direção a BR 365, com setor de oficinas mecânicas e de comércio.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Historicamente, a base econômica do município sempre foi a agropecuária, que, até a década de 1970, não era uma atividade muito lucrativa, já que era desenvolvida como atividade familiar, portanto de subsistência; não era uma atividade capaz de atrair pessoas de outros lugares, nem tampouco de alterar a economia do município. Até o início da ocupação agrícola do cerrado, que ocorreu a partir da década de 1970, o município permaneceu praticamente isolado e com pouca expressão econômica.

A construção de Brasília e, em seguida, o rodoviarismo possibilitaram a dinamização da economia do Triângulo Mineiro, da mesma forma a ocupação agrícola do cerrado impulsionou a sua economia, que se dinamizou com a chegada da agroindústria, o que, por sua vez, mudou o cenário econômico do município de Indianópolis.

O aproveitamento agrícola das áreas de cerrado, que apresentam uma baixa fertilidade, necessita de um novo tratamento, com a correção da acidez do solo e o uso intenso de fertilizantes, para viabilizar a produção. Assim, a partir da década de 1970, instalam-se na região, principalmente na cidade de Uberlândia, várias empresas, ligadas às atividades da agropecuária, o que beneficia a produção e, por sua vez, a modernização e o desenvolvimento do município de Indianópolis.

A economia do município era, até então, baseada na agropecuária tradicional, mas, a partir da década de 1980, ela dinamizou-se e diversificou-se, com o crescimento do comércio advindo da modernização das atividades agrícolas e, no lugar das antigas vendas de secos e molhados, entram as novas formas de comércio; a caminhonete e a colheitadeira substituem o cavalo e o carro de boi como meio de transporte e força de tração na lavoura, os becos e os regos d'água desaparecem do centro da cidade; as ruas ganham nova aparência, recebendo o calçamento e, posteriormente, o asfalto; a velha arquitetura é substituída por novas casas residenciais e de comércio.

Nesse novo cenário, detecta-se, indiscutivelmente, um rápido desenvolvimento econômico, que gera novas oportunidades de emprego, nas atividades relacionadas à agricultura e à pecuária que, por outro lado, provocam a expansão urbana.

A década de 1990 foi, sem sombra de dúvidas, marcada por um intenso processo migratório, com a chegada de pessoas de várias regiões do país, recompondo a população que havia saído na década de 1970, quando houve um intenso êxodo rural, que expulsou grande parte da população rural e também urbana, do município.

O senhor V., que chegou na cidade na década de 1990, conta como ocorreu a sua vinda e o que mudou na cidade:

Eu morava no Ceará e conhecia gente de lá que trabalhava aqui e dizia que era bom para serviço, eu tava desempregado, larguei a minha família lá e vim porque não tinha dinheiro nem para comprar uma balinha para meu filho, então vim para trabalhar na lavoura de tomate e a vida melhorou e eu busquei a família, aqui só não trabalha quem não quer, nas fazendas aqui, pra todo lado tem serviço basta querer trabalhar, hoje eu moro na minha própria casa, que ganhei da prefeitura, esse bairro que eu moro aqui não tinha nada, hoje a cidade tá melhor e eu não pretendo sair daqui. Depois que cheguei vejo que aumentou muitas igrejas, hoje tem muitas religião diferente (V.C.N. Conforme trabalho de campo em 03/07/06).

De acordo com o que foi dito pelo senhor V., podemos perceber que o processo migratório foi acelerado na década de 1990, contribuindo com as rápidas mudanças do município.



Foto 38

Nova área de expansão urbana na periferia da cidade, com o surgimento do comércio e de serviços.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Como consequência desse processo, além da expansão urbana, grandes transformações econômicas, sociais e culturais alteraram todo o sistema de trabalho, de festas e de práticas religiosas.

Em 1978, chega o banco, que facilita a organização comercial e financeira e também a realização dos negócios e empréstimos, o que altera significativamente a paisagem rural, com grandes empreendimentos, e também a urbana, com uma nova configuração comercial.

Indianópolis passa a ser “a cidade do banco”, com uma nova composição social de funcionários, cujo “*status*” representava poder e prestígio para o município, reforçando, o discurso do progresso. Hoje, assistido pelo Banco do Brasil, a sua economia está integrada ao mundo, via online; o revigoramento da economia do município, devido às atividades agrícolas, refletiu-se, também, na sua vida urbana.



Foto 39

Banco do Brasil, principal agente financiador da modernização agrícola no município de Indianópolis.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

No final da década de 1970, chega também a escola de segundo grau (hoje ensino médio), que passa a ser oferecida pelo Estado, possibilitando à sua população jovem continuar seus estudos, sem ter que ir embora do município. As perspectivas de melhora animavam a sua população, chegando a criar uma certa euforia. Indianópolis, que já era a cidade do banco, passa a ser também a cidade da professora. Esta nova composição social, com a presença da professora e do bancário, reforça o imaginário do progresso.

O processo de modernização se dá em função da mecanização agrícola. Em 1993, chega a oficina mecânica, necessária para oferecer a assistência técnica aos produtores, que estavam se modernizando. A cidade, que já era da professora e do bancário, passa a ser também a cidade do mecânico, e se modernizava intensamente.

O senhor J E., que foi o primeiro mecânico de máquinas agrícolas a se instalar na cidade, fala como ocorreu esse processo e das mudanças da cidade:

Nós já trabalhava em Buritizal, São Paulo com manutenção de máquinas agrícolas e de irrigação, prestando serviço também nas propriedades rurais, nessa época nós já tinha cliente aqui em Indianópolis, então fizemos uma extensão da firma aqui. Como deu muito certo, porque aqui tinha muito potencial agrícola, fechamos a firma lá e viemos pra cá, o faturamento cresceu e de dois mil pra cá a mudança foi muito grande, espantosa; com a entrada de máquinas de última geração isso melhorou e nós tivemos que atualizar, fazendo novos cursos e treinamentos. Hoje, como o serviço é grande e variado, nós temos parceria com grandes firmas de outros estados para atender a demanda de serviço. A tecnologia do município hoje está no melhor nível que existe no país, com grandes empresas como a Dow, a Agrocerec etc. A cidade cresceu e melhorou depois que nós chegamos aqui, tem novos bairros, a religião também mudou, pois só tinha a Congregação

que não era católica, hoje tem várias igrejas (J.E.A. Conforme trabalho de campo em 22/06/06).

As palavras do senhor J. E. mostram que a tecnologia aplicada na produção é cada vez mais avançada, o que contribui para as mudanças no município.



Foto 40

Primeira oficina de mecânica agrícola a se instalar na cidade, no início da década de 1990. Está em processo de expansão.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Indianópolis, a partir do final da década de 1970, assume as características de uma cidade, cujos aspectos são bem próximos daquilo que Santos (1997) chama de cidade dos notáveis, para se transformar, na década de 1990, naquilo que o mesmo autor classifica como cidade econômica, devido à presença de técnicos e profissionais ligados aos empreendimentos agrícolas. Dessa forma, Indianópolis passou a representar, para a sua população tanto urbana quanto rural, uma nova perspectiva de melhoria das condições de vida. A modernização da agricultura, associada ao aumento dos negócios e aos empréstimos bancários, assim como a presença de um ensino mais avançado, era o indicativo, para os habitantes do município, de que a vida, realmente, poderia melhorar.

3.5 - Indianópolis e Suas Mudanças

Indianópolis apresentava, até a década de 1970, um pequeno núcleo urbano, com enormes terrenos vagos por toda a sua extensão, tanto no centro como na periferia.

A cidade não possuía equipamentos urbanos além da Prefeitura e da igreja, situadas na praça central (Urias José da Silva). A sua infra-estrutura básica era precária, não possuía asfalto, rede de esgoto, e a iluminação pública era deficitária, fornecida por uma pequena usina instalada no ribeirão Mandaguari. O serviço de abastecimento de água também era precário, feito por uma caixa d'água que recebia a água de um rego que corria a céu aberto e era oferecida à população sem nenhum tipo de tratamento; parte dos moradores possuía cisternas ou utilizava as minas e os regos d'água, que eram abundantes. A área central era ocupada pelas famílias mais importantes e a cidade não tinha características de periferização.

A estrutura fundiária urbana era constituída por terrenos de grandes dimensões, bem diferentes dos atuais. Existia também uma grande quantidade de terrenos vagos no centro da cidade, assim como terrenos públicos espalhados em vários locais.

Apresentava uma arquitetura com edificação muito antiga, a maioria das casas possuindo calçadas de pedra constituídas de escadas e um grande número de janelas voltadas para a rua, sendo construídas junto às calçadas. Elas eram também muito distantes umas das outras. Alguns quarteirões possuíam pouquíssimas casas, chegando a ter quarteirões com uma ou duas casas e, segundo alguns moradores mais velhos, ainda existiam alguns ranchos, nas partes mais afastadas do centro.

Com o aproveitamento agrícola do cerrado e a chegada das companhias agrícolas, criou-se o mito do progresso e, uma vez que a cidade estava-se expandindo desse modo, as pessoas passaram a acreditar no seu desenvolvimento.

Como a cidade não tinha mão-de-obra suficiente para atender às novas demandas da agricultura no cerrado, chegam os imigrantes, vindos de outras regiões, principalmente do Nordeste, para trabalhar como mão-de-obra assalariada, uma vez que as relações de trabalho não capitalistas vão desaparecendo. O grande fluxo populacional provocou uma reordenação do espaço urbano, com a construção de novas habitações, acontecendo a expansão da área urbana, com instalação dos equipamentos necessários, como água e energia, voltados para atender às novas necessidades da população.

O senhor M., que foi prefeito no final da década de 1970 e início da década de 1980, conta como se deram as mudanças e o crescimento da cidade, nesse período:

A cidade tava recebendo muita gente e não tinha casa para alugar então nós fizemos a doação de mais de quinhentos terrenos criando infra-estrutura, a cidade começou a crescer e melhorar e a chegada da Caimd que dava quase mil empregos aumentou a pressão para melhorar a cidade. A prefeitura doava os terrenos e ainda dava a areia e o saibro para a pessoa construir e ajudar a melhorar a cidade aí começou a chegar gente de todo lugar e as lavouras foi aumentando e o progresso foi melhorando, em 1978 chegou a luz elétrica depois chegou o banco e o telefone (M.A.S. Conforme trabalho de campo em 22/06/06).

As palavras do senhor M. mostram como o poder público se preocupava com o crescimento da cidade e como ele agiu para garanti-lo.

Grandes mudanças ocorrem, a partir da década de 1980, com a implantação das lavouras de café, quando grandes fluxos de pessoas chegam para trabalhar na sua colheita. Vinham grupos de homens e até famílias inteiras do norte de Minas ou então do Nordeste, que chegavam sem as mínimas condições econômicas e de moradias. Muitos eram acolhidos nas próprias fazendas, outros ganhavam terreno da Prefeitura e, aos poucos, construíam suas casas, alguns ganhavam a própria casa. Essas e outras facilidades, como serviço médico oferecido pelo poder público, iam atraindo parentes e amigos, que vinham depois.

O senhor J. A., que foi prefeito até o final da década de 1980, descreve as ações do poder público, em relação ao crescimento da cidade:

Eu fiz muitas doações de terreno porque tava vindo muita gente de fora para trabalhar aqui e a cidade precisava crescer era preciso ter casa para o povo morar, nós doava também o material como a areia e o cascalho depois começou a chegar os paranaense e com isso a cidade cresceu muito, foi construído novas casas. Na roça tava começando as lavouras de café e de soja e tava melhorando o movimento na cidade e aumentando o comércio e com isso tudo foi melhorando, foi construído a rede de esgoto, o asfalto e a cidade foi mudando até virar o que é hoje (J.A. Conforme trabalho de campo em 22/06/06).

De acordo com as palavras do senhor J., podemos constatar que a expansão urbana está diretamente ligada às transformações ocorridas no campo e trouxe novos moradores para o campo e também para a cidade. A prosperidade das lavouras de café causou a expansão da cidade que, aos poucos, foi exigindo do poder público a abertura de ruas e os serviços de abastecimento de água e energia elétrica; o comércio foi sendo ampliado, com o surgimento de novas lojas e supermercados.

A expansão urbana se dá sem nenhum tipo de controle ou ordenamento, uma vez que não existia e continua não existindo uma legislação municipal que regulamente normas para as novas construções ou aprovação das novas áreas de loteamento.

As relações de trabalho assalariado (capitalista) estão presentes hoje, no campo, com a força de trabalho, sendo esta, predominantemente, exercida pelos migrantes, uma vez que a modernização expulsou os antigos trabalhadores do meio rural como, por exemplo, os agregados.

3.6 - Aspectos da Modernização da Cidade

O processo de modernização começa a se intensificar já no final da década de 1970, com a chegada do banco, da energia elétrica fornecida pela Cemig, do telefone, enfim, dos serviços básicos que são estruturados durante as décadas seguintes; o serviço de água passa a ser feito pela COPASA, a cidade recebe o asfalto.

O serviço de iluminação e a rede de energia encontram-se presentes em, praticamente, toda a cidade. O abastecimento de água, fornecida pela COPASA, abrange todo o núcleo urbano, ao contrário da rede de esgoto, que não atende a toda a população.



Foto 41

Estação de tratamento de água da COPASA, que começou a oferecer água tratada para a população, a partir do final da década de 1970.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Embora a cidade conte com os serviços básicos, como água, telefone, energia, banco e possua um comércio local, parte da população utiliza-se dos serviços bancários e do comércio de cidades maiores, como Uberlândia e Araguari, que são muito próximas. Na área de lazer e cultura, a população de maior poder aquisitivo faz uso de cinemas, teatros e shopping de cidades como Uberlândia o que, segundo alguns moradores, prejudica o desenvolvimento de Indianópolis. Mesmo existindo uma maior concentração comercial na área central da cidade, essa concentração não se dá em um único local ou numa única rua, estando o comércio espalhado por várias ruas.

O desenvolvimento ocorrido, com a modernização das atividades agropecuárias, com a ampliação do comércio e com a chegada de algumas empresas de pequeno porte causaram alterações no preço da terra. Outro aspecto a ser considerado é que o fechamento do lago da usina de Miranda atraiu investimentos, no seu entorno, de empresários e/ou grupos empresariais, como a CTBC, que construíram verdadeiras mansões às margens da represa, que fica situada a pouco mais de 1 km de distância da cidade, o que contribuiu para o aumento do preço dos terrenos no entorno do lago, na cidade e em todo o município, uma vez que a mecanização, o uso de produtos químicos e a irrigação das lavouras aumentaram a produção e a produtividade, garantindo os altos preços dos imóveis.



Foto 42

Setor de chácaras do lago de Miranda, um dos fatores que contribuíram para a mudança no preço da terra no entorno do lago e na área urbana.

Foto arquivo A. S., 2006.

Com a implantação do lago de Miranda, o ideal progressista da elite política local tomou conta do discurso da exploração turística do lago, como forma de promover o desenvolvimento do município, mas, até hoje (2006), nenhuma política foi implementada nesse sentido.

Ao contrário do discurso, o lago enfrenta sérios problemas, como poluição e devastação da vegetação natural, agravados por ele estar sendo utilizado de forma inadequada, sem a observância da Legislação Ambiental, situação também enfrentada pelos dois córregos que cortam a cidade, o Manoel Velho e o Lava-Pés, que recebem o lançamento do esgoto *in*

natura da cidade, lançamento de lixo doméstico, implantação de lavouras e pastagens em áreas muito próximas, não permitidas pela lei, construção de moradias nas áreas muito próximas etc.



Foto 43

Foto à esquerda expansão urbana com construção de moradias nas margens do córrego Manoel Velho. Foto à direita expansão urbana com construção de moradias nas margens do córrego Lava-Pés. Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Hoje (2006), o município de Indianópolis apresenta-se como um município modernizado e integrado à economia mundial. A elite política local, preocupada com o seu desenvolvimento, mantém o discurso de transformá-lo em um centro turístico.

Na área de saúde, Indianópolis conta com um hospital, que atende somente os casos mais simples e também consultas, uma vez que não se encontra preparado para o atendimento de casos mais graves que são, normalmente, encaminhados para as cidades de Uberlândia ou Araguari.

Na área da educação, possui desde a pré-escola ao ensino médio, sendo o ensino superior atendido pela Universidade Federal de Uberlândia e pelas faculdades particulares das cidades de Uberlândia e Araguari.

Indianópolis continua tendo, como base de sua economia, a agropecuária, só que agora modernizada, ligada ao ramo da agroindústria, com alguns produtos de alcance mundial, tendo como destaque a soja, o café, o milho e o tomate. Outra atividade importante é a pecuária leiteira, que está se modernizando e ampliando a cada dia as suas atividades; assim como a avicultura, que hoje é uma atividade muito forte no município, integrada a grandes empresas como a Sadia. Esse processo de modernização transformou parte dos trabalhadores

naquilo que Santos (1993) chama de população agrícola, que tem residência na cidade, mas trabalha no campo.

Um fator extremamente importante a ser observado, hoje, no espaço rural do município, é a presença da tecnologia, a qual cria a necessidade de qualificação do trabalhador rural, já que este tem que operar, a cada dia, máquinas mais modernas e sofisticadas. Nesse sentido, a maior parte das companhias agrícolas e dos produtores preocupa-se em enviar seus funcionários para cursos de treinamento e aperfeiçoamento, melhorando, dessa maneira, o nível da mão-de-obra empregada no campo.

Com o processo de globalização ocorre, conseqüentemente, no campo e nas pequenas cidades, uma difusão muito rápida do uso de novas tecnologias, o que pode ser facilmente observado, tanto no espaço rural, quanto no urbano. O desenvolvimento científico e tecnológico traz como conseqüências a rapidez na divulgação de novas idéias, alterando a forma de comunicação entre as pessoas e também hábitos e costumes, tanto da população rural quanto da urbana, que transforma também os seus modos de vida.

Outro aspecto do processo de modernização a ser observado no município de Indianópolis é a preocupação da população com a educação, visto que a demanda por escolas tem aumentado a cada dia; é possível observar a presença de trabalhadores rurais, até mesmo os mais velhos, voltando para a escola.

Muitos dos estudantes que freqüentam a escola são filhos de imigrantes, vindos de outras regiões, principalmente do Sul e do Nordeste, o que mostra um novo quadro social e também religioso, já que muitos deles pertencem a outras igrejas, não católicas.

O consumo de energia é outro aspecto da modernização, apresentando um consumo crescente de energia elétrica, não só de usuários, mas também nos setores econômicos, sendo que, no caso dos setores econômicos, estes tiveram, só no ano de 2005, um aumento, de aproximadamente, 50%.



Foto 44

Área de expansão urbana, com a instalação de novas empresas, na década de 2000.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

3.7 - A Cidade e o Poder Público

De acordo com o exposto, até o momento é possível constatar que a cidade de Indianópolis passou por um processo de expansão e modernização, não só nos seus aspectos econômicos, mas também religiosos, ocorrendo ao mesmo tempo a modernização de suas festas, que, assim como a cidade, estão globalizadas.

O poder público é também um dos responsáveis pela expansão urbana, pois criou, a partir do final da década de 1970, uma política de doação de terrenos e até de alguns materiais de construção, mesmo sem ter uma legislação que regulamentasse tal tipo de doações, com o interesse de ampliar o seu espaço urbano e aumentar a sua população, o que, obviamente, impulsionou tal processo de crescimento.

De acordo com dados da Prefeitura Municipal, esse tipo de doação passou por um processo de crescimento, com destaque para a década de 1990, e principalmente para o ano de 2000, quando foram feitas mais de trezentas doações de lotes de terreno, de acordo com estimativa da Câmara Municipal. Segundo o vereador A. A., nesse período, a Prefeitura doou mais de mil lotes, o que confirma a intensificação da expansão urbana; doações essas que não entram nas estatísticas da Prefeitura, porque eram feitas por um termo de arrematação simbólica, não sendo registradas como doações.

Desse modo, como não existia uma legislação que regulamentasse essas doações, elas eram feitas sem o menor critério, portanto a expansão urbana se deu também sem nenhum ordenamento, criando problemas como a falta de adequação à legislação ambiental etc.

Esse processo sofre uma desaceleração somente após o ano de 2001, quando a Câmara Municipal cria a lei de número 1.297, que regulamenta essas doações, o que não corrige as distorções já existentes, nem tampouco evita o processo de expansão urbana.

O perímetro urbano foi ampliado em função do crescimento da periferia, no qual o setor de chácaras do lago de Miranda, de alto padrão de construções, foi incorporado pelo poder público como área urbana; dessa forma, as irregularidades e a devastação do local acaba sendo legitimada por essa situação criada pelo poder público.

A expansão urbana pode ser facilmente percebida com o crescimento do número de habitações, principalmente na periferia, e também pelo aumento do número de ligações de água e de energia, conforme dados fornecidos pela COPASA e CEMIG, que servem cem por cento da população da cidade.



Foto 45

Mostra a expansão urbana na periferia na década de 2000 com loteamentos irregulares.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Pode-se afirmar que o processo de expansão urbana acompanhou a modernização agrícola do município, que se intensificou a partir da última década do século XX; a infraestrutura urbana, hoje, conta com serviços básicos de água, energia elétrica, rede de esgoto, ruas asfaltadas etc.

Outro aspecto importante é que o seu espaço urbano está marcado pela presença dos migrantes, que trouxeram seus valores culturais e religiosos, e a cidade passou a ser um local de moradia da população agrícola e também de novas igrejas.

Portanto, o que se pode observar é que, a partir da década de 1970, com destaque para a década de 1980, e principalmente para as de 1990-2000, o município de Indianópolis passou por transformações importantes, apresentando um desenvolvimento econômico que mudou as características sócio-culturais de sua população. A agricultura e a pecuária do município apresentam um alto grau de desenvolvimento, utilizando tecnologias de última geração, alcançando altos índices de produtividade. Desse modo, podemos afirmar que Indianópolis está globalizada e inserida no processo de avanço técnico-científico, haja vista o nível das atividades na agropecuária desenvolvida no município, que se encontra bastante avançada, atingindo a qualidade das áreas mais desenvolvidas do país.

Queremos ressaltar que, com as considerações expostas até o momento, estamos apenas constatando um conjunto de mudanças verificadas empiricamente que, numa comparação com a cidade anterior à década de 1970, são bastante significativas. Entretanto, queremos deixar claro que a cidade continua com as características de uma cidade pequena do Triângulo Mineiro e com os mesmos problemas comuns à maioria delas. Afirmamos, também, que das características da vida do passado, dos chamados tempos lentos, vividos até pelo menos o início da década de 1970, quase nada restou.

Dessa forma, a modernidade se materializa na cidade de acordo com as particularidades do Triângulo Mineiro, reproduzindo as mais recentes tendências, já que a velocidade e a facilidade com que as inovações técnicas e as informações circulam é muito grande.

A nova configuração espacial do município não faz dele um cenário com sonhadoras perspectivas de melhoria para a população local, uma vez que não existe o menor interesse ou envolvimento do poder público em criar políticas fomentadoras de novas atividades produtivas.

Entretanto, consideramos que as transformações econômicas, sociais e culturais pelas quais o município passou e está passando vêm acompanhadas de mudanças religiosas significativas, pois a cidade tem aumentado, de forma crescente, o número de novas igrejas, da mesma forma que é crescente também o número de novos adeptos delas.

Nesse sentido, podemos afirmar que as mudanças religiosas ocorreram juntamente com as outras transformações, pois não só a cidade, como também o campo, assumiram as características da urbanização, passando por um intenso processo de modernização, que alterou as relações de produção e de trabalho, que se tornaram capitalistas, o que, por sua vez, alterou também as práticas religiosas, que deixaram de ter o mesmo significado de antes. O catolicismo, que era a religião historicamente praticada no município, ganha outras concorrentes, criando novos espaços de fé.

A realidade vivida com o processo de globalização que atinge as áreas de cerrado, além de causar uma dessacralização dos valores que compõem o universo de vida das pessoas, provoca também mudanças nas crenças. Nessa sociedade moderna, onde o individualismo é um fenômeno crescente, cada indivíduo procura a sua maneira de sentir ou não a presença de Deus, ocorrendo as alterações nos cultos religiosos.

3.8 - Indianópolis e a Modernização de Seus Eventos Festivos

Indianópolis ficou conhecida pelo seu espírito cristão e festeiro, pois durante toda sua existência sempre foram realizadas muitas festas de caráter religioso e também festas não religiosas. Algumas delas se tornaram tradicionais, resistiram a todas as mudanças e permanecem até hoje, embora tenham passado por alterações. Outro aspecto importante é que essas festas sempre seguiram um calendário muito bem definido, que passou por poucas alterações. Desse modo, as festas mais tradicionais continuam até os dias atuais.

No caso da festa de Maio (Maria), que, segundo alguns moradores mais antigos, teria sido criada na década de 1930, pelo senhor Enéias Alves Pinto, ela foi ganhando força e, a partir das décadas de 1950-60, tornou-se tradicional, superando a festa de Santana, que era a maior da cidade. Algumas de suas características permanecem, a exemplo das novenas, que são realizadas durante trinta dias. O ritual religioso, que era o ponto forte da festa, também não mudou muito; nele, a coroação da santa ainda é bastante esperada pelos fiéis. Outra marca importante dessa festa é que ela sempre foi composta de uma parte social, com bailes no ranhão que, inicialmente, era feito de madeira, capim e folha de babaçu. A partir da década de 1990, passou a ser montada uma estrutura com tenda moderna, dessas que são usadas, atualmente, para diversos tipos de eventos, em todo o Brasil.

O mês de maio sempre foi esperado com muita expectativa pela população, para os católicos, como o mês de Maria, no qual rezavam, cantavam e mostravam sua fé durante trinta dias. Para os não religiosos, representava momentos de alegria e divertimento, principalmente para os jovens, que freqüentavam a sua parte social.

Nesse aspecto, a festa também não mudou muito, pois continua sendo realizada no mês de maio, com o mesmo prestígio, mantendo suas características; porém, a partir da década de 1980, ela passa por algumas mudanças, com a construção de um espaço para a realização dos leilões, que anteriormente eram realizados durante o baile, no ranhão. Nesse novo espaço, hoje, são realizados sorteios e bingos após os leilões, que se arrastam por longas horas, com grande presença de pessoas.

**Foto 46**

Leilões da Festa de Maio (Maria), com prendas doadas pelos fiéis, que fazem a alegria do público, durante trinta dias.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

A partir da década de 1980, foram incorporados os shows musicais, com a presença de artistas da música brasileira, da música sertaneja, passando a contar com a presença de duplas famosas, que fazem shows nas maiores cidades do Brasil. A partir de então, esses artistas passaram a fazer parte do cenário da festa, que passou a contar com shows, para os quais são montados grandes palcos a céu aberto, próximos à igreja de Santa Rita que atraem multidões para ver e ouvir os artistas cantarem.

A cerimônia de realização da festa propriamente dita, com a celebração da missa e coroação da santa, passou a ser feita no mesmo palco onde são realizados os shows, que contam com jogos de luz, efeitos especiais etc. É realizada, portanto, fora da Igreja, com o propósito de alcançar e causar impacto num público cada vez maior.

No mesmo local dos leilões, a Igreja promove o comércio, em um bar montado especificamente para os dias de festa, com serviço de cozinha que oferece as mais variadas guloseimas e bebidas, além de música ao vivo, que atrai a população, ficando o local cheio de almas sedentas do consumo e do divertimento, principalmente nos finais de semana.



Foto 47

As fotos superiores mostram aspectos da modernização da festa, que ganhou caráter de espetáculo com shows musicais.

A foto inferior, à esquerda, mostra música ao vivo, no bar da igreja, durante os leilões.

A foto inferior, à direita, mostra aspectos das mudanças no ritual religioso da festa.

Foto superior – arquivo D. de S. Foto inferior Gilmar José Ribeiro, 2006.

Desse modo, a festa toma outras proporções, de simples manifestação religiosa ela se transforma em espetáculo¹⁰⁰ que atrai multidões, transformando o aspecto da cidade, que passa a contar com um intenso comércio ambulante, parques de diversão e outras opções de lazer e de comércio, tornando-se pequena diante da quantidade de pessoas que comparece.

Os motivos que levam a população a aguardar a festa já não são mais os religiosos, mas sim a necessidade do espetáculo, que representa também o moderno, o novo, o devaneio da sociedade capitalista (consumista), que precisa consumir o espetáculo.

¹⁰⁰ O espetáculo é o coração da irrealidade da sociedade real. Seja na forma de informação, propaganda, publicidade ou divertimento, na sociedade moderna a vida se anuncia como um grande espetáculo. Onde tudo o que era diretamente vivido se afastou, numa representação (DEBORD, 1997).

Podemos afirmar que a festa transcende a representação da religiosidade de um povo, historicamente marcado pela profunda manifestação de fé, traduzida, quase sempre, na sua realização para fazer os agradecimentos e os pedidos aos santos de devoção, que hoje já não é apenas a festa da religiosidade, mas é a do espetáculo, a da modernidade, no interior do cerrado triangulino.

Nesse contexto, o senhor J. A., que foi prefeito na década de 1980, e responsável pela modernização da festa, com a incorporação dos shows musicais, narra como ocorreu esse processo:

A cidade tava crescendo e a festa da igreja que antigamente era muito animada e trazia muita gente de fora tava diminuindo, tava acabando porque quase não vinha mais gente de outros lugares para assistir a festa, então nós decidimos fazer a festa da cidade junto com a da igreja para melhorar a festa da igreja e trazer muita gente, então nós passamos a trazer os shows musicais e a festa melhorou, cresceu de novo e virou o que é hoje (J.A. Conforme trabalho de campo em 22/06/06).

De acordo com o exposto, pode-se perceber que a ideia da festa moderna está relacionada à realização do espetáculo, pois este atrai multidões e a festa da modernidade está relacionada à presença dos shows comprados e, conseqüentemente, das multidões. Outra festa que passou por um processo de mudanças importantes foi a festa de Santos Reis, que era uma das mais tradicionais do município, sendo ela realizada, durante muitos anos, em grande parte das fazendas, caracterizada como uma festa ligada ao meio rural.

Como se sabe, a Festa de Reis é uma festa religiosa que teve sua origem em Portugal e começou a ser disseminada no Brasil, aproximadamente, no século XVIII. Em Portugal, a realização desses festejos tinha a principal finalidade de divertir e entreter o povo, enquanto aqui no Brasil começou a ser representada com um caráter mais religioso do que de diversão.

Chegando ao Brasil, foi disseminada em diversos estados e, em cada um deles, podem-se notar as adaptações que foram feitas em seus rituais, sobretudo na forma em que é representada. Essas mudanças se dão devido às particularidades religiosas, sociais e econômicas de cada região, cidade ou distrito.

A Festa de Santos Reis é uma tradição que se apegou, principalmente, na importância que se dá à realização de seus rituais e na fidelidade aos três Reis Santos. Os festejos, realizados em homenagem aos Santos Reis, desde a sua preparação, estão ligados diretamente ao modo de vida e às tradições das populações do campo. A cada ano, durante os seus preparativos, as populações do campo procuram seguir certos rituais tradicionais. A ajuda ao

festeiro e a doação de alimentos acaba sendo uma doação de tempo. A comunidade organiza também os rituais dramatizados, que são encenados no dia de realização da festa. Para as encenações de Maria e José, juntamente com a do menino Jesus no presépio, é importante a participação da comunidade. Há lugares em que é considerada; necessária a participação das crianças.

É importante entender que estamos falando de uma realidade que, atualmente, pode não ocorrer exatamente da forma como foi descrita, até porque a Festa de Reis, hoje, já não acontece somente no meio rural, ela acontece também na periferia das grandes e médias cidades e está presente em várias pequenas cidades do Triângulo Mineiro. Esta é uma das regiões onde a Festa de Reis ainda ocorre com bastante frequência, sendo realizada em diversas cidades, algumas preservando as suas características, mais próximas do original; em outras, ela passou por transformações maiores.

Com a urbanização e o crescimento das cidades, a Festa de Reis, assim como outras festas que eram realizadas no meio rural ou nos pequenos povoados, passam a ser realizadas nas periferias das grandes cidades, pois o homem da periferia ainda carrega consigo o sentimento de religiosidade, de solidariedade e coletividade trazidos do campo, que eram externalizados através das festas religiosas, onde mostravam toda sua fé.

A Festa de Reis sempre foi tradicional no município de Indianópolis. Era realizada, anualmente, em várias fazendas, pois era uma forma de aglutinação da população rural, onde as pessoas se encontravam para rezar, e, dessa forma, acabavam reforçando seus laços de amizade e companheirismo. Não contava com a presença do padre, o que reforçava a participação da comunidade, pois os trabalhos eram comunitários, desde a construção do local da festa, que exigia muito trabalho, até a realização do ritual para a sua realização.

Com a modernização da sociedade indianopolense, a Festa de Reis foi se transformando, sendo recriada em função das condições de vida atuais, mas mesmo assim ela continua sendo realizada todos os anos, só que já faz alguns anos que ela se transformou no encontro de folias.

O senhor N., que é capitão de folias há mais de 40 anos e foi o responsável pela criação do encontro de folias na cidade de Indianópolis, conta como ocorreu esse processo:

Eu pensei em formar um encontro de folia porque as folia tava acabano e eu comecei a ir em Romaria, que tinha o encontro que eu gostava muito, achava muito bonito. Aqui em Indianóp tinha um cruzeiro no alto da cidade nós limpou a redor dele e fizemos a festa dois ano seguido depois nós fez o primeiro encontro na casa do João Diferente, tinha só treis folia, no segundo ano nós fez na casa do Cerli Pereira tinha sete folia, no terceiro ano o

encontro já aumentou o número de folia e a festa teve que ser feita no clube, o número de folia foi aumentado porque eu fazia os convites e saía esparramando e a festa foi crescendo e passou a ser feita na praça porque o número de folia e o povo que assiste aumentou demais teve que arrumar o palanque com aparelho de som pro povo poder escutar a folia e hoje a festa é uma das maiores que existe na região. Todo ano eu ajudo a organizar a festa porque eu sou o da frente sou o organizador dela, eu ajudo é por devoção a Santos Reis, no encontro também tem almoço sobremesa com doces pra todo mundo, tem a entrega da coroa e a escolha do festeiro do próximo ano, a diferença é que no encontro não tem forró. O encontro de folia é bom demais, o dia passa sem a gente ver porque a gente fica muito satisfeito de ver aquele tanto de folião e de gente que assiste as folias (N.F.B. Conforme trabalho de campo em 30/06/06)

De acordo com as palavras do senhor N., é possível perceber que a festa cresceu, modernizou-se, mas persistem as resistências com a comida, que continua sendo oferecida ao povo que, segundo o senhor N., hoje, chega a mais de cinco mil pessoas comendo à vontade.



Foto 48

Foto superior – mostra aspectos da modernização da Festa de Reis com as folias cantando no palco com aparelhagem de som moderna.

Foto do meio – mostra as folias passando debaixo do arco onde cada uma para e canta para o público presente.

Foto inferior – mostra aspectos da cozinha que faz comida para mais de cinco mil pessoas no encontro de folias.

Foto arquivo G. F., 2006.

A festa sofreu algumas mudanças, mas alguns resíduos do passado continuam, uma vez que, para a sua realização, é feito uma espécie de mutirão, a começar pela sua organização e realização, que hoje ficam a cargo de uma comissão, a qual sai pelas fazendas, arrecadando donativos. Dias antes do evento, a folia da cidade, que se chama Gruta de Belém, sai para fazer a sua peregrinação, que ocorre, normalmente, nos moldes tradicionais, com a sua cantoria e visitas àqueles que se identificam com ela, fazendo também arrecadação para a sua realização, com um roteiro previamente estabelecido.

A realização da festa envolve, segundo seu vice-presidente, senhor Sebastião, mais de cento e trinta pessoas, que trabalham em regime de mutirão, onde todos doam o seu trabalho, para fazer comida e servir às pessoas que comparecem, pois qualquer pessoa pode comer à vontade. Além do que se come, há também muito desperdício e sempre sobra comida.

O senhor S., que é um dos organizadores da festa, comenta como são feitos os preparativos para a sua realização.

Para a organização dessa festa, de alguns anos pra cá foi escolhida uma diretoria com todos os cargos, presidente, vice-presidente, secretário tesoureiro, que tem um estatuto registrado para ser cumprido, a escolha foi feita com uma eleição e essa diretoria eleita juntamente com o festeiro é que organizam a festa. A arrecadação é feita pela folia que sai no dia 24 e faz a peregrinação até no dia da festa e também pela comissão e pelo festeiro que sai nas fazenda pedindo ajuda dos fazendeiro. Depois da arrecadação, no dia da festa o festeiro junto com a comissão organiza os trabalho da festa pedindo ajuda pras pessoa que doa o trabalho. Os trabalhos é feito por mais de cento e trinta pessoas que fez comida esse ano pra mais de cinco mil pessoas, para o ano que vem vai ser feita pra mais de seis mil pessoas e o povo ajuda é por causa da fé em Santos Reis (S.S. Conforme trabalho de campo em 30/06/06).

De acordo com as palavras do senhor S., pode-se observar que é envolvido um grande número de pessoas, pois a festa se tornou grandiosa. Pelo que se percebe, houve mudanças e modernização, mas ela não perdeu todas as suas características. As doações continuam sendo feitas por pessoas da comunidade e por alguns fazendeiros, além do trabalho que é feito em regime de mutirão (trabalho doado). E, mesmo diante de toda modernização, ainda é feita pela comunidade.

A parte cerimonial sofreu algumas mudanças, já que o encontro das folias é o marco principal, com a apresentação de folias de diversas cidades da região; cada uma se esmera para agradar ou mesmo encantar o público, que assiste à apresentação em um palco equipado com aparelhagem de som, onde o apresentador fala de cada folia, narra as principais partes da cerimônia, não se esquecendo de enaltecer e pedir vivas a Santos Reis.

As folias possuem a sua própria alegoria e estilo musical, as apresentações são feitas durante todo o dia. A festa é realizada sempre num domingo, iniciando-se por volta de oito horas da manhã e encerrando-se por volta das dezoito horas. Por volta das onze horas e trinta minutos é servido o almoço, de forma bastante organizada, em filas quilométricas, que fluem com muita rapidez devido à boa organização, envolvendo mais de cento e trinta pessoas.

Além das pessoas que são diretamente envolvidas no processo de fazer a festa, hoje contrata-se um serviço de segurança para cuidar do seu funcionamento, principalmente na hora de servir a comida, quando aquele fica encarregado da ordem e da fluidez das filas, para que tudo transcorra com tranqüilidade.

Outro aspecto interessante é que não há a participação oficial da Igreja, não conta com a presença de padres ou de outros representantes. Ela é toda organizada e produzida pela própria comunidade, com a ajuda e participação de várias pessoas, além do público que comparece, em grande número, para prestigiá-la. Para o encerramento, é encomendada uma missa, que é celebrada todos os anos, no palco. Em Indianópolis, podem-se perceber as influências do processo de modernização, mas também as resistências que se dão no processo de reinvenção, readaptação e recriação. Hoje (2006), é a festa da modernidade.

A Cavallhada é uma festa que representa a luta entre mouros e cristãos; trata-se de uma tradição praticada em várias regiões do Brasil, porém com diferenças marcantes de uma região para outra. No Brasil, esta representação dramática foi introduzida, sob autorização da Coroa, pelos jesuítas, com o objetivo de catequizar os gentios e escravos africanos, mostrando nisto o poder da fé cristã.

No Triângulo Mineiro, onde os jesuítas tiveram uma participação importante nos aldeamentos e no processo de catequização dos índios, ficaram heranças culturais importantes. A Cavallhada, a exemplo de outras festas, aqui, nessa região, ganha novos elementos, é recriada e adaptada à realidade local, ganhando nova configuração. Permanece até hoje no espírito do povo triangulino e é realizada em várias cidades da região.

A Cavallhada é também uma festa que, tradicionalmente, faz parte do calendário festivo do município de Indianópolis. Ela tem um calendário que vem sendo modificado, ao longo do tempo, já que inicialmente era realizada no mês de abril e, atualmente, é realizada no mês de maio, que é o mês da festa mais tradicional da cidade e que tem o maior fluxo de visitantes. Desse modo, a Cavallhada passou a ser uma atração importante dessa festa, já que todos os anos elas são realizadas no mesmo período.

Segundo o senhor A., essa festa começou na cidade de Indianópolis, no ano de 1971, através do senhor D. F., que era fazendeiro tradicional, adepto da Cavallhada e prefeito da

cidade, nessa época. Ele criou toda a infra-estrutura necessária para realizá-la e conseguiu, já no primeiro ano de sua realização, um grande número de participantes e também público para assisti-la. A partir daí, a festa passou a ser mais divulgada, foi crescendo e não parou mais de ser realizada, tornando-se uma tradição da cidade e, hoje, tem muita gente que gosta e participa dela.

De acordo com o depoimento do senhor A., as duas primeiras edições dessa festa foram realizadas no mês de abril, sendo dedicada em homenagem a São Sebastião, que era o santo de devoção dos fazendeiros e dos criadores de cavalos. A festa de São Sebastião já era tradicional e antiga na cidade, sendo uma das maiores e mais movimentadas do município. Era realizada depois do período de novenas, no qual eram realizados terços, missas e leilões, que contavam com a ajuda e participação dos fazendeiros, e de muita gente para prestigiá-la.

A partir de sua terceira edição, passou a ser realizada durante o mês de maio, no período da festa de maio, sendo a partir de então incorporada por esta. Ela é realizada sempre no dia trinta de maio e conta com a participação de vários cavaleiros, muitos dos quais vindos de cidades da região. Há também um grande público, que assiste às competições e incentiva os cavaleiros com gritos, aplausos e vaias.



Foto 49

Mostra aspectos da Festa da Cavallhada, com a competição entre os cavaleiros.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Hoje (2006), a festa está modificada. Ela começa com o desfile dos cavaleiros pelas ruas da cidade. Os cavalos são todos bem enfeitados, com fitas de papel ou pano, com cores alegres e reluzentes. Em muitos deles são colocados sininhos que balançam, fazendo barulho, o que chama a atenção do público e até mesmo dos cavalos, que precisam estar acostumados com o som, para não se assustarem. A alegoria lembra muito as festas alegres, como o próprio Carnaval, devido às cores fortes e brilhantes que são utilizadas na decoração dos animais e também dos cavaleiros, que usam chapéu enfeitado e roupas de cores fortes.

Após o desfile pela cidade, os cavaleiros se posicionam próximo à Igreja, onde recebem a bênção do padre, e, assim, estão prontos para dar início às atividades da corrida propriamente dita. Dessa forma, dirigem-se para o local, que é previamente preparado e equipado com aparelhagem de som, para a animação com músicas e narração de cada etapa da corrida. O nome dos cavaleiros e dos vencedores, é divulgado, enquanto a platéia bate palmas, grita, promove intensas vaias, e assim, durante longas horas, a festa se desenvolve, com muitas atrações para o público.

Podemos afirmar que, mesmo transformada, a festa da Cavallhada tornou-se uma tradição que é praticada e cultivada por muitos, pois já vem sendo realizada há mais de trinta e cinco anos, firmando-se cada vez mais, no imaginário da população local, como uma tradição. Porém, a festa não é mais a do passado, certamente ela se modernizou. É oferecida como produto, está marcada pelos símbolos da modernidade, é a Cavallhada na era da globalização. As festas juninas também sempre fizeram parte do calendário festivo do município, sendo realizadas com o objetivo de comemorar os santos de devoção, mais especificamente São João.

Essa tradição chegou ao Brasil junto com os Jesuítas portugueses e se chamavam festas joaninas, em louvor a São João. Os brasileiros rebatizaram-na como festa junina, com influências brasileiras, com o uso do milho, do forró etc. Além das influências brasileiras, houve outras, como a dos franceses, que trouxeram a quadrilha com passos e marcações, inspirados na dança da nobreza européia e a dos chineses, com os fogos de artifício.

A festa junina era comemorada em Indianópolis como uma festa religiosa composta da reza de um terço e, logo após, o levantamento, em um mastro todo enfeitado, da bandeira de São João, para o qual era acesa, sempre, uma fogueira, e, posteriormente, era realizada uma quadrilha e um forró. Com o tempo, ela foi incorporando novos costumes e, a partir da década de 1990, ela ganha novos componentes, como bebidas, comidas, jogos, brincadeiras etc.

Com o tempo ela foi perdendo o seu caráter religioso, já que atualmente o terço e o levantamento do santo não são mais realizados. Assim sendo, ela se tornou uma tradição que

tem mais aspectos de divertimento do que religioso. Além de ser comemorada pelos adultos, tornou-se uma tradição para as crianças, sendo realizada todos os anos, nas escolas infantis, mobilizando grande parte da população, com a presença de um grande número de pessoas e dos pais, que comparecem para registrar a presença dos filhos.



Foto 50

Mostra aspectos da Festa Junina, que hoje é uma tradição não só dos adultos, mas também das crianças, promovidas pelas escolas, com intensa participação da comunidade.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Dessa maneira, ela se tornou uma festa que cresce a cada dia, mas que está modernizada, composta por músicas modernas, aparelhagens de som e iluminação sofisticadas. A sanfona foi esquecida e os componentes religiosos não fazem mais parte desse cenário. Ela é hoje oferecida como produto e tem também um caráter profano, uma vez que perdeu a sua identidade de comemoração religiosa.

A partir da década de 1990, surge uma nova festa que já é tradicional, inventada pelo poder público municipal, que passou a oferecer, na época dos grandes rodeios nacionais, a oportunidade para a população local se sentir participante da modernidade e integrada ao processo de globalização, por meio de uma festa trazida dos Estados Unidos. Surge, a partir de então, a festa do rodeio ou, mais precisamente, o Indi-Country, como é chamada, e que é realizada normalmente no mês de setembro. De acordo com o contexto, segundo Hobsbawm (2002, p. 12), “a invenção de uma tradição é essencialmente um processo de formalização e

ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, que não precisa, necessariamente, estar muito distante, mesmo que apenas pela imposição da repetição”.

O rodeio é uma festa de origem mexicana, que foi incorporada pelos americanos, após terem vencido a guerra contra o México, no século XVII. A partir das décadas de 1950 e 70 ela cresceu tanto, que se tornou uma atividade profissional.

No Brasil, a festa do rodeio iniciou-se em Barretos, através da criação de um clube chamado “os Independentes”. Foi realizada, pela primeira vez, em 1956, feita de forma rústica. E, durante muitos anos, foi uma atividade amadora. A partir de 1960, passa a ser conhecida em todo o Brasil e, nas décadas seguintes, ela se moderniza e passa a ser uma atividade profissional.

Desse modo, essa festa passou a ser oferecida como o grande produto da modernidade, sendo realizada todos os anos na cidade de Indianópolis. Nela é montada uma grande estrutura, com espaço para rodeio, parques de diversões, exposição de produtos agrícolas e comerciais como máquinas, caminhões, automóveis etc, além de uma área comercial com bares, restaurantes e produtos do comércio ambulante.



Foto 51

Mostra aspectos da festa no Indi-Country, festa do rodeio para a qual é montada uma grande estrutura.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2005.

Como não poderia faltar, em meio a tanta modernidade, são também oferecidos os shows musicais. Dessa forma, a festa se torna um grande espetáculo, que já está incorporado no imaginário da população, principalmente dos mais jovens, como uma tradição que precisa ser mantida, pois está relacionada aos aspectos da modernidade e é considerada um grande momento de lazer. É importante ressaltar que, nesse cenário da modernidade em que o espetáculo fascina e absorve multidões, encontra-se camuflado um grande componente ideológico, utilizado pelo poder público para esconder suas mazelas e fazer marketing político.

De todo modo, o que importa entender é que as festas da cidade estão transformadas e essa, embora não seja de caráter exclusivamente religioso, está inserida no calendário festivo da cidade, sendo, de forma dissimulada, oferecida como um grande produto da modernidade, já que é um grande espetáculo, que chama a atenção da população.

3.9 - A Nova Espacialização da Fé

A cidade tem como principal ponto de referência sua praça central, cujo nome é Urias José da Silva, onde ocorrem os principais eventos, manifestações e festas, tanto as religiosas e populares quanto as políticas. Portanto, é o cenário de atenção, não só da Igreja Católica, mas também dos políticos. Nesse sentido, ela tem um caráter tanto sagrado quanto profano, na medida em que é usada para festas religiosas e também não religiosas.

Segundo Rosendahl (1996), é no espaço sagrado que o homem religioso se sente mais forte, conseguindo transcender a realidade e entrar em contato com suas forças divinas. Nesse sentido, é somente um comportamento religioso que pode dar, ao espaço, a condição de se tornar sagrado ou, então, quando ele é apropriado por uma manifestação religiosa, pois o sagrado e o profano se opõem e, ao mesmo tempo, se atraem. Jamais, porém, se misturam.

Desse modo, o espaço da praça é sagrado somente para os católicos, já que as outras Igrejas não se apropriam dele para as suas manifestações religiosas. Existe uma interdição que faz dele um espaço profano, que não deve ser ocupado pelos seus fiéis que, normalmente, não comparecem aos eventos realizados neste local, uma vez que preferem usar os espaços da periferia da cidade para desenvolver as suas atividades religiosas.

A partir da construção da Igreja de Santa Rita, na praça, ela passou a ser o marco da religiosidade da população, que antes tinha como ponto de referência a Igreja Santana, onde eram realizados os principais eventos dos católicos. Dessa maneira, a praça foi um espaço considerado sagrado, de uso específico dos católicos, até por volta da década de 1970, já que não existiam outras igrejas e as manifestações religiosas não católicas eram insignificantes, praticamente não existiam.

Hoje (2006), o entorno da praça é ocupado pelos setores comercial, financeiro e de lazer, com lojas, banco, boate, restaurante, escola. Prefeitura, bares etc. É também a grande atração da população, principalmente dos jovens, no final de semana e dias de festa. Hoje, a praça já não é um espaço de uso exclusivo da Igreja Católica, pois ela é dividida também com essas instituições profanas e com o lazer, principalmente nos finais de semana.

Podemos afirmar que a praça se torna um espaço sagrado pelo menos duas vezes por ano. A primeira, no mês de janeiro, com a realização do encontro de folias, é promovido pela comunidade, sem o envolvimento da Igreja; portanto, uma manifestação religiosa de caráter mais popular e que atrai um grande número de pessoas. A segunda, no mês de maio, quando a Igreja promove a festa de Maria (Maio). Nesse período, a Igreja se apropria dos espaços

profanos para promover leilões, bingos, música ao vivo, serviço de bar etc., que atraem também uma grande quantidade de pessoas.

A área periférica é ocupada, principalmente, por novas moradias, onde também já está presente o comércio e, nos últimos anos, vem sendo ocupada também por algumas igrejas não católicas, sendo também um espaço utilizado por algumas igrejas evangélicas, principalmente nos finais de semana, para realizarem as suas atividades religiosas.



Foto 52

Mostra a criação dos novos espaços de fé, com a expansão das Igrejas não católicas na periferia da cidade.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

A nova espacialização da fé fica muito clara quando se analisa a expansão urbana, que se deu em função da chegada de imigrantes, parte dos quais não era católica e passou a morar nessas áreas periféricas. Embora a maioria das igrejas não católicas esteja localizada na área mais central, grande parte dessa população que chegou na cidade já pertencia a outras igrejas não católicas, fato que facilitou a atuação delas na periferia; e, pelo que se pode perceber, elas têm crescido muito nesse setor.

A expansão da cidade foi causada, em grande parte, pela chegada dos imigrantes vindos de outras regiões do país e tem gerado um crescimento significativo em sua periferia, que passa a ser habitada por essas populações, que chegam sem a menor condição econômica e de moradia e, normalmente, tornam-se alvos desejados, a serem conquistados pelas novas igrejas existentes, hoje, na cidade.

O processo de expansão das cidades brasileiras, ocorrido nas últimas décadas do século XX tem agravado a segregação social, levando grande parte da população para as periferias. Baseado nesse aspecto, Milton Santos relata a vida na periferia dizendo que:

Morar na periferia é se condenar duas vezes à pobreza. A pobreza gerada pelo modelo econômico, segmentador do mercado de trabalho e das classes sociais, superpõe-se à pobreza gerada pelo modelo territorial. Este afinal, determina quem deve ser mais ou menos pobre somente por morar neste ou naquele lugar. Onde os bens sociais existem apenas na forma mercantil, reduz-se o número dos que potencialmente lhes têm acesso, os quais se tornam ainda mais pobres por terem de pagar o que, em condições democráticas normais, teria de lhes ser entregue gratuitamente pelo poder público (SANTOS, 1987, p. 115).

De acordo com as palavras de Santos, podemos perceber que a vida na periferia é uma vida de carências e a vida sem as condições minimamente necessárias, muitas vezes, leva as pessoas a se apegarem aos valores religiosos. Uma das conseqüências desse crescimento, evidentemente, é o aumento da população que não é assistida de forma satisfatória pelo poder público, existindo uma enorme carência dos serviços básicos para atender as mínimas condições de vida dessa população, que também é carente do ponto de vista material, já que vive em condições precárias. Dessa maneira, a ausência do poder público e a ausência de uma assistência espiritual que, no passado, era oferecida pela Igreja Católica, deixa um vácuo espiritual que, aliado às carências materiais, torna essa população um alvo a ser explorado por várias igrejas.

De acordo com o contexto mencionado, segundo Rosendahl (1999), o homem, diante de suas fraquezas, sobretudo quando se sente ameaçado pelas circunstâncias da vida, ou quando se encontra diante do desespero e da sua própria incapacidade de resolver seus problemas, procura, nas divindades, as soluções que deseja, tornando-se, portanto, frágil ao apelo das entidades religiosas.

O espaço rural do município, até a década de 1970, era marcado pela presença de diversos povoados. Hoje, existem algumas localidades pólo que contam com um número considerável de moradores, onde são realizadas festas e atividades religiosas, servindo como atrativo para as populações rurais e também para a atuação das Igrejas. Entre essas localidades, podemos destacar o Angico, que possui um templo da Igreja Católica e o Amparo, que possui um templo da igreja evangélica, Assembléia de Deus.

Desse modo, podemos perceber que a espacialização da fé, hoje, não ocorre apenas na área urbana, ela também existe no espaço rural, que é foco de interesse de várias igrejas, coisa que não ocorria no passado, pelo menos até por volta da década de 1970, uma vez que a religião católica predominava e atuava praticamente sozinha, pois não existiam outras igrejas e a maioria das pessoas era católica.

Com o processo de expansão, a cidade passa a apresentar uma nova configuração também na questão religiosa, principalmente a partir da década de 1990, quando então já se pode notar, com mais clareza, a presença de outras igrejas não católicas, que começam a chegar timidamente e vão ganhando espaço na área urbana, conquistando também novos adeptos. Essa década foi marcada, também, por um grande movimento de algumas igrejas, que alugavam cômodos de comércio para fazer seus cultos e logo mudavam de lugar, indo para outra área da cidade. Esse período foi marcado também pela realização de muitos cultos ao ar livre, por várias partes da cidade, como forma de proselitismo, evangelização e conquista de novos fiéis.

A cidade conta com a presença de várias igrejas não católicas, algumas localizadas na área periférica, mas a grande maioria localiza-se na área mais central, contando também com a presença de um templo Espírita. O que se pode perceber é que a cidade, que já foi marcada por uma forte tradição católica, encontra-se dividida com a atuação de várias igrejas que são as responsáveis pela mudança do perfil religioso da cidade, embora o catolicismo ainda predomine.

Uma das características mais antigas da cidade é o espírito cristão e festeiro de sua população, que sempre promoveu grandiosas festas religiosas, que, no passado, atraíam a população rural e também de várias cidades do país. Contam alguns moradores mais antigos que era muito comum, nas festas mais tradicionais da cidade, como a de Santana e a de Maio (Maria), a presença de pessoas que vinham de várias cidades da região e também de estados como Goiás e São Paulo.

Quando a principal festa ainda era a de Santana, o espaço utilizado para realizá-la era o largo da própria igreja e o amplo espaço que existia ao seu redor, onde se concentravam centenas de pessoas, durante a sua realização. Ali era, então o espaço sagrado que, durante muitos anos, foi o cenário das manifestações de fé dos católicos que, até a década de 1970, reinavam praticamente sozinhos, já que não existiam outras igrejas.

Com o crescimento da cidade, o espaço que existia ao redor da igreja foi diminuindo, pois foi sendo ocupado por construções de moradias, ginásio poliesportivo, campo de futebol etc. Com o tempo, a festa foi mudando o seu significado, deixou de ser a maior festa da cidade e aquele espaço passou a ser ocupado por instituições profanas, como a instalação periódica de circos, parques, feiras de exposições, boate, shows musicais etc. Hoje, funciona muito mais como espaço profano do que sagrado, uma vez que, na igreja de Santana, raramente ocorrem eventos religiosos. Ela funciona mais como atração turística do que como centro religioso.



Foto 53

Mostra parte do antigo largo da Igreja de Santana, espaço antigamente utilizado para festas religiosas, que hoje é usado para atividades profanas, shows, rodeios etc.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Outro aspecto a ser considerado em relação aos novos espaços da fé é que tem aumentado, nos últimos anos, na cidade, a realização de eventos religiosos com promessas de melhoria de vida, cura de doenças, afastamento dos males e do demônio, realizados por parte de algumas igrejas ou seitas que ainda não se fazem representar na cidade e que alugam cômodos ou utilizam espaços e prédios públicos para a realização desses eventos.

Desse modo, o que se pode perceber é que, no mundo atual, bem como em Indianópolis, onde as relações econômicas e sociais são marcadas pelas características da modernidade, o sagrado é cada vez menos permanente, uma vez que os espaços sagrados são facilmente utilizados ou transformados em profanos. Nesse sentido, qualquer espaço pode se transformar numa igreja ou local de proselitismo religioso. Nesta perspectiva, segundo Durkheim (1989), a oposição que existe entre o sagrado e o profano não pode ser percebida, a não ser por meio de uma vida religiosa, pois somente as crenças religiosas tornam possível perceber a distinção entre esses dois mundos.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a conquista da modernidade oferece ao homem, seja ele rural ou urbano, vivendo em Indianópolis ou em qualquer outro lugar, a possibilidade de uma completa alienação ao mundo profano, haja vista as transformações impostas pela modernidade.

Entendemos também que, na vida moderna, as mudanças sociais ocorrem de forma cada vez mais rápida, atingindo todas as áreas do planeta, e que o processo de urbanização é planetário, do mesmo modo que a modernização alcança, com uma rapidez sem precedentes, todas as áreas do mundo, inclusive Indianópolis, onde as alterações religiosas têm

acompanhado esse processo, criando, dessa forma, uma nova divisão espacial da fé, anteriormente, dominada exclusivamente pela Igreja Católica.

A questão que se coloca, então, é entender como em Indianópolis, que já foi território do catolicismo, sendo hoje um espaço da modernidade, que determina um estilo de vida moderno, portanto profana, permite o crescimento das religiões, com a chegada e o crescimento de novas Igrejas. As mudanças ocorridas, a partir da década de 1990, mostram uma nova estrutura do crescimento da cidade, que se amplia em direção à periferia, mas aos poucos vai ocupando os terrenos existentes no seu espaço urbano. Ocupação esta que se dá, também, com a construção de novas igrejas.

Nesse espaço da modernidade não existe, hoje (2006), apenas uma fé comum, uma vez que grande parte das pessoas que vivem no município já não é católica, procura outras alternativas para a prática religiosa. As cerimônias religiosas e os seus rituais não são mais marcados apenas pelo catolicismo, como antes; existe um processo de mudanças na apropriação dos espaços religiosos. Os mitos e os símbolos ganham, também, outra dimensão.

As práticas religiosas se diversificaram, novas seitas penetraram no município, o número de igrejas da cidade cresceu significativamente, a filiação religiosa se tornou bastante heterogênea. Assim, as mudanças religiosas, com a chegada e a expansão das igrejas pentecostais, é que serão abordadas no capítulo 4.

CAPITULO 4
AS PENTECOSTAIS NA FOMAÇÃO DO TERRITÓRIO



Foto 54

Foto superior – Templo da Assembléia de Deus.

Foto inferior – Templo da Congregação Cristã no Brasil.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

“Ninguém deve estudar a religião, tendo em conta a sua própria experiência; (...) o crente “joga tudo” no domínio religioso, enquanto que para o incrédulo os interesses vão no sentido contrário.”

Roger Bastide

4.1 – A Religião na Apropriação de Espaços e Territórios

Entendemos que o espaço é dado pelas relações e condição para a reprodução da sociedade nas suas diversas formas de existência, sejam elas econômicas, sociais, políticas ou religiosas. Nesse sentido, o homem cria suas espacialidades de acordo com o vivido; portanto, o espaço é dotado de simbolismo e significados, é no espaço que as práticas religiosas se manifestam, definindo suas formas, suas funções e seus conteúdos, de tal maneira que, as relações ao permitirem usos e apropriações do espaço social vão criando e definindo seus territórios, dentro do espaço.

Dessa forma, as práticas sociais vão sendo estabelecidas de acordo com os modos de vida, que também são marcados por religiosidades, as quais vão se territorializando dentro desse espaço que vai, aos poucos, criando e definindo seus significados e simbolismos. Em Indianópolis, os novos espaços de fé são territórios da religiosidade que ocupam os espaços da vida cotidiana no município, uma vez que as práticas religiosas, ultimamente, têm passado por transformações significativas.

Temos, assim, que as transformações religiosas pelas quais o município passou e vem passando advêm de mudanças estruturais que de certa forma sempre estiveram em curso, mas que em Indianópolis foram intensificadas pelo processo de modernização agrícola que causou transformações econômicas, sociais e, sobretudo, religiosas, que se aprofundaram com a chegada das pentecostais

De acordo com os objetivos deste capítulo, trataremos de analisar a expansão das Igrejas pentecostais em Indianópolis, uma vez que elas estão ocupando de forma intensa os espaços urbanos e definindo uma nova configuração territorial e religiosa do município.

Sabemos também que a configuração territorial humana se dá ao longo da história e em cada momento histórico cria-se uma configuração territorial, que é cada vez mais o resultado dessa produção histórica que hoje (2006), em Indianópolis, contém também componentes da modernidade.

Segundo Raffestin (1993, p. 143), “o espaço pode ser considerado como uma categoria anterior ao território, uma vez que este se forma a partir daquele, ou seja, o território se forma a partir do espaço transformado por ações humanas que, por sua vez, geram apropriações e territorialização do espaço”. Desse modo podemos perceber que, em Indianópolis, os espaços foram sendo ocupados por novas igrejas, que foram também definindo seus territórios e criando novas possibilidades para o exercício da fé

De acordo com Santos (1997, p. 111), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá”. Para muitos, a história religiosa do município de Indianópolis começa a mudar com as próprias transformações da sociedade indianopolense, advindas das transformações sócio-econômicas, impostas pela economia capitalista, que cria uma nova configuração espacial e religiosa, no município .

Nesse processo ocorre a penetração de novas igrejas no município de Indianópolis, promovendo também a criação de novos espaços de fé, fato de extrema importância para se pensar as práticas religiosas, já que é nos espaços sagrados que o homem religioso pode entrar em contato com os seus deuses, pois ele se sente protegido e mais forte para lidar com as dificuldades diárias, podendo também identificar os seus sentimentos e encontrar forças para se afastar daquilo que é profano, uma vez que, em se comunicando com o divino, sente que tudo é possível (ROSENDAHL, 1996).

É preciso salientar que, ultimamente, vêm ocorrendo importantes transformações nas práticas religiosas em todo o Brasil e que, durante muito tempo, esse foi um fenômeno exclusivo das grandes cidades; atualmente, porém, ele ocorre também nas pequenas cidades do país, como é o caso de Indianópolis. É preciso ressaltar, também, que o espaço é apreendido de diversas maneiras, mas para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, ele apresenta rupturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. Considerando assim o espaço religioso, Eliade escreve que:

“Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as tuas sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo, 3: 5) Há portanto, um espaço sagrado, e por conseqüência “forte”, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por conseqüência sem estrutura nem consistência, em suma amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – o único que é real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 2001, p. 25).

De acordo com o exposto, pode-se perceber que o espaço sagrado é de fundamental importância na vida do homem religioso, uma vez que ele necessita de uma atmosfera impregnada do sagrado. Por isso trata de consagrar o espaço, já que para ele tudo que é sagrado representa também poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. Todo espaço sagrado é determinado pela manifestação do sagrado e por forças divinas que o tornam melhor e diferente (ELIADE, 2001).

Nesse sentido, é preciso entender também que o espaço assume novas características, a partir do momento em que se torna sagrado. No caso de Indianópolis, a criação de novas igrejas, não católicas, causa uma disputa pelos espaços religiosos, criando também uma nova configuração espacial, com o surgimento de novos espaços de fé.

Nesse contexto, segundo Rosendahl e Corrêa (2001), não há como separar vida religiosa e lugar sagrado. Assim, a religião procura sacralizar o espaço, uma vez que o espaço é indispensável à existência de uma vida religiosa coletiva. O proselitismo religioso e a gestão do espaço religioso fazem parte de um processo institucional consagrado e hierarquizado.

Nessa perspectiva, ao tratar da relação entre o sagrado e o espaço, Rosendahl e Corrêa (2001, p. 53), afirmam que:

A busca do monopólio das coisas sagradas e do controle do espaço sagrado revela sua própria territorialidade, criada e recriada em diversas temporalidades. A territorialidade do sagrado evidencia uma conexão pertinente entre as estruturas dos sistemas simbólicos e as do territorial. O território é objeto (restrição do espaço), o sistema territorial é a lógica desse conjunto estrutural, e a territorialidade é o atributo de determinado fato social onde circula o poder. A territorialidade do sagrado seria, em um segundo momento, uma restrição objetiva de um espaço de representação e a apropriação simbólica de determinado espaço sagrado, sendo sua materialidade o próprio território sagrado institucionalizado.

Desse modo, podemos perceber que o espaço sagrado é marcado, também, por territorialidades que, no caso de Indianópolis, hoje (2006) se definem com a presença de várias igrejas, contando com manifestações religiosas de vários seguimentos, pertencentes a igrejas não católicas, particularmente as pentecostais Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus.

4.2 - O Modelo Religioso Pentecostal

Para uma análise objetiva das transformações do espaço religioso em questão, a nossa primeira consideração refere-se ao fato de elegermos Indianópolis como objeto de análise do pentecostalismo. É que ela tem, como base de seus antecedentes históricos, uma forte tradição católica, mantida, durante muitos anos, sobretudo pelos fazendeiros, cujos rituais religiosos estavam diretamente ligados aos cultos de fertilidade.

Nessas circunstâncias, é necessário, então, situá-la como uma cidade pequena, conforme afirmação feita no capítulo anterior, cujas transformações, inclusive as religiosas, acompanham o processo histórico, no qual o modelo capitalista é amplamente incrementado pelo processo de globalização.

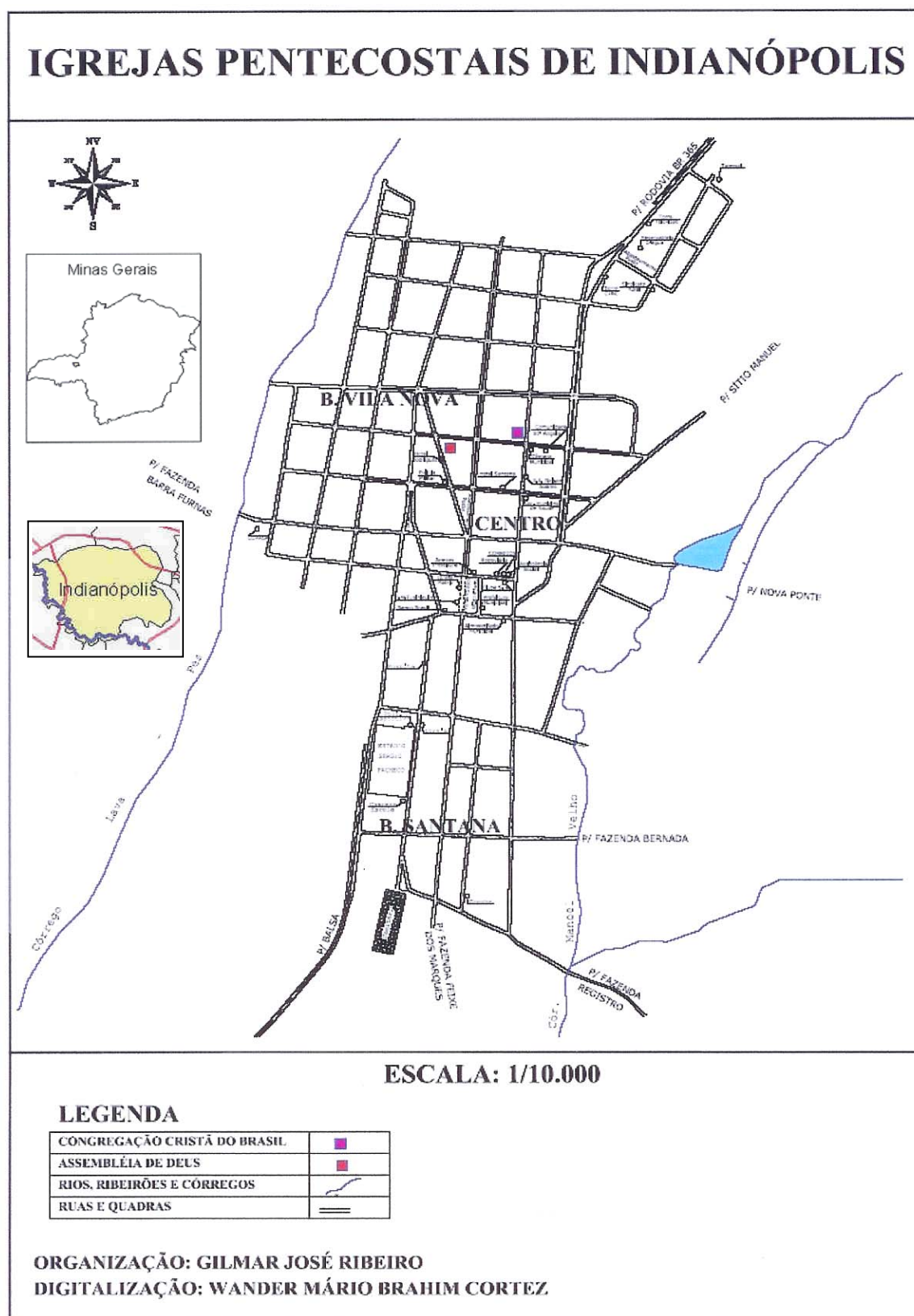
Gostaríamos de ressaltar que, com a implementação das grandes lavouras, essas transformações se aceleram e a forma como foi efetivado o processo de modernização agrícola, imposto pela economia capitalista, gera novas carências humanas, principalmente de tempo e espaço que se tornam profundas dentro do contexto. É nessas circunstâncias que chegam as igrejas pentecostais, ocupam o espaço, criando territórios que se afirmam pelas práticas sociais.

Nesse sentido, nossa observação se dará levando em consideração as ligações sócio-históricas que relacionam o passado de seus moradores ao presente, o que permite o desenvolvimento de nossa pesquisa. Ressaltamos, também, que Indianópolis não possui trabalhos empíricos, nem tampouco referências na literatura em relação às transformações de caráter religioso, o que nos leva a um esforço conceitual e metodológico, para alcançarmos nossos objetivos.

Até, pelo menos, o início da década de 1970, a religião católica era absoluta e predominante, já que era praticamente a única religião presente na cidade de Indianópolis que, a exemplo de todo o Brasil, a herdara dos colonizadores portugueses. Considerada como núcleo jesuíta, onde estes catequizavam os índios, sempre teve uma influência muito forte daquela religião. Segundo alguns moradores mais velhos, Indianópolis sempre teve fama de cidade católica e festeira, onde ocorriam grandiosas e movimentadas festas religiosas.

Como já afirmamos anteriormente, as transformações e o crescimento do município, iniciados a partir da década de 1970, são intensificados nas décadas seguintes, o que altera o seu espaço rural e o urbano, que também ganha uma nova configuração religiosa.

Mapa 2



Em relação à infra-estrutura da cidade, existem algumas carências que evidenciam a ausência do Estado, o que agrava ainda mais a situação de grande parte dos moradores, que são de origem humilde e possuem carências materiais profundas.

Podemos afirmar que uma das características mais marcantes da cultura religiosa brasileira é a pluralidade, tendo cada manifestação religiosa a sua especificidade. Porém, essa pluralidade só se manifesta de forma mais clara, em Indianópolis, muito recentemente, já que o catolicismo foi reinante durante muito tempo.

Queremos ressaltar que a configuração religiosa, hoje, presente na cidade, é fruto de transformações recentes, advindas das mudanças de um país que se tornou urbano e que, no caso de Indianópolis, altera sua cultura, suas tradições e seus costumes religiosos de forma muito rápida e específica, especialmente nos últimos anos do século XX e início do século XXI. De qualquer modo, no nosso entendimento, não podemos reduzir a realidade religiosa atual a simplificações grosseiras, sob pena de cometermos equívocos em nossa análise.

A essência desse capítulo é, pois, o resultado de um conjunto de observações empíricas, realizadas a partir de nossa experiência, adquirida no próprio campo de pesquisa que norteia a nossa investigação e possibilita uma determinação teórica da realidade, investigada in-locus.

Para a análise do modelo religioso em questão, partimos do princípio de que a religião se dá no campo do real, devendo, portanto, as experiências religiosas serem analisadas de acordo com o vivido, pois é das experiências de vida que resultam as mais relevantes observações teóricas.

Bourdieu, ao tratar da importância da religião para a manutenção da estrutura social, afirma que:

Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes (BOURDIEU, 2003, p. 48).

A análise de Bourdieu nos leva a entender que o homem religioso espera, na sua vida, ações mágicas manifestadas por meio das práticas religiosas, para que possa viver bem.

Nesta perspectiva o homem religioso espera da religião a possibilidade de criar novas expectativas para a sua vida, resolvendo assim, seus problemas mais imediatos e fugindo da própria solidão. Nesse sentido, segundo Pierucci e Prandi (1996), o homem que hoje busca a

religião está procurando conhecer os seus sentimentos e também regras que imponham limites a sua vida e que possam levar em conta a presença do outro, pois o homem moderno se cansou de estar só e está à procura de si mesmo e de quem possa lhe responder quem ele é.

A religião está historicamente relacionada a um conjunto de práticas pautadas pela relação com o sagrado. A religião Cristã, da qual faz parte o pentecostalismo, que é a base de nossa análise, nesse capítulo tem como princípio o seguimento das determinações bíblicas.

7Embora a religião pentecostal siga os preceitos bíblicos, as igrejas por nós investigadas seguem, cada uma, a sua própria doutrina, por meio da qual os fieis procuram se relacionar com o sagrado. Nesse sentido, pode se afirmar que “uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem, na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem” (DURKHEIM, 1989, p. 79). No caso das pentecostais de Indianópolis pode-se perceber uma grande união entre os membros das duas instituições religiosas, tanto na Congregação Cristã quanto na Assembléia de Deus, já que todos se esmeram para servir e agradar ao seu Deus, procurando ser fiel às doutrinas de sua respectiva igreja. Nessa perspectiva segundo Weber (2005, p. 89), “o crente religioso pode assegurar-se de seu estado de graça quer se sentindo como recipiente do Espírito Santo, quer se sentindo instrumento da vontade divina”.

O comportamento dos crentes pentecostais das igrejas que investigamos nos leva a entender que eles se sentem mais fortes quando estão reunidos e que procuram a vida religiosa para se sentirem mais protegidos e também para viverem melhor, uma vez que se afastam dos perigos da vida profana, libertando-se dos vícios e das possibilidades de fracasso, pois geralmente conseguem melhorar sua vida material

Nesse sentido, segundo Durkheim (op. cit), os homens que vivem a vida religiosa esperam, da religião, uma força que possa ajudá-los a agir e a viver melhor. Sentem, também, que a verdadeira função da religião não é fazê-los pensar melhor, ou contribuir com o avanço da ciência, nem tampouco enriquecer o conhecimento humano. Porque o fiel que reza, verdadeiramente comungando com o seu Deus, não é apenas o homem que vê verdades novas que o não religioso ignora: é homem que pode mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da vida e para vencê-las.

Em Indianópolis, tanto na Congregação Cristã quanto na Assembléia de Deus é muito comum, durante as pregações, os líderes religiosos afirmarem que o entendimento da palavra divina não se dá por meio do conhecimento científico e sim pela fé, podendo abstrair, de tais

afirmações, que a vida religiosa pentecostal aproxima o fiel de seus deuses, dando a ele força para vencer as dificuldades da vida.

Dentro do contexto mencionado, Durkheim (1989) afirma que a religião aproxima o fiel de suas divindades, dando a ele força e capacidade de enfrentar o mundo, mas toda religião é também uma forma de lidar com as forças cósmicas e da natureza, e também de fazer especulação sobre o divino. E, mesmo praticando dogmas opostos, reconhece o caráter misterioso e inexplicável do mundo.

Nessa perspectiva, ao analisar as representações que caracterizam a religião, esse autor afirma que:

Antes de mais nada, as concepções religiosas têm por objeto exprimir e explicar, não o que existe de excepcional e de anormal nas coisas, mas, ao contrário, o que ela tem de constante e de regular. De modo geral, os deuses prestam-se menos para explicar as monstruosidades, os absurdos, as anomalias do que a marcha habitual do universo, o movimento dos astros, o ritmo das estações, o crescimento anual da vegetação, a perpetuidade das espécies etc. Portanto a noção de religioso está longe de coincidir com a de extraordinário e de imprevisto (DURKHEIM, op. cit. , p. 59).

No caso de Indianópolis, sabemos que a prática do catolicismo sempre esteve arraigada, principalmente, entre os fazendeiros, e que a religião católica, mais do que qualquer outra manifestação religiosa, sempre foi hegemônica, o que determina um campo sem grandes conflitos nas disputas por espaços religiosos, uma vez que os rituais católicos eram dominantes.

As práticas culturais e religiosas da população indianopolense sempre estiveram ligadas às atividades do campo, onde os fazendeiros sempre tiveram um grande prestígio. Dessa maneira, não existiam grandes divergências religiosas, uma vez que os rituais religiosos estavam quase sempre ligados aos ritos de fertilidade e eram quase sempre para venerar os santos de devoção, unificando, assim, os interesses.

Portanto, a diversificação religiosa, no município de Indianópolis, com a entrada de outras igrejas não católicas, é um fato extremamente importante, pois além de fazer ruir a hegemonia religiosa católica, cria novas possibilidades para o exercício da fé, o que não deixa de desmistificar um pouco o prestígio exercido pelos fazendeiros.

O crescimento de outras igrejas, na cidade, não rompeu a unidade cristã, mas contribuiu para criar uma nova configuração espacial da fé, já que algumas cresceram significativamente, com destaque para as pentecostais, o que justifica nossa investigação. No

caso das pentecostais, é bom ressaltar que elas tomam como base o Evangelho e têm, como ênfase doutrinária, a experiência religiosa do Espírito Santo, o que não é comum a todas as manifestações religiosas chamadas protestantes, principalmente as consideradas históricas ou tradicionais.

Uma das características importantes da religião é que ela é capaz de alterar desde os sentimentos mais íntimos até os desejos e frustrações do indivíduo. Da religião emana uma grande força interior, pois ela ensina também como se relacionar com o mundo. Nesse sentido, segundo Pierucci e Prandi (1996, p.270), “o crente pentecostal sente-se, com certeza, fortalecido para enfrentar as dificuldades da vida. Porém, no pentecostalismo original, a pobreza nunca foi considerada virtude, nem nunca se fizeram elogios à pobreza, nem lhes deram significado redentor”

Nesse contexto, muitos estudiosos afirmam que o crescimento das igrejas evangélicas ocorre, de forma mais clara, nos setores mais pobres da população brasileira, principalmente na periferia das grandes cidades. Em Indianópolis, isso se confirma em relação às igrejas pentecostais por nós investigadas, embora ambas não se localizem na periferia da cidade, já que possuem prédio próprio, com estilo arquitetônico, bem definido na área central.

O estabelecimento físico das igrejas pentecostais não tem, hoje, necessariamente, uma forma de templo, embora em alguns casos exista uma exigência nesse sentido. No caso de Indianópolis, as pentecostais que pesquisamos, tanto a Congregação Cristã no Brasil quanto a Assembléia de Deus, seguem o modelo arquitetônico de templo, ou seja uma igreja que é o local onde desenvolvem suas atividades religiosas, como cultos e reuniões.

No caso da Congregação Cristã no Brasil, existe um padrão arquitetônico e funcional muito bem definido a ser seguido, que a identifica com qualquer outra do mesmo ramo em todo o Brasil, já que existe um padrão de identificação como nomes, cores, fachada etc.

**Foto 55**

Fachada do templo da Congregação Cristã no Brasil, que não possui porta de entrada pela frente, já que a entrada se dá pelas portas laterais.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2005.

No caso das pentecostais investigadas por nós em Indianópolis, até mesmo aquela que encontramos na área rural, pertencente à Assembléia de Deus, possui a forma de templo, portanto não se usam casas residenciais ou de comércio, bares ou boates ou local que tenha sido ocupado anteriormente por atividades consideradas por essas organizações religiosas como profanas, o que é comum em várias cidades do Brasil.



Foto 56

Foto superior – templo da Assembléia de Deus na área rural de Indianópolis.

Fotos inferiores – cultos realizados nesse templo: atividade realizada semanalmente.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Em Indianópolis, esses espaços são de propriedade das próprias organizações religiosas, tanto o da Congregação Cristã quanto o da Assembléia de Deus, não sendo alugados ou cedidos, como ocorre em muitos casos. Por isso mesmo, é muito comum ocorrerem obras de reforma ou ampliação do espaço, o que é o caso da Assembléia de Deus, que passou, recentemente, por um longo período de ampliação e reforma de suas instalações, criando, inclusive, espaços diferenciados nas suas dependências, para atender as necessidades da igreja, como banheiros novos, sala para reuniões e aulas da escola bíblica, reforma da sala de cultos.

No caso da Assembléia de Deus, acompanhamos, praticamente durante toda nossa pesquisa, obras de reforma ou até mesmo a substituição de móveis, como os bancos. Os fundos, para essas obras, vinham dos próprios membros, que eram também aqueles que trabalhavam nas obras, já que, entre os seus membros, muitos são pedreiros ou trabalham no ramo da construção civil.

Outro aspecto que constatamos, durante as conversas estabelecidas, é que, no caso da Assembléia de Deus, esta conta com uma forte presença de pessoas originárias de outras localidades, já que grande parte dos nossos informantes são migrantes, vindos de outras

cidades ou regiões do Brasil. Fato este que ocorre também na Congregação Cristã, só que numa escala um pouco menor, já que ela conta com uma proporção maior de pessoas originárias da cidade de Indianópolis.

Quanto à localização, a Assembléia de Deus encontra-se instalada na rua Saint'Clair de Melo, número 325; possui uma leve inclinação em seu relevo, próxima à área mais central da cidade, distancia da Igreja Católica três quarteirões e meio e, em relação à igreja da Congregação Cristã no Brasil, um quarteirão e meio. No seu entorno, encontra-se a presença de uma pequena área comercial e de serviços, como salão de beleza, restaurante, supermercado, complementada por casas residenciais.

O templo da Igreja Assembléia de Deus é uma edificação mais ampla do que a da Congregação Cristã, já que foi recentemente ampliada. Possui uma entrada pela frente, que é utilizada nos cultos públicos e nas atividades mais importantes da Igreja, e uma entrada lateral, que é usada nos cultos mais fechados e outras atividades de menor expressão. Na parte dos fundos, foram construídas novas instalações, como banheiros e uma sala para aulas e reuniões. A igreja tem acesso livre com a rua e fica com as portas apenas encostadas durante o dia todo, facilitando o acesso de quem queira adentrá-la; ao lado fica a casa do pastor E., onde ele se encontra a maior parte do tempo e atende prontamente a qualquer solicitação, seja dos membros da Igreja ou de qualquer outra pessoa.

O prédio foi construído no sentido norte-sul, de modo que recebe a luz solar tanto no período da manhã quanto no da tarde, já que é constituído por um grande número de janelas, que são também amplas e arejadas, permitindo uma boa ventilação, que refresca o ambiente durante o verão.

Já o templo da Igreja Congregação Cristã no Brasil é menor do que o da Assembléia de Deus e se localiza na rua Presidente Vargas, número 1024, numa área de relevo bastante plano, também próxima à área central, e sua distância em relação à Igreja Católica é de dois quarteirões e meio, e de um e meio para a Assembléia de Deus. No seu entorno encontram-se uma escola estadual, a Câmara Municipal, um Centro Espírita e uma área comercial com padaria, bar, supermercados e lojas, complementada por uma área residencial.

O templo da Congregação Cristã no Brasil é uma edificação, embora menor do que o da Assembléia de Deus, bastante aconchegante, segundo seus próprios fiéis. Durante nossa pesquisa, não constatamos, nele, nenhuma reforma, mas, segundo o Cooperador responsável por essa organização religiosa, senhor R., existe uma necessidade de ampliação e as conversas já estão bastante adiantadas para que isso ocorra, já que o templo está ficando pequeno para comportar o número de fiéis.

Ao contrário do prédio da Assembléia, nele existem duas entradas laterais, já que, como regra da instituição, as mulheres entram pelo lado esquerdo e os homens pelo lado direito. É composto pela sala de cultos, vestiários feminino e masculino, utilizados para trocar de roupas nos batismos e, na parte de trás do altar, fica o tanque de batismo, que é utilizado para batizar os convertidos.



Foto 57

Fachada do templo da Assembléia de Deus, onde a entrada principal se dá pela porta da frente. Foto anterior ao processo de reforma e ampliação.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

O prédio foi construído no sentido leste-oeste, portanto não recebe a luz solar em suas laterais, nem no período da manhã, nem no da tarde. Embora tenha um grande número de janelas, não é tão bem ventilado quanto o da Assembléia, devido ao tamanho das janelas, que são menores, e por estar cercado de casas, que impedem uma maior ventilação. A frente da Igreja é cercada por uma grade e um portão que só é aberto nos períodos dos cultos e das atividades da igreja; conta com serviço de interfone, que é prontamente atendido, já que nos fundos fica a casa do Cooperador R, que tem acesso comum com a igreja. Como o

Cooperador trabalha, não é fácil encontrá-lo em casa, mas ele arruma sempre um jeitinho para atender à solicitação dos fiéis e de quem o procura, o que faz sempre com boa vontade

Devido ao aumento do número de fiéis, que tem ocorrido ultimamente, o espaço do culto fica superlotado em algumas sessões de culto, principalmente os de finais de semana, dias de batismo ou alguma atividade mais importante da Igreja. Como não possui sala de reuniões, elas são realizadas na própria Igreja.

A Igreja da Congregação Cristã, segundo o cooperador R., foi construída de acordo com a arquitetura que é padrão da instituição, no qual os templos, independente do lugar em que estejam localizados, são facilmente identificados. No caso de Indianópolis, possui duas entradas laterais, sendo sua frente composta de janelas, pois não possui a porta da frente.

A sua construção se deu através do trabalho dos próprios membros da igreja, que doaram seu trabalho, realizado nos finais de semana e feriados. Segundo o cooperador R., quando é preciso fazer qualquer tipo de reforma, utiliza-se o mesmo processo de trabalho, já que os fiéis estão sempre dispostos a colaborar.

4.3 - A Instalação das Pentecostais em Indianópolis

As transformações das práticas religiosas, no município de Indianópolis, ocorrem em um momento histórico em que o cenário político brasileiro não favorecia o exercício da cidadania, nem tampouco as liberdades individuais. Nesse contexto, essas mudanças começam a ocorrer, no município, a partir da década de 1960, com a instalação das igrejas pentecostais, mais especificamente da Congregação Cristã no Brasil e da Assembléia de Deus. Embora ambas tenham chegado no país logo no início do século XX, só conseguem uma expansão significativa, em Indianópolis, a partir do final da década de 1980, que se intensifica ainda mais na década de 1990, alcançando um número expressivo de adeptos a partir do ano de 2000.

A chegada de missionários estrangeiros no Brasil marca, também, o início das atividades das igrejas pentecostais no país. A partir de então, passam a fazer trabalho de divulgação, fazendo suas pregações junto às colônias italianas em São Paulo, quando Luigi Francescon funda a Congregação Cristã no Brasil, em 1910, que teve um crescimento muito rápido no Sul do país, junto aos imigrantes italianos. A Assembléia de Deus chega em 1911, no Pará, trazida pelos imigrantes suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, recebendo o nome de Missão da Fé Apostólica. O nome Assembléia de Deus só foi adotado em 1918; o seu maior crescimento se deu a partir da década de 1950 (CAMPOS JÚNIOR, 1995).

A expansão dessas igrejas, no município de Indianópolis, não ocorre de forma desvinculada da atuação que tiveram no restante do país, embora tenham se instalado, inicialmente, nas grandes cidades brasileiras. Elas conseguem, aos poucos, se firmar no município de Indianópolis, conseguindo um crescimento mais destacado e significativo nas últimas décadas do século XX e início do século XXI

Portanto, o crescimento dos evangélicos pentecostais, no Brasil, se torna realidade, com um grande crescimento desse segmento religioso, principalmente a partir da década de 1990, e a cada dia amplia-se o número de adeptos, ganhando mais importância no cenário nacional. Ao contrário do que se pensa, esse processo não ocorre de forma aleatória e isolada, é fruto de um projeto mais amplo de expansão dos evangélicos, e resulta de um projeto religioso bem articulado, com divisão de atuação territorial entre eles (ATLAS DA FILIAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL, 2003).

A tabela 1 a seguir registra o número de filiações religiosas das Igrejas Pentecostais Congregação Cristã e Assembléia de Deus no Brasil, no ano de 2000.

Tabela 1

Igrejas	População	% dos pentecostais
Assembléia de Deus	8 418 154	47,47
Congregação Cristã	2 489 079	14,04
Total	10.907 233	61,51

Fonte Censo Demográfico de 2000, IBGE

Observando a tabela 1, consideramos de extrema relevância para o nosso trabalho procurar entender a história de instalação das pentecostais em Indianópolis, de forma que possamos entender, não só a origem dessas organizações religiosas, mas também como funciona o calendário dos cultos e das outras atividades religiosas.

Desse modo, como não possuímos fontes documentais, valer-no-emos de diálogos com membros e dirigentes conhecedores da história da fundação dessas organizações religiosas, na cidade. Queremos ressaltar que a fundação da Igreja Congregação Cristã e a da Assembléia de Deus ocorreram no mesmo momento histórico, uma vez que chegaram nos momentos iniciais da ditadura militar.

Segundo o senhor A., em 1968, começa o trabalho da igreja Assembléia de Deus, fazendo suas primeiras atividades ao ar livre, com os irmãos e o pastor, que vinham da cidade de Araguari, três ou quatro vezes por ano. Depois de algum tempo, conseguiram juntar uma meia dúzia de pessoas, que passaram a se reunir na casa de dona M., uma vez por mês, até que, em 1975, começa um trabalho mais efetivo.

A partir de então, aluga-se uma casa, onde passam a ser feitas as reuniões e os cultos uma vez por semana e o pastor vindo de Uberlândia, o senhor E S., em 1975, inicia a construção da primeira igreja, que era no mesmo local da igreja atual.

A primeira parte demorou aproximadamente três anos para ficar pronta. O trabalho foi feito todo ele em regime de mutirão, pelos próprios membros da igreja, sendo o material trazido pelo pastor, em um fusquinha, da cidade de Uberlândia. Em 1978, fica pronta a primeira parte, que foi inaugurada no ano seguinte.

Em 1980, muda-se o primeiro pastor para a cidade, o senhor D., que ali ficou durante três anos, período no qual a igreja começa a crescer, aumentando para uns quarenta membros. Com o acréscimo de membros, o tamanho da igreja começa a ficar pequeno, para caber todos que a freqüentavam.

No início de 1980 começa, com o pastor J., o trabalho de evangelização nas fazendas. A partir de então, não pára mais de crescer e, em 1986, chega o pastor J. G., que impulsiona o crescimento da colheita de fiéis, aumentando significativamente o número de membros. Em 1990 houve um aumento considerável, mas foi em 2000, com o pastor E., que a igreja se tornou verdadeiramente grande e, então, houve que se pensar em construir uma nova igreja.

A construção da nova igreja teve início no ano de 2002, ficando pronta em 2004, quando foi inaugurada. Em 2005, chega o pastor E., que promove uma intensa reforma, com ampliação de salas para aula e reuniões, banheiros, pintura e troca dos bancos da igreja. Desde 2000, a igreja vem crescendo cada vez mais e aumentando o número de membros. Um dos motivos é que está chegando muita gente de fora e muitos já são crentes. O importante é que a igreja está cada dia mais cheia (A. R. R. S. Conforme trabalho de campo em 29/07/06).

A fundação da Congregação Cristã no Brasil, na cidade de Indianópolis, ocorreu na década de 1960, década bastante significativa, por ser o período de instalação do governo militar, período no qual a Igreja Católica exercia, de fato, uma hegemonia religiosa muito forte, no município de Indianópolis.

Sua história, na cidade, começa com dona M. M., hoje com oitenta e dois anos de idade. Segundo ela, era de uma família tradicional de católicos e era uma católica praticante. Tudo começou a mudar quando ficou viúva e começou a entrar em aflição e suas orações na Igreja Católica não respondiam às suas expectativas. Em 1965, veio um irmão de São Paulo, que era da Congregação, e disse tudo o que precisava ouvir. A partir de então passaram a fazer reuniões em sua casa e, em seguida, os cultos, o que durou doze anos, durante os quais foram realizados oito batismos.

Os batismos eram realizados em um tanque, que foi construído no quintal de sua casa pelos irmãos que vinham de São Paulo, para essa atividade, até que, por volta de 1969, compraram um prédio. Era o antigo clube social, onde passaram a serem realizadas as atividades da Congregação, o que durou até por volta de 1980, quando, então, foi construída a igreja, que funciona até hoje, no mesmo local.

A construção se deu em regime de mutirão, com os fiéis da igreja doando o seu trabalho, principalmente nos finais de semana. Depois de inaugurada, veio o primeiro cooperador de São Paulo, para morar na cidade. Era o irmão D. P., que assumiu a função por três anos e, desde então, sempre havia troca de cooperadores vindos de fora. De três anos para cá o cooperador é o senhor R., que é da cidade.

Segundo dona M., no começo era difícil, porque tinha somente uma meia dúzia de fiéis e, durante muitos anos, não aumentava, ficavam sempre as mesmas pessoas. Só

comparecia muita gente quando era dia de batismos, e parecia uma festa, porque o povo da cidade vinha todo para assisti-los. Ficava gente para todo lado, inclusive em cima do muro, e também o quintal ficava cheio de gente, querendo ver.

A igreja começou a crescer mesmo foi de poucos anos para cá, foi nos últimos dez anos que ela aumentou o número de batizados. O maior crescimento foi nos últimos anos da década de 1990 e, principalmente, a partir de 2000, quando chega muita gente de fora, mas também aumenta o número de fiéis da própria cidade.



Foto 58

Dona M. fundadora da Congregação Cristã no Brasil em Indianópolis.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Dona M., que foi pioneira no processo de fundação da Igreja Congregação Cristã, em Indianópolis, descreve as razões de sua conversão e o que ocorreu nesse período:

Eu fiquei viúva com sete filhos. Então fiquei muito aflita, nada me valia. Foi quando veio um irmão e falou a palavra, falou sobre o batismo de João e o que eu devia fazer. E a primeira coisa era parar de dobrar os joelhos diante das imagens. Daquele dia em diante a palavra entrou no meu coração ele disse que eu devia fazer o batismo que era o primeiro passo do arrependimento dos pecados. Por causa da família que era contra eu fiquei quieta, não batizei. Mas eu converti mesmo foi quando Deus me mostrou a congregação, ele me iluminou quando a minha filha ficou doente e desenganada dos médico eu pus a bíblia em cima da cama fiz um voto com Deus. Foi quando um irmão da Congregação apareceu na minha porta. Era um dia de batismo. Eu fui e levei a minha filha em coma. Quando eu cheguei

dentro da congregação e vi aquele tanto de véu branco, vi que a revelação tava lá dentro, e quando eu ouvi o hino noventa que fala da graça de Deus então eu fui e batizei nas águas e nunca mais sai da congregação, porque Deus libertou a minha filha e tem feito muita graça na minha vida. Já libertou também o meu neto (M.M.B. Conforme trabalho de campo em 19/11/05).

De acordo com este depoimento, podemos perceber a maneira como a questão da saúde influencia na conversão de grande parte dos crentes pentecostais. Ainda de acordo com dona M., um dos aspectos que mais a tocou para a sua conversão foi a palavra do batismo e o hino da graça, que estão na bíblia e no hinário da Congregação, que ela traduz da seguinte maneira:

Então veio Jesus da Galiléia ter com João junto do Jordão, para ser batizado por ele.
Mas João opunha-se lhe, dizendo: Eu careço de ser batizado por ti, e vens tu a mim?
Jesus porém, respondendo, disse-lhe: Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça. Então ele o permitiu.
E, sendo Jesus batizado saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.
E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado em quem me comprazo (JOÃO ,1. 32-34).

Vivo na graça

Vivo na graça do meu filho de Deus,
Regenerado por Ele estou;
Para seu reino de glória nos céus,
Cristo Jesus já me predestinou.

CORO:

Vivo na graça do meu Salvador,
Vivo contente, em paz e amor;
Vivo exaltando o meu criador;
Sinto em mim Seu divino fervor.

2. Santificado em Cristo Jesus,
Por Seu Espírito e Seu amor,
Ando na Sua justiça e luz,
E neste mundo serei vencedor.

3. Este é o desejo do meu coração;
Ser revestido da vida imortal;
Ser como é Cristo, perfeito Varão,
E ter entrada na glória eternal.

(Hino 90 do hinário oficial da Congregação Cristã no Brasil)

Outro aspecto importante a ser considerado sobre as pentecostais de Indianópolis, tanto a Congregação Cristã, quanto a Assembléia de Deus, é que ambas oferecem serviços

assistenciais aos mais carentes, principalmente aos membros da igreja. No caso da Congregação Cristã, existe um acompanhamento do crente que não estiver trabalhando, até encaminhá-lo a um serviço. Durante esse período, ele recebe toda a assistência necessária, inclusive alimentação. Essa tarefa fica a cargo do Diácono, que faz parte da obra da caridade.

No caso da Assembléia de Deus, existem as campanhas, que ocorrem de forma coletiva entre os membros da igreja, para ajudar aos mais carentes. Essa assistência em ambas as igrejas não tem um calendário ou momento específico para acontecer, mas ela ocorre de forma diferenciada, nas duas Igrejas.

Na Assembléia de Deus, normalmente, isso ocorre em horários e dias diferentes dos cultos, já que quase todos trabalham como empregados, para sobreviver. É preciso então compatibilizar essa atividade com os horários de trabalho e também com os cultos. Como na Congregação Cristã essas campanhas são mais de ordem interna, elas não contam com o envolvimento direto dos fiéis, não interferindo, assim, nas atividades da Igreja. Mas é importante frisar que ambas seguem horários muito parecidos, desenvolvendo a maior parte das atividades religiosas no período da noite ou nos finais de semana, para que todos possam participar normalmente, já que a maioria dos fiéis é trabalhadora.

De toda maneira, gostaríamos de ressaltar que o catolicismo sempre esteve presente em Indianópolis e ainda continua muito forte. Conta com a atuação do Sagrado Coração de Jesus, que é a organização mais antiga da Igreja, na cidade. De todo modo, há que se compreender que ela sempre teve uma atuação destacada e, no passado, além da assistência religiosa, ela exercia também um importante papel social.

Essas Igrejas, tanto a Congregação Cristã, quanto a Assembléia de Deus, só vão consolidar a sua atuação na cidade a partir da década de 1990, quando passam por um processo de crescimento importante, com um aumento significativo do número de fiéis, que coincide com o aumento da chegada de migrantes na cidade, boa parte dos quais já pertencentes a igrejas não católicas.

Desse modo, podemos afirmar que o processo migratório, sem sombra de dúvidas, contribuiu, de forma significativa, para o crescimento das pentecostais, em Indianópolis, o que não significa dizer que elas não tenham conquistado espaço entre a população de origem da cidade, nem tampouco que a Igreja Católica não tenha sofrido fissuras.

No caso da Assembléia de Deus, os novos crentes que chegam na cidade trazem uma carta de apresentação da igreja de sua região de origem, que é encaminhada ao pastor, que

trata logo de apresentá-lo à comunidade religiosa, para que ele seja encaminhado nas atividades da igreja.

O crescimento dessas igrejas ocorre, de forma mais significativa, a partir de meados da década de 1990, e, nesse curto espaço de tempo, podemos assegurar que esse crescimento se torna claro e perceptível, principalmente se for observado o número de adesão dos novos filiados religiosos, que está num processo crescente.

De qualquer modo, pode-se perceber que, a partir da década de 1990, o crescimento foi mais expressivo, acelerando-se ainda mais a partir de 2000 e, se comparado esse período com os anos anteriores, o crescimento se torna mais significativo, pois aumentou também o número de outras Igrejas protestantes, o que pode ser explicado, também, pelo processo migratório, que provocou um processo de expansão urbana.

De todo modo, o que importa observar é que o aumento do número de fiéis dessas igrejas está num processo crescente. Basta observar que, nos últimos anos, elas estão quase sempre cheias, especialmente nas cerimônias mais importantes, como os cultos dos finais de semana e batizados. A perspectiva de crescimento é tão real que a Igreja da Assembléia de Deus passou recentemente por reforma e ampliação e, segundo o cooperador R, na Congregação Cristã, a ampliação da igreja já está em processo de discussão, uma vez que a igreja já está ficando pequena para comportar todos os fiéis.



Foto 59

Sr. R., cooperador oficial responsável pelas atividades religiosas da Congregação Cristã no Brasil, em Indianópolis.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2005.

Uma das correntes de pensadores que explicam o crescimento das igrejas evangélicas, no Brasil, parte do princípio de que esse crescimento tem como pano de fundo a situação sócio-econômica do país. Nessa perspectiva, Campos Júnior afirma que:

Somados a eloqüência do pastor e a situação social em que se encontra a maioria da população brasileira tem-se o contexto ideal para se desenvolver uma doutrina que negue o mundo. Para as populações marginalizadas ocorre uma certa identificação com o discurso do pastor ou missionário acerca da “fuga” desse mundo (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 49).

De acordo com o exposto, podemos observar que os fatores econômicos são fortemente utilizados para explicar o crescimento das Igrejas pentecostais, no Brasil. Outro aspecto interessante a ser observado nas pentecostais de Indianópolis é que, enquanto existe um processo de divisão religiosa, inclusive entre as pentecostais, em várias cidades, aqui, não constatamos nenhum tipo de cisão nessas duas organizações religiosas; ao contrário, existe uma união muito forte, inspirada no objetivo de fazer o grupo crescer. Característica que é comum às duas instituições, onde todos lutam juntos pelo mesmo objetivo. Portanto, não existe, nessas duas organizações religiosas, qualquer indicio de divisão. Ao que se percebe, as igrejas concorrentes surgem aproveitando-se de outros mecanismos.

Entretanto, o que foi possível constatar é que existe, principalmente na Assembléia de Deus, um intenso intercâmbio com igrejas da mesma corrente religiosa de outras cidades da região, com maior frequência Uberlândia e Araguari, de onde vêm, constantemente, pregadores da palavra. Também há constantes encontros com jovens de outras cidades.

4.4- A Estrutura Interna das Igrejas Pentecostais

Pelo que se pode observar, a diferenciação dos tipos de religiosidade, tanto na Congregação Cristã, como na Assembléia de Deus, passa despercebida pela maioria das pessoas, já que, para quem olha externamente, existe uma certa semelhança, tanto do ponto de vista da hierarquia, quanto do número de fiéis, embora no seu interior existam algumas diferenças.

No caso da Assembléia de Deus, o Ministério é composto por um corpo espiritual e um administrativo. O corpo espiritual é formado por Pastor, Presbítero, Evangelista, Diácono, Cooperadores e Obreiros. O corpo administrativo é composto por Pastor presidente, Diretor de finanças, Diretor de Cadastro, Tesoureiro, Secretários. No caso de Indianópolis, o pastor presidente é o da cidade de Uberlândia, tendo na área administrativa apenas o pastor, o secretário e o tesoureiro, auxiliados pelos departamentos.

Já a Congregação Cristã no Brasil é formada por Anciãos, Cooperadores e Servos ministeriais, atuantes no nível da Congregação e ministradores de cultos; Diácono - administradores, para ponta de atendimento; irmão da obra da piedade, encarregado das atividades femininas. Nenhum membro recebe salário, ou qualquer ajuda, para exercer essas atividades, todos são voluntários. No caso de Indianópolis, o Ancião é da cidade de Uberlândia e os cargos existentes são Cooperador oficial, Cooperador de jovens, Diácono e irmãos da obra da piedade.

Uma das características que podemos observar no pentecostalismo é que seu modelo de organização comporta apenas um determinado número de membros, o que tem se tornado um problema para a unidade religiosa, uma vez que, preenchidos os cargos, muitos se dispersam. Isso talvez explique o processo de divisão dessas igrejas, pois assim que se esgota o limite do número de membros permitidos, existe uma tendência para a formação de uma nova Igreja. Esse processo ainda está longe de ocorrer em Indianópolis, pois o número de membros ainda é pequeno em relação ao permitido, que chega ao número de cento e cinquenta.

Como a Congregação Cristã da cidade de Indianópolis não possui Ancião, ela é atendida por um da cidade de Uberlândia, o senhor M. L. de O., que está sempre presente nas ocasiões mais importantes, como batizados, além de prestar assistência regular, pelo menos uma vez por mês.

4.5 - A Vida Religiosa Pentecostal

Para a nossa análise da experiência religiosa pentecostal, partimos do princípio de que ela está relacionada, não somente às mudanças de ordem espacial, mas também a alguns fatores que são de ordem pessoal, outros de ordem social. Nesse sentido, procuramos enfatizar, principalmente, o relacionamento do crente, na comunidade religiosa.

Existem alguns elementos que caracterizam a conversão religiosa e, nesse aspecto, é importante esclarecer o que motiva a tomada de decisão e quais as principais razões da adesão ao grupo religioso.

De acordo com Camargo *apud* Machado (1996), a religião pentecostal oferece, para aqueles que estão à procura de uma nova alternativa religiosa, muita segurança, oferecendo também elementos precisos para a mudança de sua vida religiosa, reorientando sua conduta, de modo absolutamente sagrado. Sentindo ter ‘renascido em Cristo’, pela conversão, o fiel procura demonstrar a sua segurança mostrando que se afastou da vida profana, abandonando os hábitos antigos, e de acordo com a nova orientação religiosa, mostra que a sua vida ganhou um novo sentido e os fatos cotidianos passam a ser interpretados como uma graça alcançada.

No caso de Indianópolis, durante nossa investigação foi possível ouvir vários depoimentos de convertidos que conseguiram mudar suas vidas abandonando vícios como a bebida e o cigarro, garantindo também que a vida melhorou materialmente e junto à família, já que têm mais sucesso no trabalho e na vida diária, entendendo todas as conquistas como uma graça alcançada em função da nova vida religiosa.

No nosso entendimento, a experiência religiosa pentecostal passa por três momentos que são de extrema importância, e devem ser considerados para qualquer análise que tenha como objetivo entender tal processo: o primeiro é o momento do arrependimento, o segundo é o ato da conversão e o terceiro e um dos mais importantes, é o batismo nas águas. O batismo nas águas é o elemento que caracteriza a crença do convertido, pois ele é o rito de passagem e o êxtase. Nesse sentido, é uma das etapas mais importantes da experiência pentecostal, uma vez que o crente deve ser batizado e para tal é fundamental a convicção na crença.

Como o pentecostalismo fundamenta sua essência religiosa na Bíblia, é importante considerar o nível de entendimento do texto bíblico, uma vez que existem alguns fatores que influenciam nessa questão, tais como os níveis de escolaridade, a mobilidade no processo de filiação religiosa, e até mesmo o preenchimento de cargos na hierarquia eclesiástica. Outro fato que deve ser observado diz respeito ao nível de conhecimento da Bíblia e da doutrina da Igreja, assim como a forma com que se alcançam tais conhecimentos. No caso da Assembléia

de Deus, existem momentos, definidos no calendário da igreja, para o estudo bíblico, que se dão no culto da escola bíblica, realizada aos sábados à noite e no culto de ensino, realizado na terça-feira, também à noite.

4.6 - A Conversão

Na experiência religiosa pentecostal, a trajetória do adepto pode ser vista em dois ou três estágios. Para um seguimento, a trajetória é dividida em “justificação” e “santificação”, os cristãos batizados ritualmente nas águas são “justificados” e os cristãos “santificados” são aqueles que manifestam a experiência religiosa do Espírito Santo, através da glossolalia.

Para o pentecostalismo, arrependimento é uma experiência que só é alcançada a partir de uma ruptura, por parte do crente, com o domínio das coisas profanas, ou seja, o afastamento da vida secular. Essa ruptura se dá quase sempre em função do arrependimento da vida não religiosa, que faz parte do processo religioso de recuperação e regeneração do crente. Já a conversão se dá tanto por razões religiosas como não religiosas; entretanto, para que o crente seja introduzido no grupo religioso pentecostal, é necessário passar pelo processo do batismo nas águas.

A conversão consiste em uma mudança radical na vida daquele que deseja se converter, levando-o a mudar de atitude perante a vida e aqueles que o rodeiam. Berger se refere ao processo de conversão afirmando que:

Reciprocamente, o indivíduo que deseja se converter e (o que é mais importante) “ficar convertido”, deve planejar sua vida social de acordo com o seu objetivo. Precisa, assim, desligar-se daqueles indivíduos ou grupos que constituíam a estrutura de plausibilidade da sua antiga realidade religiosa, e associar-se tanto mais intensamente e (se possível) exclusivamente àqueles que servem para manter a sua nova realidade religiosa. Numa palavra, a migração entre suas respectivas estruturas de plausibilidade. Este fato tem tanta importância para os que querem fomentar essas migrações como para os que as desejam impedir. Em outras palavras, o mesmo problema sociopsicológico está envolvido na evangelização e na “cura de almas” (BERGER, 1985, p. 64).

De acordo com o pensamento de Berger, podemos concluir que o processo de conversão é também um processo de ruptura.

Para a nossa análise, consideramos como um dos fatores importantes saber qual era a filiação religiosa anterior do informante, e a maioria deles se declarou pertencente a religião católica, ou que não tinha religião. Entre os católicos, boa parte declarou raramente freqüentar a Igreja, sobrando uma parcela pequena daqueles que declararam pertencer a outras religiões.

Alguns aspectos são importantes para o entendimento do novo quadro religioso da cidade de Indianópolis. De nossa parte, entendemos que as razões para a entrada na Igreja e se tornar membro congregado dela são um elemento ilustrativo do processo de crescimento

dessas organizações religiosas, na cidade. Com isso, podemos compreender de que maneira a situação de aflição e desespero é utilizada para adesão à igreja, já que os problemas relativos à saúde, à situação financeira e às relações interpessoais foram, frequentemente, as mais citadas pelos nossos informantes.

Um elevado grau de insatisfação interior também pode levar o indivíduo ao desespero e à procura de solução para os problemas da vida, no campo religioso. É nesse contexto que J. H., hoje (2006), membro da Assembléia de Deus, descreve a sua conversão:

A minha vida era do mundão. Fumava, bebia e usava drogas, quando a gente é jovem gosta de farrear e às vezes cai na droga, foi o que aconteceu comigo. No começo era tudo muito bom depois eu acabei viciado e fiquei dependente da droga foi aí que eu comecei a partir pro lado errado, quando não tinha dinheiro eu passei a pegar as coisas dos outros cheguei em uma condição que eu não achava solução pra minha vida eu tava no fundo do poço e desesperado foi quando reencontrei um amigo que tinha usado droga comigo e tinha mudado a sua vida na igreja da Assembléia de Deus, então ele me convidou para ir na igreja e eu resolvi frequentar depois de três meses eu resolvi batizar aí a minha vida mudou completamente. Parei com o vício Deus me libertou melhorou a minha vida financeira eu passei a conhecer as coisas de Deus antes eu só pensava na morte em suicidar hoje eu tenho fé levo a vida com Deus no coração e a minha família também ficou feliz (J., H. N. Conforme trabalho de campo em 20/12/05).

De acordo com as palavras do senhor J., podemos observar que as situações de desespero também são fatores que influenciam no processo de conversão religiosa.

Como a grande maioria dos informantes se referia à situação de sofrimento como constitutiva da escolha religiosa, percebemos que situações de maior ou menor aflição eram determinantes para desencadear a experiência religiosa pentecostal, no caso de Indianópolis. Essa experiência passa pela adesão à Congregação Cristã ou à Assembléia de Deus. Entre as razões mais citadas, apareciam também a saúde e a situação emocional do convertido. Nesse contexto, o Cooperador da Congregação Cristã, o senhor R., descreve a sua trajetória na igreja e como se deu a sua conversão:

Eu tenho trinta e cinco anos de idade e já sou cooperador há onze anos sendo que durante sete anos eu fui cooperador de jovens e já faz quatro anos que eu sou cooperador oficial. Estudei só até a quarta série primária, mas para exercer qualquer cargo na Congregação não precisa saber ler tem que ter fé e bom testemunho e não precisa de preparação, a fé é que é a obra importante porque mesmo quando a pessoa não sabe ler quando Deus dá o dom ela aprende, eu nem levantava para dar testemunho e fui escolhido, a minha profissão é pedreiro mas eu não sinto dificuldade de ser cooperador. A minha vida mudou muito depois que eu mudei para a congregação antigamente eu vivia no divertimento, fumava, bebia, hoje eu sinto paz e

alegria de estar na igreja. A minha família era católica não praticante raramente alguém ia na igreja, eu converti porque a minha esposa passou a freqüentar a igreja a convite da mãe que já era crente, depois Deus falou comigo e eu também fui ele abriu os meus olhos espiritual e eu passei a crer porque Deus fez uma grande obra na vida da minha esposa que tava com uma infecção no sangue, era uma leucemia e depois de oito dias que ela tava tratada com os médicos, quando ela foi ungida ela recebeu a bênção e Deus libertou ela. Ficou comprovado através dos exames que ela foi curada. Eu sinto sempre Deus falando comigo, a gente tem visto Deus operar na nossa vida. Aqui na Congregação é diferente das outras igrejas, o povo é mais unido, todos tem que trabalhar, ninguém recebe salário, a coleta é voluntária só dá alguma coisa aquele que sente vontade (R. A. A. Conforme trabalho de campo em 19/11/05).

De acordo com as palavras do Cooperador R., podemos identificar as questões de saúde como uma das causas relevantes para a conversão religiosa. Outra situação que apareceu em nossos diálogos foram as razões que se referem a algum tipo de experiência religiosa, e a situação que apareceu com maior freqüência foi uma graça alcançada. Em segundo lugar, ficou a influência de amigos, como fator decisivo, e em terceiro lugar ficou o fato de a família já pertencer à Igreja escolhida. A insatisfação com a religião anterior e outras razões ficaram em último lugar.

Dentro do contexto referente ao processo de conversão, o pastor E., da Assembléia de Deus, descreve como ocorreu a sua nova escolha religiosa:

Até os dezesseis anos de idade eu era católico e gostava da vida mundana. Ia sempre em festas e bailes, mas também freqüentava a igreja católica. Nessa época trabalhava de servente de pedreiro com um pedreiro que já era crente da Assembléia de Deus e ele sempre me convidava para fazer uma visita na sua Igreja. Um dia, eu fui e gostei. Acabei voltando mais quatro vezes, então gostei e resolvi a freqüentar. Passei a ler mais as escrituras e entender que pelas palavras de Deus o homem tem que passar por um novo nascimento e em mil novecentos e oitenta e um eu resolvi a batizar. Larguei a Igreja Católica e aí então a minha vida mudou muito porque eu assumi uma nova postura e mudei o meu comportamento, larguei a bagunça e a prostituição porque percebi que tudo isso era pecado. Hoje estou com quarenta anos de idade há mais de vinte e cinco anos que eu estou na Assembléia de Deus, isso mudou até a minha vida financeira, porque antes tudo que eu ganhava ia embora com o divertimento. Passei a economizar o dinheiro hoje ele fica dentro de casa e valoriza o meu trabalho não é mais gasto com coisas que não prestam. (E.S.S. Conforme trabalho de campo em 12/12/05).

De acordo com o exposto, podemos observar que o fator amizade também é significativo no processo de conversão e de escolha de uma nova religião.

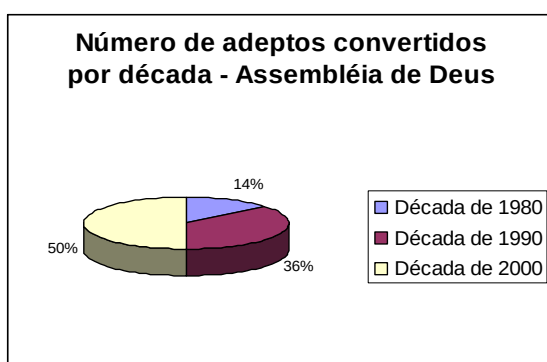


Foto 60

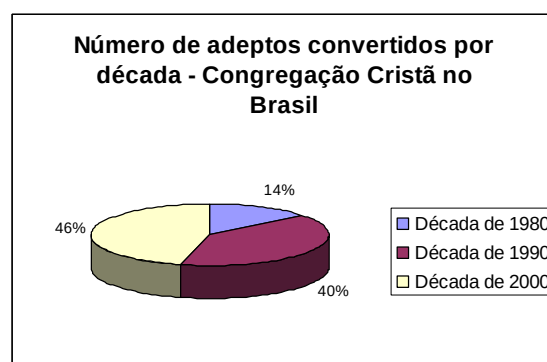
Sr. E., pastor responsável pelas atividades religiosas da Assembléia de Deus em Indianópolis.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2005.

Em relação ao processo de conversão dos informantes originários do município de Indianópolis, pertencentes à igreja Congregação Cristã no Brasil, 60% se converteram a partir de meados da década de 1990 e início de 2000. Já com relação aos informantes pertencentes à igreja Assembléia de Deus, cerca de 71% se converteram nesse mesmo período.

Os gráficos 1 e 2 apresentam a relação dos convertidos das igrejas Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, nas últimas três décadas em Indianópolis:



1- Fonte: Trabalho de Campo 2005-2006
Organização: Gilmar José Ribeiro



2- Fonte: Trabalho de Campo 2005-2006
Organização: Gilmar José Ribeiro

4.7 - Batismo Nas Águas

O batismo, normalmente, é justificado pelos fiéis nas passagens bíblicas, com as quais procuram ilustrar as necessidades e também os benefícios alcançados por aqueles que se batizam. O rito do batismo cristão é uma etapa fundamental e indispensável para que o experiente religioso cumpra o ciclo de conversão pentecostal. O batismo é tido pelo pentecostalismo como um rito purificador. Nele, os preceitos bíblicos pentecostais afirmam que ao ser “Batizado, Jesus saiu imediatamente da água e logo os céus se abriram e ele viu o Espírito de Deus descendo como uma pomba e pousando sobre ele. Ao mesmo tempo, uma voz vinda dos céus dizia: este é meu Filho amado” (MATEUS 3:16). Desse modo, “a teologia pentecostal, basicamente, se reduz ao batismo do Espírito Santo, seu ponto central. Seymour, quando iniciou suas “cruzadas”, considerava, nas diversas pregações, como a “terceira bênção” (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 24).

Ao entrar para a “comunidade de fé”, o novo membro passa por um processo de afastamento das características de profano e impuro, das quais ele estava carregado, antes da sua conversão e inclusão no grupo.

Neste sentido, alguns elementos naturais assumem conteúdos simbólicos, como é o caso da água, que tem uma presença marcante na vida das religiões. Como se sabe, tem um papel importantíssimo, principalmente na simbologia cristã, podendo com ela conseguir-se até mesmo a cura de uma doença, pois tem um valor sacralizante, já que é referida no cristianismo como fonte de vida e de purificação; particularmente no pentecostalismo, ela simboliza, sobretudo, a limpeza espiritual e o sepultamento da velha vida. No cristianismo, ela ocupa um lugar central, uma vez que é o símbolo da pureza, da renovação (HOUTART, 1994).

Nas Igrejas de Indianópolis, tanto na Congregação Cristã como na Assembléia de Deus, o batismo é feito de acordo com a demanda dos interessados, seguindo cada uma delas suas normas. É marcado, previamente, o dia, sendo que na Assembléia de Deus é necessário se passar por um processo de preparação, por meio de um curso chamado pré-batismo.

O batismo, em ambas, é obrigatoriamente realizado por imersão. No caso da Assembléia de Deus, é feito em uma represa próxima da cidade, ao passo que na Congregação Cristã ele é feito em um tanque construído no próprio altar da igreja, e não existe nenhum curso de preparação, basta o pretendente fazer o pedido que é apresentado à igreja e em seguida o batismo marcado, após uma oração.

Nesse dia, podem ser batizadas quantas pessoas quiserem, não existe nenhum impedimento. Ao contrário existe um apelo de convencimento muito forte, por parte do Ancião, para conquistar novos interessados.

A cerimônia de batismo, que tivemos a oportunidade de acompanhar na Congregação Cristã, realizada no dia 29 de janeiro de 2006, foi marcada por alguns aspectos bastante específicos do próprio estilo de religiosidade da Igreja, a começar pelo número de batizados, que foram realizados sem estarem previamente marcados.

Para esse dia estava anunciado e marcado apenas um batismo, mas assim que abre o culto, o Ancião já anuncia que a igreja está em festa e fala da possibilidade de batizar qualquer um dos presentes que se interessar. A partir daí começa todo um discurso de convencimento dos presentes.

Entre as razões apresentadas para justificar o batismo, o Ancião enfatizava o fato de a Congregação Cristã ser a única igreja abençoada por Deus onde, por meio do batismo, os fiéis alcançariam o perdão e a salvação. Utilizando passagens da Bíblia enfatiza que, para o batismo, o único preparo necessário é sentir no coração.

Para dar início à cerimônia de batismo, o Ancião convida o candidato a se dirigir ao vestiário, sendo o das mulheres do lado esquerdo da igreja e o dos homens do lado direito, onde, após procederem à troca de roupas, tanto o ancião quanto as pessoas a serem batizadas vestem um jaleco azul e se dirigem em direção ao tanque.

Dessa forma, inicia-se o batismo programado, imergindo o novo crente dentro do tanque cheio de água, que fica no altar da igreja. Assim que termina o primeiro batismo, ele continua o discurso, sempre muito emotivo e enfatizando as vantagens de ser um crente da Congregação Cristã.

Nos intervalos de um batismo para outro, colocando cada vez mais emoção no seu discurso, ele vai convencendo alguns dos presentes na igreja a se batizarem. Depois de aproximadamente quarenta minutos, consegue batizar sete pessoas, das quais apenas uma estava programada. Os outros foram convencidos pela eloquência e emoção da fala, sempre fervorosa, do Ancião.

Já o batismo na Assembléia de Deus segue uma outra lógica, a partir de um longo processo de convencimento e preparação do pretendente, que se dá por um processo de preparação, com cursos ministrados na própria igreja. Só após o término do curso é marcado o batismo, portanto não há possibilidade de batismo não programado.

O batismo que tivemos a oportunidade de acompanhar, na Assembléia de Deus, realizado no dia dezenove de fevereiro de 2006, obedece a uma dinâmica totalmente diferente,

sendo realizado também por imersão, mas, diferentemente da Congregação Cristã, ele acontece em uma represa próxima à cidade.



Foto 61

Cerimônia de batismo nas águas da Assembléia de Deus realizado no lago do senhor G. próximo à cidade de Indianópolis.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

As pessoas se dirigem para o local de ônibus, carro e também a pé. O ambiente que antecede a cerimônia é festivo, como se fosse um dia de recreação, com crianças e jovens nadando na represa onde é realizado o batismo, para o qual improvisa-se um vestiário em uma barraca, que é usada tanto pelos homens quanto pelas mulheres, para proceder à troca de roupas para a cerimônia de batizado.

Para dar início à cerimônia de batizados, o pastor e o presbítero, assim como as pessoas que serão batizadas, trocam de roupas e se dirigem para o lago, onde cantam alguns hinos e são realizadas orações. Após a leitura de uma passagem da bíblia e uma pequena pregação, o pastor faz uma última oração, quando então as cinco pessoas a serem batizadas são imergidas, uma a uma, na água do lago e, no final da cerimônia, faz-se a oração de

encerramento, quando então, após registrarem o momento, as pessoas se dispersam, retornando para a cidade.

Desse modo, diferentemente da Congregação Cristã, não existe, no momento do batismo, um discurso de convencimento, já que ele é feito na igreja, em suas atividades normais, durante as quais existe um processo de preparação dos interessados no batismo.

Para a doutrina pentecostal, a experiência pessoal do Espírito Santo só é realizada perante uma “capacitação espiritual”, que diz respeito ao crente que está cheio do Espírito, de Dom de Deus.

Para o crente pentecostal, a experiência do Espírito Santo é uma manifestação pessoal que só pode ser vivenciada por intermédio do fenômeno chamado glossolalia, que significa falar em línguas estranhas, onde o falante é tomado por um certo “poder”; durante essa manifestação, o crente é tomado por bastante entusiasmo e muita emoção. Portanto o fenômeno da glossolalia é uma manifestação clara da experiência do “Espírito Santo” (CAMPOS JÚNIOR, 1995).

Em relação ao fenômeno da glossolalia nas pentecostais investigadas em Indianópolis, os fiéis apresentam comportamento diferenciado de uma igreja para outra, uma vez que na Congregação Cristã no Brasil ele ocorre menos vezes e o crente não se torna tão fervoroso e excitado como na Assembléia de Deus, onde ele ocorre quase sempre e de forma mais intensa, com os fiéis se exaltando em seu comportamento, onde é possível pular, bater palmas, e as palavras geralmente se transformam em gritos bastante altos.

Segundo Campos Júnior (op. cit., p. 104), “a manifestação de experiência do Espírito Santo pode ser motivada por situações de aflição pessoal, muitas vezes de ordem material ou, até mesmo, de saúde, e assim por diante”. Nesse sentido, pode-se perceber que, nas pentecostais investigadas em Indianópolis, as razões para essa manifestação são também muito variadas, tendo diversas motivações, pois segundo Campos Júnior (op. cit., p. 104), “Geralmente, no pentecostalismo, valorizam-se muito os dons do Espírito Santo, como um ponto importante da doutrina pentecostal, pois eles se referem à maneira como “Deus faz a obra na vida dos homens, tudo depende da ação de Deus”. Dessa maneira, o crente procura diariamente alcançar uma vida sagrada, afastando-se de tudo que é considerado profano.

No caso das pentecostais de Indianópolis, particularmente da Congregação Cristã no Brasil e da Assembléia de Deus, é muito comum ouvir, durante as pregações, nos cultos de ambas as igrejas, o discurso de valorização da vida após a morte, o que, de certa forma, acaba se tornando um incentivo para que os fiéis se afastem das atividades ligadas à vida terrena, consideradas por essas instituições como profanas.

Uma das características marcantes do pentecostalismo é o medo da “morte eterna”, que seria a perda da salvação, o que o crente pentecostal mais teme. Por isso mesmo, durante as pregações, os líderes conclamam principalmente aqueles que não pertencem a sua igreja a se cuidarem, porque depois da morte do corpo terão que prestar conta de suas vidas terrenas (CAMPOS JÚNIOR, 1995).

De acordo com as pregações, durante os cultos que acompanhamos e alguns depoimentos, foi possível constatar, em nossa pesquisa, que a busca da salvação é o principal objetivo do crente pentecostal. As privações são consideradas como parte do processo de alcançar a salvação após a morte, por isso mesmo as situações de sofrimento são encaradas como uma oportunidade para Deus operar na vida do crente que tem fé. Nesse sentido, segundo Campos Júnior (op. cit., p. 80), “a trajetória da vida torna-se a oportunidade que o homem tem para se consertar perante Deus. Dessa forma, algumas pessoas se convertem, por medo de uma suposta “morte eterna”. Outra ênfase dada é à aceitação de Jesus Cristo como o único salvador”.

No pentecostalismo, além dos dons espirituais, existem também os dons de serviço, que se referem à organização da própria igreja. São eles; o dom de ensino, o dom de Mestre-Pastor, o dom da evangelização, o dom da administração, o dom da misericórdia com alegria, o dom da contribuição, o dom da fé.

A glossolalia, que é o dom de falar em línguas estranhas, muitas vezes se dá, segundo alguns dos nossos informantes, pela inspiração, e é também um momento de êxtase, onde o falante se transforma totalmente pela emoção religiosa. Outro aspecto que constatamos, durante o trabalho de campo, foi que, na Assembléia de Deus, esse dom se manifesta com mais frequência entre os membros do ministério e entre os próprios fiéis. Constantemente, pode-se ver alguém ser tomado pelas línguas estranhas, o que se dá sempre com muito fervor, uma vez que aquele que fala em línguas estranhas parece ser tomado por uma emoção e um entusiasmo fora do comum.

Já na Congregação Cristã, esse dom ocorre com menos intensidade e se manifesta de forma mais freqüente entre os dirigentes do culto, que pode ser o cooperador R., o responsável pelos cultos, o Ancião ou algum outro pregador que, às vezes, vem de outra cidade. Entre os fiéis, ele é bem menos freqüente do que na Assembléia de Deus, pois raramente nos deparamos com algum fiel exercitando esse dom.

As línguas estranhas, para um simples observador, parece um conjunto de fonemas sem nexos, mas é reconhecida pelo pentecostalismo como um sistema de línguas nacionais. A

fala em línguas estranhas só é inteligível para os sujeitos da experiência pentecostal que possuem o dom de interpretar as línguas estranhas.

Segundo o Cooperador R., da Congregação Cristã, falar em línguas estranhas é um dom dado por Deus, é um contato de quem fala com Deus. Para o pastor E., da Assembléia de Deus, é uma manifestação sobrenatural do Espírito Santo e quem fala não fica fora de si, como as pessoas imaginam.

O dom de cura, normalmente, acontece de forma particular na trajetória de vida dos experientes pentecostais, já que a doença é vista como castigo ou provação. Desse modo, o dom de cura só ocorre para aquelas pessoas que se tornam decisivas na condução do grupo.

Segundo o pastor E., da Assembléia de Deus, o dom de cura é um dom especial concedido a todo membro que tem a capacidade de orar pedindo a cura de uma enfermidade e a pessoa enferma a recebe imediatamente. Não é um dom só de quem faz parte do ministério. Para o cooperador R., da Congregação Cristã, quem pode curar é somente Deus; os homens podem fazer oração e Deus libertar a pessoa da enfermidade.

Como muitos dos nossos informantes declararam que entraram para a organização religiosa a que pertencem por causa de doenças, vários deles disseram também que a doença não é coisa de Deus porque ele é o amor. É coisa do Satanás, que é a representação do mal.

4.8 - Os Crentes Pentecostais

Apresentaremos, para efeito de ilustração de nossa análise, alguns aspectos relativos à formação pessoal dos membros das Igrejas Pentecostais Congregação Cristã e Assembléia de Deus por nós observados referentes a sexo, nível de escolaridade, naturalidade, faixa etária, situação profissional e formação religiosa da família.

Conforme apresenta o quadro 1 a seguir, numa amostra dos nossos informantes por sexo, a maioria deles (60%) é formada por mulheres, enquanto os homens atingem cerca de 40%:

1- Informantes por sexo
Indianópolis MG

	Congregação Cristã		Assembléia de Deus	
	<i>Número</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Número</i>	<i>Porcentagem</i>
Homens	20	40%	20	40%
Mulheres	30	60%	30	60%
Total	50	100%	50	100%

Fonte trabalho de Campo 2005-2006

Esta amostra é referente ao padrão de distribuição dos informantes, por gênero, nas Igrejas da Congregação Cristã no Brasil e da Assembléia de Deus.

O quadro 2 a seguir apresenta os aspectos relativos ao nível de escolaridade dos informantes:

2- Nível de escolaridade dos informantes
Indianópolis Mg

Escolaridade	Congregação Cristã	Assembléia de Deus
<i>Sem escolaridade</i>	07	09
<i>Primeiro grau</i>	32	31
<i>Segundo grau</i>	11	10
<i>Terceiro grau</i>	00	00
Total	50	50

Fonte: trabalho de campo 2005-2006

Em relação ao nível de escolaridade, foi possível constatar que existe uma baixa escolaridade predominante, principalmente, entre os informantes de faixa etária mais elevada.

Gostaríamos ainda de ressaltar que, no caso da Congregação Cristã, entre aqueles que declararam o primeiro grau, 23 possuem o primeiro grau incompleto e apenas nove completo; em relação ao segundo grau, apenas quatro possuem o segundo grau completo e sete, incompleto.

No caso da Assembléia de Deus, entre os que declararam o primeiro grau, 25 possuem o primeiro grau incompleto, enquanto apenas seis possuem o primeiro grau completo, em relação ao segundo grau, quatro possuem o segundo grau completo e seis possuem o segundo grau incompleto.

No que diz respeito à naturalidade, o quadro 3 a seguir mostra a situação dos informantes:

3- Naturalidade dos informantes
Indianópolis MG

Origem	Congregação Cristã		Assembléia de Deus	
	<i>Número</i>	<i>Porcentagem</i>	<i>Número</i>	<i>Porcentagem</i>
Indianópolis	15	30%	07	14%
Outras cidades ou Estados	35	70%	43	86%

Fonte: trabalho de campo 2005-2006

De acordo com a amostra, podemos constatar que a grande maioria dos informantes são nascidos fora de Indianópolis, portanto trata-se de imigrantes que contribuíram para o crescimento do número de adeptos das pentecostais.

As pentecostais estabelecidas em Indianópolis seguem uma linha mais tradicional em relação a outras igrejas conhecidas como pentecostais, principalmente a Congregação Cristã onde os costumes são muito rígidos, como restrições de comportamento no jeito de vestir e de namorar, que pode parecer um obstáculo para os mais jovens; entretanto, o número de adeptos jovens também vem crescendo nas duas igrejas.

Em relação à faixa etária dos informantes, o quadro 4 a seguir apresenta a situação nas duas igrejas.

4- Faixa etária dos informantes
Indianópolis MG

Idade	Congregação Cristã	Assembléia de Deus
<i>Até 20 anos</i>	06	06
<i>De 21a 40 anos</i>	22	23
<i>De 41 a 60 anos</i>	12	11
<i>Acima de 60 anos</i>	10	10

Fonte: trabalho de campo 2005-2006

Quando se trata da experiência religiosa anterior dos familiares, a situação apresentada mostra o predomínio de origem católica, sendo que na Assembléia de Deus 34 informantes vieram de famílias católicas e, na Congregação Cristã, 39.

De acordo com a situação econômica apresentada pelos informantes, o resultado tem como base o predomínio de atividades humildes e de baixa remuneração, como pedreiros, serventes de pedreiros, vaqueiros, trabalhadores rurais, donas de casa, domésticas etc. No caso da Congregação Cristã, o próprio cooperador oficial que dirige as atividades da igreja e os cultos tem, como atividade profissional, o trabalho de pedreiro.

No Caso da Assembléia de Deus, o pastor recebe salário para desenvolver as atividades da Igreja, mas tem como atividade profissional declarada a de pedreiro, embora não a exerça. Entre os fiéis da Congregação Cristã apenas dois se declararam profissionais liberais, dois funcionários públicos, três aposentados e o restante, outras atividades, enquanto na Assembléia um se declarou pequeno empresário, dois funcionários públicos, um fazendeiro, três aposentados e o restante, outras atividades.

Entre as mulheres de ambas as organizações religiosas, cerca de 70% estão relacionadas às atividades domésticas ou de donas de casa, enquanto 10% se declararam estudantes e o restante, outras atividades. Em relação ao estado civil, na Congregação Cristã 20% são solteiros e na Assembléia de Deus 25% também são solteiros.

Nesta perspectiva, Campos Júnior (1995, p. 87) afirma que “o pentecostalismo dirige-se a uma clientela pobre, massacrada pela exclusão e marginalização do capitalismo e que vê no discurso religioso negador do mundo sua alternativa para integrar-se, pelo menos, aos grupos comunitários”. Desse modo, valoriza-se a vida após a morte, pregando, sobretudo, a conquista da salvação.

Outra tendência verificada em nossa pesquisa é que, entre os casais, no caso da Congregação Cristã, cerca de 90% declararam pertencer à mesma filiação religiosa, enquanto que na Assembléia de Deus esse número cai para 60%. O que se percebe é que existe uma tendência para a formação de casais pertencentes à mesma filiação religiosa, já que as próprias organizações religiosas incentivam esse comportamento entre seus fiéis. Tanto a Assembléia de Deus, de forma mais amena, como a Congregação Cristã, de maneira mais rígida, desaconselham o próprio namoro e o casamento com pessoas de filiação religiosa diferente, sem contar que, pelo que foi possível perceber, quando há a conversão de um dos cônjuges, a tendência é que o outro também o acompanhe. Fato que ocorre de forma mais acentuada na Congregação Cristã do que na Assembléia de Deus.

A participação em uma organização religiosa pentecostal ocorre de forma particularmente diferente entre os sexos masculino e feminino. Tudo depende de como é feita a conversão, ou seja, se apenas um dos cônjuges se converte ou se ela se dá de forma conjunta. Isto porque a conversão dos homens implica uma forte ruptura com o estilo de vida anterior, fortemente marcado pelo machismo patriarcalista das famílias brasileiras, e pode resultar na maior paridade entre os cônjuges, ao passo que a das mulheres apenas reforça as tradicionais atitudes de abnegação e sacrifício, que são impostas a elas desde cedo e durante toda a educação (MACHADO, 1996).

No caso das pentecostais de Indianópolis, é notório que existe uma maior adesão feminina aos grupos religiosos investigados, mas é muito comum também, após a conversão da esposa, ela conseguir a adesão do marido. Dessa maneira, segundo Machado (op. cit., p. 122), “o pentecostalismo serve aos interesses práticos das mulheres, já que, por meio dele, elas podem “domesticar seus cônjuges”, que, depois de convertidos, abandonam a vida mundana e vícios como o cigarro, a bebida e o envolvimento com a prostituição, aplicando o dinheiro na família”.

Outro fato constatado em nossa pesquisa é a grande maioria das mulheres afirmar a superioridade do marido no casal, atribuindo a ele a qualidade de chefe da família e que a harmonia do lar depende da habilidade da mulher para reconhecer e assumir tal papel. No caso da Congregação Cristã, 95% das mulheres fizeram tal afirmativa e, na Assembléia de Deus, 70 % afirmaram o mesmo.

Nesta perspectiva, pode-se constatar que a ideologia pentecostal segue os padrões machistas da sociedade brasileira, uma vez que reforça a autoridade masculina, submetendo a mulher a um papel secundário, não só na família, mas também na vida da igreja. Assim, se por um lado a conversão dos esposos serve para melhorar a vida econômica e emocional das esposas convertidas, por outro não nega o fato de que o pentecostalismo reafirma “a inferioridade da mulher frente aos homens” (GIL apud MACHADO, 1996).

Como a participação feminina no corpo administrativo e espiritual das igrejas pentecostais investigadas é praticamente inexistente, sobretudo na Congregação Cristã no Brasil, onde as mulheres são meras coadjuvantes, cria-se uma situação que certamente contribui para reforçar a supremacia masculina, já legitimada pela interpretação do discurso bíblico.

Nesse sentido, segundo Campos Júnior (1995, p. 85), “as interpretações de passagens bíblicas favorecem a hegemonia masculina sobre o sexo feminino, seja no interior ou na direção das Igrejas pentecostais”. Como o discurso pentecostal reafirma a autoridade

masculina, cabe às mulheres a submissão, assumindo resignadamente sua função na família. Desse modo, o desviante (o homem) não tem responsabilidade sobre seus atos, que são atribuídos às forças malignas do demônio, o que estimula a compreensão e a tolerância entre os familiares e a própria comunidade religiosa (GIL apud MACHADO, 1996).

Como nas igrejas pentecostais, por nós investigadas em Indianópolis, existe um número maior de mulheres convertidas, foi possível constatar que o discurso machista já está incorporado pelas práticas femininas, já que as mulheres aceitam, pacificamente, o comportamento dos maridos, sobretudo daqueles que não pertencem a sua igreja, afirmando que a mulher deve conduzir com sabedoria a harmonia do lar e da família.

Observamos, também, em nossa investigação, que entre os filhos, no caso da Congregação Cristã, existe uma tendência maior em aderir à mesma religião dos pais do que na Assembléia de Deus. Um aspecto interessante a ser observado, nesse processo, é que a doutrina e os costumes na Congregação Cristã são mais rígidos do que os da Assembléia de Deus.

Outro aspecto para o qual gostaríamos de chamar a atenção é o fato de que as atividades femininas nas igrejas investigadas sofrem algumas atribuições diferentes, em relação a outras igrejas. No caso da Congregação Cristã, as mulheres têm menos possibilidades de exercício de cargos, tanto nas funções burocráticas quanto no ministério da igreja, do que na Assembléia de Deus, onde as mulheres têm maiores possibilidades de atuação.

Em relação à fidelidade religiosa, observamos que, entre os informantes, a maior parte mantém vínculo de fidelidade com a sua Igreja; no caso da Congregação Cristã, apenas dois se declararam apenas freqüentadores, enquanto que na Assembléia de Deus três se declararam como tal.

Para a religiosidade anterior dos familiares, grande parte dos informantes declarou que seus familiares pertenciam a outra filiação religiosa não pentecostal, com predomínio da religião católica. No caso da Congregação, seis declararam que possuem cargo na estrutura hierárquica da Igreja, enquanto na Assembléia de Deus o número de pessoas informantes que ocupam cargos na Igreja sobe para dez pessoas.

De acordo com o contexto do quadro de mudanças na filiação religiosa, dona N., que hoje é membro da Congregação Cristã, explica como era sua vida e como ocorreu o processo de mudança nela:

Eu era católica ia sempre na igreja mais não tinha entendimento fazia muita promessa por causa de doença, a minha vida sempre foi de sofrimento. Eu tenho um filho no cemitério e outro na cadeia. Um dia eu tava muito desesperada e ia passano na porta da igreja e resolvi entrar. Eu sabia que a minha mãe tava lá dentro porque ela já era da Congregação. Quando eu entrei Deus falou comigo através do cooperador que tava pregano que falou tudo da minha vida e do meu desespero. Depois desse dia eu resolvi freqüentar a igreja e freqüentei um ano sem batizar, depois de um ano eu resolvi pedir o batismo. Depois que eu virei serva de Deus a minha vida mudou muito, transformou em paz no coração, o meu marido parou de beber a família passou a ter mais união, o povo da Congregação é muito unido tem o amor de Jesus no coração quando a gente tem necessidade a gente é socorrido (N.M.A. Conforme trabalho de campo em 25/11/05).

De acordo com as palavras de dona N., podemos perceber que as situações de aflição são muitas vezes decisivas para a conversão religiosa. Gostaríamos de enfatizar alguns aspectos que dizem respeito à forma de abstração da mensagem literária nessas igrejas, colocando como parâmetro a prática religiosa do crente, para entender se existe uma relação entre a experiência religiosa e o significado do discurso literário pentecostal.

Para o entendimento de tal processo é importante considerar o nível de escolaridade, bem como o envolvimento e a participação do crente na Igreja, com a ocupação ou não de cargos na hierarquia da Igreja.

No que diz respeito à leitura da Bíblia, quando se trata da Assembléia de Deus todos os informantes declararam participar da escola bíblica, que é uma forma organizada pela igreja para transmitir aos seus fiéis a mensagem bíblica, feita sempre por um dos membros do ministério da igreja, realizada sempre aos sábados, às dezenove horas e trinta minutos e o culto de ensino realizado na terça feira, também às dezenove horas e trinta minutos. Além da escola bíblica, vinte e dois responderam ler a Bíblia em casa, sozinhos, sem nenhum tipo de ajuda. Entre os participantes da escola bíblica, dez fazem parte do ministério da igreja, dez declararam ler pouco a Bíblia, nove declararam não ler a Bíblia e nove declararam não saber ler, por isso aprendem na igreja ou com os parentes.

No caso da Congregação Cristã, segundo nossos informantes, não existe um estudo prévio da Bíblia. Dessa forma, cada um procura a sua própria maneira de ler a Bíblia ou, então, aprende na igreja. Entre eles, vinte declararam ler a Bíblia, seis fazem parte do ministério da igreja, dezesseis declararam ler pouco a Bíblia, sete declararam não ler a Bíblia e sete declararam não saber ler.

Em relação ao conhecimento da doutrina da Igreja, na Congregação Cristã dezessete declararam conhecer bem a doutrina da Igreja, quinze declararam ter conhecimento médio,

dez declararam conhecer pouco e oito declararam não conhecer a doutrina da Igreja. No caso da Congregação Cristã, existe um hinário oficial da Igreja que é adquirido por todos aqueles que se batizam, no qual estão estabelecidos os pontos de doutrina da Igreja, distribuídos em doze itens, que afirmam, sobretudo, a inteira crença na Bíblia.

No caso da Assembléia de Deus, no que diz respeito ao conhecimento da doutrina da Igreja, quatorze declararam conhecer bem a doutrina da Igreja, quinze declararam ter conhecimento médio, oito declararam conhecer pouco e treze declararam não conhecer. Na Assembléia de Deus, ao contrário da Congregação Cristã, não existe a exposição dos pontos de doutrina em nenhum dos textos usados, cotidianamente, nas atividades da Igreja.

A ação doutrinária também apresenta algumas diferenças, já que na Congregação Cristã o código de comportamento é muito mais rígido do que na Assembléia de Deus. Em relação ao corte de cabelo e estilo de vestir, por exemplo, na Congregação Cristã existe um comportamento mais homogêneo, pois seguem o mesmo padrão, enquanto na Assembléia de Deus encontramos maiores variações.

Em nossas conversas, nenhuma das mulheres da Congregação Cristã declarou cortar ou pintar o cabelo ou até mesmo usar acessórios, como batom, esmalte etc., ao passo que na Assembléia de Deus algumas declararam cortar e pintar o cabelo ou até mesmo usar, discretamente algum tipo de acessório.

Em relação aos homens, o corte de cabelo e o estilo de vestir, na Congregação Cristã, tem um padrão definido. Os homens usam roupa social e, em quase cem por cento dos casos, usam terno. Os cultos também seguem o mesmo padrão, não há variação. Já na Assembléia de Deus, o comportamento é mais solto, tanto em relação ao corte de cabelo quanto ao estilo de roupas, já que nem todos seguem o mesmo padrão, assim como os cultos que cada dia apresentam um estilo diferente do outro.

Em relação aos meios de comunicação, essas igrejas apresentam um comportamento bastante diferenciado. A Congregação Cristã não permite nem mesmo a divulgação das suas atividades, enquanto que a Assembléia de Deus, além das publicações de uso dos seus membros, faz marketing publicitário de suas atividades.

Desse modo, os fiéis de ambas têm comportamento diferenciado no que diz respeito a assistir televisão e ouvir música. Na Congregação Cristã, todos os nossos informantes declararam não ter televisão em casa e nem mesmo assistir a algum tipo de programa ou a novela, e só ouvir música religiosa, ao passo que, na Assembléia de Deus, esse comportamento é um pouco mais liberal, pois vários de nossos informantes declararam ter televisão em casa e assistir a alguns programas, ou até mesmo a novelas.

Outro fato interessante, que conseguimos observar em nosso trabalho de campo, durante o acompanhamento dos cultos, foi em relação às visitas entre os membros de ambas as Igrejas, já que foi possível encontrar membros da Assembléia de Deus assistindo aos cultos da Congregação Cristã, enquanto não encontramos o fato inverso, ou seja os membros da Congregação não visitam a Igreja da Assembléia, o que pode ser constatado durante os diálogos, quando deixam claro tal comportamento.

No que diz respeito ao exercício da sua religiosidade, os protestantes, de modo geral, apresentam uma certa identidade ritual, referente a sua dinâmica interna, apesar da diversidade dos modelos de experiência religiosa a elas associadas. Foi possível perceber que, no caso de Indianópolis, o ritual da Congregação Cristã é mais rígido do que o da Assembléia de Deus, que é mais solto e mais dinâmico, com maior envolvimento dos fiéis.

Entre os aspectos que caracterizam a rigidez dos cultos, podemos destacar que, na Congregação Cristã, os horários de início destes são rigorosamente seguidos pelo cooperador, que inicia sempre no horário pré-determinado; o mesmo acontece em relação aos fiéis, que raramente chegam atrasados.

Outro aspecto que caracteriza os cultos da Congregação Cristã é a ordem existente durante eles, onde não se presencia movimentação ou bagunça por parte de crianças ou quem quer que seja, pois a qualquer sinal de desordem os porteiros repreendem rapidamente, não permitindo que nada atrapalhe o andamento dos cultos, que seguem sempre o mesmo padrão.

Já na Assembléia de Deus, esses aspectos não são tão rigidamente seguidos. O horário de início dos cultos nem sempre é tão pontual, o que ocorre também em relação aos fiéis, pois é bastante comum presenciar pessoas chegando atrasadas ou até mesmo na parte mais final dos cultos.

Em relação à ordem estabelecida durante os cultos, na Assembléia de Deus segue-se um padrão menos convencional, já que a própria dinâmica do culto pressupõe movimento, manifestação de euforia, grito de palavras pontuais etc. Dessa maneira, não existe repreensão ao movimento das crianças e nem mesmo dos próprios fiéis.

Nos aspectos referentes à infra-estrutura dos cultos, a Assembléia de Deus conta com uma aparelhagem de som bem equipada e bastante potente para a dimensão do ambiente, podendo-se ouvir, de longe, o que é transmitido por ela, que conta com um operador de som encarregado de colocar os playbacks e controlar o funcionamento dos microfones e das músicas, que são tocadas ao vivo. Essa aparelhagem de som é utilizada para tocar as músicas, cantar os hinos, para os fiéis apresentarem seus testemunhos e louvar ao Senhor e também para os dirigentes dos cultos fazerem a pregação da palavra e transmitir os avisos necessários.

Outro aspecto relativo às atividades desenvolvidas pela Assembléia de Deus é que ela faz um trabalho amplamente divulgado, com atividades ao ar livre em diversos pontos da cidade, utilizando também os meios de comunicação, como o rádio. Já na Congregação Cristã a aparelhagem de som é mais modesta, com muito menos potência e alcance, já que não se ouve de tão longe, como na Assembléia de Deus, o que nela é transmitido, e também não se usa o som com tanta intensidade.

Essa aparelhagem de som é utilizada, fundamentalmente, para a pregação da palavra sagrada, transmissão dos avisos e também para os fiéis apresentarem seus testemunhos, uma vez que os hinos são tocados pela orquestra e cantados coletivamente pelos fiéis, que não fazem uso de microfones.

O trabalho da Congregação Cristã é de caráter mais restrito, já que as regras da própria instituição não permitem a divulgação pública de suas atividades; não permitindo também trabalhos ao ar livre. O seu trabalho é mais pontual com visitas previamente preparadas.

O calendário das atividades religiosas da Congregação é composto de três cultos semanais, que seguem um padrão definido, com início sempre às dezenove horas e trinta minutos, terminando, normalmente, por volta de vinte e uma horas, sendo os mesmos realizados nas terças e quintas feiras e no domingo, tendo também reunião de jovens aos domingos pela manhã e reuniões do ministério, que são marcadas de acordo com as necessidades, além dos ensaios musicais, uma vez por mês.

Já o calendário da Assembléia de Deus é composto por cinco cultos semanais distribuídos da seguinte maneira: segunda feira, culto de oração; terça feira, culto de ensino; quinta feira, culto evangelista; sábado, escola bíblica e no domingo, culto público. Às vezes também são realizados cultos nas casas dos fiéis, na quarta e na sexta feira. Existem também, aos domingos, pela manhã, atividades e ensaios para os jovens, além de cultos ao ar livre.

Um aspecto importante a observar é que os cultos da Assembléia de Deus não seguem um padrão definido, pois cada dia tem um estilo diferente do outro, ou seja, o culto de oração é diferente do culto público.

O que temos observado é que o processo de transformação da prática religiosa exige mudança de comportamento e também de atitude daquele que pretende assumir uma nova filiação religiosa. Para aquele que pretende ser um crente pentecostal, é necessário, sobretudo, que ele faça uma ruptura com o domínio das coisas profanas; só depois ocorre a conversão e o próprio arrependimento da vida não-religiosa. No simbolismo pentecostal, isso faz parte do processo de regeneração e reavivamento do novo crente.

O pentecostalismo, embora se divida em várias correntes, mantém uma certa unidade, vivida na experiência religiosa, na qual o sagrado se manifesta por certas características relacionadas à invocação do Espírito Santo. Tem uma forma de atribuir significado religioso às suas experiências de vida. Nesse sentido, consideramos que a experiência religiosa está diretamente relacionada ao acúmulo de experiências vivenciadas durante a trajetória de vida do crente. Oferece aos seus membros a possibilidade doutrinária de vivenciar a sua experiência religiosa por meio das escrituras, expressas oralmente, o que permite, ao crente, nas suas relações de convivência religiosa com os outros crentes, introjetar o discurso pentecostal.

Como o pentecostalismo é caracterizado pelo predomínio da emoção, ele favorece a participação fervorosa dos fiéis, que muitas vezes pulam, batem palmas, se comportam de forma barulhenta, uma vez que, nos rituais do pentecostalismo, raramente ocorrem situações de silêncio e concentração. Ao contrário, o que predomina são as manifestações verbais, espontâneas ou repetitivas às proposições do dirigente, as quais, às vezes, se transformam em gritos (ORO, 1996).

Para os de fora isso pode ser interpretado como algo diferente, com certo estranhamento. No entanto, trata-se de uma manifestação de ligação com o sagrado na qual, segundo o autor, “a manifestação pessoal espontânea e simultânea dos fiéis, durante os rituais, em forma de rezas, louvações, risos, choros, contribui para formar um ambiente contagiante de expansividade emocional. Alguns fiéis chegam a atingir um estado de transe ou semi-transe” (ORO, op. cit. , p. 51).

Entendemos que seria importante identificar o modo como os membros das Igrejas pentecostais, Congregação Cristã e Assembléia de Deus compartilham a experiência do Espírito Santo, já que ambas compõem o grupo das pentecostais tradicionais.

A ordem da doutrina pentecostal deixa claro que só se pode falar com Deus através da Bíblia, que é o seu maior portador, uma vez que, segundo o pentecostalismo, a Bíblia fala tudo que as pessoas precisam saber sobre Deus. Baseados nessa proposição é que os próprios crentes dizem seguir aquilo que nela está escrito.

Dentro do próprio pentecostalismo, de forma geral, existe um procedimento doutrinário diferenciado entre as igrejas, já que cada uma define os seus modos doutrinários, tirados da interpretação bíblica, que cada uma faz à sua maneira. Em Indianópolis, isso não é diferente, pois embora o comportamento dos crentes seja visto, exteriormente como se fosse unívoco, no seu interior, cada organização religiosa mantém a sua linha doutrinária, que contém convergências e divergências.

No caso da Congregação Cristã e da Assembléia de Deus, em Indianópolis, cada uma tem seu próprio regimento. A Assembléia de Deus faz uso de publicações periódicas da própria organização, como as lições bíblicas que são adquiridas pelos fiéis, e faz uso do marketing publicitário para transmitir suas mensagens, mantendo, inclusive, um programa na rádio local, realizado aos sábados, com o objetivo de levar sua mensagem aos fiéis, das vinte e uma às vinte e duas horas, no qual estão sempre presentes alguns dos membros do ministério, que tocam músicas evangélicas, falam de passagens da Bíblia e convidam as pessoas para participarem das atividades da Igreja e também das atividades ao ar livre.

Já a Congregação Cristã, pelo seu próprio regimento, não permite a divulgação publicitária de sua mensagem religiosa, que é passada através de visitas que são feitas nas casas das pessoas, que seguem determinados critérios, já que essas visitas não se dão de forma indiscriminada por toda a cidade. Existe todo um processo de conhecimento das necessidades de realizá-las e também podem ser feitas a pedido de um dos fiéis ou pela própria pessoa que deseja tal visita. Segundo o cooperador R., quando a pessoa sente, ela pede a visita.

De qualquer modo, podemos entender que o que garante a essência do discurso pentecostal é a experiência religiosa centralizada na Bíblia e é isso que dá unidade à experiência pentecostal, já que a Bíblia é a definidora do significado religioso pentecostal.

A concepção doutrinária do pentecostalismo é pautada em três elementos formadores da trindade. São eles: Deus que é o Pai, Cristo que é o Filho de Deus, e o Espírito Santo que é por onde Deus se manifesta.

As orações, sempre muito intensas, permitem ao crente pentecostal sentir a presença do Espírito Santo, que é conseguida somente com uma vida de devoção a Deus.

4.9 - A Organização Interna das Igrejas Pentecostais

No pentecostalismo, ao contrário das seitas protestantes consideradas históricas ou tradicionais, não é preciso ter pré-requisito de formação para o exercício da liderança religiosa, com conhecimento profundo de teologia ou cursos de especialização específicos para tal tarefa. No caso da Congregação Cristã e da Assembléia de Deus, isso é feito pela própria igreja, cada uma respeitando os seus critérios. Dessa forma, não existe diferenciação entre aqueles que têm instrução, que são poucos. E, no caso de Indianópolis, é muito baixo o número daqueles com instrução mas, segundo a doutrina, qualquer um pode receber o Espírito Santo, uma vez que isso depende da inspiração dada por Deus.

Como é de prática, no pentecostalismo são os próprios membros da igreja que ocupam funções no “ministério”, podendo eles fazer também a administração do Culto e do patrimônio da igreja, bastando, para isso, a experiência religiosa vivenciada dentro da organização, perante o grupo, sempre com bom testemunho.

Na comunidade da Igreja, as ações são baseadas na solidariedade, onde tudo é compartilhado. As pessoas se envolvem nas vidas umas das outras, as relações são intermediadas pelos membros do grupo. Durante nosso trabalho de campo, no acompanhamento dos cultos e das atividades dessas igrejas, foi possível presenciar essa situação, na qual o pastor da Assembléia de Deus ou o Cooperador da Congregação Cristã eram chamados a intermediar conflitos conjugais ou familiares.

A concepção Durkheimiana parte do princípio de que as práticas religiosas estão diretamente relacionadas à existência das igrejas que, por sua vez, sobrevivem das ações coletivas. Nesse sentido, Durkheim afirma que:

As crenças propriamente religiosas são sempre comuns a determinada coletividade que faz profissão de aderir e de praticar os ritos ligados a elas. Elas não são apenas admitidas a título individual, por todos os membros dessa coletividade; são coisas do grupo e constituem a sua unidade. Os indivíduos que a compõem se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas é o que se chama de igreja (DURKHEIM, 1989, p. 75-76).

De acordo com as afirmações de Durkheim, podemos perceber que a socialização da própria vida se justifica, na medida em que as pessoas comunguem a mesma fé. Os problemas, na maioria das vezes, são colocados para o conhecimento da comunidade

religiosa, onde todos tentam ajudar, de modo que as situações conflitantes ou de desespero, até mesmo no caso de doenças, são vividas de forma solidária.

Os segredos também são compartilhados, muitas vezes servem como ato de testemunho. Todos se confortam nas desgraças, tentam solucionar as desavenças. Geralmente, nas reuniões, tudo é colocado para a discussão e posterior solução.

Na sua organização interna, as pentecostais distribuem responsabilidades aos membros do ministério como Presbíteros, Diáconos etc. Existe um quadro espiritual e outro administrativo; o quadro espiritual é formado por Anciãos, pastores, presbíteros, que cumprem as mesmas funções na estrutura eclesiástica da igreja. É o corpo espiritual que “alimenta o rebanho” e toma atitude disciplinadora.

Já o quadro administrativo, formado pelos diáconos, cuida das necessidades e do patrimônio material da Igreja. No caso da Assembléia de Deus, em Indianópolis, existe a figura do pastor, que também participa do quadro administrativo, enquanto na Congregação Cristã o cooperador não se envolve nas atividades administrativas, que ficam a cargo do diácono.

Como a preparação para o exercício de funções, no quadro da igreja, é feito na própria igreja, qualquer um pode se destacar na vida religiosa, já que, no pentecostalismo, existe naturalmente, até em sua própria ação doutrinária, um incentivo ao sacerdócio leigo, ao contrário do catolicismo, que é bastante rigoroso nesse aspecto, ou do protestantismo histórico, que adota critérios seletivos bastante rigorosos, como a formação teológica para as suas lideranças.

Segundo o cooperador R., na Congregação Cristã, a escolha para os cargos da igreja, tanto os espirituais como os administrativos, se dá perante orações e aprovação da igreja, não existindo nenhum tipo de preparo ou curso para desempenhar essas atividades. É preciso haver a revelação de Deus. Já na Assembléia de Deus, segundo o pastor E., a preparação é feita na própria Igreja, com a realização de cursos para o cargo desejado, como obreiro, cooperador, diácono presbítero, etc. No pentecostalismo, a instrução e o conhecimento não são os requisitos mais importantes, mas sim a qualidade da experiência religiosa (bom testemunho), o conhecimento da doutrina e dos “costumes”, a obediência ao líder carismático e o cuidado com o crescimento do grupo.

Quanto à questão do preparo e do conhecimento dos líderes religiosos, para Campos Júnior (1995, p. 73), “no meio protestante tradicional existe preocupação, não só com o preparo pastoral, mas com a capacitação intelectual de seus líderes. No pentecostalismo, isso não acontece, e o encarregado da direção dos trabalhos é escolhido entre os próprios

membros”. No caso de Indianópolis, entre os líderes religiosos pentecostais também não existe uma preocupação com a escolaridade, uma vez que predominam, entre eles, as atividades profissionais simples, fato que é constantemente reafirmado durante os cultos, nos quais se afirma o entendimento da palavra sagrada como um dom divino.

A escolaridade geralmente é baixa entre os pentecostais. Em Indianópolis, esse fato se confirma, já que os pentecostais não consideram necessário o entendimento humano (“entendimento carnal”) para a compreensão da “mensagem da palavra”. Nesse sentido segundo Campos Júnior (op. cit., p. 73-74), “há de se considerar que, no universo pentecostal, tudo é espiritualizado, não havendo valorização de um estudo mais aprofundado. Esta tendência, porém, tem sido verificada nos ramos mais radicais”.

Referindo-se à questão da preparação de um crente para a vida religiosa, Brandão afirma que:

Uma pessoa “crente” é antes de tudo, a pessoa de um crente, e todos os outros qualificadores de sua identidade local de origem no país, o grau de instrução escolar, a profissão atual, a definição política são secundários, ou são reescritos a partir da maneira como o sujeito pentecostal submete todas as dimensões de sua ação social e da representação que faz de si, através de tal ação significativa, aos termos e símbolos de sua identidade militantemente religiosa. As pessoas são católicas mas tornam-se crentes ou convertem-se ao pentecostalismo, e esta variação de crença constrói na avaliação do processo que transforma o sujeito através da religião, uma identidade que toma a religião como critério determinante de sua diferença (BRANDÃO, *apud* MACHADO, 1996, p. 82-83).

De acordo com o exposto, fica claro que a dimensão do encontro do crente com o seu Deus transcende as questões humanas e se dá no campo simbólico. No caso das pentecostais investigadas por nós, essa questão é bastante enfatizada nos cultos, sobretudo na Congregação Cristã, onde presenciamos, em várias oportunidades, o Cooperador dizer que não adianta diploma para entender as coisas de Deus.

Entre os próprios fiéis das duas organizações religiosas, já está incorporado o discurso de que o conhecimento é coisa humana, não sendo suficiente para entender as coisas de Deus, uma vez que qualquer um pode ser tocado e inspirado por Deus, pois é somente ele que pode dar o dom da palavra e da sabedoria.

Um dos fatores relevantes da nossa pesquisa é a apresentação de um quadro com predominância de baixa ou nenhuma escolaridade nas duas instituições, o que talvez sirva para ajudar a explicar o discurso de que o conhecimento é revelado pela palavra de Deus.

Em relação ao exercício de cargos de liderança ou no ministério da Igreja, na Congregação Cristã nenhum dos seus membros sobrevive da atividade religiosa, todos têm

uma profissão e, no caso de Indianópolis, predominam as profissões simples, como pedreiro, mecânico, trabalhador rural etc., normalmente com pouca instrução, fato que é bastante destacado pelos fiéis e pelos próprios dirigentes que enfatizam que, para cuidar das coisas de Deus, ninguém deve receber nada, pois isso deve ser feito com amor, para alcançar a salvação.

Já no caso da Assembléia de Deus, o pastor recebe salário para o exercício das funções religiosas, o que também já está incorporado pelos fiéis e pelos membros do ministério, que justificam a necessidade de o dirigente estar disponível para cuidar das coisas de Deus, levando a sua palavra àqueles que não conhecem e para cuidar do seu rebanho. O pagamento do salário é justificado como passagem bíblica que, segundo o pastor E., está em I Timóteo 5.18, que diz: “Digno é o obreiro do salário”.

O pentecostalismo tem como princípio a aceitação das regras que são impostas pelos valores religiosos. O não cumprimento dessas regras faz com que o adepto se torne um desviante e o desvio pode ocorrer dentro ou fora da igreja, e para ele existe um processo de punição, para ser aceito novamente como um verdadeiro crente.

Nas pentecostais investigadas, tanto na Congregação Cristã quanto na Assembléia de Deus, os desviantes passam por um processo de punição, com um afastamento das atividades regulares da igreja como, por exemplo, não poder participar da Santa Ceia e perda do direito de pedir ou cantar hino, até que cumpra o processo de punição, voltando assim às atividades normais da Igreja.

Desse modo, pode-se perceber que a religião cria certos limites a serem respeitados pelo crente religioso, funcionando também como parâmetro de comportamento do grupo ao qual pertence, já que não respeitar as imposições religiosas é se condenar ao afastamento do convívio com a comunidade religiosa. Nesse sentido, segundo Durkheim (1989), a religião tem o poder de disciplinar as ações humanas e ditar regras de comportamento social; além do que, toda religião é também uma forma de disciplina espiritual, e uma espécie de técnica que dá força ao homem para que possa enfrentar o mundo com mais confiança, uma vez que o crente se sente mais próximo de Deus.

Uma das características importantes dos cultos, tanto na Congregação Cristã como na Assembléia de Deus, é que não existe nenhum tipo de adoração de imagens. Existe somente o louvor a Deus, a Cristo e ao Espírito Santo, que pode se dar de diversas formas, inclusive nos hinos e nas pregações da palavra ou até mesmo na manifestação de línguas estranhas. Em relação ao sagrado, nas duas instituições, todos foram unânimes em declarar que a única coisa sagrada que existe para o crente é a Bíblia e a palavra revelada por Deus.

O louvor é uma forma verbalmente expressa de adoração, glorificação e exaltação de Jesus, de Deus e do Espírito Santo, também pode ser dado com palavras pontuais muito utilizadas, tanto na Congregação Cristã como na Assembléia de Deus como “Glória a Deus”, “Santo Deus”, “Aleluia Jesus”, que são ditas quase sempre no momento das falas bíblicas do pregador, ou do testemunho dado por um dos fiéis.

Outro aspecto marcante do rito pentecostal, tanto na Congregação Cristã quanto na Assembléia de Deus, é a música, que faz parte do culto de ambas, embora seja cantada em ritmos e toadas diferentes, como também os instrumentos, que são diferentes de uma para outra.

No caso da Assembléia de Deus, os “hinos”, às vezes, são acompanhados não só pelos instrumentos musicais, mas também por palmas, batimento dos pés ou palavras pontuais como “Glória a Deus”, Aleluia, etc. Ocorre, às vezes, também, de alguns membros dançarem e pularem com as mãos erguidas, ou mesmo fazendo gestos.

A Igreja da Assembléia de Deus conta com uma aparelhagem de som muito bem montada e potente. Os hinos são tocados muitas vezes em forma de playback, acompanhando os cantores dos hinos, que atuam, na maioria das vezes, como os próprios artistas musicais. Alguns cantam sozinhos e outros em dupla; o estilo é quase sempre semelhante ao das duplas sertanejas que fazem sucesso na mídia brasileira.



Foto 62

Grupos musicais que se apresentam durante os cultos da Assembléia de Deus, uma vez que estes são marcados por uma forte musicalidade.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2005.

Na Assembléia de Deus, os instrumentos utilizados são bastante variados, podendo ter instrumentos de corda, como violão, guitarra e outros, como órgão e bateria. Durante nosso trabalho de acompanhamento dos cultos, tivemos a oportunidade de assistir a diversos conjuntos tocando e cantando com diversos tipos de instrumentos. Esses conjuntos animam os cultos e as ocasiões mais solenes. Na ausência dos conjuntos, principalmente nos cultos de menor expressão, o acompanhamento é feito por um órgão e um violão, ou então por playback.

O playback é muito utilizado, pois permite uma maior dinâmica na atuação dos cantores. Os hinos são apresentados, na maioria das vezes, por duplas que atuam de forma bastante semelhante às sertanejas, o que é facilitado pelo uso do playback, que já vem previamente preparado para tal situação, ou por instrumentos ao vivo. Não existem momentos previamente estabelecidos durante o culto, para a execução dos hinos, e não existe um número destes definido. Pode ocorrer de determinados cultos serem compostos por um número maior de hinos do que outros

Na Assembléia de Deus, os hinos não obedecem a uma ordem ou hierarquia pré-estabelecida, como na Congregação Cristã, e podem ser cantados pelas mulheres ou pelos

homens, que são chamados para louvar o nome de Jesus, dirigindo-se até ao microfone, assumindo uma posição de destaque na frente da Igreja.

Aqueles que vão cantar o hino são chamados para louvar o nome do Senhor e, quando se dirigem ao microfone, cumprimentam os irmãos na paz do Senhor. Como os hinos são cantados individualmente ou em duplas, a participação dos fiéis se dá, na maioria das vezes ouvindo assentados, enquanto alguns esboçam palavras pontuais, algumas em forma de gritos bastante altos. No final da participação, seja ela cantando hino ou de outra forma, faz-se o agradecimento pela oportunidade.

Como existem vários grupos organizados na igreja, como círculo de oração, o grupo da mocidade, o das crianças, eles muitas vezes, são chamados também para cantar. Para cada um desses grupos, que é convidado para cantar, existe uma pessoa encarregada de dirigir a cantoria do hino, como se fosse um maestro, fazendo gestos parecidos, que marcam as passagens da música. A pessoa que exerce a função de maestro na frente do grupo é sempre uma mulher.

Os hinos são cantados sempre com muito fervor e emoção, que contagiam os fiéis, que expressam palavras pontuais, como Glória a Deus, Aleluia, etc. O cenário é sempre carregado de muita emoção e barulho, uma vez que o som é bastante alto e, aliado às palavras ditas pelos fiéis, afastam totalmente qualquer possibilidade de silêncio. O entusiasmo daqueles que cantam parece motivar os fiéis, que gritam palavras pontuais durante a apresentação.

Na Congregação Cristã, os hinos são acompanhados apenas pelo órgão e instrumentos de sopro. Para a execução deles, existe uma orquestra devidamente treinada, já que ensaiam com regularidade. Os hinos cantados obedecem a uma regra da própria igreja, que possui um hinário oficial a ser seguido, com cerca de quatrocentos e cinquenta hinos, executados à medida que o Cooperador faz o pedido ou permite essa liberdade aos fiéis, que também têm direito de pedir hinos, que são identificados pelos seus respectivos números. Mas para isso existem os momentos apropriados, durante o ritual do culto. Os hinos são cantados por todos os fiéis, com o predomínio das vozes femininas, existindo uma harmonia muito grande entre as vozes e a orquestra, o que mostra a dedicação dos fiéis para que tudo saia muito bonito.

Diferentemente do que ocorre na Assembléia de Deus, os hinos são cantados pelos fiéis em conjunto, não tendo pessoas definidas para cantá-los, sendo portanto, mais raro ouvir palavras pontuais, como Glória a Deus. Outro aspecto diferente é que os fiéis permanecem sentados em seus bancos, não havendo manifestações como palmas, batidas de pés etc. O ambiente é mais calmo, os fiéis ficam mais concentrados durante a cantoria.

A orquestra é formada por homens, enquanto o órgão é função específica das mulheres. Como existem várias organistas, é feita uma escala entre elas, de modo que cada uma atua em um dia de culto. A música é uma grande responsabilidade na igreja, de forma que os músicos devem estar sempre presentes para acompanhar os cultos.

Durante o nosso trabalho de acompanhamento dos cultos, presenciamos a falta das organistas em um deles, o que foi motivo para o cooperador chamá-las à responsabilidade, marcando inclusive uma reunião para discussão do assunto.

Os hinos são tocados na abertura dos cultos e também no encerramento, sendo também executados durante eles, de acordo com os pedidos que são feitos pelos fiéis, os quais seguem, um procedimento padrão, já que há o momento específico, para serem executados.



Foto 63

Foto à esquerda – Sr.A. L. e sua esposa Sra. A., membros da Congregação Cristã.

Foto à direita – Sr.J M., os filhos e a esposa Sra. E., membros da Congregação Cristã.

Os membros da Congregação Cristã possuem uma forte tendência para formação de casais que seguem uma fé comum.

Foto, Gilmar José Ribeiro, 2005.

Durante o culto, há quatro momentos em que os fiéis pedem e cantam os hinos, que são iniciados assim que o Cooperador permite essa liberdade. Os hinos que abrem e encerram o culto são somente tocados pela orquestra, enquanto os fiéis apenas ouvem. As músicas pentecostais, tanto na Congregação Cristã quanto na Assembléia de Deus, abordam, quase sempre, passagens bíblicas como a vida, o sofrimento, a morte de Cristo e também aspectos da crença, da fidelidade religiosa e da vida cristã.

No caso da Assembléia de Deus, os hinos, na maioria das vezes, não se encontram no hinário; existem hinos adaptados a músicas modernas que fazem sucesso na mídia. O mesmo não ocorre na Congregação Cristã, que segue um padrão musical e instrumental determinado pelo hinário rigorosamente seguido.

O estilo musical da Assembléia de Deus é mais dinâmico, uma vez que as músicas não seguem um padrão rigoroso, podendo ser cantadas em estilos e ritmos variados. Já na Congregação Cristã, as músicas seguem um padrão muito bem definido, inclusive no ritmo, pois a tonalidade e a variação das notas musicais são bastante específicas e diferenciadas, onde os fiéis cantam juntos, acompanhados pela orquestra.

A execução dos hinos na Assembléia de Deus não segue uma rigidez tão grande quanto na Congregação Cristã. Não existem momentos e nem número de hinos pré-determinados. Eles são cantados, com acompanhamento musical, por aqueles que são chamados à frente da igreja, como já nos referimos.

Na Assembléia de Deus cantam-se mais músicas do que na Congregação Cristã, o que dá mais dinamismo ao culto, que é também mais exaltado, mais movimentado e mais barulhento.

4.10 - Aspectos do Ritual Religioso

O ritual religioso das igrejas pentecostais por nós investigadas, em Indianópolis, é caracterizado pela grande participação dos fiéis que, mesmo seguindo doutrinas diferentes, em ambas as igrejas esforçam-se para estar sempre presentes nos cultos e nas outras realizações da igreja. Muitos procuram conciliar as atividades profissionais e de trabalho com as práticas religiosas. Nesse sentido, as principais atividades de ambas as igrejas são realizadas no período da noite, quando muitos fiéis, mesmo chegando cansados do trabalho, dirigem-se para a igreja; ou, então, nos finais de semana, quando aproveitam a folga do trabalho para exercitarem sua fé religiosa que, segundo alguns, é renovada e fortalecida quando rezam juntos, na igreja.

Desse modo, segundo Durkheim (1998), o ritual religioso funciona também como uma forma de confirmação da identidade grupal. Nele ocorre certo revigoramento da crença religiosa; ele serve, acima de tudo, para fortalecer o crente e manter a vitalidade das crenças religiosas, para impedir que elas desapareçam; em suma, para revivificar os elementos mais essenciais da consciência coletiva. É também uma forma de se reunirem. Por meio dele, o grupo se fortalece e se reanima, garantindo, dessa maneira, a sua unidade, uma vez que fica mais seguro da própria fé. É nas atividades rituais que os grupos afirmam sua identidade religiosa e reforçam a sua religiosidade.

Durante nosso trabalho de campo, foi possível acompanhar, na Assembléia de Deus, a realização de algumas atividades rituais diferenciadas, com algumas orações de libertação, orações da saúde, da família, pregação ao ar livre, culto dos jovens, culto das crianças, culto da irmandade, culto do círculo de orações etc.



Foto 64

Bênção e unção realizadas durante os cultos da Assembléia de Deus.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2005.

No culto do dia 05/02/2006, ministrado por um pastor da cidade de Araguari, o senhor C., tivemos a oportunidade de presenciar uma sessão de descarrego e afastamento do demônio. Durante sua pregação, o pastor falava muito alto, de forma que, por vezes, sua voz se transformava em gritos, acompanhados pelos fiéis. Na medida em que o pastor colocava emoção e entusiasmo em sua voz, contagiava os fiéis, que faziam o mesmo.

Quando termina sua pregação o pastor pede para os fiéis erguerem as mãos, que Deus iria expulsar o satanás. A partir de então, o culto se transforma numa verdadeira histeria, com gritos, pulos, batidas de palmas e cenas bastante exóticas, que contagiam toda a igreja.

No caso da Assembléia de Deus, constatamos também que os cultos são organizados de forma socializada, uma vez que, para cada dia de culto, era sempre definido um grupo, que ficava encarregado da sua organização. Existe um rodízio de responsabilidade quanto à condução do culto com esses grupos, pertencentes a própria organização interna da igreja, como grupo dos jovens. Cada um se encarrega de um culto da semana.

Os cultos da Assembléia de Deus são diferenciados para cada dia da semana, inclusive na disposição dos móveis. Os cultos de oração, realizados nas segundas-feiras, se dão com a

porta da frente fechada. A mesa e o púlpito ficam próximos ao altar, com as cadeiras de uso do ministério colocadas em cima do altar.



Foto 65

Culto de oração onde os fiéis rezam grande parte do tempo ajoelhados no chão com as costas voltadas para o altar.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2005.

Nesse culto, as pessoas chegam e se ajoelham, da mesma forma que em todos os outros, colocando os joelhos sobre o chão, já que não há, como na Congregação, o genuflexório, lugar próprio para se ajoelharem, com as costas viradas para o altar e com os braços e a cabeça debruçados sobre os bancos onde, de forma particular, cada um faz as suas orações, que duram cerca de trinta a quarenta e cinco minutos.

Na segunda-feira, de modo geral, os cultos ocorrem de maneira mais pacífica; quase não se ouvem gritos ou maiores exaltações. É um culto mais calmo do que os outros, onde se fazem os pedidos e o agradecimento das maravilhas operadas por Deus na vida dos fiéis. A participação do pastor é pequena, dando-se praticamente, no seu encerramento.

É um culto onde os fiéis se vestem mais à vontade, usando roupas do dia-a-dia. Os homens, que costumam usar terno, colocam roupas mais simples, não existe tanta euforia como na quinta feira e no domingo.

No culto de terça-feira, que é o culto de ensino, o púlpito é colocado próximo aos bancos, de maneira que os dirigentes das atividades fiquem bem próximos dos fiéis enquanto a mesa continua próxima ao altar. Quem dirige esse culto, normalmente, é um dos membros do ministério, havendo uma maior participação do pastor. As roupas usadas, assim como na segunda-feira, também são mais simples.

As orações individuais, nesse culto, ocorrem de forma rápida. Assim que os fiéis chegam na igreja, ajoelham-se no chão, com as costas para o altar e, durante no máximo cinco minutos, realizam sua oração. Em seguida se sentam, para acompanhar o culto.

Nesse culto, o entusiasmo e o fervor também se dão de forma mais contida, sendo a leitura da Bíblia feita de forma coletiva, onde cada pessoa lê uma parte. A explicação da leitura se dá de forma bem professoral, por parte do pastor, que conta com a interação dos fiéis, que respondem a perguntas dirigidas por ele. Assim como na segunda, cantam-se menos hinos do que nos cultos de quinta e domingo.

No culto de quinta-feira, chamado de culto evangelístico, o púlpito fica em cima do altar e a mesa embaixo, próxima ao mesmo. Assim que os fiéis chegam na igreja ajoelham-se, como sempre, com as costas para o altar e, rapidamente, fazem uma oração; em seguida sentam-se, para acompanhar as atividades do culto.

Nesse culto, os fiéis estão sempre muito bem vestidos, com os homens usando terno, cantam muitos hinos e a igreja fica mais cheia do que na segunda e na terça-feira. A pregação é feita com muita euforia e quase sempre há um pregador previamente escolhido entre os membros do ministério. Outro fato muito comum na igreja, é receber pregadores visitantes de outras cidades. Dessa maneira, raramente o pastor prega no dia de quinta-feira.

O entusiasmo e a euforia dos fiéis também são maiores nesse dia, quando se ouvem muitas palavras pontuais, quase sempre faladas de forma muito alta, transformando-se em gritos, enquanto alguns batem palmas, pulam, saem dos seus lugares e mostram-se bastante entusiasmados. É nesse momento que é comum ouvir alguns dos fiéis falarem em línguas estranhas.

No sábado, são realizados os cultos da escola bíblica e, como sempre, antes do início, os fiéis chegam, ajoelham-se fazem uma rápida oração e em seguida se sentam para assistir ao culto. A distribuição dos móveis se dá com o púlpito em cima do altar e a mesa bem próxima aos bancos onde se sentam os fiéis, pois ela é utilizada pelo dirigente, que ministra a aula sobre uma passagem da Bíblia, acompanhada por todos em uma revista própria para a ocasião.

Nesse culto, todos se vestem de forma mais simples. Os homens não usam terno, como em outros cultos, a oração inicial se dá como sempre; logo em seguida, iniciam-se as atividades do culto, sendo que, no sábado, é feito um controle da presença dos fiéis por meio de uma chamada que se procede por departamentos.

Para o início da escola bíblica, as crianças são separadas dos adultos e passam a ocupar uma sala que existe nos fundos da igreja, de forma que a aula bíblica acontece de maneira diferenciada para adultos e crianças. A aula bíblica, na maioria das vezes, é ministrada por um dos presbíteros ou membros do ministério.

A aula se dá de maneira interativa, onde os fiéis fazem e respondem perguntas ao dirigente do culto. Nela é cantado um número menor de hinos em relação aos outros dias, já que a grande preocupação é a discussão bíblica. Assim que termina a discussão é respondido, pelos fiéis, um questionário de cinco perguntas feitas e respondidas oralmente. O encerramento ocorre quando termina a discussão bíblica, juntando-se novamente crianças e adultos dentro da igreja, quando são feitas as orações e os avisos finais. Domingo é o dia do culto público que é, via de regra, o mais movimentado, dinâmico e musical da semana. É quando a igreja recebe o maior número de fiéis, realizado sempre às dezenove horas, tendo meia hora a mais de duração do que os outros cultos.

É costume do pastor E., nesse dia, convidar um pregador de outra cidade para fazer a pregação. As características mais marcantes desse culto são a pregação, feita de forma mais calorosa e animada, e os hinos, cantados em maior número e também de forma mais calorosa. Dessa forma, além de ser o culto mais alegre da semana, é também o mais barulhento, onde se canta muito, fala-se muito alto, ouvem-se mais palmas e gritos de palavras pontuais. É preparado por um dos departamentos da igreja, que faz toda a preparação durante a semana, envolvendo sempre muita gente, já que no domingo fazem-se mais orações, cantam-se mais hinos, sendo o culto mais dinâmico, com a participação de mais gente do que nos outros dias.



Foto 66

Cultos públicos realizados aos domingos quando, geralmente, a Igreja encontra-se mais cheia. São os mais movimentados e exaltados da semana.
Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Nos cultos da Assembléia de Deus, todas as participações são feitas com o fiel encerrando-a sempre em nome de Jesus e todos que participam, de alguma forma, dessas atividades, agradecem pela oportunidade.

Alguns aspectos podem e devem ser ressaltados, pois, pelo que se percebe, os cultos da Assembléia de Deus ocorrem de forma mais democrática, com a participação mais efetiva dos fiéis e dos outros membros do ministério, uma vez que o pastor não é o único a centralizar as atividades do culto.

Em geral, o pastor E. descentraliza as atividades da igreja, procurando fazer com que os membros participem de forma mais efetiva dos cultos, já que é comum a alternância de pregadores e de pessoas que desenvolvem as outras atividades, de modo que nem sempre a figura do pastor centraliza a atenção dos fiéis.

Nos cultos da Assembléia de Deus, a participação das mulheres é bastante efetiva. Durante o acompanhamento dos cultos, foi possível observar que elas exercem diversas atividades, desde a sua preparação até a sua direção. A única atividade que não as vimos exercer foi a pregação da palavra.

Outro aspecto que gostaríamos de ressaltar é que, na Assembléia de Deus, existe um grande interesse dos dirigentes e dos membros da igreja em mostrar uma boa receptividade àqueles que os visitam, já que estes são colocados em destaque. Quando o pastor fala o nome de cada um, pedindo para que se coloquem de pé, todos os fiéis repetem a frase de boas vindas, dizendo “sois bem vindo em nome de Jesus”.

Após a apresentação, é cantada uma música, na qual se destaca o prazer em receber os visitantes, que têm os seguintes dizeres: “visitante, seja bem vindo! A sua presença é um prazer, Com Jesus vamos dizendo, esta igreja ama você! Deus te ama! Deus te ama! eu te amo! somos felizes assim”.

Já na Congregação Cristã, os cultos obedecem a um padrão mais rígido, uma vez que, no caso de Indianópolis, é sempre o Cooperador oficial o responsável pela direção do culto. Eventualmente, recebe a visita do Ancião responsável pela Igreja, que é da cidade de Uberlândia, o qual assume a tarefa da direção da cerimônia religiosa. Eventualmente, também conta com a participação do Cooperador de jovens ou de algum pregador visitante. Ministrando a palavra, durante o culto, é, via de regra, da inteira responsabilidade do Cooperador oficial, senhor R. A. da S.

Como nos cultos da Congregação Cristã, o ritual obedece a um script mais rigoroso, onde a liberdade que é dada aos fiéis é percebida apenas e tão somente no pedido de hinos, particularmente por parte das mulheres, que não podem participar mais livremente das atividades da igreja.

Durante o desenrolar do culto, existem os momentos apropriados para cantar o hino, apresentar o testemunho e também para se ajoelhar que, segundo os fiéis, é um ato de humildade – dobrar os joelhos diante do Senhor – gesto que é realizado sempre na parte inicial e na parte final de cada culto.

Os cultos pentecostais são marcados pela musicalidade, uma vez que se canta bastante, o que dá a eles um maior dinamismo. Nesse aspecto, os cultos da Assembléia de Deus são mais movimentados, uma vez que seus cultos são caracterizados por muitas músicas cantadas em estilo e forma bem variados.

Já na Congregação Cristã, embora a música esteja presente, não tem o mesmo dinamismo. Segue sempre o mesmo padrão e estilo, além do que o número de hinos cantados é quase sempre o mesmo; um, logo no início, somente tocado suavemente pela orquestra, quando ninguém canta, e um, do mesmo estilo, no encerramento, sendo que no decorrer do culto se cantam outros quatro hinos em momentos pontuais, que geralmente são pedidos pelos fiéis. Raramente existe uma alteração desse esquema.

Outra característica do culto da Congregação Cristã é que, diferentemente da Assembléia de Deus, durante a pregação da palavra, os fiéis ficam em silêncio, prestando atenção, sendo mais raro ouvir palavras pontuais durante esse tempo.

A participação dos fiéis fica restrita a apresentar testemunho, fazer pedido de hinos e ajudar a cantá-los, já que, ao contrário da Assembléia de Deus, eles são cantados coletivamente. O que se percebe, então, é que a direção e o desenvolvimento do culto ficam muito centralizados na figura do Cooperador oficial, pois a Igreja não possui Ancião. A centralização do culto faz com que ele se desenvolva de forma monótona e, por conseqüência, mais contida e menos barulhenta, se comparado com o da Assembléia de Deus, pois nele as manifestações dos fiéis seguem um padrão de comportamento mais rigoroso.

O culto da Congregação Cristã é sempre aberto pela orquestra, que executa, de forma bastante harmônica, um hino, enquanto os fiéis permanecem sentados, ouvindo. A forma de se ajoelharem é bastante convencional, com os bancos; diferente da Assembléia de Deus, possuem o local apropriado para se ajoelharem, chamado de genuflexório. Outra característica do culto na Congregação Cristã é que nem sempre a pregação da palavra é articulada com a leitura da Bíblia. É muito comum o pregador utilizar exemplos da vida diária para transmitir a sua mensagem.

Já na Assembléia de Deus, a pregação é quase sempre relacionada à leitura da Bíblia, de onde o pregador procura tirar a mensagem que deseja transmitir aos fiéis, o que não significa que também não utilize exemplos da vida cotidiana. Em geral, a pregação da palavra, em ambas as igrejas, tem um período de duração que varia entre trinta e cinquenta minutos, de modo que a maior parte das cerimônias desses cultos se concentra no período anterior à pregação da palavra.

Os cultos da semana, na Congregação, seguem todos o mesmo padrão, tanto faz na terça, na sexta ou no domingo, repetem-se sempre os mesmos rituais; não existe uma variação. O comportamento dos fiéis segue uma linha de conduta que não apresenta grandes mudanças, a não ser o maior ou menor entusiasmo do pregador ou mesmo dos fiéis.

Como a participação dos fiéis ocorre de forma mais contida, as palavras pontuais também são faladas com menos intensidade, já que os fiéis não se levantam dos seus lugares, não batem palmas, não pulam, enfim, não participam de forma mais direta e eufórica das atividades do culto.

Segundo Durkheim (1989), os cultos servem para comprovar a eficácia das ações religiosas, aproximando os fiéis de suas divindades; eles servem também para fortalecer a união da comunidade religiosa. Portanto, não podem ser considerados práticas religiosas sem

sentido, de movimentos inúteis e gestos sem eficácia, pois eles têm a função de estreitar os laços que unem os fiéis aos seus deuses; e estreitam também os laços que unem o indivíduo à sociedade religiosa da qual é membro.

Entre as particularidades do comportamento dos fiéis da Congregação Cristã está a forma de se cumprimentarem. É bastante diferenciada em relação aos fiéis da Assembléia de Deus, que se cumprimentam com um aperto de mão e a troca de algumas palavras, assim que chegam na Igreja. Na Congregação Cristã, os homens se cumprimentam com um beijo no rosto, após o término do culto, que é chamado por eles de Ósculo Santo.

Uma particularidade específica da Congregação Cristã, que a diferencia da Assembléia de Deus, é em relação ao casamento, uma vez que não existe o casamento religioso, apenas o civil.

Um dos aspectos enfatizados no discurso da Congregação Cristã é a aceitação e o reconhecimento das autoridades governamentais e o respeito às leis, que devem ser reconhecidas por todos os fiéis.

A recepção de novas pessoas, na Igreja da Congregação Cristã, não se dá de forma explícita, como na Assembléia de Deus. O visitante é recebido de forma mais discreta, não tendo o seu nome divulgado, e nem lhe é oferecida alguma música ou homenagem. Entretanto, todo visitante que chega à Igreja é encaminhado para se sentar, sendo-lhe disponibilizado um hinário e uma Bíblia, para que acompanhe o culto.

Na Congregação Cristã, de maneira geral, o cooperador abre o culto fazendo pedidos para que Deus proteja todos os fiéis e as autoridades, para que possam ter sabedoria para exercerem as suas funções e, em seguida, os fiéis apresentam os pedidos de forma escrita e passados, verbalmente, pelo dirigente do culto. Os pedidos são, quase sempre, relativos à saúde e aos fatos corriqueiros como viagem, trabalho etc.

Uma das grandes preocupações da instituição é se mostrar como uma entidade apolítica, já que os seus membros não podem se envolver em campanhas eleitorais, tomar partido, apoiar publicamente algum candidato e nem mesmo participar de campanhas políticas, disputando cargo eletivo.

Nesse sentido, foi possível constatar, em nossa pesquisa, a ocupação de cargos públicos, de caráter político, por membros da Igreja, na administração municipal, o que, de certo modo, parece-nos um paradoxo.

Já na Assembléia de Deus, a questão política é tratada, não só como direito de cidadão, mas também como uma forma de participação da igreja na vida política da cidade, o que pode garantir a ela certos direitos. Segundo o pastor E., o crente é livre para saber se deve

participar ou não, mas deve agir na política como cristão, para melhorar a vida das pessoas, combater a corrupção e não manchar a Igreja.

Como a igreja assume uma postura de “liberdade” em relação aos seus membros, existe um estímulo, por parte dos fiéis, em participar da vida política da cidade. É muito comum ver membros da Igreja concorrendo a cargos políticos. A exemplo da última eleição municipal, quando dois deles participaram da disputa da eleição para o cargo de vereador.

Outra experiência interessante para o nosso trabalho foi poder acompanhar um culto de Santa Ceia, da igreja Assembléia de Deus, no mês de fevereiro de 2006, quando então pudemos observar que é um culto particularmente especial no calendário da igreja, realizada sempre no segundo sábado do mês, portanto, diferentemente da Congregação Cristã, ele é realizado em todos os meses do ano, com os fiéis tomando-a de pé e não ajoelhados.



Foto 67

Santa Ceia cerimônia realizada uma vez ao mês pela Assembléia de Deus.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Para essa cerimônia, até os móveis são preparados de maneira especial, recebendo forros brancos, com desenhos específicos, alusivos à ocasião. Na abertura do culto, o pastor fala da importância, para os fiéis, da participação do pão da vida; destaca a importância da festa e coloca bastante entusiasmo em sua pregação, após a qual é servida, pelos presbíteros, a Santa Ceia, primeiro o pão e depois o vinho.

A Santa Ceia é, para as pentecostais, uma ocasião solene que envolve todos os membros e grupos da igreja e, em alguns casos, pode ocorrer a apresentação de conjuntos

musicais, corais, peças teatrais etc., uma vez que é uma ocasião propícia para convidar novos visitantes, para converter novos membros e para que os desviados se arrependam, já que acreditam na ação do Espírito Santo, especialmente nesses momentos.

O dia da Santa Ceia, ritual realizado por todas as pentecostais, é um preceito bíblico, básico e obrigatório para todos os membros, pois simboliza a ação sacrificial cristã, em que o corpo de Cristo é ingerido sob a forma de pão e na forma de vinho, que é o sangue de Cristo

A Santa Ceia é considerada, pela Congregação Cristã, como sendo a cerimônia mais especial do ano e, segundo o cooperador R., só pode ser tomada pelos que são batizados e estejam em comunhão com a Igreja. Embora não tenhamos tido a oportunidade de assisti-la, descobrimos que ela tem algumas diferenças em relação à da Assembléia de Deus. A começar pela data de sua realização, que se dá apenas uma vez por ano, e os fiéis a recebem ajoelhados, podendo ser distribuída apenas pelo Ancião ou pelo cooperador oficial.

No nosso modo de ver, o rito pentecostal pode ter duas características bem marcantes; ele pode ser alegre ou pode ser choroso, depende muito do momento pessoal de cada membro, triste ou alegre, depende da inspiração pessoal.

Uma das características do pentecostalismo investigado por nós é a transformação no comportamento dos féis durante os cultos, onde muitos se exaltam; os que são tímidos perdem a timidez. Podemos dizer que muitos entram realmente num estado de transe, quando são tomados por forças que os tiram do comportamento rotineiro, verificado fora da vida religiosa.

Durkheim define essas transformações das pessoas perante a vida religiosa afirmando que:

No meio de uma assembléia animada por paixão comum, tornamo-nos suscetíveis de sentimentos e de atos de que somos incapazes quando contamos apenas com as nossas forças; e quando a assembléia se dissolve, quando nos encontramos sós conosco mesmos, voltamos ao nosso nível normal, podemos então medir toda a altura a que tínhamos sido elevados acima de nós mesmos (DURKHEIM, op. cit., p.264).

De acordo com as palavras de Durkheim, podemos entender as transformações que tomam conta do “crente” que vive a vida religiosa, desdobrando-se na presença do grupo. O dirigente do culto, que normalmente fala com desenvoltura e de forma articulada para os pentecostais, é aquele que tem o Dom da palavra, que é também conhecido como dom carismático.

A oração pentecostal, tanto na Congregação Cristã quanto na Assembléia de Deus, é simples e direta. Nela se colocam as intenções nas palavras, que são ditas sempre com muito fervor, pelos interesses mais urgentes. A oração é sempre dirigida ao Espírito Santo de Deus, que tem Jesus como mediador, por isso tem um caráter religioso mais forte. As orações são feitas de forma pessoal e pode ser também coletivas. Na Assembléia de Deus, é comum as orações de encerramento se darem de forma coletiva, ou a pedido do pastor, que às vezes lança mão desse mecanismo. A bênção é dada muitas vezes pelo pastor ou membro do ministério consagrado, colocando as mãos na cabeça, e aquele que recebe faz uma oração que pode ser em voz baixa, com os olhos fechados, ou falando alto, com entusiasmo. Existe a bênção para os enfermos, voltada para a cura, e também a bênção para repreensão do demônio, em caso de libertação.

Já na Congregação Cristã, o ambiente é um pouco diferente e mais austero, com um ritual muito bem definido, onde o cooperador é quase sempre o responsável pelo culto, que segue um padrão de comportamento em que os fiéis têm os momentos exatos em que podem participar. Não existem as orações coletivas e nem as bênçãos individuais, e as orações também seguem um padrão mais homogêneo, não havendo comportamentos muito diferentes entre os fiéis. Os gritos, o barulho, o êxtase são bem menores do que na Assembléia de Deus.

Não é comum, na Igreja da Congregação Cristã, a realização de bênçãos individuais ou direcionadas para atos de libertação e afastamento do demônio. As bênçãos são realizadas para toda a comunidade religiosa, de forma coletiva, e sempre no final do culto, quando o Cooperador pede para Deus abençoar a todos.

O dízimo, que corresponde a dez por cento da renda bruta de cada fiel, não é tratado da mesma forma pelas pentecostais. Na Congregação Cristã, ele não existe de maneira institucional, como em outras igrejas. Na Assembléia de Deus ele é regularmente cobrado e pode ser pago na secretaria da igreja, mediante um recibo emitido no ato do pagamento. Todos os nossos informantes da Assembléia de Deus declararam ser contribuintes do dízimo.

Em relação ao dízimo, as duas igrejas apresentam comportamentos diferenciados. Como na Congregação Cristã ele não é cobrado, não se fala a seu respeito. Um dos aspectos que os membros da Congregação Cristã enfatizam é que as atividades religiosas nessa igreja são uma entrega ao serviço de Deus, uma vez que ninguém recebe salário para exercê-las.

Já na Assembléia de Deus, o dízimo é institucionalmente cobrado, portanto faz parte da vida de seus membros e é muito comum ouvir os fiéis se vangloriarem pelo fato de pagá-lo com regularidade. Também é muito comum, durante os cultos, ouvir o pastor falar da sua importância para a vida religiosa do crente.

Para o crente pentecostal, o dízimo não é um peso nem tampouco uma obrigação, como foi possível constatar em nossa investigação. Aqueles que o pagam percebem-no como uma forma de se relacionar com o sagrado por meio do qual conseguem se sentir mais realizados e mais próximos de seu Deus. Por isso mesmo sentem-se felizes em pagá-lo e contribuir com o fortalecimento de sua igreja. Nesse sentido, segundo Pierucci e Prandi (1996, p.,269), “é no pentecostalismo que se colocou, mais decisivamente, a questão do pagamento da religião e da expansão religiosa, financiada, seguidamente, por todos os seus adeptos”. Nessa perspectiva, os autores afirmam ainda que:

A filiação religiosa agora tem um custo que não é mais meramente psicológico e social, mas que pode ser avaliado em função do que se pode receber. Afinal de contas, quem tem tão pouco, e tão pouco pode dar, como avalia aquilo que recebe em troca, ainda que nada material, mas subjetivamente importante, como a auto-estima, a revalorização da vida, o interesse pela própria mudança e a confiança que faz romper o ceticismo que se acreditava ser herança eterna. Vale a pena pagar por isso tudo, pode ser a resposta do converso. Por isso é inegável: o pentecostalismo é capaz de devolver aos seus convertidos auto-estima e autoconfiança (PIERUCCI & PRANDI, op. cit. , p. 271).

De acordo com o exposto, pode-se constatar como o homem religioso, mesmo nas dificuldades materiais, é capaz de se sacrificar para estreitar suas relações com o sagrado.

A oferta é considerada como uma parte do louvor; portanto, não se trata de obrigação ou constrangimento por parte do crente em praticá-la, ela pode ser feita por qualquer um, mesmo não pertencendo à igreja; alguém que recebeu uma graça ou mesmo um simples visitante. No caso da Congregação Cristã, é a forma utilizada, pelos fiéis, para fazerem a sua contribuição. Ela deve ser discretamente entregue ao porteiro, em um envelope, de forma que ninguém perceba o ato.

No caso da Assembléia de Deus, além da cobrança do dízimo, também existe a oferta, que é recolhida, durante os cultos, pelos obreiros. Após a coleta é feito um registro do valor arrecadado, que é divulgado para todos os fieis presentes. A coleta é realizada regularmente, em todos os cultos.



Foto 68

Coleta das ofertas atividade realizada em todos os cultos da Assembléia de Deus.

Foto Gilmar José Ribeiro, 2006.

Para o recolhimento dessa coleta existe um procedimento rotineiro, pelo qual se processa a arrecadação do dinheiro. No momento de ela acontecer, o pastor a anuncia e um dos obreiros pega a “Salva” e sai andando pela igreja, passando por todos os bancos, de onde os fiéis colocam o dinheiro da oferta.

Segundo Oro (1996), a oferta é um ato que deixa clara a relação entre a graça recebida e dinheiro doado; sobre as razões que motivam o crente a realizar a oferta, o autor afirma que:

Talvez a motivação mais importante para a realização de ofertas resida no fato de que elas se inscrevem na lógica da reciprocidade. Considerando, por princípio, que nada se obtém gratuitamente, nem mesmo em relação ao sobrenatural, e que o dinheiro constitui o bem mais significativo para selar esta relação, a doação financeira é percebida como a mais importante forma de estabelecer relações com o sagrado, de efetuar a retribuição pessoal em troca de uma graça recebida. Segundo os crentes, mais abundante e maior também será o retorno, na forma de graças alcançadas (ORO, 1996, p. 84).

De acordo com o exposto, percebe-se que as mudanças também atingiram o mundo religioso, que é permeado por novas representações simbólicas. No pentecostalismo, as graças alcançadas geralmente são expostas como representação da presença de Deus na vida do crente, quase sempre marcada por mudanças e rompimentos, que são socializados com o grupo, através do testemunho.

Testemunhos são os depoimentos dados pelo “crente”, que presta conta aos presentes da sua crença e da sua experiência religiosa. Um testemunho é um depoimento pessoal que comprova, para os presentes, a ação de Deus e do Espírito Santo, pois nele são transmitidas as graças alcançadas pelo testemunhante. O crente, primeiro, agradece a oportunidade de se manifestar, que é dada pelo dirigente do culto, e, em seguida, relata a sua experiência. No relato são enfatizados os motivos da aflição sofrida, deixando clara a sua superação e como ela ocorreu.

No caso da Congregação Cristã, o testemunho ocorre de forma regular em todos os cultos, existindo um momento específico no qual o Cooperador abre a oportunidade para que ele se dê. O testemunhante, normalmente, fala de forma mais contida, enquanto os outros fiéis prestam atenção e dão graças a Deus.

Durante nosso trabalho de campo, tivemos a oportunidade de acompanhar vários deles, que são feitos sempre com muita emoção e, às vezes, acompanhados de choro. Os depoimentos são extraídos de atos corriqueiros, como a conquista de um emprego, a realização de uma viagem, a execução de uma tarefa, um caso de doença etc.

Na Assembléia de Deus, ele não ocorre necessariamente em todos os cultos. É feito com mais fervor, onde o testemunhante fala alto e forte, faz gestos, enfatiza o que fala, enquanto os fiéis também podem ser tomados pela emoção e, às vezes, gritam, pulam, batem palmas, externalizando as suas emoções.

A pregação é um momento particularmente importante, no culto pentecostal, quando se trata da Congregação Cristã e da Assembléia de Deus. O que constatamos, durante nosso trabalho de campo, foi que esse momento é o momento de inspiração do pregador, no qual ele tenta convencer os fiéis, com sua fala. Nesse sentido, “o forte conteúdo emocional, o tom de voz, as interpretações literais e a adaptação aos problemas do cotidiano são elementos marcantes da pregação pentecostal. Tal procedimento dá condições para o alcance de ouvintes e a conquista de novos adeptos” (CAMPOS JÚNIOR, 1995, p. 80).

A pregação bíblica faz parte do ritual evangélico, referindo-se sempre a uma passagem da Bíblia e às coisas do mundo atual. Nele a verdade é revelada ao pregador, com a proposição de solução dos problemas da vida proposta pela Bíblia.

A pregação é também um momento de puro entusiasmo, já que é uma revelação, e nela é passada a palavra revelada àquele que fala, pois os crentes têm a convicção de que é o Espírito Santo que faz o culto e que o torna mais bonito e inspirador. Em geral, as manifestações de euforia de um crente contagiam os outros e, na medida em que aumenta essa euforia, os outros também alteram o seu comportamento. Nessa perspectiva o culto reúne as

pessoas e promove comportamentos que individualmente seriam impossíveis, pois os fiéis, reunidos, funcionam como um corpo excitante, pois emanam uma espécie de energia que os fortalece e incita um alto grau de exaltação. Com a força adquirida em grupo eles explodem, apenas pelo prazer de se manifestarem, e o entusiasmo aumenta à medida que repercute, entre eles. A sociedade reforça sua identidade durante o ato de se reunir (DURKHEIM, 1989).

De acordo com as considerações teóricas mencionadas, foi possível constatar, em nossa pesquisa, sobretudo na igreja Assembléia de Deus, que quando um crente é tocado pelo entusiasmo e pela emoção, geralmente contagia os outros, que também se exaltam, transformando todo o ambiente com um comportamento diferenciado. Nesse contexto podemos entender, como afirma Houtart (1994, p. 115), que “todo sistema religioso existe, em sua especificidade, como um conjunto que guarda determinadas relações com os diversos sistemas existentes. Ocupa, em consequência, o que chamamos de espaço social, definido pelas relações que mantém com os outros sistemas”.

Partindo do princípio de que o território é definido pelos usos, torna-se possível compreender por que o Brasil sempre foi considerado como um país católico, uma vez que a formação territorial é um processo que ocorre a partir do uso dos espaços, o qual ocorre, em alguns casos, como o de Indianópolis, pelas práticas religiosas. De todo modo, é facilmente perceptível que, a partir da década de 1970, a presença dos Evangélicos tem crescido muito no cenário religioso brasileiro, alterando de forma significativa o modelo religioso, com hegemonia católica, que, aos poucos, está sendo decomposta, com a afirmação de um modelo religioso pluralista, em que as pessoas podem escolher, mais livremente, a religião que melhor lhes convier.

Nesse contexto, não se pode negar que a religião católica continua predominante em Indianópolis, porém é bom ressaltar que chegaram as pentecostais que, hoje (2006), dividem os espaços religiosos com ela, configurando uma nova formação do território, a qual se dá pelos usos, sendo marcado, ao mesmo tempo, por uma dimensão simbólica e cultural. O território pode ser entendido como uma porção da superfície da Terra sujeita à apropriação pelas formações sócio-econômicas, nos diferentes estágios de desenvolvimento (EGLER, 1983).

Desse modo, ao penetrarem no município de Indianópolis, as igrejas pentecostais Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus criam uma concorrência com a Igreja Católica que, durante muito tempo, foi hegemônica. Por meio de suas práticas essas igrejas foram criando e definindo seu território.

Segundo Sousa *apud* Carlos (1996), as características de um território advêm das formas pelas quais ele é apropriado, uma vez que ele pode ser definido pelas relações que nele são estabelecidas e pode também ser entendido como uma singularidade do espaço geográfico, que se forma a partir das relações nele construídas e dos usos sociais que determinam as formas de organização espacial.

Nesse sentido podemos afirmar que Indianópolis, hoje (2006), se transformou em espaço de várias igrejas não católicas, com destaque para as pentecostais Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus, que vão cada dia mais se firmando e definindo novos territórios de atuação.

Para Raffestin (1993, p.144), “o território é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a “prisão original”, o território é a prisão que os homens constroem para si”.

As transformações do município e a expansão das igrejas pentecostais, em Indianópolis, criaram novas territorialidades, promovendo assim maior pluralidade religiosa. Em relação à territorialidade, Raffestin escreve dizendo que:

A territorialidade adquire um valor bem particular, pois reflete a multidimensionalidade do “vivido” territorial pelos membros de uma coletividade, pelas sociedades em geral. Os homens “vivem”, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas. Quer se trate de relações existenciais ou produtivistas, todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais. Os atores, sem se darem conta disso, se automodificam também. O poder é inevitável e, de modo algum, inocente, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele (RAFFESTIN, 1993, p. 158-159).

De acordo com o exposto pelo autor, somos levados a compreender que o mundo religioso é também permeado pelas relações de poder. Nesse sentido, o prestígio e o poder da Igreja Católica vem sendo abalado, nos últimos anos, uma vez que a modernidade abre brechas, causando fissuras, dessacralizando algumas de suas orientações, possibilitando a existência de um vácuo espiritual, que vai sendo ocupado por outras igrejas não católicas.

Podemos afirmar que, com a expansão das pentecostais, elas vêm ocupando, cada vez mais, novos espaços na formação do território, em Indianópolis. Gostaríamos de ressaltar também que, diferentemente da maioria das cidades brasileiras, em Indianópolis, principalmente a partir da última década do século XX e início do século XXI, as Igrejas

Pentecostais Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus são aquelas que mais cresceram, aumentando significativamente o número de adeptos.

Dessa maneira, a religiosidade se manifesta no espaço, em Indianópolis, hoje (2006), de forma mais clara, já que existem outras possibilidades para as manifestações religiosas não católicas, uma vez que esse espaço, atualmente, é disputado, dividido e negociado, sendo ocupado por diversas igrejas, particularmente pelas pentecostais.

Considerações Finais

As transformações pelas quais Indianópolis passou e tem passado, desde as últimas décadas do século XX e início do século XXI, acompanham o processo histórico onde as transformações, impostas pelo capitalismo e aceleradas pelo processo de globalização, têm provocado mudanças importantes nas práticas culturais e tradições da população brasileira como um todo.

As transformações econômicas e o processo de urbanização do Triângulo Mineiro, assim como o de Indianópolis, estão relacionados ao avanço da agricultura comercial, implantada nas áreas de cerrado. Historicamente, a agropecuária tradicional sempre foi a base da economia do município de Indianópolis, o que determinava também as práticas culturais de sua população, o que por sua vez se altera com o processo de mudanças imposto pela implantação da agricultura moderna.

As mudanças econômicas, advindas da implantação e modernização da agricultura, no cerrado, têm também, como consequência, as transformações das práticas culturais e religiosas, que dão sustentação ao desenvolvimento do nosso trabalho.

Partindo do princípio de que a religião também seja um componente das práticas sociais, nosso propósito, nesse estudo, foi o de nos debruçarmos sobre as questões das transformações das práticas religiosas relacionadas ao processo de mudanças do município de Indianópolis, no intuito de compreender essas transformações, do ponto de vista cultural e religioso, considerando também os aspectos econômicos.

A agropecuária tradicional foi marcada por relações culturais e religiosas que caracterizavam os modos de vida da população camponesa, advindos de práticas antigas, algumas até milenares. As imposições da natureza criaram, no cerrado do Triângulo Mineiro e de Indianópolis, um modo de vida específico, caracterizado por uma culinária, um jeito de falar e de se comportar, do cerradeiro, que permaneceu praticamente inalterado até o início da modernização do processo de exploração agrícola do cerrado, implantada por meio dos programas governamentais, iniciados na década de 1970, quando começam as transformações da agricultura e dos modos de vida no cerrado indianopolense.

A implantação da agricultura moderna no cerrado, calcada nos programas governamentais, acelerou as transformações dessa região, o que, por sua vez, provoca não só mudanças econômicas, mas também na maneira de pensar dos fazendeiros, rompendo os laços interpessoais predominantes até então. As transformações agrícolas e econômicas provocam também transformações religiosas que vão alterar as formas de relação com o sagrado, que

eram estabelecidas em função dos ciclos da natureza e das imposições impostas por ela, que começam a ser rompidas pelo uso da tecnologia, que abala essa relação.

A modernização agrícola libera o camponês de suas obrigações com o sagrado, que se concretiza na medida em que há um aumento da produção e da produtividade. Consequentemente, ocorre uma melhor estruturação do município de Indianópolis, que se aparelha e se moderniza, integrando-se à economia capitalista globalizada. Tudo isso promove mudanças nas práticas religiosas e também na fé, fazendo com que a Igreja Católica passe a ter outras concorrentes.

A modernidade estabelece novas práticas culturais, o que, por sua vez, cria novos modos de vida, agora marcados pela presença da tecnologia e dos meios de comunicação, que são cada vez mais rápidos e eficientes. A eficiência produtiva, advinda do avanço tecnológico, possibilita a existência de um vácuo espiritual que não consegue ser preenchido pela Igreja Católica, já que ela não consegue responder às novas necessidades dos fiéis, que passam a procurar outras alternativas religiosas. A chegada de novas igrejas, no município de Indianópolis, que se valem de um proselitismo moderno e atualizado, cria também novos espaços de fé, que passam a ser ocupados por novas igrejas, que se expandem rapidamente, especialmente as pentecostais.

A estrutura do trabalho foi concebida com o propósito de colocar as transformações, sobretudo as culturais e religiosas, em debate, contextualizando-as com as transformações sócio-econômicas impostas pelo processo de globalização, tendo como preocupação fazer uma análise do processo religioso sob o olhar da Geografia, já que entendemos a religião como uma forma de cultura, sendo, portanto, passível de análise geográfica.

Desse modo, tivemos o objetivo de avançar e ultrapassar a linha de análise especificamente geográfica, pois acreditamos que o tema exige uma grande interdisciplinaridade. Buscamos o auxílio de outras disciplinas, como a sociologia e a antropologia, para nos dar embasamento, assim como a história, a economia e outras, haja vista a dimensão do tema cultural e religioso.

A questão metodológica representou um grande desafio, já que as questões práticas, encontradas na realidade pesquisada, nem sempre correspondem, pura e simplesmente, às proposições teóricas, uma vez que lidamos, também, com a questão simbólica e humana dessa realidade.

Durante o trabalho, fomos construindo um caminho na relação com os atores da pesquisa e de acordo com a realidade de cada momento, que nos possibilitasse, por intermédio da confiança adquirida junto a eles, alcançar os nossos objetivos, uma vez que nossa análise

não se deu simplesmente por dados técnicos, mas sim, pelo encontro com as pessoas, tendo como parâmetro a dimensão humana.

Durante o trabalho empírico, descobrimos um universo das humanidades que ainda não foi totalmente vencido pelas imposições do sistema capitalista, pois continuam existindo as rugosidades advindas do passado, mostrando que nem tudo alcançou a modernidade, apenas convive e se adapta a ela, porém mantendo vários aspectos da cultura do passado.

O trabalho empírico mostrou-nos, também, que a ciência não consegue dar conta de toda a realidade, pois nela existem as humanidades que, muitas vezes, não são tal qual se apresentam aos olhos de simples observadores.

Entendemos que as transformações econômicas e sociais possibilitaram as transformações religiosas que, no caso de Indianópolis, se intensificam com a entrada das igrejas pentecostais, particularmente a Congregação Cristã no Brasil e a Assembléia de Deus, que apresentam um crescimento significativo, certamente reforçado pela presença dos imigrantes. Assim, Indianópolis, hoje, apresenta uma nova configuração espacial, com a presença dessas igrejas.

O estudo sobre a realidade da cidade aponta para as transformações religiosas, com a criação de novos espaços de fé, que passam a ser ocupados por essas igrejas, rompendo, assim, a hegemonia absoluta da Igreja Católica.

Ao longo do trabalho, ficaram evidentes as transformações culturais, econômicas e sociais ocorridas a partir da década de 1970, assim como as religiosas, que ocorrem a partir da chegada de novas igrejas, que apresentam um crescimento visível, nos últimos anos.

Certamente, este trabalho não tem a pretensão de concluir qualquer questão em relação às transformações socioeconômicas, culturais e religiosas do município de Indianópolis, e nem tampouco de esgotar a reflexão sobre a religião. Entretanto, consideramos que esta é uma questão a ser pensada e discutida nos meios acadêmicos, e que esta deve ser também uma reflexão do geógrafo.

Até o presente momento, não temos conhecimento de estudos sobre os aspectos culturais e religiosos da cidade de Indianópolis; esperamos que este trabalho possa ser uma contribuição, no sentido de proporcionar o interesse de se aprofundar o estudo dessa temática.

Nesse sentido, este trabalho procurou analisar a penetração de outras igrejas em um espaço tradicionalmente católico, marcado por aquilo que Antônio Cândido denominou de catolicismo rústico, rudeza esta que, no seu entendimento era correspondente às técnicas, usos e costumes rudimentares dos homens da região estudada por ele (CÂNDIDO, 2003). Em Indianópolis, esse catolicismo era particularmente determinado por uma cultura ligada às

tradições rurais, baseada na produção de subsistência que, segundo Camargo (1973), no mundo rural, se baseava nos valores cristãos de respeito e amor ao próximo, em que o culto aos santos supre o camponês de meios para atingir o bem-estar geral, boas colheitas, boa saúde e a segurança da coletividade e do indivíduo.

Desse modo, compreendemos que a modernidade não pode ser entendida apenas como transformação das fases produtivas de uma sociedade. É necessário pensá-la, também, na perspectiva das suas humanidades e das transformações sócio-culturais, religiosas e políticas pelas quais a sociedade vem passando, ao longo dos séculos.

Nesse sentido, procuramos, neste trabalho, estabelecer reflexões acerca de um tema que é bastante significativo para a sociedade brasileira, uma vez que as questões culturais e religiosas da modernidade ultrapassam os limites da região do Triângulo Mineiro e vão muito além de Indianópolis, alcançando dimensão nacional e mundial.

Referências

- ALENCASTRO, L. F. de. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**. Império: A Corte e a Modernidade Nacional. Vol. 2. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- ARANTES, A. A. **O que é cultura popular**. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Primeiros Passos, 36).
- ARRUDA, G. **Cidade e Sertões: entre a história e a memória**. Bauru, São Paulo, EDUSC. 2000.
- ARRUDA, M. A. N. **Mitologia da Mineiridade**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BACELAR, W. K. de A.. **Os Mitos do “Sertão” E do Triângulo Mineiro: As Cidades de Estrela do Sul e de Uberlândia nas Teias da Modernidade**. UFU: MG. (Dissertação de Mestrado), 2003.
- BAKHTIN, M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec/UNB, 1993.
- BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia Urbana**. Fundação Calouste Gulbenkian Lisboa, 1997.
- BERGER, Peter. L. **O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião**, São Paulo, Paulus, 1985.
- _____. **Um rumor de anjos: A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural**. Petrópolis: Vozes, 1996
- BERG, Daniel. **Enviado por Deus**. 5ª ed. Rio de Janeiro. Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1982.
- BITTENCOURT, J. “Pentecostalismo Autônomo”, In **Alternativas dos desesperados: como se pode ler o pentecostalismo autônomo**. Rio de Janeiro, CEDI, 1991.

BORGES, M. A. **-Indianópolis- Por Aqui Passaram os Bandeirantes**, Uberlândia: Compuser, 2004.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ Difel, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo. Perspectiva, 2003.

BRANDÃO, C A. **Triângulo: Capital Comercial, Geopolítica Agroindústria**. Belo Horizonte. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Planejamento Regional) - Universidade Federal de Minas Gerais, publicação Departamento de economia da Universidade Federal de Uberlândia, 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Cultura Na Rua**. Campinas SP, Papirus Editora, 2001.

BRUM, A. J. A revolução verde. In: **Modernização da agricultura: trigo e soja** Petrópolis: Vozes; Ijuí: FIDENE, 1987.

BURKE, P. **Cultura Popular na Idade Moderna**. SP: Cia das Letras, 1989.

_____. **Cultura popular na idade moderna Europa, 1500-1800**. SP. Companhia das Letras, 1999.

CAIPIRA. In: CASCUDO, C.L. **Dicionário do folclore brasileiro**. 7A ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988. p.176-177.

CAMARGO, C. P. F. de. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis, Vozes, 1973.

CAMPOS Jr, Luis de Castro. **Pentecostalismo: sentido da palavra divina**. Editora Ática 1995.

CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Editora 34, 2003.

CARLOS, A. F. A. **Ensaio de Geografia Contemporânea**. SP. Hucitec, 1996.

CARLOS, A. F. A.; ROSSINI, R. E. População e processo de estruturação do espaço geográfico. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, n. 2, 1983, p. 7-18.

CASTELLS, M. “Os paraísos do Senhor: fundamentalismo religioso e identidade Cultural”. In: **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Vol.2 – O Poder da Identidade. Cap. 1. SP: Paz e Terra, 1999.

_____. **A questão urbana**. São Paulo: Paz e Terra, 1983, 2000.

CLAVAL, P. **Geografia Cultural**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1999. 453 p.

CORRÊA, R. L. **A rede urbana brasileira e a sua dinâmica**: algumas reflexões e questões. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n.], 2001.

_____. Espaço: Um Conceito-Chave da Geografia. In: **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro. Bertrand do Brasil. 1995, p. 15-44.

CÔRTEZ, G. P. **Dança, Brasil! Festas e danças populares**. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

COTRIM, G.. **História e Consciência do Mundo**. São Paulo: Saraiva, 1996.

_____. **História do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2000.

_____. **Educação**: por uma escola democrática. São Paulo: Saraiva. 1987.

DAMIANI, A. L. A Cidade (des)ordenada e o cotidiano. In: SILVA, J. B. da (org.). **A cidade e o urbano**: Temas para debate. Fortaleza EUFC, 1997. p. 221-223.

DAMIANI, A. L., CARLOS, A.F.A. e SEABRA, O. C. L. (orgs) **O espaço no fim de século**: a nova raridade. SP Contexto, 1999.

DAVIS, N Z. **Culturas do Povo**. R J: Paz e Terra, 1990.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu Rio de Janeiro: Contraponto, 1997

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonia**. SP: Brasiliense, 1994.

DESROCHE, Henre. **O marxismo e as religiões**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1968.

D'EPINAY, C. L. **O refúgio das massas**. São Paulo. Paz e Terra, 1970.

DIAS, F. C. A. **A imagem de Minas**. Ensaios de Sociologia Regional. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1971, p.11 a 73.

DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo. Paulus, 1989.

EGLER, C. A.G. Espaço ou Território – Dilema da Geografia ou dos Geógrafos?. In: **Simpósio Teoria e Ensino da Geografia**, 1983, Belo Horizonte. Textos para discussão. Belo Horizonte, 1983. p. 233-246.

ELIADE, M. **Imagens e símbolos**. Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. SP. Martins Fontes, 2001.

FERNANDES, R. C.; MATTA, R. da e outros. **Brasil e EUA**: Religião e Identidade Nacional. Rio de Janeiro. Graal Ltda, 1988.

FRANÇA, B. T. **Pioneiros**. 4ª reipr. Goiânia: Editora da UFG, 1995.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1989.

GINSBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**: morfologia e história. São Paulo. Companhia das Letras, 2003.

GOUVEIA, E. H. **O silêncio que deve ser ouvido**: Mulheres pentecostais em São Paulo. Dissertação (mestrado) São Paulo, PUC, 1986.

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS – Instituto de Geociências Aplicadas. **Atlas de Festas Populares de Minas Gerais**. Belo Horizonte: IGA/FAPEMIG, 1998.

GUIMARÃES, E. N.; AFFONSO, Marco Aurélio Grocco. **Transformações na Agropecuária comercial e terceirização. 1970-1980 área de polarização do núcleo urbano de uberlândia**. Estratégia empresarial na indústria Mineira. Um estudo indutório. Belo Horizonte. Monografias Vencedoras em 1º e 2º lugar do 5º Prêmio Minas de Economia, 1992. Belo Horizonte 1993.

GUIMARÃES, E. N. **Infra-estrutura Pública e Movimento de Capitais**: Inserção do Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. Belo Horizonte, 1990 (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais.

GRAZIANO DA SILVA, J. **A modernização dolorosa**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

HALBWACHS, M.. **A Memória coletiva**. SP: Vórtice, 1990.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança**. SP Brasil. Edições Loyola., 2004.

_____. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo. Annablume, 2005.

_____. **A justiça Social e a Cidade**. Trad. Armando Corrêa da Silva. São Paulo: Hucitec, 1980

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A Invenção das Tradições**. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

HOUTART, F. **Sociologia da Religião**. São Paulo. Ática, 1994.

_____. **Mercado e Religião**. SP. Cortez Editora, 2003.

HUNT, Lynn. **A nova História cultural**. SP: Martins Fontes, 1992

IANNI, O. **Estado e planejamento econômico no Brasil**. 6. ed. Revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Civilizações Brasileira, 1996

ISER: **Novo nascimento**: os Evangélicos em casa, na Igreja e na Política. (Relatório de Pesquisa). Rio de Janeiro, 1996.

JACOB, C. R. (org). **Atlas da Filiação Religiosa e Indicadores sociais no Brasil**: Editora Puc, Rio; Editora Loyola, CNBB, Coleção Ciências Sociais 7. 2003. 240 p.

JACK, L. **Estatística aplicada a ciências humanas**. SP. Harbra, 1997.

JÚNIOR, A. de L. **A Capitania das Minas Gerais**. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte, Itatiaia, 1978.

JÚNIOR, C. P. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

_____. **História econômica do Brasil**. SP. Brasiliense, 1994.

KOGA, D. H. U. **Medidas de cidades**: entre territórios de vida e territórios vividos. Cortez Editora. São Paulo, 2003.

LEILAH, L. Guerra santa no país do sincretismo, In: **sinais dos tempos-diversidade religiosa no Brasil**, Rio de Janeiro: ISER, 1990. p 75-104.

LEWIS, Ioan M. **Êxtase Religioso**. SP. Perspectiva, 1971.

LOURENÇO, L. A. B. **A Oeste das Minas Gerais**: Escravos Índios. E Homens Livres Numa Fronteira Oitocentista: Triângulo Mineiro (1750-1861). Uberlândia 2002, (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia MG, 2002.

MACHADO, M. das D. C. **Carismáticos e Pentecostais**: Adesão religiosa na esfera familiar. São Paulo, ANPOCS, 1996.

MACHADO, M. **Territorialidade Pentecostal**: um estudo de caso em Niterói. Contribuição à compreensão do fenômeno do pentecostalismo no Brasil. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Geografia, UFRJ, 1992.

MARIZ, C. e MACHADO, M. D. “**sincretismo e trânsito religioso**: comparando carismáticos e pentecostais”. Comunicações do ISER, 1994.

MARTINS, J. de S. **Fronteira: A degradação do Outro**. Nos confins do humano. SP. Hucitec, 1997.

_____. **Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética**. Editora HUCITEC, 1996

MARTINS, S. **Folclore em Minas Gerais**, 20 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991.

MARX, Murilo. **Cidade no Brasil**: Terra de Quem? São Paulo: Edusp/Nobel, 1991.

MINAS GERAIS. In: ALENCAR, H. DE. **Dicionário de Literatura Portuguesa Brasileira e Galega**. Lisboa: Editora Figueirinhas, 1960.

MOMBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo Hucitec, 1984.

MONTEIRO, P. **Magia e Pensamento Mágico**. São Paulo, Ática, 1990.

MOURÃO, E. de O. (org). **À Aventura Religiosa**: Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NOVAES, R. **Os escolhidos de Deus**. Trabalhadores, pentecostais e cidadania. Ed. Marcozero, 1985.

OLIVEIRA, B. S. de.; SOARES, B. R. **O papel das cidades locais do Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba no contexto regional**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2000. (Relatório de pesquisa).

OLIVEIRA, P. R. de. **Religião e dominação de classe**: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil: Petrópoles: Vozes, 1985.

ORO, A. P.; STEIL, C. A.. (orgs). **Globalização e religião**. Petrópolis. Vozes, 1999.

ORO, A. P. **Avanço pentecostal e reação católica**. Petrópolis. Vozes, 1996.

PESSÔA, V. L. S. **Ação do Estado e as transformações agrárias no cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba-MG**. Tese (Doutorado). Rio Claro. IGCE – UNESP, 1988.

PETRONE, P. **Aldeamentos Paulistas**. São Paulo, Edusp, 1995.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A Realidade Social das Religiões**. SP: Hucitec, 1996.

PINTO, M. N. (org) **Caracterização Ocupação e Perspectivas**. Brasília Universidade de Brasília, 1990.

PRITCHARD, E.E. **Antropologia Social da Religião**. RJ: Campus, 1978.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo, Ática. 1993.

ROCHA, R. M. **Formação Territorial do Triângulo Mineiro**. (Trabalho de pesquisa PET). Universidade Federal de Uberlândia 1997

ROLIM, F. C. **O que é pentecostalismo**. São Paulo, Col. Primeiros Passos, Brasiliense, 1987.

ROSA, J. G. **Manuelzão e Miguilim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 9ª edição, 1984.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs). **Geografia Cultural: Um Século(1)**. Rio de Janeiro ed. Uerj, 2000.

_____. (orgs). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro. Ed.Uerj, 2001.

_____. (orgs). **Geografia Cultural: um século (2)** Rio de Janeiro. Eduerj, 2000.

_____. **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro. Ed. Uerj, 2005.

_____. **Matrizes da Geografia cultural**. Rio de Janeiro, 2001.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro, Eduerj, 1999.

_____. **Espaço e Religião: Uma abordagem Geográfica**. Rio de Janeiro UERJ, NEPEC, 1996.

SALIM, C. A. **As políticas econômicas e tecnológicas para o desenvolvimento agrário das áreas de cerrados no Brasil: Avaliação e perspectivas**. Cad. Dif. Tecnol. Brasília, 3(2): 297-342, maio/agosto, 1996.

SAINT HILAIRE, Augusto de. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975a.

SANTOS, Jamir dos R. **Indianópolis sob a luz do progresso**. Uberlândia 2001. Instituto de História (Monografia Bacharelado) UFU, 2001.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo. Edusp, 2006.

_____. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. **Espaço e Sociedade**. São Paulo: Vozes, 1979. 152 p.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5ª. Ed. São Paulo. Hucitec, 1997. 124 p.

_____. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nober, 1987, 142. p.

_____. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico científico informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994, 1997.

_____. **Espaço e Método**. 4 ed. São Paulo Hucitec, 1997.

SANTOS, R. J.; RAMIRES, J. C. de L. (orgs) **Campo e Cidade no Triângulo Mineiro**. Uberlândia MG. Edufu, 2004.

SANTOS, Wilson dos. **Cidades locais, contexto regional e urbanização no período técnico-científico**. O exemplo da região de Campinas 1989. (Tese de Doutorado em Geografia). São Paulo. Universidade de São Paulo, 1989.

SCHWARCZ, L. M. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**: Contraste da intimidade contemporânea. Vol. 4. São Paulo: Companhia de Letras, 2002.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DE MINAS GERAIS. SITE: <http://www.Descubraminas.com.br>, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. (org.) **História da Vida Privada no Brasil**: República: da Belle Époque à Era do Rádio. Vol. 3. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

SINGER, P. **Economia política de urbanização**. 14ª. Ed. São Paulo. Contexto, 1998.

SOARES, B. R. **Uberlândia: da cidade jardim ao portal do cerrado** – imagens e representações no Triângulo Mineiro. São Paulo, 1995 (tese de Doutorado). FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

_____. **Habitação e produção do espaço em Uberlândia**. São Paulo. 1988 (Dissertação de Mestrado). FFLCH/USP, São Paulo, 1988.

SOARES, B. R, BESSA, K. C. F. O., G. G. **A importância econômica das cidades médias do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba**. Uberlândia. Instituto de Geografia, 2000, 120p. (Relatório final de pesquisa – FAPEMIG/UFU)

_____. **As novas redes do cerrado e a realidade urbana brasileira**. **Boletim Goiano de Geografia.**, Goiânia: Editora da UFG, v.19, n.20, p. 11-36, jan./dez,1999.

SOUZA, B. M. de. **A experiência da salvação**: pentecostais em São Paulo. São Paulo, Duas Cidades, 1969.

SOUZA, M. A. A. de; SANTOS, M. (orgs) **A contrução do espaço** São Paulo. Nobel, 1986

SOUZA, C. V. **Triângulo Mineiro**: Regionalização e Emancipação, Uma análise preliminar. Uberlândia, 1991. 72p. (Monografia) DEGEO/UFU.

STONE, Lawrence. “O Ressurgimento da Narrativa. Reflexões sobre uma velha história”. In: **Revista de História**. SP: UNICAMP, 1991.

TEIXEIRA, F. L. C. (org.) **Diálogo dos Pássaros**: nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo: Paulinas, 1993.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Stúdio Nobel, 1998.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo. Editora Martin Claret, 2005.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista No Século XIX**. SP: Ática, 1987. p. 17-27.